Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Suelen de Andrade Silva

Sob os holofotes do patrimônio: entre histórias, identidades e políticas na Festa do Rosário de Pombal/PB

Rio de Janeiro
2017.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Suelen de Andrade Silva

Sob os holofotes do patrimônio: entre histórias, identidades e políticas na Festa do Rosário de Pombal/PB

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Orientador: Evandro Domingues
Coorientador e Cossupervisor: Emanuel Oliveira Braga
Supervisora: Christiane Finizola Sarmento

Rio de Janeiro
2017.

Objeto de pesquisa norteada a partir da prática profissional realizada na Superintendência do IPHAN na Paraíba.

S586s Silva, Suelen de Andrade.
Sob os holofotes do patrimônio: entre histórias, identidades e políticas na Festa do Rosário de Pombal/PB / Suelen de Andrade Silva - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2017.

201 f.: il.

Orientador: Evandro Domingues

Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2017.

1. Patrimônio cultural. 2. Pombal (PB) – Festa do Rosário. 3. Religiosidade. 4. Política Cultural. 5.Cultura popular. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). II. Título.

CDD 363.69

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Suelen de Andrade Silva

Sob os holofotes do patrimônio: entre histórias, identidades e políticas na Festa do Rosário de Pombal/PB

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 20 de junho de 2017.

Banca examinadora.

_____
Professor Doutorando Evandro Domingues (Orientador)

_____
Doutorando Emanuel Oliveira Braga (Coorientador) –
Superintendência do IPHAN na Paraíba

_____
Professora Claudia Feierabend Baeta Leal – PEP/MP/IPHAN

_____
Professora Izabela Maria Tamaso – Universidade Federal de Goiás

Para minha mãe Luiza, meu pai Bento,
para minha irmã Thalia e para Felipe.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que agradeço, não apenas pela conclusão deste trabalho, mas também por colaborarem com todo processo anterior, o qual culminou nesta jornada incrível que foi o Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural. Agradeço primeiramente a Deus pela força nos momentos difíceis e por ter conseguido chegar ao fim desta empreitada.

A minha mãe Luiza, meu pai Bento e a minha irmã Thalia, pelo apoio, amor e carinho que me dedicam até hoje, e por sempre acreditarem em mim.

A Felipe, por todos esses anos juntos, de muita cumplicidade, carinho, amor, e, sobretudo, paciência. Superando as dificuldades de todos os dias, juntos.

Aos meus amigos de graduação, Maíra e Thiago, com os quais compartilhei os melhores anos de minha vida. E mesmo hoje, são pessoas com as quais compartilho desejos de um futuro melhor.

Ao meu orientador Evandro Domingues, por sua contribuição neste trabalho, sem a qual não seria possível a conclusão, e também por sua paciência com minhas crises de loucura provocadas pela pesquisa.

A turma 2014 do PEP. Turma especial, pessoas que me possibilitaram viajar para todos os cantos deste país sem sair do lugar. Agradeço em especial aos amigos do Big PEP (Bruno, Claudio, Déborah, Fernanda, Lidiane e Luciana) foi maravilhoso conhecê-los. Não consigo expressar por meio de palavras o que representou a experiência de conviver com cada um. Os fortes laços de amizade me proporcionaram um enorme crescimento e amadurecimento pessoal.

Não poderia deixar de citar as pessoas maravilhosas que conheci na Superintendência do Iphan na Paraíba. Amizades que fiz desde os tempos como estagiária e que espero levarei para a vida inteira. Átila, pessoa muito estimada, o melhor supervisor de estágio que uma pessoa poderia desejar, um amigo. Agradeço pelas correções deste trabalho e pela oportunidade de participar de tantos trabalhos inesquecíveis. A Carla Gisele, pessoa especial, desejo toda felicidade do mundo. Mesmo nestes últimos anos tão conturbados, sempre presente em minha vida, colaborando com conversas sobre a pesquisa, e sobre a vida. Emanuel agradeço pela forte contribuição neste trabalho, pelas correções, pelas indicações de leituras, pela oportunidade de realizar outros trabalhos no Iphan/PB. Excelente co-orientador e

co-supervisor, agradeço não só apenas pelos trabalhos, mas também por contribuir com minha formação pessoal, uma nova visão de mundo. A Luciano, pelo apoio, por nos momentos de desespero dizer que ia dar certo. Pelas inesquecíveis conversas, onde torcíamos por um futuro melhor. A Olga, também pela oportunidade de trabalharmos juntas nas ações de Educação Patrimonial da Superintendência, e por todo carinho. E tantas outras pessoas especiais em todos esses anos no Iphan/PB e que colaboraram com este trabalho. A todos que fazem a COPEDOC e o PEP, pelo apreço dedicado a nós e pela dedicação e luta diária em manter o mestrado vivo. Agradeço em especial a professora Claudia Baeta, pelo carinho, pela atenção prestada sempre, pelas conversas, mesmo diante das atribulações do dia a dia.

Agradeço a todos de Pombal que contribuíram com esta pesquisa. Não consigo nominar todos, pois foram muitos que se disponibilizaram para construção deste trabalho, e que ao longo do texto foram citados. Meu muito obrigada, pela luta diária em prol da Festa do Rosário. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma tornaram essa empreitada possível: a todos os representantes de instituições nas quais realizei pesquisa ou mesmo aqueles que disponibilizaram um pouco de seu tempo para conversar e colaborar com o trabalho aqui apresentado.

RESUMO

O município de Pombal está localizado na mesorregião do sertão do Estado da Paraíba. Famoso por guardar uma rica herança cultural do Estado, em destaque a Festa do Rosário de Pombal, a qual chamou e ainda vem chamando a atenção de diversos olhares. A observação da prática social e dos contextos vivenciados durante a Festa do Rosário, por exemplo, por meio da realização de entrevistas (baseadas na metodologia da História Oral), juntamente com a análise documental (documentos audiovisuais recortados entre as décadas de 1930, 70, 90 e os anos 2010) e bibliografias, sobretudo de intelectuais da região de Pombal, formaram a metodologia de trabalho desta pesquisa. Teve por objetivo investigar a significação de expressões culturais, como a Festa do Rosário de Pombal, para os sujeitos envolvidos com ela, compreendendo, assim, o quanto as expressões são relevantes para a memória e identidade do lugar. Buscou-se também discutir o processo de patrimonialização das expressões culturais de Pombal, avaliando a possibilidade da Festa do Rosário como nó central. Assim, esta pesquisa enfatiza que o patrimônio cultural não vale por si mesmo, mas que participa de uma dinâmica cultural de atribuição de valores historicamente construídos, em que os sujeitos são os responsáveis pela atribuição de seus valores. Destaco, ainda, a análise de histórias, identidades e políticas para a Festa do Rosário de Pombal e as expressões culturais que a formam, avaliada por meio de diferentes discursos, entre eles de instituições e sujeitos diferenciados. Como referencial teórico, buscou primordialmente trabalhos desenvolvidos no campo da História Social e História Cultural, com obras de autores como Peter Burke, Roger Chartier e Michel de Certeau. Além dos historiadores, também foram utilizadas leituras do campo da Antropologia, por meio de Clifford Geertz, o qual foi importante para a descrição da pesquisa de campo na Festa do Rosário e análise de discursos.

Palavras-chave: Pombal. Festa do Rosário. Religiosidade. Grupos Folclóricos. Cultura Popular. Política Cultural. Patrimonialização. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

The municipality of Pombal is located at the outback mesoregion in the State of Paraíba. Famous for keeping a rich cultural heritage of the state, highlighting the Festa do Rosário de Pombal, which dragged and keeps dragging attention. The observation of social practice and contexts experienced during the Festa do Rosário, for example, through the doing of interviews (based on Oral History methodology), in conjunction with documental analysis (audiovisual documents taken from the 1930s, 70's, 90's and the 2010s) and bibliographies, mainly from intellectuals near Pombal, shaped the work methodology of this research. Its main objective is to seek the meanings of cultural expressions, like the Festa do Rosário de Pombal, for the subjects involved with it, understanding, this way, how much the expressions are relevant to the memory and identity of the place. It sought-out to discuss the process of patrimonialization of cultural expressions from Pombal, evaluating the possibility of the Festa do Rosário as its main instigator. Therefore, this research emphasizes that Cultural Heritage it's not worth for itself, but, it participates on a cultural dynamic of the attribution of historically built values, in which the subjects are responsible for the attribution of its values. Highlighting moreover the analysis of stories, identities and politics for the Festa do Rosário de Pombal and the cultural expressions that form it. Evaluated through different speeches, from different institutions and subjects. As theoretical approach searched primordial works from Social History and Cultural History fields, with writings from authors such as Peter Burke, Roger Chartier and Michel de Certeau. In addition to historians, writings from the Anthropology field were used also, by means of Clifford Geertz, who was important for the description in the field research at Festa do Rosário and speeches analysis.

Keywords: Pombal. Festa do Rosário. Religiosity. Folkloric Groups. Popular Culture. Political Culture. Patrimonialisation. Cultural Heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa: Localização do Estado da Paraíba e seu limite com outros Estados.....19
Figura 2 – Mapa do Estado da Paraíba dividido em suas quatro mesorregiões.....20
Figura 3 - Mapa: Mesorregião do Sertão - Estado da Paraíba com destaque para Pombal e seu limite com outros municípios.....21
Figuras 4 e 5 - Irmandade do Rosário – Festa do Rosário de 2015.....32
Figuras 6 e 7 – Negros dos Pontões e Banda Cabaçal respectivamente – Festa do Rosário de 2015.....33
Figuras 8 e 9 - Reisado e Congos respectivamente - Festa do Rosário de 2015.....33
Figura 10-Centro de Pombal com vista para o Rio Piancó.....39
Figura 11 - Rio Piancó e lavadeiras. 39
Figura 12: Localização dos bens no centro de Pombal.....41
Figuras 13 e 14 - Imagens da feira livre dos sábados em Pombal.....42
Figura 15 – Festa do Rosário de Pombal – provável data de 1932.....45
Figura 16 – Festa do Rosário de Pombal – 2014.....45
Figura 17 – Parque e barracas da Festa do Rosário de 2015.....47
Figuras 18 e 19 - O Rosário antes de sair em procissão - Festa do Rosário de 2015.....49
Figura 20 - Localização dos quilombos no estado da Paraíba.....61
Figura 21 - Rainha e Rei atuais da Irmandade do Rosário.....66
Figura 22 - Entrevista com senhor João Raimundo.....67
Figura 23 - Da esquerda para direita: Mundinha e Rosa (ex-rainhas da Irmandade) 68
Figura 24 - Entrevista com a atual rainha da Irmandade, Maria de Sousa Santos.....69
Figura 25 - Pontões.....72
Figuras 26 e 27 - Pontões e Irmandade em procissões da Festa do Rosário de Pombal, em 2014.....72
Figura 28 - Congos.....76
Figura 29 - Miguel Ferreira e Maria de Sousa Santos.....77
Figura 30 - Reisado.....80
Figura 31 - Espaço fixo onde ocorre a Festa do Rosário (Igreja de N. S. do Rosário, parques, palco, barriquinhas de comidas) 81
Figura 32 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....82
Figura 33 - Praça Getúlio Vargas – Centro de Pombal.....82

Figura 34 - Igreja de NS do Bom Sucesso.....82
Figura 35 - Praça Dr. José Ferreira de Queiroz.....83
Figura 36 - Coluna da Hora - Centro de Pombal.....83
Figura 37 - Cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Centro de Pombal.....83
Figura 38 – Escola Estadual João da Mata 83
Figura 39 - Casa da Cultura – antiga Cadeia.....84
Figura 40 – Delimitação do Centro Histórico de Pombal.....84
Figura 41 - Planta Baixa da Igreja de Nossa Senhora do Rosário 86
Figura 42 – Mapa das procissões: em vermelho – Procissão do sábado à tarde, em azul - Procissão Domingo do Rosário – manhã.....91
Figura 43 - Casa do Rosário. 92
Figuras 44 e 45 – Apresentação dos Congos para Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938.....123
Figura 46 - Reunião do dia 13 de agosto de 2015 (noite) 147
Figura 47 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário (2015): largo ocupado por palco e bancos.....160
Figura 48 - Ofício constando a solicitação de tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário ao Iphaep – 2001.....200
Figura 49 - Oficio do Senhor Verneck Abrantes solicitando tombamento da Igreja pelo Iphan – 2006.....200
Figura 50 - Oficio da Prefeitura de Pombal solicitando tombamento da Igreja e registro pelo Iphan- 2009.....201
Figura 51 - Abertura do processo de tombamento pelo Iphan da Igreja do Rosário – 2010.....201

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pombal - Tabela de agentes atuantes em Pombal e suas relações com as expressões culturais.....194 - 198
Tabela 2 - Iphan/PB (técnicos citados na pesquisa) 199

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

AMAR – Associação dos Amigos de Areia

CCSP – Centro Cultural São Paulo

CEMAR – Centro de Educação Integral “Margarida Pereira da Silva”

CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco

CNRC –Centro Nacional de Referência Cultural

DOE – Diário Oficial do Estado da Paraíba

FCP – Fundação Cultural Palmares

FIC – Fundo de Incentivo à Cultura

FNpM – Fundação Nacional Pró-Memória

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba

INRC – Inventário Nacional de Referência Cultural

IPHAEP - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAN/PB – Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Paraíba

NUDOC - Núcleo de Documentação Cinematográfica

NUPPO – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular

PCH – Programa Cidades Históricas

PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura

SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....16

1. POMBAL E A FESTA DO ROSÁRIO: O QUE VI E VIVI.....32

1.1.Primeiros contatos com o tema de pesquisa.....33

1.2.Pombal, a localidade.....37

1.3.A Festa do Rosário de Pombal.....44

1.3.1.Folclore, cultura popular e tradição.....53

1.3.2.A ancestralidade negra.....57

1.4.Expressões culturais e lugares associados à Festa do Rosário.....63

1.4.1.Expressões Culturais.....63

1.4.2.Espaços.....81

1.5.As festas dentro da Festa do Rosário.....93

2. A FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL E AS DIFERENTES PERSPECTIVAS.....96

2.1.Festa como categoria do Iphan.....98

2.2.Reelaborando a Festa do Rosário.....100

2.2.1.Relações, permanências e conflitos na Festa do Rosário.....100

2.2.2.Nomenclaturas e categorias da Festa.....107

2.2.3.Significados e simbologias dos espaços.....109

2.2.4.Relações interculturais.....113

2.2.5.Organização da Festa.....116

2.2.6.Visibilidade.....117

2.3.Diferentes fontes audiovisuais da Festa do Rosário e seus significados.....118

3. O OLHAR DA PATRIMONIALIZAÇÃO SOBRE POMBAL.....126

3.1.Restauro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....127

3.2.*Tombamento* e *Registro*.....132

3.3.Valorização das expressões culturais de Pombal e seus representantes.....144

3.4.Discurso e ação do Iphan/PB.....149

3.5.Dissonância e ressonância – conflitos no processo de patrimonialização.....155

3.6.Educação Patrimonial como instrumento de participação social 165

3.7.Aprofundando a questão do processo democrático de patrimonialização.....168

CONCLUSÃO.....173

REFERÊNCIAS.....178

APÊNDICES.....186

ANEXOS.....200

INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de minha pesquisa realizada ao longo de dois anos do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Deste modo, busquei basear-me no interesse em torno de questões referentes à atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência da Paraíba (Iphan/PB) e sua interação com agentes sociais[1] do município de Pombal/PB, no contexto estudado.

Antes de ingressar no mestrado, já havia iniciado meu contato com o tema do patrimônio cultural durante a graduação em História, por meio de trabalhos e atividades de educação patrimonial e de disciplinas com foco em temas como *memória* e *identidade*.

No IPHAN, minha trajetória iniciou-se em 2012, com um estágio na Superintendência do Iphan na Paraíba, onde tive oportunidade de me envolver e colaborar com ações que me permitiram ver o quanto o tema do *patrimônio cultural* é multifacetado e pode ser trabalhado de maneira interdisciplinar. Atuei em pesquisas documentais e arquivísticas, tive acesso a processos de tombamento e bibliografia que me informaram sobre o universo de bens culturais[2] na Paraíba. Desenvolvi atividades na Casa do Patrimônio da Paraíba, uma das melhores experiências que tive no IPHAN, lidando com o tema da educação patrimonial. Fiz parte da equipe organizadora de exposições, colaborando no acompanhamento de visitações realizadas por educandos de escolas públicas e privadas ao espaço das exposições. Colaborei, ainda, na produção de publicações e cursos, tendo como público principal os professores e a expectativa desses agentes disseminarem o tema da preservação do patrimônio. Essas experiências contribuíram e influenciaram na minha decisão de ingressar no Mestrado do

[1]Representantes da Igreja Católica, dos "grupos folclóricos" (Irmandade do Rosário, Negros dos Pontões, Congos e Reisado) e das instituições públicas de Pombal.

[2] Com base na perspectiva de Aloísio Magalhães (década de 1970), utilizo o termo "Bem Cultural", neste texto, a partir de uma concepção que inclui os bens históricos, ecológico, tecnológico, a arte, o fazer e o saber. Esses bens podem ser definidos como resultado do processo cultural pessoal e coletivo, reconhecidos por seu valor simbólico e econômico. Segundo Cecília Londres, em *O patrimônio em processo* (2009), o desenvolvimento desta concepção surge com Aloísio Magalhães e seu trabalho no Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, em plena década de 1970 (ditadura civil-militar). Buscava apreciar a questão da identidade nacional, vinculada à questão cultural e de desenvolvimento, deste modo, identidade cultural era forte instrumento para uma política de desenvolvimento, também, econômico. Aloísio junto com pesquisadores do CNRC formularam a ideia de "Bem Cultural" como alternativa atualizada e abrangente à ideia de Patrimônio Histórico. Assim, o CNRC voltou-se para os até então excluídos das representações da cultura brasileira dentro dos órgãos oficiais. Entretanto, devido ao contexto ditatorial, essa proposta sofreu críticas por parte de setores sociais mais radicais, pois o mesmo discurso de valorização da cultura popular também não identificava os sujeitos que produzem e consomem, e seu lugar na sociedade. Em 1979, como diretor do Iphan, objetivou afirmar a pluralidade e diversidade da cultura brasileira, fornecendo indicadores de desenvolvimento. Iphan e CNRC, no discurso de Aloísio Magalhães, eram complementares, entretanto, na prática funcionavam a partir de objetivos e experiências bem diferentes. O Iphan demoraria para absolver as ideias formuladas por Aloísio Magalhães.

IPHAN, além de me ajudar a construir um caminho de conhecimento e experiências diversas no campo, reverberando no trabalho aqui apresentado.

Quando ingressei no mestrado, o tema de pesquisa proposto para a vaga pelo Iphan/PB era diferente do que está colocado aqui, sendo a minha supervisora das práticas supervisionadas responsável pela alteração que abriu o caminho para o desenvolvimento desta pesquisa. Percebi que tal alteração estava relacionada a demandas por ações de preservação e valoração de expressões culturais[3] no município de Pombal, a serem atendidas pela atual gestão do Iphan/PB. Assim, devido aos pedidos de tombamento da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, feitos em 2006, por alguns representantes da sociedade[4], e em 2009, pela Prefeitura Municipal de Pombal, as expressões culturais relacionadas com esse espaço foram consideradas como ponto de partida para a discussão realizada nesta pesquisa.

Cabe distinguir aqui a minha pesquisa da demanda do Iphan/PB. O objeto de pesquisa está pautado na Festa do Rosário de Pombal, e o recorte foi definido a partir das discussões envolvendo o seu processo de patrimonialização. Por sua vez, as reflexões propostas como objetivo de atender às demandas do Iphan/PB (sob minha responsabilidade) giraram em torno de pesquisas que resultaram nos produtos das práticas supervisionadas do mestrado. Esses produtos (3)[5] foram direcionados, principalmente, para o *tombamento* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal.

---

[3]O dicionário *Língua Portuguesa* (Klug, 2010) define a palavra "Expressão" e o verbo "Expressar" como maneira de exprimir, manifestação, ou ação de espremer, apresentar, demonstrar algo. Para "Cultura" utilizo a definição presente na publicação do Iphan organizada por Natália Brayner (2007): práticas empregadas na sociedade (o criar, o fazer, o viver). O conceito, bastante abrangente e de muitas interpretações possíveis, pode compreender ainda as crenças das pessoas, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Entende-se "cultura", assim, por um processo dinâmico, passado de geração em geração, de práticas, sentidos e valores que são criados e recriados. Baseando-me nas definições anteriores, considero "expressão cultural" um termo abrangente, mais próximo do sentido popular, utilizado para definir o meio, ou melhor, a forma de exprimir práticas da vida social que se manifestam por meio de fazeres e saberes, resultantes da criatividade dos sujeitos e/ou grupos sociais, com significados associados a sua identidade cultural. Utilizo o termo, no plural, para designar o universo de práticas referente à Festa do Rosário de Pombal, sem utilizar, precipitadamente, outros tipos de designação (como "referência cultural"). Considerando "expressão cultural" como termo genérico, incorporando elementos que compõe a festa, sobretudo, no plano cotidiano dos grupos sociais e seus conhecimentos (Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Congos, Reisado), associados aos lugares e paisagens (igreja de Nossa Senhora do Rosário, Casa do Rosário, caminhos das procissões) onde seus participantes podem transmiti-los com o sentido de continuidade de seus costumes e "tradições", independente da ação institucional do órgão de preservação do patrimônio. Pensando no olhar dos envolvidos com a Festa do Rosário, vemos que essas expressões culturais têm importância fundamental na vida dessas pessoas, interagindo com todas as instâncias da vida: economia, religião, política, etc.

[4]Maria da Piedade Farias, que atualmente trabalha como restauradora no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep); e Verneck Abrantes, engenheiro agrônomo, e pesquisador local de Pombal.

[5]São eles: Primeiro Produto – Diagnóstico de documentação cartorial; Segundo Produto – Levantamento de fontes documentais, bibliográficas e iconográficas: patrimônio cultural de Pombal/PB; Terceiro Produto –

O pedido de *tombamento* foi acompanhado da solicitação de proteção das expressões culturais locais, realizadas também por representantes da sociedade e do poder público local. Esses bens e práticas culturais estão associados a "grupos folclóricos"[6] de Pombal: a Irmandade do Rosário, os Negros dos Pontões, os Congos e o Reisado. Com isso, ao observar esses grupos, pude perceber que eles estavam diretamente relacionados com a Festa do Rosário[7], espaço em que se apresentam.

A Irmandade do Rosário acompanha o perfil das antigas irmandades católicas, formadas por homens leigos, ou seja, fiéis que não fazem parte da hierarquia eclesiástica da Igreja Católica. No caso específico de Pombal, a Irmandade do Rosário está diretamente relacionada ao culto do Rosário[8], sendo composta por homens negros. Participam da organização da Festa do Rosário e estão presentes nas cerimônias religiosas e nas procissões da festa. Outros grupos também participam da Festa do Rosário, como o grupo dos Congos, composto por um número variável de participantes (exclusivamente homens), que entoam cantos e dançam unicamente na Festa do Rosário. A dança é realizada no largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, à exceção de quando são convidados para realizarem apresentações em eventos culturais. Já os Negros dos Pontões não têm um número fixo de participantes. Sua função na Festa do Rosário é representar a guarda da Irmandade do Rosário, acompanhando aquele grupo nos trajetos das procissões durante a celebração, ou realizando apresentações desacompanhados da Irmandade do Rosário em variados momentos da festa. Os trajetos desses grupos sempre são realizados acompanhados de música e dança. Para completar os grupos que se apresentam na Festa do Rosário, cito o Reisado, que realiza apresentações em

---

Documento de referência para instrução de processo de *tombamento* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB. Ambos podem ser encontrados no acervo do Centro de Documentação do Iphan/PB.

[6]Designação utilizada pelos próprios sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário de Pombal, incluindo os membros dos grupos sociais. Não realizei uma pesquisa aprofundada para compreender por que optam por este tipo de designação, entretanto, observei que usam o termo como algo naturalizado, um termo herdado de gerações antigas, percebido até mesmo na *Missão de Pesquisas Folclóricas* organizada por Mário de Andrade (a qual determinava os grupos por folclóricos). Assim, o termo foi apropriado por esses grupos sociais através de intelectuais folcloristas e por meio das produções de instituições (principalmente aquelas responsáveis por políticas culturais municipais) onde lidaram com esses mesmos grupos, entre as décadas de 1950-1970. Nos capítulos que se seguem iremos tratar mais detalhadamente desse assunto. A categoria analítica equivalente e escolhida para tratar a designação "grupos culturais" foi "expressões culturais", assim como está definida na nota de rodapé número 3.

[7]Percebi através da minha vivência de campo no espaço da pesquisa que, em vários momentos da festa, o Rosário era o centro da devoção dos fiéis envolvidos com a celebração. Por isso, ao mencionar a festa, trataremos como Festa do Rosário, termo nativo utilizado pelos próprios grupos estudados.

[8]Objeto de cristal usado pela comunidade católica de Pombal, semelhante ao tecebá mulçumano, com exceção do crucifixo no final. Utilizado nas procissões. O rei da Irmandade, um dos integrantes de destaque no grupo, responsável por manter o Rosário durante a Festa do Rosário, diz guardar um Rosário de menor tamanho feito de ouro. Sobre o Rosário, será tratado ao longo do trabalho.

algumas procissões da festa, sendo o seu encerramento o principal momento de apresentação desse grupo.

Por sua vez, todo esse universo está atrelado a uma forte identidade negra, ou seja, uma identidade Afro Brasileira, que como bem designa Alessandra Rodrigues Lima: (...) “toda expressão que evoca, como espaço de elaboração, a experiência da escravidão ou, como origem, os significados e simbologias que remetem à ancestralidade africana” (2012, p. 16). Como é o caso do universo que foi trabalhado nesta pesquisa e que será melhor definido adiante.

O município de Pombal está localizado a 387 km de João Pessoa, a capital do Estado da Paraíba, compondo a mesorregião do sertão paraibano. Faz fronteira com onze municípios paraibanos: São Francisco, Santa Cruz, Lagoa, Paulista, São Bento, São Bentinho, Cajazeirinhas, Coremas, São José da Lagoa Tapada, Aparecida, e São Domingos. Seu clima é quente e seco, durante o período de estio (julho a janeiro) chega a atingir temperatura de 20ºC mínima e 34ºC máxima.

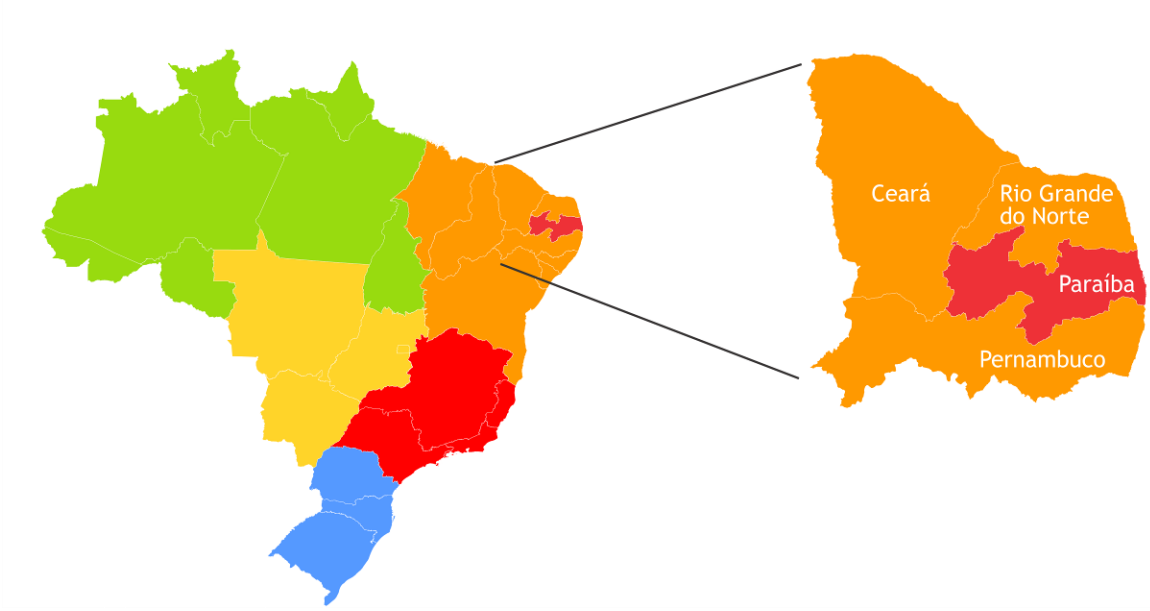


Figura 1 - Mapa: Localização do Estado da Paraíba e seu limite com outros Estados.
Fonte: http://valeucara.blogspot.com.br/2012/12/mapa-do-brasil-vetorizado.html -
Com adaptações de Felipe Coutinho. Outubro de 2016.



Figura 2 – Mapa do Estado da Paraíba dividido em suas quatro mesorregiões.
Fonte: www.baixarmapas.com.br – elaborado a partir de base cartográfica do IBGE. Modificado pela autora. Dezembro de 2016.

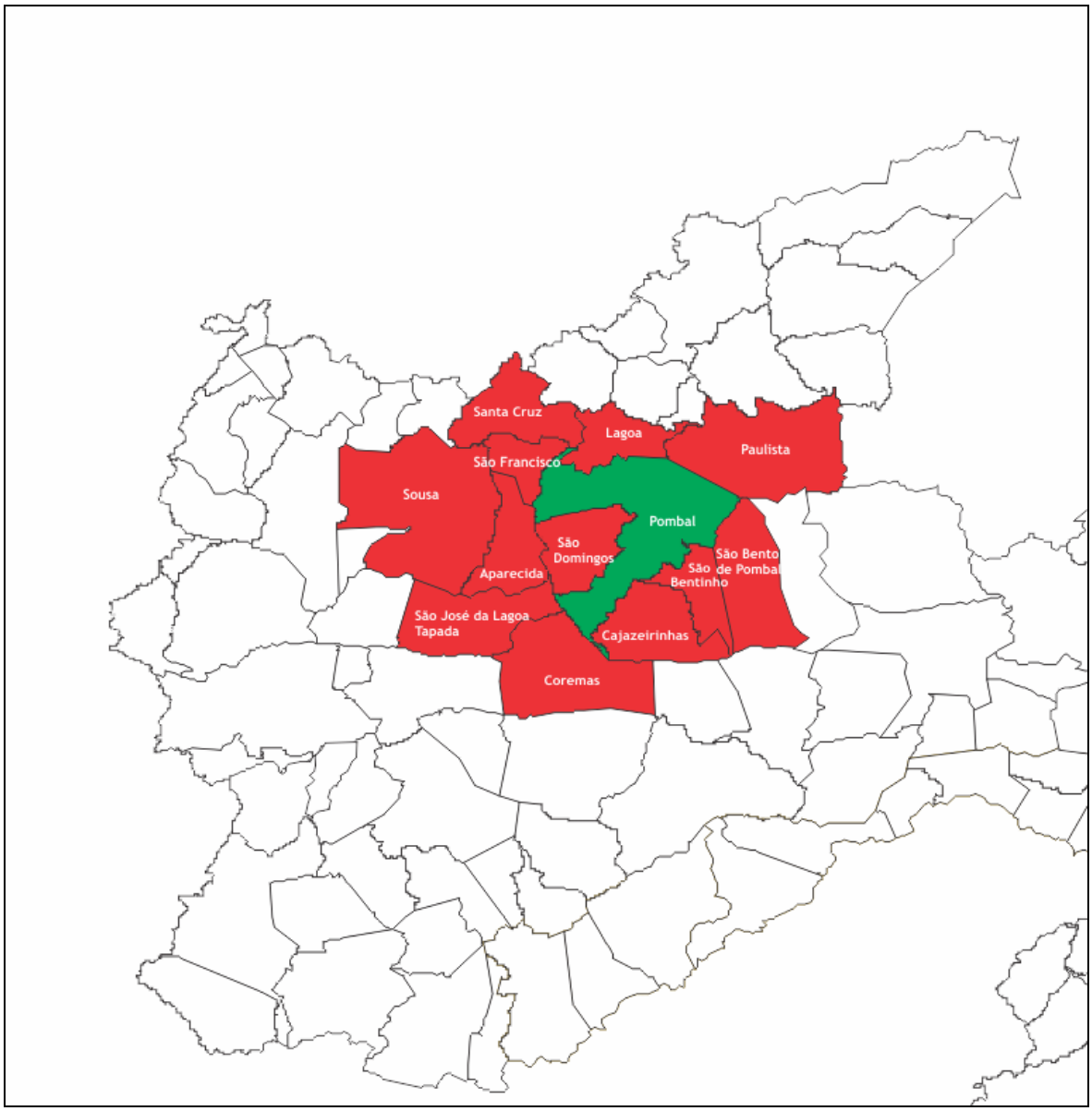


Figura 3 - Mapa: Mesorregião do Sertão - Estado da Paraíba com destaque para Pombal e seu limite com outros municípios.
Fonte:http://valeucara.blogspot.com.br/2012/12/mapa-do-brasil-vetorizado.html -
Com adaptações de Felipe Coutinho. Novembro de 2016.

A cidade é uma das mais antigas do Estado e uma das maiores, em termos territoriais, com área de 889 km². Segundo narrativa encontrada em bibliografia[9] consultada ao longo da pesquisa e que tratam da história de Pombal, o município teria sido formado por meio da ocupação da colonização portuguesa, por volta do ano de 1695 (processo de conquista teria ocorrido entre os anos 1670-1730 pela família Oliveira Lêdo no sertão paraibano). A conquista, e consequentemente a colonização, se deu sobre o território de indígenas que ali

[9]Entre os autores regionais bibliografia consultada estão: Abrantes, Verneck (2008); Araújo, Jerdivan (2014); Benjamin, Roberto (1977); Farias, Taise (2011); Mello, José Octávio de Arruda (2008); e, Sarmento, Christiane Finizola (2007).

habitavam (os Pegas ocupavam as proximidades do atual município de Pombal) e de interiorização do litoral em direção ao sertão.

Segundo a historiografia regional, a ocupação dos sertões foi incentivada pela Coroa portuguesa após a Invasão Holandesa[10] no território da capitania. A grave crise econômica instaurada com a guerra de reconquista e a adoção de novos impostos obrigou a interiorização do processo de ocupação da capitania (Mello, 2008, p. 69). José Octávio de Arruda Mello destaca que a penetração do sertão foi realizada do sul para o norte, partindo do Rio São Francisco, por meio de seus afluentes, chegando ao território da capitania da Paraíba, através da fronteira com Pernambuco (2008, p. 73).

Inicialmente, a ocupação em torno da vila colonial que originou o atual município de Pombal se mantinha através da economia do algodão e da pecuária, sustentados por meio da mão-de-obra escrava (Wanderley, 2009, p. 43). Atualmente, grupos sociais da região, sobretudo, os quilombolas, que se identificam com a herança afrodescendente[11], valorizam suas marcas culturais a partir desse processo histórico, através de sua resistência e permanência no local.

Pelo menos desde 2007, o Iphan/PB tem buscado conhecer e interagir com os sujeitos envolvidos com as práticas e bens culturais de Pombal, com a expectativa de estabelecer uma atuação para viabilizar a preservação das expressões culturais locais. Esta pesquisa buscou, também, discutir este processo, com foco na Festa do Rosário de Pombal e expressões relacionadas a ela.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas visitas de campo a Pombal/PB e pesquisas em acervos históricos. As visitas de campo foram iniciadas a partir do diálogo com representantes de grupos sociais e coletividades locais, como **Miguel Ferreira**, rei dos Congos; e **Maria do Socorro Ferreira Martins**, colaboradora da Paróquia católica de Pombal. Pude acompanhar o Iphan/PB em sua tentativa de articular a proteção e a valorização das expressões culturais do município de Pombal com os interesses e expectativas dos grupos locais, procurando uma leitura que pudesse reconhecer as conexões e relações possíveis, na percepção desses grupos, entre as expressões culturais de natureza "material" e "imaterial". Este tem sido um dos maiores desafios para o trabalho do Iphan/PB.

[10]Período da Invasão Holandesa na Capitania da Paraíba; 1634-1654.

[11]Utilizo o termo "afrodescendente", aqui, por tratar-se de uma denominação corrente entre os representantes das comunidades quilombolas de Pombal.

Durante as minhas visitas e conversas realizadas em Pombal (objetivando a realização desta pesquisa), foi possível verificar a recorrência, na fala dos entrevistados[12], da importância conferida a bens e expressões culturais atreladas ao local, como a própria Festa do Rosário (reconhecida por seus agentes como modo de celebrar a própria coletividade e como ápice das manifestações culturais locais), a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, os Negros dos Pontões, a Irmandade do Rosário, os Congos e Reisado. Os sujeitos locais entrevistados foram pessoas ligadas a expressões culturais e religiosas (Congos, Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Reisado); membros da paróquia de Pombal (padres, sacristães e colaboradores); e pessoas escolhidas aleatoriamente durante a festa na cidade.

A primeira atividade de campo aconteceu entre 11 e 12 de setembro de 2014, com o intuito de conhecer e buscar uma primeira aproximação com alguns membros da comunidade local (especificamente aqueles relacionados com a Festa do Rosário: "grupos folclóricos", paróquia de Pombal) e um conhecimento prévio do campo e dos sujeitos que poderiam estar envolvidos com o tema deste estudo. Os interlocutores foram convocados através do Iphan/PB, e o processo de contato foi facilitado por visitas anteriores da instituição ao município. Foram realizadas visitas às comunidades quilombolas e entrevistas com representantes dos "grupos folclóricos". Essa primeira visita abriu a possibilidade para uma experiência posterior de maior contato no local, pensando não apenas na pesquisa, mas também no trabalho a ser desenvolvido pelo Iphan/PB.

Como metodologia para a pesquisa de campo, foi adotada a perspectiva da história oral. No Brasil, essa metodologia começou a ganhar espaço a partir dos anos de 1990, com a influência da história cultural. Sobre a metodologia da história oral, de acordo com Analucia Thompson, deve-se ressaltar que não pode ser confundida com a metodologia empregada nas entrevistas jornalísticas, que não têm a mesma finalidade teórica/conceitual (2010, p. 11). A abordagem da história oral visa à produção de conhecimento, considerando a documentação oral além da fonte, também meio para proporcionar a análise e interpretações críticas sobre o objeto estudado. Destaca-se também a necessidade de encarar os depoimentos como versões individuais do passado que devem ser avaliados com outros depoimentos e com outras fontes. Como aponta Analucia Thompson:

> Considerando que a história oral é exercida a partir de um diálogo entre passado e presente, entre entrevistado e entrevistador, enfim, entre subjetividades, a participação de contemporâneos aos entrevistados será

[12] Ao longo do texto são identificados sujeitos que foram entrevistados e estão inseridos em diferentes grupos sociais de Pombal. A Tabela 1 ao final do texto (página 194) os situam e caracterizam melhor, em relação a sua identificação (por exemplo, sua cor) e universo do qual estão falando (onde moram/ moravam).

> incentivada, na expectativa de que conflitos, reminiscências e esquecimentos possam ser aflorados (Thompson, 2010, p. 13).

Com base nessa metodologia, a documentação de relatos orais realizado nas visitas de campo permitiu conhecer e analisar a percepção dos sujeitos de Pombal e dos grupos que participam do contexto da Festa, identificando as experiências e relações estabelecidas com o espaço e as políticas públicas patrimoniais. Os roteiros de entrevistas, utilizados como recurso para produzir fontes audiovisuais, basearam-se em perguntas diretas e curtas deixando os entrevistados à vontade para realizar seus depoimentos, sem interrupções. O material produzido foi analisado em conjunto com as descrições realizadas nas visitas de campo, através das quais pude ter um contato com os sujeitos que interagem com as expressões culturais e, principalmente, observar as etapas da Festa do Rosário, em que aqueles elementos têm um significado particular.

Assim, também foi desenvolvida a segunda visita realizada durante a Festa do Rosário de Pombal, em outubro de 2014. A vivência durante os nove dias da Festa possibilitou o contato com alguns agentes participantes da celebração e o levantamento dos eventos que acontecem nesse momento, tendo permitido ainda iniciar o trabalho de pesquisa documental e realizar uma ação preventiva de proteção da documentação existente no cartório de Pombal[13], a qual se configurou em uma ação de levantamento de informações para pesquisa e também parte de minhas atividades supervisionadas no Iphan/PB.

Os dias em que permaneci no município de Pombal, também foram dedicados, assim, aos trabalhos no cartório. As tardes eram destinadas às entrevistas com integrantes dos "grupos folclóricos". Essa visita possibilitou, ainda, a realização posterior de reuniões com os técnicos do Iphan/PB, objetivando a elaboração de um plano de trabalho a ser desenvolvido a partir da identificação das expressões culturais do município de Pombal, como parte das ações almejadas pelo Iphan/PB. No contexto da Festa, foi possível conhecer e acompanhar a rotina dos grupos e sujeitos envolvidos com as expressões culturais. Foi possível observar o

[13]Nas visitas realizadas ao município de Pombal nos dias 11 e 12 de setembro de 2014, a primeira parada foi no Cartório Cel. João Queiroga – 1º Oficio de Notas e Registro de Imóveis, onde conversamos com Elias Queiroga (irmão do proprietário do cartório e responsável pela guarda da "documentação antiga"). Informamos ao senhor Elias que estávamos interessados em pesquisar esta "documentação antiga" guardada no cartório (registros de Pombal e regiões próximas, datados do século XVIII - XIX), e que ele, com tanto zelo, tinha organizado. Depois deste primeiro contato com a mencionada documentação, entramos em acordo sobre retornar ao cartório para realizar trabalhos de proteção da documentação. Assim, em nossa segunda visita, realizada no período de 2 a 10 de outubro de 2014, voltamos ao Cartório Cel. João Queiroga, onde o senhor Elias Queiroga nos recebeu com muita atenção. Explicamos o nosso objetivo de consultar e realizar uma medida emergencial de preservação daquela documentação, que tornou-se parte dos trabalhosa serem realizados pelo Iphan/PB de minhas atividades supervisionadas no mestrado.As atividades realizadas naquela documentação foram:Guarda da documentação em invólucros confeccionados em papel ph neutro, visando a maior durabilidade da documentação.
.

cotidiano e a celebração da Festa e um pouco da relação estabelecida com as expressões identificadas durante os períodos de visitas a Pombal, através de suas falas documentadas em entrevistas.

A terceira visita realizada durou sete dias (de 13 a 20 de agosto de 2015). Nessa etapa, foi possível acompanhar reuniões entre o Iphan/PB e representantes locais para tratar da concepção de projetos de restauração para igreja de Nossa Senhora do Rosário, e discutir a iniciativa de processos de *registro*[14] de expressões locais. Este novo período de convivência possibilitou complementar as entrevistas, baseadas em roteiros prévios, iniciadas no ano anterior, com representantes dos "grupos folclóricos" e suas lideranças.

A última visita, realizada nos dias 23 e 24 de setembro de 2015, foi motivada pelo acompanhamento do início da Festa do Rosário de 2015. Nessa última ida a campo, foi possível visitar membros de "grupos folclóricos" (Negros dos Pontões e Congos), acompanhar ensaios, e participar dos primeiros ritos da festa, como as procissões do Rosário.

As reuniões realizadas no município com representantes da paróquia de Pombal e, em alguns momentos, com membros dos "grupos folclóricos" (Congos, Irmandade do Rosário, Reisado, Negros dos Pontões) e do poder público municipal, foram socializadas com os técnicos do Iphan/PB, buscando, assim, um diálogo entre as demandas locais identificadas e as possíveis estratégias para enfrentá-las, resultando na elaboração de um plano inicial de atuação do IPHAN a ser desenvolvido em Pombal. Esse também foi um dos momentos em que pude acompanhar as ações do Iphan/PB, considerando as discussões pertinentes ao tema da pesquisa.

Em consonância com a articulação pretendida com a atuação dos técnicos do Iphan/PB e com as expectativas dos sujeitos envolvidos com a patrimonialização de expressões culturais de Pombal, a pesquisa também foi pensada a partir de consultas a acervos e do estudo da documentação disponível pertinente ao tema, articulando, assim, dois caminhos: (1) a pesquisa documental e (2) a observação da ação do Iphan/PB e da relação dos moradores de Pombal com a Festa do Rosário e as expressões culturais a ela vinculadas.

A análise bibliográfica e documental baseou-se em referências teóricas, estudos e leituras nos campos da Antropologia e da História, em conjunto com a análise das fontes audiovisuais

[14]O Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial é um instrumento utilizado pelo Iphan para ampliar a proteção, preservação e valorização de bens que, até o ano 2000, não eram incluídos nas listas de proteção da instituição. Essa ampliação se faz a partir do momento em que os bens protegidos não são apenas edifícios, monumentos, acervos artísticos ou documentais etc., constituídos por suas materialidades. Passam a fazer parte da política de preservação também as celebrações, os lugares, as formas de expressão e os saberes associados à vivência e à identidade cultural dos grupos sociais (Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial, 2006, p.7).

produzidos na pesquisa de campo, a partir da vivência e observação/participação do contexto da Festa do Rosário. Essa experiência foi descrita e analisada em conjunto com as fontes utilizadas e a produção de diários de campo, que serviram de instrumento para a construção dessa descrição e análise. Neles estão contidos os relatos da vivência com os sujeitos apontados e das relações percebidas no contexto da Festa do Rosário, entre a população e as expressões culturais observadas.

Realizei a pesquisa das fontes documentais nos acervos das seguintes instituições: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), Centro Documental do Iphan/PB, Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo) e Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), ambos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Centro Cultural São Paulo (CCSP). No IHGP, foram encontrados textos, pesquisas e cópia de documentação administrativa sobre a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A pesquisa dessa documentação tem permitido conhecer a apropriação e discussões feitas por outras pesquisas sobre este bem cultural do município de Pombal.

No Centro Documental do Iphan/PB, a seguinte documentação foi consultada durante a pesquisa: cópias de projetos de restauração de monumentos da cidade de Pombal; correspondências com pedidos de *tombamento* (ofícios e memorandos); processos administrativos tramitados na Superintendência. Também no acervo do Iphan/PB foram pesquisadas referências bibliográficas importantes para se entender como as informações e pesquisas sobre o município têm sido apropriadas pelo Iphan/PB, além da bibliografia do campo das políticas de preservação do patrimônio cultural existente no acervo, também fundamental como referência de informação e base teórica para a pesquisa.

Durante o levantamento de material nos acervos do Nuppo e do Nudoc, pude ter contato com documentação sobre os "grupos folclóricos" do município de Pombal (Negro dos Pontões, Reisado, Congos e Irmandade do Rosário). Entre as fontes disponíveis, há audiovisuais da Festa do Rosário e dos grupos que nela se apresentam. Essas fontes foram analisados com o objetivo de se identificar as dinâmicas de transformação das expressões culturais ao longo do tempo, considerando o seu período de documentação.

A visita realizada ao acervo do Centro Cultural São Paulo, em São Paulo/SP, em dezembro de 2014, permitiu um contato inicial com a documentação produzida durante a *Missão de Pesquisas Folclóricas* idealizada por Mário de Andrade[15], em 1938. Essa

[15]Mário de Andrade estava fora do Departamento de Cultura de São Paulo em 1938 por conta do golpe de Estado, assim, não conseguiu acompanhar as viagens do projeto idealizado por ele. Segundo Carlos Sandroni

documentação, constituída de áudios, iconografia e anotações da viagem, está disponível em uma coletânea produzida pela instituição e de fácil acesso para pesquisa. O estudo dessa documentação foi importante para avaliar diferentes perspectivas e momentos de registro das expressões culturais do contexto estudado. Especificamente sobre o município de Pombal, foram encontrados imagens, filmes e anotações relacionados à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e aos Reis do Congo, datados de 1938.

Esse material foi utilizado, novamente, para identificar as transformações na dinâmica das expressões culturais estudadas, comparando-se as informações contidas nestas fontes com aquelas obtidas durante a pesquisa de campo realizada em Pombal e com a leitura da produção bibliográfica a respeito.

Por fim, cabe acrescentar, aqui, a pesquisa da documentação disponibilizada pela população de Pombal, guardada por membros dos "grupos folclóricos" que produziram imagens, vídeos e áudios dos grupos culturais, da Festa e dos monumentos da cidade. A utilização dessa documentação foi fundamental para a análise das entrevistas realizadas e direcionadas ao objeto de pesquisa, podendo situar e compreender melhor as diferentes perspectivas da população e dos sujeitos envolvidos com os "grupos folclóricos". Somando-se a isso, as informações obtidas com as entrevistas foram discutidas tendo como referência a análise da documentação pesquisada nos acervos e da bibliografia selecionada. Entendemos que esse processo foi importante para o trabalho, considerando as investigações e o conhecimento prévio sobre os processos históricos que envolveram as políticas de preservação do patrimônio.

Também foram trabalhadas, na pesquisa, observações de procedimentos técnicos, assim como de conflitos e consensos estabelecidos em reuniões com os técnicos do Iphan/PB envolvidos com ações institucionais realizadas no município de Pombal. A pesquisa pretendeu, assim, adotar uma perspectiva interdisciplinar, incorporando referências, discussões e questões das áreas da Antropologia e História. Esse diálogo se explica pelo tipo de objeto a ser estudado, a Festa do Rosário, e seu contexto, os grupos, as pessoas, o patrimônio edificado, a instituição envolvida com a política de preservação (Iphan/PB), buscando compreender as percepções, práticas e discursos dos sujeitos envolvidos, analisando visões diferentes junto com o que pode ser apreendido da documentação pesquisada, buscando dialogar com perspectivas metodológicas de áreas afins, para o desenvolvimento do estudo.

(2002) devido ao golpe de Getúlio Vargas, em 1937, decretando o Estado Novo, e mantendo o próprio Getúlio Vargas no governo, afastou Mário de Andrade do Departamento de Cultura de São Paulo.

O recorte proposto para a pesquisa considerou as relações dos grupos sociais com as expressões culturais identificadas no espaço da Festa do Rosário, e também a reconfiguração da dinâmica desses grupos e suas práticas, nesse contexto. Com isso, aponto como recorte diferentes fontes audiovisuais e bibliográficas (produzidas em diferentes momentos e por diversos sujeitos) sobre a Festa do Rosário e as expressões culturais de Pombal, entendendo seus contextos de produção como determinantes para as leituras (e representações) possíveis sobre esse universo cultural. Deste modo, o recorte foi delimitado, também, segundo a definição da documentação analisada.

Cabe reforçar que, para além da realização da pesquisa aqui apresentada no âmbito do mestrado e da produção da dissertação, o tema aqui abordado está inserido num contexto mais amplo, relacionado com a atuação institucional do IPHAN no município de Pombal/PB, e que se pretende uma continuidade dessa ação pelo Iphan/PB. Assim, coube a mim analisar esse processo.

As questões norteadoras deste trabalho foram colocadas da seguinte forma: em que medida a Festa do Rosário pode ser identificada como uma "referência cultural[16]", no sentido de algo que possibilita uma relação específica (e que pode ser observada) das pessoas com as expressões culturais de Pombal, e com os sentidos atribuídos aos vários elementos que dialogam no espaço e tempo da celebração? E como o Iphan lida com o seu reconhecimento, no sentido da utilização das políticas públicas de patrimônio para tratar de "referências culturais"?

Baseada na dinâmica das expressões culturais relacionadas com a Festa do Rosário de Pombal, a perspectiva adotada no trabalho foi pautada, principalmente, na vivência e no contato com os sujeitos participantes da festa, sejam os membros dos "grupos folclóricos"; sejam os "filhos ausentes"[17] e outros que vivenciam os festejos locais.

Diante da multiplicidade de elementos possíveis de serem estudados no contexto da Festa do Rosário, percebida como ponto articulador de muitas das expressões culturais de

[16]Expressão utilizada para identificar a diversidade cultural, não apenas em sua produção material, mas também imaterial, e, sobretudo, para identificar os diferentes sentidos e valores atribuídos por seus detentores aos bens e práticas da vida social, marcos da identidade e memória, e, portanto, reconhecidos como referenciais por eles (Fonseca, 2006, p. 88). Vai além da identificação e aprovação do Estado, mas consequentemente, são reconhecidos nos processos de identificação e proteção no campo do patrimônio cultural por instituições como o Iphan, fazendo parte de sua política estruturante de salvaguarda. Possível observar que em Pombal os grupos sociais ainda não estão familiarizados com este termo.

[17] Indivíduos que saíram de Pombal para estudar ou trabalhar em outras cidades, e voltam para o município apenas no momento da festa. Momento de reencontrar parentes e amigos, e reviver memórias deixadas pelos festejos. A expressão "filhos ausentes" também foi verificada em outras pesquisas do campo da Antropologia. Pires (2003), por exemplo, utilizou-se dessa expressão como um termo nativo, considerando os "filhos-ausentes" geralmente uma designação utilizada pela população local para tratar dos mesmos perfis de pessoas.

Pombal, e considerando, também, a discussão em torno da aproximação do Iphan junto à sociedade local e do seu interesse por uma atuação institucional mais presente em Pombal, no sentido de valorizar suas expressões culturais, outras questões têm se colocado a partir da problematização do próprio processo de identificação dessas expressões culturais locais: como se deu e como se dá essa identificação (em que contexto)? Essa identificação faz parte do senso comum e tem sentido para quem?

Pensando na identificação desses elementos, coube analisar o processo de associação das expressões culturais a noções instrumentalizadas nas práticas de preservação, como *referências culturais* e *lugares de memória*[18], bem como o recorte de patrimonialização. E, assim, discutir como os instrumentos utilizados pelo IPHAN podem dar conta da identificação das várias nuances dessas noções, da relação dos diversos grupos envolvidos, dos diversos pontos de vista sobre determinadas expressões passíveis de serem identificadas como "referências culturais" associadas a um lugar, neste caso, referente aos espaços, à paisagem, às áreas de entorno e ambiências contíguas à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. E a partir desta perspectiva, discutir o objetivo do Iphan/PB de atuar em Pombal, assumindo o protagonismo nos processos de reconhecimento e valorização das "expressões culturais" locais, mas aberto ao diálogo. Esse posicionamento é, também, uma das problemáticas analisadas na pesquisa. Sobre a postura dialógica pretendida pelo IPHAN, percebemos uma conduta estimulada como política de governo nos últimos anos. Sobre isso, Lia Motta indica que essa postura se pautaria por:

> Reflexões que visam, sobretudo, o fortalecimento de políticas públicas democráticas e éticas no atendimento aos interesses coletivos da preservação cultural e de inclusão social. Democráticas e éticas não apenas pela inclusão social, mas por se tratar de ações que têm suas decisões fundamentadas, por respeitarem as instâncias decisórias e compartilharem escolhas, dando ao cidadão o direito de questioná-las diante da explicação de suas motivações (2011, p. 184).

Portanto, coube abordar, com base nessas questões, a discussão de valor atribuído ou reconhecido, a construção de narrativas de valoração do patrimônio e as escolhas nesse processo. A partir dessa perspectiva, analisei a produção de pesquisas e reflexões sobre a Festa do Rosário de Pombal, buscando compreender os interesses, objetivos, perspectivas, articulações, e processos de valorização desenvolvidos pelos diversos sujeitos, grupos locais e

[18]O conceito de *lugares de memória* é utilizado aqui na concepção do historiador francês Pierre Nora (1984), compreendendo-os, primeiramente, como lugares onde a memória é fortemente referenciada, e por isso são carregados de sentidos; segundo, como significativos para uma memória coletiva; e por último como lugar onde a coletividade se expressa através da sua noção de identidade.

poderes públicos, como o IPHAN e demais entes envolvidos com o campo da preservação do patrimônio cultural.

Com base na minha trajetória durante o mestrado e na experiência da pesquisa de campo, apontamos como objetivos deste trabalho:

- Discutir as possibilidades de um processo de patrimonialização a partir dos valores atribuídos a essa expressão cultural, a Festa do Rosário, pelos distintos sujeitos e grupos sociais envolvidos.
- Ponderar que políticas públicas no campo do patrimônio podem ser utilizadas, em termos dos instrumentos de proteção e salvaguarda. Quais os instrumentos de preservação mais adequados? De que forma esses instrumentos podem se articular com a atuação dos agentes locais, tendo em vista a construção de políticas públicas eficazes?
- Analisar quais os recortes a serem considerados num possível processo de patrimonialização da Festa. Que critérios utilizar para essa seleção? De que forma os critérios podem ser definidos e articulados com o contexto da Festa?

Com base na proposta desta pesquisa, a estrutura para os capítulos da dissertação foi organizada da seguinte forma:

O capítulo I trata do município de Pombal através de uma descrição panorâmica de seu cotidiano, observando sua organização, as relações entre os meios urbano e rural, as memórias e identidades construídas no local. Aborda também uma contextualização mais geral sobre a Festa do Rosário de Pombal, por meio das expressões culturais relacionadas a ela, sua trajetória e a maneira como são identificadas.

O capítulo II discute, inicialmente, a festa como categoria relacionada à política do patrimônio cultural imaterial do Iphan. Trabalha o aprofundamento da análise das narrativas e discursos em torno da Festa do Rosário e das expressões relacionadas a ela, propondo uma reflexão sobre a identificação e a articulação com os grupos sociais envolvidos, seus conflitos e os diferentes contextos em que circulam, considerando a Festa como um momento de articulação social. Para isso, foi trabalhada, aqui, a análise dos diferentes tipos de documentação da Festa, compreendendo essas fontes como percepções do espaço e das expressões culturais vinculadas à Festa do Rosário. Trata-se, portanto, de uma análise de diferentes fontes, inclusive as que foram produzidas durante a pesquisa, suas diferentes temporalidades, como formas de representação possíveis sobre esse universo cultural, que atendem (ou atenderam) a diferentes expectativas.

Deste modo, as fontes em si e seus contextos de produção foram objetos de análise. Foram privilegiadas as fontes audiovisuais e bibliográficas de três momentos diferentes: 1977; 1991-93/95; anos 2014/15. Essas datas foram consideradas a partir de documentos audiovisuais encontrados em visitas a acervos como o do Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba. Cada momento produziu uma documentação específica da Festa do Rosário de Pombal. Essas fontes foram analisadas juntamente com a leitura da bibliografia existente e relacionados com outras fontes importantes, como foi o caso dos registros da *Missão de Pesquisas Folclóricas*, planejada por Mário de Andrade, na década de 1930.

O capítulo III trata do processo de patrimonialização e da identificação dos nós que formam essa rede de interações a partir da Festa do Rosário, buscando avaliar como os envolvidos percebem a continuidade das suas "tradições". A discussão tem como base discursos e percepções dos diversos grupos envolvidos com a festa, e o interesse pela preservação das expressões culturais de Pombal pelos diversos agentes envolvidos no seu contexto. Discute, também, as ações do Iphan/PB em Pombal, em gestões antigas e na gestão atual[19], e qual o recorte pretendido pelas ações de patrimonialização e preservação do Iphan/PB. Consequentemente, trabalha com os sentidos atribuídos à patrimonialização, e demais ações políticas do patrimônio e o diálogo com as categorias do Iphan. Que categorias os agentes utilizam ou instrumentalizam para referenciar a Festa?

Com base nas discussões propostas no decorrer do trabalho, a dissertação pretende apresentar uma avaliação da Festa do Rosário como o nó[20] central de uma rede de relações estabelecidas entre as expressões culturais em Pombal. E, assim, apresentar uma perspectiva de como a Festa pode ser considerada (ou entendida) como uma "referência cultural" dos grupos sociais pesquisados, através dos múltiplos olhares sobre ela. Ressaltando, sempre, que essa perspectiva tem seus contornos delineados pela observação desse contexto como uma construção social, que se transforma ao longo do tempo, sujeito a disputas, conflitos e negociações. Motivo pelo qual a Festa se tornou objeto de diferentes pesquisadores e motivadora de uma política patrimonialista almejada, estando sob seus holofotes com tanta frequência.

---

[19]Quando falo de gestão atual neste trabalho refiro-me a gestão acompanhada durante o meu período de atividades supervisionadas na Superintendência do Iphan/PB (até abril de 2016), quando Claudio Nogueira ocupava a função de Superintendente e Christiane Finizola como chefe da divisão técnica.

[20] Nó no sentido de algo que amarra várias pontas. Nesse caso, as várias pontas são representadas pelas diferentes relações estabelecidas dentro da Festa do Rosário de Pombal. Possibilita ainda pensar em um encontro/ligação de uma rede de relações que se sustentam (se interligam em diálogo e conflito) no espaço da festa do Rosário de Pombal.

1. POMBAL E A FESTA DO ROSÁRIO: O QUE VI E VIVI.

O valor e a importância estão nos sujeitos, que os atribuem conforme sua história de vida, sua fé e o significado atribuído à imagem, por evocar memórias de fatos marcantes.
Carla Gisele Macedo S. M. Moraes[21]

Este trabalho foi construído, principalmente, por meio de minha vivência na Festa do Rosário e nas atividades da Superintendência do Iphan na Paraíba. Com isso, a breve convivência no município de Pombal, relatada neste capítulo, permitiu observar um pouco de seu cotidiano, organização e as relações entre os diversos ambientes em que acontece a festa. Assim, este capítulo pretende contextualizar o município de Pombal, a Festa do Rosário e o universo de relações, identidades e significações construídas em torno da festa.



Figuras 4 e 5- Irmandade do Rosário – Festa do Rosário de 2015.
Autora: Olga Enrique. Fonte: acervo Iphan/PB.

[21] Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal da Paraíba, mestra em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Servidora do Iphan/PB.




Figuras 6 e 7 - Negros dos Pontões e Banda Cabaçal respectivamente - Festa do Rosário de 2015.
Autora: Olga Enrique.Fonte: acervo Iphan.




Figuras 8 e 9 - Reisado e Congos respectivamente - Festa do Rosário de 2015.
Autora: Olga Enrique. Fonte: acervo Iphan.

1.1. Primeiros contatos com o tema de pesquisa

Para conhecer os processos em torno da Festa do Rosário, as visitas realizadas possibilitaram fazer as entrevistas com sujeitos que fazem parte dos "grupos folclóricos" (Reisado, Congos, Irmandade do Rosário, Negros dos Pontões), que estão ligados à paróquia de Pombal e que têm envolvimento com a Festa, seja em sua realização, organização ou participação em si; e entrevistas com pesquisadores locais.

Através da vivência e dos discursos de diferentes sujeitos, inseridos em diferentes contextos foi possível analisar diversas questões que a bibliografia sobre o tema e documentos

não possibilitam claramente evidenciar, no contexto analisado. Deste modo, com base nas visitas realizadas em Pombal, seguem-se as considerações sobre este universo.

As ações de valorização e preservação das expressões culturais são aguardadas em Pombal, seja por parte dos grupos envolvidos com a Festa do Rosário, seja por parte do corpo técnico do próprio Iphan/PB. Acompanhei reuniões e conversas as quais foram determinantes para que as visitas fossem concretizadas. No início de minhas atividades, presenciei reuniões realizadas com os técnicos do Iphan/PB, em que participaram a supervisora das minhas práticas supervisionadas no mestrado, que também é coordenadora técnica do Iphan/PB, Christiane Finizola e o coorientador deste trabalho Emanuel Braga, técnico em Ciências Sociais.

As reuniões definiram datas para os trabalhos em campo, as atividades a serem realizadas e os acervos a serem pesquisados. Grande parte dessas reuniões tratou do acompanhamento de minhas atividades supervisionadas no Iphan/PB e dos caminhos a serem tomados. As expectativas e sentidos dessas reuniões tinham por objetivo tratar da trajetória da pesquisa aqui apresentada, entretanto, também tratava das ações a serem definidas pela superintendência, considerando a expectativa que a pesquisa contribuiria como avaliação e fonte para as ações da instituição, tratando-se das atividades supervisionadas. Partindo-se do princípio do "lugar de fala", apontado por Michel De Certeau, podemos considerar que: "É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam" (Certeau, 2015, p. 47). O trabalho de pesquisa e as ações do Iphan/PB sempre estiveram bem definidos em relação a suas individualidades, porém, ambos caminharam juntos durante esse processo. Assim, competiu a mim, como historiadora, tratar as individualidades. Desta forma, direcionei a pesquisa para um olhar crítico sobre o processo de patrimonialização.

Deste modo, as reuniões definiram os dias em que a equipe do Iphan/PB estaria em Pombal, incluindo a mim, as atividades a serem realizadas, as pessoas com quem conversaríamos e as reuniões conjuntas e os temas a serem discutidos. Acompanhei os técnicos do Iphan/PB em seus trabalhos no município, com o meu papel bem estabelecido: a investigação daquele universo, na qual culminaria na pesquisa aqui apresentada.

Também fizeram parte dessas reuniões iniciais, e aqui destaco a reunião do dia 22 de agosto de 2014, realizada na sede do Iphan/PB, com representantes de alguns grupos sociais de Pombal, tais como: o padre **Ernaldo Sousa**, da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pombal, **Socorro Martins** (integrante de projetos relacionados também à

Paróquia de Pombal); **Piedade Farias** (atualmente, restauradora no Iphaep), além do superintendente do Iphan/PB, Claudio Nogueira, e de Christiane Finizola.

Destaco esta reunião por considerá-la uma importante contribuição para o meu conhecimento inicial sobre o munícipio de Pombal. Em minha participação nesta reunião como observadora, foi possível perceber ausência de membros dos "grupos folclóricos", como a Irmandade do Rosário. Esses últimos eram essenciais, no passado, para a manutenção e conservação do prédio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, como veremos mais adiante. A reunião tratou do restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário e de ações emergenciais para a conservação do edifício. Para isso foi pensado e proposto pelo Iphan/PB a elaboração de projeto a ser submetido ao Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC)[22], mas ainda com muitas incertezas, o que apontava para a necessidade de elaboração de um projeto.

Foi a partir dessa reunião, por meio do contato com pessoas interessadas pela conservação da igreja de Nossa Senhora do Rosário e, relativamente, conhecedoras da dinâmica das expressões culturais de Pombal (na perspectiva dos articuladores desta reunião – Gabinete da Superintendência e Coordenação Técnica do Iphan/PB), como o padre **Ernaldo Sousa** e **Socorro Martins**, que consegui identificar as primeiras questões da pesquisa, os interesses em ações de valorização do Rosário, os discursos em torno da associação das manifestações culturais e da edificação da igreja de Nossa Senhora do Rosário, a necessidade de valorização da identidade dos "grupos folclóricos", como a Irmandade do Rosário, ausente da reunião. Os membros da Irmandade do Rosário não foram chamados para esta reunião com a justificativa da dificuldade de deslocamento de Pombal a João Pessoa.

Nessa reunião, iniciaram-se, também, as primeiras articulações para a visita a Pombal, ocorrida no mês de setembro de 2014, para conhecer o município e articular uma próxima visita, durante a Festa do Rosário, no mês de outubro, visando à aproximação com agentes dos "grupos folclóricos" locais. Também foram articuladas algumas reuniões a serem efetivadas durante a primeira visita a Pombal; Socorro Martins ficou responsável por identificar pessoas que poderiam participar, o lugar da reunião e o dia.

[22]O Programa Nacional de Cultura (PRONAC) tem por objetivo impulsionar a criação, distribuição e acesso aos produtos culturais; a proteção e conservação do patrimônio cultural; e a difusão da diversidade cultural brasileira. Existem três tipos de mecanismos de apoio, a partir do programa. Para Pombal foi pensado a elaboração de projeto a ser submetido ao "Incentivo Fiscal", forma de apoio da iniciativa privada ao setor cultural. Os interessados apresentam uma proposta de projeto ao Ministério da Cultura, que caso seja aprovada é autorizado a captar recursos junto à iniciativa privada, que recebe abatimento nos impostos (consulta ao site: /www.cultura.gov.br/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac. Site atualizado no dia 14 de janeiro de 2016). Relacionado a Pombal, o projeto, ainda em fase de elaboração, até a finalização desta pesquisa, visa captar recursos para o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário e fomento dos "grupos folclóricos" ligados à Festa do Rosário.

Nas reuniões com minha supervisora, o tema discutido foi a problemática da pesquisa, a qual, naquele momento, na perspectiva dela, deveria ser direcionada para os processos de *tombamento* e *registro* de expressões culturais de Pombal, pensados conjuntamente pelo Iphan/PB, mas que também se viam cercados de incertezas. Para além de dois processos de patrimonialização individualizados, pensava-se em uma patrimonialização que fosse capaz de articular todos as expressões culturais identificadas em Pombal, em um mesmo processo. Sempre foi solicitado pela coordenação técnica do Iphan/PB que a pesquisa estivesse alinhada com os processos de patrimonialização. Confundia-se neste momento o meu papel de pesquisadora, no mestrado, com o trabalho que teria que entregar por meio dos produtos da prática supervisionada. Entretanto, no decorrer da pesquisa, tudo ficou dividido e estipulado, o que seria destinado à pesquisa, e aos produtos[23] das práticas supervisionadas.

Ao discutir o roteiro das entrevistas em Pombal, foram utilizadas como referência questões anteriormente aplicadas em um projeto com antigos ferroviários da Paraíba,[24] pensando também no trabalho a ser realizado pelo Iphan/PB em Pombal. Os roteiros foram adaptados por mim para se adequarem à pesquisa de campo a ser realizada. Desta forma, os roteiros e a programação para a visita ao local foram planejados e articulados.

A primeira aproximação com a documentação pesquisada, relativa a bens e expressões culturais de Pombal, deu-se a partir do acervo do Iphan/PB, como os processos abertos para o *tombamento* da igreja de Nossa Senhora do Rosário[25]; e os processos solicitando reparos na mesma igreja[26]. Além desses processos, pesquisei o material bibliográfico existente sobre o município de Pombal e as manifestações culturais atreladas à Festa do Rosário. No Centro de Documentação do Iphan/PB, foram encontrados antigos projetos do Programa Cidades Históricas (PCH)[27], relativos à antiga Cadeia de Pombal e à igreja de Nossa Senhora do

[23] Para os produtos das práticas supervisionadas foi pensada a organização da documentação existente e pertinente à pesquisa, e também a localização de outros processos de *tombamento* instruídos pelo Iphan, que pudessem servir de exemplo ou referência, já que o foco dos produtos seria a instrução de *tombamento* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

[24]O Iphan/PB desenvolveu trabalho que pretendia produzir um documentário sobre a memória e o cotidiano de trabalhadores das antigas ferrovias da Paraíba. Entretanto, esse projeto ainda não foi concluído por problemas com a empresa licitada para o trabalho.

[25] BRASIL. Superintendência do IPHAN na Paraíba. Tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB e área de entorno (Processo nº 1408.002036/2010-98). 2010.

[26] Processos: BRASIL. Superintendência do Iphan na Paraíba. *Ação emergencial nos bens móveis e integrados*: igreja nossa senhora do Rosário de Pombal (Processo – 01408.000373/2012-11). Paraíba, mar. 2012; e, BRASIL. Superintendência do Iphan na Paraíba. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário Pombal/PB* (Processo: 01450.011130/2012-84). Paraíba, ago. 2012.

[27] Programa que inicialmente foi nomeado de Programa Integrado de Reconstrução das Cidades do Nordeste foi implementado pelo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, e que durou de 1973 a 1983. Propunha-se a ser uma política pública de preservação do patrimônio. Concretizado através da gestão compartilhada entre as

Rosário. Esses projetos levam a crer que desde a década de 1970, recursos federais são garantidos para o município de Pombal, visando restauração de seus prédios antigos.

Outras fontes levantadas foram as correspondências (memorandos e ofícios)[28] sobre Pombal, as quais foram posteriormente incorporadas ao processo de *tombamento* da igreja de Nossa Senhora do Rosário, citado acima. Desta forma, todas as discussões, reuniões, entrevistas, pesquisa bibliográfica e documental, culminaram na descrição que se segue do município de Pombal, das expressões culturais locais, e da própria Festa do Rosário, que foi intensamente vivenciada durante o mestrado.

1.2. Pombal, a localidade

O município de Pombal e sua realidade diversificada têm sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, a partir de lugares de fala distintos, influenciando a construção de diferentes narrativas sobre o mesmo objeto, aqui estudado, a Festa do Rosário. Desde a *Missão de Pesquisas Folclóricas* idealizada por Mário de Andrade (1938), que documentou edificação[29], a religiosidade, a paisagem de Pombal, tudo isso foi anúncio da diversidade social e cultural encontrada no município. Considerando a variedade de pesquisas existentes e o trabalho de campo realizado, buscou-se descrever o contexto da Festa do Rosário de Pombal, tendo como ponto de partida as características da localidade.

Do que vivenciei no município de Pombal, observei uma forte movimentação no centro da cidade nos dias úteis da semana, proporcionada pelo comércio e pelos serviços prestados por órgãos públicos; grande agitação nos sábados pela manhã, com a realização da feira; diminuição do movimento nos sábados à tarde e nos domingos, quando é possível encontrar as ruas quase desertas (rotina típica de cidades do interior do estado da Paraíba).

Pombal vem se expandindo, crescendo. É notável o número de edificações sendo construídas na cidade, privadas e públicas (como escolas, hospitais, universidades, praças). Durante o horário de almoço, é notável a circulação de estudantes universitários pela cidade. O núcleo urbano, desde o período colonial, centralizava funções econômicas, administrativas e jurídicas. Ao longo dos anos perdeu espaço para cidades vizinhas, como Sousa e Patos.

---

esferas federal e estadual, visava a recuperação de monumentos com insumo de desenvolvimento do turismo. Em sua primeira fase beneficiou os estados do Nordeste, mas posteriormente outras regiões foram contempladas.

[28]Documento sob o número de protocolo 324/06, assunto: "Tombamento", assinado por Verneck Abrantes; e, Ofício sob o número de protocolo 01408.001152/2009-56, assunto: "Processo de tombamento da Igreja do Rosário de Pombal e outras solicitações", assinado por Yasnaia Pollyanna Feitosa – então prefeita de Pombal.

[29]A faixada da igreja de Nossa Senhora do Rosário foi registrada tanto em fotografias, quanto em vídeos na *Missão.*

Entretanto, pode-se notar que atualmente vem esboçando essa retomada de cidade com forte influência econômica no sertão do Estado notada através da movimentação vivenciada na cidade. Além da aparente tranquilidade cotidiana da cidade, o que mais chama a atenção de quem visita a cidade é a sua organização espacial. Nota-se a mencionada organização por meio de suas ruas planas, com o seu calçamento (importante, considerando o clima quente da cidade) e a limpeza no centro da cidade. Na periferia, algumas mudanças são notadas, como acontece na maioria das cidades: buracos nas vias, esgoto a céu aberto, etc.

Pombal é uma cidade ocupada por uma população de 32.712 mil habitantes (segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE, de 2015[30]), que vive da economia de pequenas indústrias e principalmente da agropecuária. Localizada no alto sertão do estado, o clima e a paisagem são típicos da mesorregião do sertão do Nordeste brasileiro: clima semiárido, irregularidades nas precipitações pluviométricas e vegetação específica da caatinga. A cidade foi construída nas proximidades do rio Piancó, condizente aos processos de ocupação do território no período colonial. Nesse sentido, vale salientar aspecto apontado por Dominique Poulot (2009), sobre a questão do território, perspectiva que considera uma relação com a estética, em que a paisagem ganha um sentido específico:

> Entre as imagens constantes do território humano, perfila-se a de uma organização espacial da Cidade que deve ser mantida e remanejada, bem cuidada e protegida. A lição da semântica revela, aliás, como a palavra "território" evoca ideias de apropriação, de apossamento ou, no mínimo, de uso (p. 53, 2009).

Os contextos e os períodos são diferenciados, entretanto, a ideia de apropriação é condizente com o caso de Pombal. Considerando o sentido de apropriação, apossamento e de uso, o rio Piancó foi essencial para o seu processo de ocupação. A cidade foi edificada a partir da confluência de dois rios Piancó e Piranhas. Essa confluência ocorre na serra paraibana, na fronteira com o Ceará, indo em direção ao Rio Grande do Norte, onde se reúnem ao Rio Açu (Benjamim, 1977, p. 21). Segundo José Otávio de Arruda Mello (1987), na colonização do sertão paraibano verificam-se duas linhas de ocupação: uma, do sul para o norte, partindo do rio São Francisco, que através de seus afluentes, entrou no território da Paraíba, ultrapassando as fronteiras de Pernambuco. A outra linha, no sentido Leste-Oeste, foi traçada pela família Oliveira Lêdo. Pombal está incluído nesta última.

[30]Consulta ao site do IBGE (http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=251210), em dezembro de 2015.

O rio Piancó manteve sua importância para a cidade, ocupado por lavadeiras e moradores que têm no rio um complemento da sua subsistência, como pude observar quando estive no município.



Figura 10-Centro de Pombal com vista para o Rio Piancó ao fundo. S/D.
Fonte: http://contandosaudade.blogspot.com.br/



Figura 11 - Rio Piancó e lavadeiras.
Foto da autora, 2014.

O nome de Pombal faz uma homenagem à antiga cidade portuguesa de mesmo nome, localizada a 150 km de Lisboa (Abrantes, 2008, p. 03). Era prática comum de o período nomear os núcleos de povoamento com nomes de cidades portuguesas.

Importante salientar brevemente sobre a sua formação após a conquista do território pelos colonizadores portugueses. A história do núcleo urbano que viria a ser Pombal foi marcada pela construção da Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso, em 1721. Esta não foi a primeira igreja a ser construída, pois antes dela tinha sido erguida uma capela em menor tamanho, porém, com o tempo a primeira cedeu lugar à segunda. Essa narrativa foi constantemente reafirmada por meus interlocutores (destaco, aqui, os moradores de Pombal) em toda a minha trajetória de pesquisa.

A igreja que inicialmente foi dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso, padroeira local, depois viria a ser destinada à Irmandade do Rosário dos Pretos[31], passando a ser nominada de Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (relato destacado em quase todas as narrativas locais). Sobre a invocação da igreja, Carlos R. Brandão (2010) ressalta que:

> Quase sempre a história de uma capela está ligada a uma promessa e ao reconhecimento de um milagre. Quase sempre ela é construída para abrigar a imagem de um santo padroeiro, que sai às vezes do domínio de uma casa e de uma família para o de um espaço coletivo de culto comunitário (2010, p. 209-2010).

Nesse sentido, podemos inferir que a Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso marca o êxito da conquista portuguesa sob os povos que ali habitavam; e a invocação posterior da igreja a Nossa Senhora do Rosário, a fé dos negros escravos e libertos que ali situavam.

Retomando as narrativas sobre a formação urbana de Pombal, as primeiras casas começaram a ser construídas a partir do Largo da Igreja (atual igreja de Nossa Senhora do Rosário), marco referencial do traçado urbano da cidade e espaço de festividades religiosas e profanas que até hoje permanecem na cidade, como as comemorações dedicadas a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e comemoração a Nossa Senhora do Bom Sucesso, embora a primeira seja de maior porte, segundo os relatos locais.

O centro da cidade hoje é composto por grande parte dos elementos que deram origem ao núcleo colonial do município, ou seja, a igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Cadeia (atual centro cultural). Outros elementos inseridos ao centro urbano de Pombal, como consequência do processo de urbanização, foram: a atual matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a

[31]Em 1872, é iniciada a construção da nova Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, passando a antiga a ser inteiramente dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Interessante observar uma possível divisão da ocupação dos ritos entre as duas Igrejas.

Coluna da Hora, a Praça do Centenário, Escola Estadual João da Mata, lojas de comércio, shopping, restaurantes, Praça Getúlio Vargas, inseridos durantes os séculos XX e XXI. O centro movimenta a cidade e atrai a pessoas de cidades vizinhas, considerando o forte comércio existente nesse local, como observado em minha vivência na cidade. Esse centro também é estendido pelo comércio localizado entre as duas vias da BR 230, próxima ao centro da cidade, onde é forte o movimento daqueles que cruzam o município com destino a cidades vizinhas e por aqueles que usufruem do comércio localizado neste trecho.



Praça José Ferreira de Queiroz

Praça Getúlio Vargas

Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Coluna da Hora

Cruzeiro e Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Casa de Cultura e antiga Cadeia

Colégio Estadual João da Mata

Figura 12: Localização dos bens no centro de Pombal.
Imagem: Google Earth. Modificado pela autora. Nov. 2016.

Em sua ligação com a capital do Estado, a cidade de Pombal é cortada pela BR 230, onde transitam vários viajantes que buscam também as cidades vizinhas como São Domingo, Aparecida, Sousa, São Bentinho, Patos e que estabelecem forte relação, muito maior do que com a capital João Pessoa, localizada a 372 km de distância de Pombal.

O município é bastante visitado, principalmente nos dias de sábado, onde as comunidades rurais, distritos e municípios vizinhos, como Várzea Comprida, Arruda Câmara, São Domingos, Paulista, São Bentinho (alguns deles estão no mapa mostrado na introdução),

buscam a feira livre de Pombal para a compra de alimentos e outros tipos de mercadorias domésticas (artigos de cozinha, roupas, material de jardinagem, e até para tratamento e criação de animais), e também para comercializar seus próprios produtos.





Figuras 13 e 14 - Imagens da feira livre dos sábados em Pombal.
Autora: Christiane Finizola. Acervo Iphan/PB. 2014.

Apesar de sua expansão urbana, Pombal conserva elementos que remetem a suas características de outrora, de cidade pequena do interior do Brasil. Não apenas pela presença de edifícios antigos, como citados no início, mas pela forte movimentação na cidade nos dias de feiras, nas datas festivas, ou pela constante presença de Fords Rurais para o transporte da população. Uma vez que não existe transporte público, a população depende dos carros de aluguel e moto taxistas, como foi verificado durante o tempo que permaneci no local. Também me chamou a atenção, a presença de uma antiga barbearia, aberta também nos dias de feira, localizada há décadas ao lado do prédio do mercado público e que ainda apresenta os velhos moldes de barbearia tradicional (como a presença de cadeiras e navalhas antigas). Não existe mais rádio difusora na cidade, entretanto, durante o horário do almoço a emissora de rádio local (Liberdade 96 fm) ainda é veículo obrigatório de informação.

Outro fato interessante que merece destaque, que ocorre no horário do almoço, é o esvaziamento do centro de Pombal. Geralmente as pessoas aproveitam este momento para descansar e esperar o sol abrandar, considerando o ápice do calor no município. Pude confirmar este fato pessoalmente, pois, ao marcar os encontros para realização de entrevistas, pediam que fosse sempre após as 15 horas, justificando que este horário não estaria tão quente.

Existem referências da presença de grupos indígenas na região, no período colonial, segundo autores como Verneck Abrantes; Jerdivan Araújo; Roberto Benjamin; Alba Wanderley; José Octávio de Arruda Mello, citando apenas algumas referências consultadas. Consequentemente, percebe-se como foi forte o processo de conquista brutal dessas povoações.

A presença do escravo negro nos sertões nordestinos não foi proporcional à presença no litoral, entretanto, foi marcante a existência para o trabalho na lavoura de algodão. Juntamente com a lavoura de subsistência e com a pecuária, o algodão encontrou condições favoráveis nessa região. Alguns elementos são apontados por Roberto Benjamin (1977) como cruciais para o desenvolvimento do algodão no século XIX: aumento do mercado interno brasileiro, crescimento da população, a abertura dos portos às nações amigas, por Dom João VI, em 1808 (elementos internos); a descoberta da máquina a vapor, o seu emprego na indústria têxtil inglesa, e a revolução industrial (elementos externos).

Assim, de 1750 a 1940, o algodão foi o principal produto no Nordeste capaz de enfrentar o mercado da cana-de açúcar. Por fim, com a decadência da cana-de-açúcar, a mão-de-obra antes concentrada no litoral passa a ser liberada para o interior (Benjamin, 1977, p. 15-16). A pecuária também foi bastante significativa nesse contexto, considerando que era

mantida para o abastecimento do litoral para alimentação ou uso nos engenhos (Prado Junior, 2004). Assim, grande parte do trabalho escravo também foi dedicada à função da pecuária. E foram estas condições que permitiram se constituir os fortes aspectos relacionados à identidade negra na Festa do Rosário de Pombal.

1.3. A Festa do Rosário de Pombal

A Festa do Rosário de Pombal tornou-se tema principal da pesquisa a partir da percepção de seu contexto, das relações com os participantes, com as manifestações culturais e também com a materialidade existente e observada. A partir das visitas e conversas com os sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário, passei a perceber como a festa era parte de uma forte relação da população com o município e parte intrínseca da memória local. Minha vivência no cotidiano de Pombal se deu em dois momentos: durante o período da festa; e também, no período de rotina da cidade. Desta forma, percebi mudanças nesses dois momentos. Durante o período da Festa do Rosário, existe uma maior movimentação na cidade, com presença de comerciantes que disputam lugar em volta da praça próxima à igreja de Nossa Senhora do Rosário, e também de pessoas que vêm participar da festa. Os "grupos folclóricos" e os organizadores da celebração religiosa (membros da paróquia de Pombal) vivenciam a expectativa de cada dia da Festa do Rosário. Assim, é bastante óbvio notar a quebra da rotina do dia-a-dia estabelecida pela festa na vida da população local.

A Festa do Rosário anualmente vem mobilizando e atraindo pessoas não apenas do município e distrito de Pombal[32], mas também de cidades vizinhas (São Domingo, Paulista, Aparecida, etc) e da capital da Paraíba, como mencionado anteriormente. Seguindo os roteiros migratórios do passado, de saída do interior para capital, motivados pela busca de melhores empregos e qualidade de vida, a Festa do Rosário foi muito difundida pelos "filhos ausentes" de Pombal em outras localidades, tomando como base os testemunhos de Verneck Abrantes e Jerdivan Araújo, também "filhos ausentes" (entrevistas concedidas em 10 de outubro de 2014). Assim, a festa tornou-se um dos maiores atrativos da cidade, justificado pelo turismo religioso pelos grupos atrelados à devoção[33] do Rosário (no passado, mais do que hoje).

[32]Atualmente, Pombal é constituída por apenas um distrito: Várzea Comprida.
[33]Sobre devoção/devoto utilizo da perspectiva de Clifford Geertz (2008): "ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo".



Figura 15 – Festa do Rosário de Pombal – provável data de 1932.
Acervo: Junior Telmo



Figura 16 – Festa do Rosário de Pombal - 2014.
Autora: Olga Enrique. Acervo: Iphan/PB.

A Festa é realizada anualmente na cidade de Pombal, no mês de outubro, tendo início nove dias antes do primeiro domingo do mês. Essa configuração é passível de mudanças em anos eleitorais, quando a data do ápice da festa é transferida para não coincidir com o dia de votação. Assim, nos anos de eleição (como foi possível acompanhar, em 2014) a euforia das

eleições, resultado das idas e vindas das pessoas em suas sessões eleitorais e dos comentários sobre o evento, é confundida com a Festa do Rosário. Entretanto, não diminui em quase nada nos anos em que as eleições não ocorrem.

Uma procissão marca o início das celebrações, a qual acompanhamos nos anos de 2014 e 2015, juntamente com uma multidão de fiéis. A procissão é realizada todos os anos partindo da casa de um devoto que colabora com a manutenção da devoção ao Rosário, sendo realizado um rodízio entre os devotos que exercem essa função. A procissão segue em companhia da Irmandade do Rosário, dos Negros dos Pontões e, em algumas oportunidades, pelo grupo do Reisado até a igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde se realiza o hasteamento da bandeira, a queima de fogos e a missa oficial de abertura da Festa.

Durante nove dias são realizadas as celebrações religiosas, que se configuram em missas realizadas todos os dias, e ofícios[34] e ladainhas[35] aos sábados (realizados logo cedo, às 5 horas da manhã), além das procissões, no início e no final da festa. Como parte da festa profana, são realizados jantares promovidos pela Igreja, barracas de venda de comida e brincadeiras nos parques. Todos esses momentos que tive a oportunidade de acompanhar estão repletos de pessoas, sejam professando a sua fé, ou mesmo participando dos momentos de entretenimento oferecidos pela festa.

A apresentação dos "grupos folclóricos" – Congos, Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário e Reisado – também é um momento marcante durante a Festa. Suas apresentações, a cada ano, são reconfiguradas para se adaptar ao processo contínuo de mudança que ocorre na Festa, moldada à realidade local. Presenciei, por exemplo, a alteração dos dias de apresentação dos grupos. Os grupos também realizam apresentações em eventos ao longo do ano, quando convidados.

Comerciantes vêm de municípios vizinhos e da própria zona rural de Pombal para vender seus produtos, instalando suas barraquinhas ao redor da praça que fica em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário. Por sua vez, podemos perceber essa relação estabelecida através da Festa do Rosário, entre o meio urbano e rural. Além da relação comercial, ainda há a participação dos membros do grupo dos Negros dos Pontões (grande parte de seus membros são moradores da zona rural), e todos os outros que desejam vivenciar a festa.

Ao caminhar pelas ruas nos dias em que acontece a Festa do Rosário, sobretudo nos fins de semana, é fácil observar que a população, ainda hoje, é motivada a usar roupas novas,

[34]Ofício divino ou oração das horas. Nele são rezados salmos, alguns cantados.
[35]Oração de invocações curtas e respostas repetidas.

a se preparar em salões de beleza, ansiosos pela celebração da Festa do Rosário. Ainda ao transitar pela cidade, notamos os cuidados da população em desfilar pelos espaços da Festa.



Figura 17 - Parque e barracas da Festa do Rosário de 2015.
Foto da autora.

No Brasil, constata-se a forte ligação entre a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a trajetória de negros escravizados verificada principalmente pela construção de igrejas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário por estas populações. Existem evidências da devoção de irmandades de brancos dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, como é o caso da Irmandade do Rosário dos Brancos em Luanda, criada por volta de 1649. Entretanto, a devoção ao Rosário esteve, na maioria dos casos, associada a cativos e forros, ou seja, africanos escravizados (Reginaldo, 2005, p. 36).

Sobre a devoção ao Rosário, Lucilene Reginaldo (2005), relata que essa prática teria surgido no início do século XIII, como arma de combate às “heresias”. A autora ainda narra o possível surgimento da devoção ao objeto, com base na tradição católica, referente à passagem em que Domingos de Gusmão, dominicano da região de Albi (França), teria tido uma revelação da Virgem, a qual lhe ensinara uma forma de oração realizada por meio da ajuda de contas unidas por um cordão. Por certo tempo, a devoção ficou esquecida, mas foi retomada no século XV, quando o avanço da Reforma Protestante, levou os dominicanos alemães a retomaram essa prática.

Em Portugal e seus domínios coloniais, o culto já havia se espalhado e se estabelecido como forte referência das populações de escravos e libertos no século XVIII. Contudo, não se

sabe ao certo como os negros fixaram sua devoção à santa e, depois, associaram-na ao Rosário. O que se pode aferir é que nos primeiros tempos não foi uma associação espontânea, mas sim remetida ao contexto da escravidão. A partir dessa experiência, as Irmandades do Rosário tiveram papéis fundamentais em defesa das populações de escravos (Reginaldo, 2005, p. 57).

Podemos atribuir, previamente, a relação da Festa com o culto ao Rosário, dentro do universo da religiosidade católica e demais concepções religiosas que interagem com ela. Alguns elementos ajudam a reforçar essa afirmação, como o uso nativo para designar Festa do Rosário, e não Festa de Nossa Senhora do Rosário (termo usado e fortalecido por representantes da paróquia de Pombal, como o padre **Ernaldo**); o lugar de destaque do Rosário na igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde está pendurado, representado por lâmpadas, na faixada da igreja; nas procissões, o Rosário é elemento de destaque, assim como na vigília realizada na Casa do Rosário. E, ainda, na fala dos entrevistados, os quais referenciam a origem da devoção do Rosário ao serem indagados sobre como surge a Festa do Rosário em Pombal, e não a devoção à santa. Esses são alguns exemplos que podem justificar a relação atribuída entre a Festa e o Rosário, como é o caso de **Jerdivan Araújo** (advogado e pesquisador da história de Pombal, nascido na cidade, mas que atualmente mora na capital paraibana):

> O último padre que eu sei, padre Solon, né? Ele, eu lembro muito de padre Solon. Ele pegava o cesto com o rosário e gritava uma salva ao rosário, uma salva... esse padre não... uma salva a nossa senhora do rosário, não é o rosário. Ai ... você tem estatuto que diz que é irmandade dos negros do rosário ... ai tem estatuto quando é o católico eles colocam nossa senhora no meio, e as vezes até no civil eles colocam nossa senhora. Mas, normalmente, mas, os negros não adoravam nossa senhora. Mas, você disse não, mas, a nossa senhora é a, a, a padroeira dos negros é (...) Por que nossa senhora é a padroeira dos negros?[36]

Confirmando essa relação com o Rosário, a fala de outro interlocutor **Verneck Abrantes** (Agrônomo, também pesquisador da história de Pombal, e que nasceu no município, mas atualmente mora na cidade de Campina Grande/PB), continua:

> Aqui tinha a casa do Rosário, eles levavam o rosário para lá e fazia a vigília, era de um dia para o outro, eles faziam as orações ao modo deles, escondidos do pároco, ninguém entrava. No outro dia, eles traziam o Rosário para igreja. Mas, tudo era o Rosário. Nossa Senhora era apenas um pretexto[37].

[36]Entrevista com Jerdivan Araújo, em 10 de outubro de 2014.
[37]Entrevista com Verneck Abrantes, em 10 de outubro de 2014.

Porém, considerando a perspectiva de Marshall Sahlins (2003) sobre os sentidos atribuídos aos objetos simbólicos, entendemos que é difícil determinar se essa relação se estende a todos os sujeitos inseridos na Festa do Rosário de Pombal:

> (…) cada um tem um sentido conceitual de acordo com sua posição diferencial no esquema total de objetos simbólicos. Por outro lado, o objeto simbólico representa um interesse diferencial para os diversos sujeitos, de acordo com a sua posição em seus esquemas de vida. "Interesse" e "sentido" são dois lados da mesma coisa, ou seja, do signo, enquanto este é respectivamente relacionado a pessoas e a outros signos. No entanto, meu interesse em algo não é igual ao seu sentido. (Sahlins, 2003, p. 187)



Figuras 18 e 19 - O Rosário antes de sair em procissão - Festa do Rosário de 2015.
Autora: Olga Enrique. Fonte: acervo Iphan/PB.

A última visita realizada a Pombal, em 24 de setembro de 2015, foi importante para conhecer mais profundamente a devoção ao Rosário após a Festa do Rosário. Neste dia, além de acompanhar os Negros dos Pontões em sua primeira caminhada, seguimos para a casa de dona **Tereza de Sousa Maurício**, 71 anos, onde, segundo presumíamos, o Rosário passaria o ano, guardado até o início da Festa do Rosário. Em nossa conversa, foi possível entender que o Rosário não permanece na casa onde se arrecada mais dinheiro[38], mas nas casas de cinco famílias do Apostolado do Coração de Jesus, da paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso,

[38] Atualmente, o rosário que permanece com o rei da Irmandade do Rosário é uma outra versão em formato menor, e que não tem tanto destaque na Festa do Rosário. A nova configuração da festa realizada pela paróquia de Pombal, fez com que o rosário que sai em procissão esteja no controle do Apostolado do Coração de Jesus.

do qual dona Tereza faz parte há três anos. Elas se revezam na guarda do Rosário durante todo o ano, realizando orações nas casas daqueles que se responsabilizam pelo Rosário, e no mês de maio trabalham para a paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Este momento e esta conversa foram importantíssimos, considerando que as informações que tínhamos, até então, eram de que o Rosário passava o ano inteiro na mesma casa, sendo este constantemente um lugar de devoção. Entretanto, apesar dos lugares, dias e pessoas se revezarem na devoção ao Rosário, o mesmo retorna à casa onde foi deixado no último dia da Festa do Rosário por meio de uma procissão. Sobre a arrecadação de dinheiro para o Rosário, dona **Tereza** comentou:

> Já faz três anos que a gente faz a peregrinação nas casas. A gente começa em agosto e fumo até ontem. Andamos na casa, pegamo os envelopes, rezamo cinco ave Marias. Aí as pessoas colocam aquelas ofertas. Se tiver bem, se não tiver, a gente deixa e depois elas devolve (...) É seis pessoas .... que anda.

Quando perguntamos sobre a escolha da casa para ficar o Rosário e em que condições ele fica durante o ano antes da Festa do Rosário, dona **Tereza** respondeu:

> Já escolheu porque ele vai sair hoje daqui, quando for no último dia do Rosário, quando terminar a procissão, a gente já vem em procissão deixar ele aqui na casa dela (...) Ele é guardado, só que eu já arrumei hoje ele assim. Ai esse pessoas que caminha, ele passa um ano? ... seis meses? ... um mês e doze dias ou quinze dias. Ele fica aqui mais tempo.

Como em grande parte do Brasil, a Festa do Rosário de Pombal está atrelada a festa de reis negros. No caso de Pombal, a festa está diretamente vinculada a Irmandade dos Negros do Rosário. Considerando todos os mitos de origem, é impossível afirmar o que tenha surgido primeiramente: a Festa ou a Irmandade. O que deve ser considerada é a forte devoção ao Rosário professada pelos negros.

Sobre essas associações, pensando em um contexto mais amplo, desenvolvem-se das relações entre portugueses e africanos a partir dos diferentes contextos de religiosidades do território africano, onde os missionários portugueses expandiriam sua religião. Segundo Rafael Gomes, em *Das terras de lá à terras de cá: reis são reis,* também observa que a coroação dos reis negros associada à devoção a Nossa Senhora do Rosário, a qual é observada através da estrutura das irmandades, já podia ser verificada, em Portugal, por volta do século XV (2014, p. 79). Marina de Mello e Souza salienta: "(...) os negros elegeram Nossa Senhora do Rosário para objeto de culto por terem estabelecido uma relação direta entre o seu rosário e o *rosário de Ifá,* usado por sacerdotes africano" (2002, p. 161). Sendo o Rosário de Ifá mais comum entre os povos yorubás.

Carlos R. Brandão (2010) sintetiza o universo das festas no Brasil, aproximando-se bastante das representações que percebemos na Festa do Rosário de Pombal:

> Algumas vezes, em alguns dias seguidos, em uma noite, em um momento breve, mas único, as pessoas deixam de ser quem são nos outros dias, nos outros momentos, em outras horas da semana, e se entregam à festa (...) [E continua:] (...) revestem-se então de cores e de sedas, de veludos e de singelos símbolos por meio dos quais se transformam em reis e rainhas, em generais, capitães, guerreiros, devotos, em memória de povos da África distante (...) [Brandão, 2010, p. 17].

A descrição de Brandão contribui para compreendermos o universo da Festa do Rosário de Pombal, mais especificamente, de seus brincantes explicitando a recorrência desses tipos de festas no Brasil.

Observa-se, tendo como referência a leitura de Alba Zaluar, o uso dos símbolos na prática religiosa em torno da Festa do Rosário de Pombal referenciando noções abstratas, como solidariedade grupal, poder, autoridade, dependência, reciprocidade social (1983, p. 33). No caso, o Rosário também é importante referência simbólica, que remete a união das populações negras (escravos e libertos), mesmo existindo variações entre os grupos e indivíduos.

Em Pombal, o surgimento da festa é atrelado ao papel da Irmandade do Rosário, como salientado anteriormente. A figura lendária de Manoel Antônio de Maria Cachoeira[39], responsável por conseguir autorização junto ao bispo de Olinda para a instalação da Irmandade dos Negros do Rosário, o que sugere a existência da irmandade em Pombal, entretanto, funcionado de forma "clandestina". Segundo narrativas locais, registradas nas entrevistas com membros da Irmandade do Rosário e de "grupos folclóricos" de Pombal (Congos e Negros dos Pontões), e em trabalhos de pesquisadores do município, como Jerdivan Araújo e Verneck Abrantes, Manoel Cachoeira teria ido três vezes à Olinda pedir permissão ao bispo[40] para a instauração oficial da Irmandade, a qual seria admitida pelos párocos de Pombal somente através do compromisso eclesiástico de 1888[41].

Com a autorização para funcionamento da Irmandade, documentação do primeiro compromisso (1888), e a construção de outra igreja matriz dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso (1897), a antiga igreja passou a ser dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

---

[39] Segundo relatos de pesquisador local (Jerdivan Araújo, em *A Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal)*, Manoel Cachoeira foi um ex-escravo que possivelmente trabalhava nas fazendas de algodão, em Pombal.

[40]Na época, as igrejas da região de Pombal estavam subordinadas à arquidiocese de Olinda.

[41]Segundo Jerdivan Araújo, a Irmandade existia bem antes da autorização dada a Manoel Cachoeira, remetendo a período anterior a 1748 Entretanto, o autor afirma não ter maiores comprovações, além dos testemunhos orais passados de geração em geração pelos membros da própria Irmandade do Rosário.

Possivelmente a Festa já existia, em uma proporção menor, e restrita a ritos religiosos (Araújo, 2014). Esse processo pode ser avaliado como esforço de resistência e integração dos negros diante da exclusão dos brancos católicos.

Interessante nesse ponto destacar a fala de quem acompanha a Festa do Rosário de Pombal de perto. **Paulo Sérgio de Almeida Silva**, sacristão da paróquia de Pombal, contou em minha primeira vista ao município, em setembro de 2014, um pouco da história da igreja de Nossa Senhora do Rosário e da Festa do Rosário. Nossa conversa foi bastante informal, sem nenhum tipo de gravação, ele me relatava alguns fatos e eu anotava. **Paulo Sérgio** ressaltou a presença dos "filhos ausentes" na Festa do Rosário e justificou o comparecimento de tanta gente: segundo o sacristão, a festa une pobres e ricos, diferente do que ocorria com a festa dedicada à padroeira Nossa Senhora do Bom Sucesso, que favorecia a exclusão de parte da população. Paulo Sérgio também narrou histórias que contam a origem da instituição da Irmandade do Rosário. Outro ponto interessante do seu relato foi a grande importância conferida ao Rosário na festa: segundo o sacristão, os participantes consideram o culto ao Rosário de maior importância do que o da própria santa.

Sobre o culto ao Rosário, pude observá-lo em diferentes momentos da Festa do Rosário: na apresentação dos grupos (Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Congos e Reisado), com a contemplação ora do Rosário, ora da santa; em alguns momentos das celebrações; durante as procissões, com o Rosário sendo carregado, e depois substituído pelo papel de destaque da imagem da santa; na vigília, quando o Rosário é guardado, durante a noite, na Casa do Rosário, e depois cultuado antes da penúltima procissão da Festa do Rosário. O culto também é observado durante todo o ano, com a celebração do Rosário feita através de orações, quando os fiéis se reúnem uns nas casas dos outros.

Na segunda visita realizada ao município de Pombal, em outubro de 2014, presenciei os preparativos iniciais para a Festa do Rosário. Na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, pude acompanhar a abertura da Festa e perceber a forte mobilização da população[42] para a preparação da igreja. Nos bastidores dessa mobilização, avistamos (neste momento, eu estava acompanhada da técnica Olga Enrique) o senhor **João Raimundo**, rei da Irmandade do Rosário. Em uma conversa informal, considerando que não tínhamos combinado nenhum encontro, ele nos contou um pouco das experiências e atritos que envolvem a Irmandade. Também conversamos com algumas pessoas responsáveis pela organização e ornamentação

[42]Pessoas envolvidas com os trabalhos comunitários e voluntários da Paróquia de Pombal, em sua maioria mulheres, na faixa de 40 anos. Também é forte a presença de jovens, possivelmente inseridos em grupos de orações.

da igreja. Nesse momento conseguimos informações sobre o início e o trajeto da procissão do Rosário e observamos a montagem da festa: as barracas, o palco e o parque. Esses foram os primeiros aspectos observados em relação à festa, sobretudo a mobilização de seus participantes, o que nos forneceu impressões importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.3.1. Folclore, cultura popular e tradição

Sobre os aspectos e categorias relacionadas ao universo da Festa do Rosário de Pombal, nota-se nas narrativas locais a recorrente utilização do termo "grupos folclóricos" para designar os grupos ligados a formas de expressão que se apresentam na Festa. Pretende-se, aqui, problematizar essas designações.

Assim, a noção de folclore surge como uma categoria do século XIX para se determinar e valorizar o conhecimento do povo (Fernandes, 2003, p. 39). Entretanto, segundo Florestan Fernandes, existem, já nesta época, conflitos em relação aos termos cultura e folclore, sendo o primeiro associado a formas de expressão das "classes mais elevadas", transmitidas através da escrita. Deste modo, o folclore seria a cultura das "classes baixas", transmitida oralmente (2003, p. 39). Ainda, complementa o autor, o folclore era situado "como uma 'ciência do saber popular' ou como "análise de um novo tipo de saber humano, pelo menos no sentido restrito e pouco preciso" (2003, p. 44).

Antonio Gramsci, por sua vez, já havia questionado o entendimento de folclore como associado a superstições ou mesmo algo pitoresco (1968, p. 183). E defende:

> O folclore não deve ser concebido com algo bizarro, mas como algo muito sério e que deve ser levado a sério. Somente assim o ensino será mais eficiente e determinará realmente o nascimento de uma nova cultura entre as grandes massas populares, isto é, desaparecerá a separação entre cultura moderna e cultura popular ou folclore. (1968, p. 186-187)

Jana Rafaella Machado (2014) em sua dissertação contextualiza as discussões relacionadas à "cultura popular" e "folclore", no Brasil, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970. Segundo a autora, os conceitos de "cultura popular" e "folclore" foram importantíssimos para o fortalecimento da noção de identidade nacional. No contexto da ditadura civil-militar de 1964, essa perspectiva de identidade nacional esteve associada à intenção de integração nacional em nome da "Segurança Nacional" (Machado, 2014, p. 90). Em alguns contextos do Brasil, como ainda aponta Machado, a popularização da cultura leva à associação de "cultura popular" como "cultura do povo"; assim, "cultura popular",

“folclore”, e “cultura do povo” passam a ser percebidos como sinônimos. Ainda hoje essa concepção reverbera nas discussões relacionadas à cultura.

No contexto estudado de Pombal, consideramos as manifestações como parte da cultura local, sem atribuições prévias que reforçassem qualquer tipo de segregação. No discurso das pessoas entrevistadas, os grupos que se apresentam na Festa são tratados como “grupos folclóricos”. Através de seus discursos, nota-se que não é um tratamento pejorativo, mas fica evidente a permanência de uma separação entre cultura erudita e cultura popular.

Em relação a essa distinção entre “cultura popular” e “cultura erudita”, Oswaldo Elias (1976) ressalta que a cultura popular e o folclore não devem ser tomados como etapas a serem vencidas através do desenvolvimento sociocultural, ou seja, uma vez que para a “cultura erudita” são selecionados valores, símbolos e outros tipos de signos consagrados, por outro lado, outros tipos de valores são desqualificados e postos como “cultura popular”. Ambas devem ser concebidas como produtoras de costumes, normas, crenças, representações de vida, sabedoria, literatura, arte, artesanato, técnicas, etc., sem a imposição de hierarquias.

Marcando uma distinção clara, Antonio Augusto Arantes (1990) faz críticas aos autores que pensam “cultura popular” como “folclore”, partindo do entendimento de que este designa um conjunto de objetos, práticas e concepções, consideradas “tradicionais”. Sua contraposição se dá, sobretudo, por avaliar que pensar a “cultura popular” como sinônimo de “tradição” é o mesmo que afirmar que a “cultura popular” foi melhor no passado. Essa concepção remete, no entendimento do antropólogo, a um olhar estagnado sobre a “cultura popular”. Contrapondo-se a isso, Arantes aponta que precisamos entender a cultura popular como algo em constante processo de mudanças. Essa perspectiva dialoga com a visão de Aloísio Magalhães (1985) sobre a valorização dos bens culturais:

> O que caracteriza a autenticidade são alguns valores atribuídos àquele fenômeno, àquele objeto, àquele ato. É também importante não privilegiar as representações mais elaboradas, mais sintéticas, que são importantíssimas, mas são algumas, sobretudo num país em transformação (1985, p. 63).

A problematização quanto ao termo “cultura popular” ainda utilizado para designar essas expressões e práticas em conjunto permitiu a Peter Burke indicar pelo menos duas incertezas: o termo daria uma falsa impressão de homogeneidade e o melhor seria utilizar o termo no plural (“culturas populares”); segundo, que a relação entre uma cultura dos “povos” e outra cultura das elites deveria ser pensada na interação e não na divisão (2010, p. 17). Encontramos, ainda, a vinculação entre tradição/herança e folclore. Sobre a questão da “tradição”, Peter Burke (2008) indica:

> O que conta como "autenticidade" cultural, uma vez que as tradições, como todo historiador sabe, mudam com o tempo? É prudente, para dizer o mínimo, discutir essas questões em termos de mais/menos, e não de ou/ou, descrevendo culturas como mais ou menos homogêneas, mais ou menos flexíveis, mais ou menos nitidamente distintas de suas vizinhas e assim por diante, escapando assim do perigo da "essencialização".

Folclore, cultura popular ou cultura erudita, tradição são termos que não devem ser naturalizados, por isso o alerta para a problematização na sua utilização. Para pensar essa discussão sobre folclore, tradição[43] e cultura popular, observei a disputa por espaço dos "grupos folclóricos" na Festa do Rosário de Pombal. Durante a nossa estadia na cidade, foi bastante discutida a falta de espaço para a apresentação dos grupos, devido à colocação de bancos no adro da igreja para os fiéis participarem das missas. Na reunião do dia 13 de agosto de 2015 (noite)[44], realizada em prédio de uma associação da paróquia de Pombal, onde estiveram presentes membros dos grupos do Negros dos Pontões, Congos, Irmandade do Rosário e Reisado, além de representantes da paróquia de Pombal, técnicos do Iphan/PB e pesquisadores locais, foram realizados vários depoimentos sobre a questão do espaço para a apresentação dos grupos. Ao ser indagado sobre a apresentação dos grupos, o senhor **Clóvis Rufino**, na ocasião chefe dos Negros dos Pontões, disse: "No tempo de Biró do Sul [45]era diferente demais (...) naquele tempo não tinha banco (...) hoje é cheio de banco (...)". A questão dos bancos mostra a divergência entre a paróquia de Pombal e os "grupos folclóricos".

Nesta reunião, ficou perceptível o uso da palavra "tradição" como justificativa para permanência e continuação das práticas culturais. Argumento utilizado por quase todos que ali se encontravam. Sobre essa questão, interessante observar o questionamento de Hermano Vianna: "O que queremos preservar quando falamos em *preservação das tradições*? Preservar o quê, para quê, para quem, por quê? As perguntas continuam ingênuas (...)" (2005, p. 308). Considerando isso, podemos pensar se a preservação deve considerar as antigas tradições ou os significados atribuídos a cada ano que vão se atrelando ao universo das festas, por exemplo.

Pensando na patrimonialização dessas tradições, cabe retomar as colocações de Vianna:

---

[43] Quando atribuído ao universo da Festa do Rosário trago a palavra "tradição" como nativo dos sujeitos que me concederam entrevista.

[44]Essa reunião será melhor discutida no terceiro capítulo desta dissertação, onde tratará da patrimonialização da Festa do Rosário.

[45]Um dos primeiros chefes do grupo dos Negros dos Pontões.

> O que faria o governo? Entraria em pânico, diante da possibilidade da perda de uma tradição tão importante para a vida cultural da cidade e injetaria verbas na festa, para que permanecesse viva? Ou apenas registraria a festa, para conhecimento das futuras gerações. Realmente seria ótimo ter bons registros dessa festa – mas podemos registrar tudo? Onde guardar tanto registro? (Vianna, 2005, p. 308)

Seria essa a melhor solução para as tradições? Para as tradições dentro da Festa do Rosário? Penso que Vianna conseguiu se aproximar mais de uma realidade para as tradições:

> É preciso, então, circular, fazer circular, inventar novas conexões. Possibilitar encontros interbrincadeiras, para que novas brincadeiras possam surgir, e não cultivar a mentalidade que trata os brincantes (os *populares*) como *coitadinhos,* indefesos, extremamente vulneráveis a qualquer ameaça externa, só podendo sobreviver com a ajuda de *nossas* políticas culturais de proteção (...) As festas populares se alimentam de inovações há muito tempo. Ninguém pode controlar sua constante folia. (Vianna, 2005, p. 313).

Verifica-se na fala de grande parte dos membros dos grupos de Pombal o saudosismo, como foi exemplificada na fala do falecido senhor **Clóvis**, ao remeter ao espaço das apresentações dos grupos. Esse diálogo foi importante para compreender as necessidades dos grupos naquele momento, mas também é significativo perceber as mudanças que ocorrem nessas tradições. As transformações são recorrentes, por isso, o diálogo é sempre importante não somente pela permanência, mas para a adaptação às transformações. Importante compreender que manifestações, expressões, práticas e tradições dizem respeito ao universo mais amplo da cultura, com base no processo de atribuição de valores.

Sobre esta discussão, quando o padre[46] **Ernaldo Sousa**, da paróquia de Pombal, menciona o fato dos "grupos folclóricos" serem vistos apenas como folclóricos, em minha concepção, significa um alerta para que os mesmos não sejam tratados como uma atração cultural, mas sim tratados à altura de sua significação de resistência, com um papel ativo na festa, como foi declarado em minha presença. Por outro lado, dona **Rosa de Sousa Batista**, ex-rainha da Irmandade do Rosário, em sua entrevista, afirmou a manutenção das funções da Irmandade: "Tem que manter a tradição"[47]. E ressaltou que nenhum padre poderia interferir nas reuniões da Irmandade, o que nos faz retomar a questão do conflito entre as atividades da Irmandade do Rosário e o pároco atual.

Ao trabalharmos com a Festa do Rosário de Pombal, por mais que encontremos semelhanças entre as festas brasileiras, as devoções ao Rosário no Brasil, os grupos participantes, cada um desses elementos deve ser pensado individualmente. Mesmo com tantas proximidades, existem especificidades e diante delas as políticas públicas e instituições

[46]Entrevista realizada em 17 de agosto de 2015.
[47]Entrevista realizada com Rosa de Sousa Batista, em 17 de agosto de 2015, na Casa do Rosário.

de preservação, como o Iphan, que devem avaliar as individualidades para melhor trabalhar universos tão plurais como o da Festa do Rosário de Pombal.

Entre as expressões culturais relacionadas à Festa, temos os grupos da Irmandade do Rosário, Negros dos Pontões, Congos, Reisado; mas também a igreja de Nossa Senhora do Rosário, como lugar de referência, os caminhos das procissões, a Casa do Rosário, a venda de produtos artesanais e os espaços reservados para as festas religiosa e profana[48]. Esses elementos serão melhor detalhados ao longo do trabalho.

1.3.2. A ancestralidade negra

Uma característica importante da região está relacionada às identidades negras, construídas pelos descendentes dos negros escravizados e libertos e presente, ainda, na cultura do município e nos quilombos existentes na região. O sentido de quilombo aqui atribuído dialoga com o de Elio Flores, que destaca as "territorialidades de liberdades conquistadas e reavivadas" (2015, p. 06). Assim, muitas das tradições e expressões culturais presentes na Festa do Rosário estão relacionadas à trajetória das comunidades remanescentes dos quilombos em Pombal, como territórios da resistência desses grupos sociais.

Pude perceber a Festa do Rosário como multiétnica, multicultural e multifacetada, embora ela sempre seja referenciada como um elemento, uma referência de identidade para os grupos e comunidades negras. Esse fato deve-se à presença, nos grupos participantes da Festa do Rosário, das comunidades dos Daniel e Rufinos do Sítio São João, ambas certificadas pela Fundação Palmares em 2011, mas ainda sem processos de regularização fundiária no Incra, segundo foi verificado.

Na concepção de Fredrick Barth (1994), os grupos étnicos, equivalente ao que chamamos hoje de quilombos são grupos que alcançam práticas de resistência e reprodução de modos de vida em um lugar, com uma identidade partilhada. José Maurício Arruti utilizou-se de Fredrick Barth, principalmente seus trabalhos sobre "grupos étnicos", para a formulação de discussões no campo. Em trabalhos como *Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola* (2006) Arruti define os quilombos ou remanescentes quilombolas:

> As comunidades quilombolas constituem grupos mobilizados em torno de um objetivo, em geral a conquista da terra, e definidos com base em uma designação (etnônimo) que expressa uma identidade coletiva reinventada com base em fatores pretensamente primordiais, tais como uma origem ou

[48]Possível verificar nos anexos deste trabalho tabela de agentes atuantes em Pombal (grande parte entrevistados), suas relações com as expressões culturais, com meio urbano e rural.

> ancestrais em comum, hábitos, rituais ou religiosidade compartilhados, vínculo territorial centenário, parentesco social generalizado, homogeneidade racial, entre outros. Nenhuma destas características, porém, está presente em todas as situações, assim como não há nenhum traço substantivo capaz de traduzir uma unidade entre experiências e configurações sociais e históricas distintas (Arruti, 2006, p. 39)

Por sua vez, Maria Ester Fontes e Fernanda Lucchesi (2013) discutem definições atuais em âmbito nacional para os quilombos, possivelmente influenciadas pelos trabalhos de Arruti:

> Dessa nova perspectiva, são considerados remanescentes de quilombos grupos étnicos cuja trajetória é fruto de um processo histórico de resistência ao sistema escravocrata e suas consequências. O termo passa a denominar também não apenas os grupos constituídos por "negros fugidos", mas aqueles formados em terras doadas, compradas, concessões feitas pelo Estado, áreas apossadas livremente ou através do regime de aforamento ou de moradia (p. 59).

Interessante também considerar a perspectiva de Alberto Banal (2013, p. 20-21), que aponta que os quilombos não devem ser pensados como resquícios do passado, onde apenas a sua memória deve ser preservada, mas sim como um desafio do presente e um compromisso com um futuro em relação ao acesso das comunidades a suas terras, que durante tanto tempo lhe foi negado.

Complementando esses autores e suas teorias, Beatriz Accioli Vaz (2014), em sua dissertação, aponta que as comunidades remanescentes de quilombos ou quilombolas possuem elementos que as identificam como semelhantes. Entre esses elementos estão formas específicas da territorialidade, destacando-se o uso comum e o entendimento da terra como território simbólico (p. 15). A palavra "remanescente", no contexto que estamos analisando, aparece na Constituição Federal de 1988, com um sentido que remete ao passado que não existe mais. Portanto, sofre críticas no cenário de negociações e disputas em torno das práticas de reconhecimento das comunidades quilombolas atuais, diante das concepções apontadas anteriormente.

No contexto da legislação brasileira, o Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, conceitua os remanescentes de quilombos como: "grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada à opressão histórica sofrida". Como destaca Vaz (2014), essa definição possibilita que as teorias conceituais sobre quilombo desconsiderassem o processo histórico, possibilitando a titulação de terras até mesmo por grupos que não são quilombolas e que se auto declarem como tais (p. 37). Entretanto, devem-se considerar as relações estabelecidas no presente por estas comunidades. E o que o seu

processo histórico nos indica sobre o seu reconhecimento como grupos negros e suas relações específicas, sendo os direitos desses grupos conquistados durante um longo processo de resistência e luta.

Foram com base nesses critérios que a comunidade Rufinos do Sítio São João e comunidade Daniel foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), em 2011, a partir do auto reconhecimento das comunidades, com base na sua identificação como comunidade negra no presente, e carregada de símbolos que os une. Tudo indica que as terras atualmente certificadas remetem ao território onde os escravizados e libertos permaneceram após os antigos proprietários perder seu poder econômico e coercitivo. Merece destaque o fato de que apenas três comunidades representam quilombos urbanos no estado da Paraíba, e entre elas está a comunidade Daniel, em Pombal.

A certificação[49] se deu primeiramente por meio da comunicação através de ofícios entre as comunidades quilombolas e a Fundação Cultural Palmares. Dois ofícios[50]foram enviados pelas duas comunidades quilombolas. Um dos ofícios, enviado pela Comunidade dos Daniel, remanescente dos quilombolas negro dos Daniel /Pontões, assinando Maria de Fátima Daniel da Silva Santos, solicitando a certidão de reconhecimento como comunidade quilombola. Anexado ao ofício formam enviados: certidão de ata de autodefinição da comunidade remanescente quilombola "Dos Daniel" – e criação da Associação "Comunidade dos Pontões/Daniel" (Pontões), datada de 12 de abril de 2008. Nesta ata consta a descrição de reunião ocorrida na igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, participação de vinte pessoas da comunidade, representantes da sociedade civil organizada e do presidente do Centro de Educação Integral: "Margarida Pereira da Silva" (CEMAR). Na reunião foi realizada rememoração da história dos escravizados e contribuição da família negra dos Daniel para a cultura e a economia, como o grupo de dança Negro dos Pontões. Reflexão dos desafios que a comunidade dos Daniel tem enfrentado na conquista de espaços sociais, econômicos e educacionais. Na ata ainda consta que durante a reunião houve várias demonstrações de orgulho por fazerem parte da comunidade quilombola e reafirmaram o desejo de serem reconhecidos como remanescentes de quilombos, como forma de resistência ao preconceito étnico-racial da sociedade em geral.

[49]Sobre a certificação e o contato com os documentos aqui relacionados à certificação foram obtidos através da comunicação por meio de mensagens de e-mail da autora com a Fundação Cultural Palmares- departamento de certificação.

[50]Ambos de mesma numeração e mesma data: Ofício 001/2011 – 22 de março de 2011. Foram encaminhados à mim pela Fundação Cultural Palmares (onde encontram-se arquivados) por meio de mensagem eletrônica.

No caso da comunidade dos Rufinos do Sítio São João, o ofício enviado para a Fundação Palmares foi assinado por Manoel da Silva Santos (presidente da comunidade naquele momento). Foi enviada também a ata de reunião de 30 de maio de 2010, realizada na Sede da Associação Comunitária do Sítio São João. Essa reunião contou com a participação de 47 pessoas da referida comunidade e representantes do CEMAR. Foi destacada sua contribuição cultural e econômica da cidade, por meio das louceiras, artesãs que trabalham com barro, das rezadeiras, e dos participantes do grupo dos Negros dos Pontões. A ata também faz referência à importância de autodefinição das comunidades, em diálogo com a política federal que buscava "reparar" os males causados pela exclusão dos negros através de benefícios e oportunidades para a comunidade.

Cabe destacar, aqui, as visitas realizadas nas comunidades quilombolas, onde grupo dos Negros dos Pontões se originou. Na primeira visita realizada a Pombal (11 de setembro de 2014), também visitamos as comunidades, onde nos encontramos com Gilson Ribeiro, líder da comunidade quilombola Daniel. O encontro foi promovido por Socorro Martins, por interesse do Iphan/PB em conhecer as comunidades quilombolas da região. Assim, seguimos viagem no carro do Iphan para a comunidade quilombola dos Rufinos, guiados pelo **Gilson**. Durante o caminho, nosso guia mencionou o reconhecimento da comunidade dos Daniel (comunidade quilombola urbana, a qual ele pertence) pela Fundação Cultural Palmares[51].

Também conversamos a respeito das comunidades quilombolas. **Doralice**[52] e **Gilson** afirmaram que pelo menos uma vez eles se reúnem com suas respectivas comunidades, cada qual na sua associação, para discutir suas demandas. Também citaram algumas comunidades quilombolas da região que estão articuladas, e a participação delas na certificação do Rufinos do Sítio São João como comunidade quilombola: (...) "Que o governador vem pra qui, aí vem muita gente aqui da comunidade. Veio de Tavares, de Coremas, de Cajazeirinha, como é? Catolé do Rocha". E sobre o reconhecimento das outras comunidades, Doralice afirma: "Tem muita comunidade reconhecida: Tavares, Catolé do Rocha, é (...) Triunfo, a de lá é Os Quarenta[53]. Mas não foi reconhecida ainda. São 38, falta duas né? São 36 reconhecida".[54]

Partindo da autodeclaração das comunidades quilombolas, as pesquisadoras Maria Ester Fortes e Fernanda Lucchesi (2013) atribuem o crescimento de sua demanda na Paraíba (caso da comunidade Rufinos do Sítio São João e da comunidade dos Daniel), a um

[51] Através do site da Fundação Cultural Palmares (http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=PB), pode ser observado que desde 2011, as comunidades Rufinos do Sítio São João e Daniel obtiveram o reconhecimento pela instituição.
[52]Líder da comunidade remanescente de quilombo Rufinos do Sítio São João.
[53]Comunidade remanescente de quilombo da cidade de Triunfo/PB.
[54]Entrevista realizada com Doralice, no dia 11 de setembro de 2014, no Rufinos do Sítio São João.

movimento nacional mais amplo de emergência de novas identidades em tempos de multiculturalismo. Também remetem as tensões das disputas pelo acesso à terra a visibilidade de uma população excluída no cenário de reivindicações por direitos (p. 56).

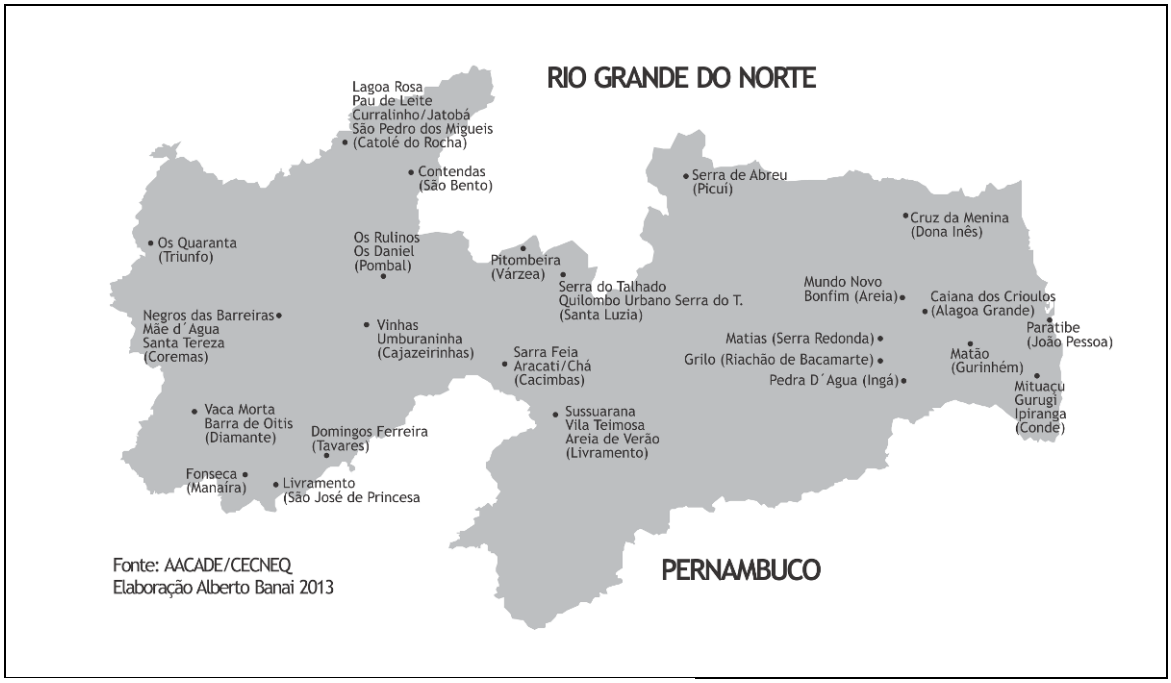


Figura 20 - Localização dos quilombos no estado da Paraíba.
Fonte: livro "Quilombos da Paraíba". Modificado por Felipe Coutinho.

Com base nessa trajetória das comunidades quilombolas de Pombal, observa-se sua forte presença e a identidade negra a Festa do Rosário, ou seja, uma origem marcada pela cultura afrodescendente que buscava lugar e espaço em meio ao cotidiano e às sociabilidades locais. É bastante forte a presença de quilombolas no grupo dos Negros dos Pontões. Mesmo que nos outros grupos não seja tão comum a presença de quilombolas, ainda assim observa-se a auto definição como afrodescendentes. Dentro dessa variedade de elementos, é importante reconhecer a diversidade de origens dos quilombos em sua atualidade, conforme ressalta Vaz:

> (...)mesmo que se reconheça a existência de elementos comuns como a territorialidade desses grupos, que remete a importância do território como lugar de produção e reprodução social e simbólica, e a ideia de resistência que se objetiva de diferentes maneiras, seja como engajamento em um movimento político mais amplo seja pela manutenção de elementos identitários e de memória aos quais confere essa carga simbólica (...) [Vaz, 2014, p. 22].

Deslocando essa discussão para a compreensão da identidade como instrumento de valorização do patrimônio afro-brasileiro, podemos compreender o processo de deslocamento das identidades nacionais, que ocorre devido a demandas por representação de grupos

subalternizados historicamente, em meio ao contexto de ampliação do conceito de patrimônio (Lima, 2012, p. 95-96). Assim, também podemos discutir o processo de reconhecimento da Festa do Rosário como um reconhecimento da herança afrodescendente pelos grupos que compõem a festa em Pombal, exaltando também a diversidade dessa expressão cultural, observada por meio dos discursos dos membros desses grupos.

Sobre a identidade cultural, podemos considerar o sentimento de pertencimento como algo que, segundo Lia Motta, "reconhece suas múltiplas identidades e as utiliza como forma de se situar no mundo, de se fazer ser reconhecido e se reconhecer como pertencendo aos grupos e lugares" (Motta, 2011, p. 185). Assim, o patrimônio cultural, no caso das expressões culturais articuladas em torno da Festa do Rosário, transfigura-se numa forma de conceber a diversidade local, regional e dos grupos sociais de Pombal. Joël Candau (2014), por sua vez, afirma que "a memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação sempre mutável mantida com o outro" (p. 50). Dessa formulação, podemos instrumentalizar a ideia de que a permanência desses grupos e as relações compartilhadas na Festa do Rosário estão associadas à memória coletiva e à identidade cultural compartilhadas entre esses sujeitos.

As relações identitárias compartilhadas entre os grupos formam-se a partir do interesse de continuidade da Festa do Rosário, movidos pelo desejo de ser percebidos e reconhecidos em sua devoção alguns, ao Rosário, outros, a Nossa Senhora do Rosário, e contra a alienação de suas presenças no contexto da Festa do Rosário, tornando-os parte do seu jogo identitário (Candau, 2014, p. 122).

Partindo da perspectiva que não existem identidades fixas e únicas, sejam quais forem, segundo Stuart Hall, no mundo globalizado as mudanças são cada vez mais rápidas, possibilitando as constantes mutações nos conceitos e perspectivas (Hall, 2011). Observando esse aspecto em Pombal, mais especificamente entre os "grupos folclóricos" (Congos, Irmandade e Negros dos Pontões) relacionados à Festa do Rosário, nota-se a constante afirmativa de suas identidades como afro-brasileiras. No grupo dos Negros dos Pontões fica ainda mais fácil perceber essa relação, não apenas pela autodeclaração dos sujeitos, mas também pelo fato de grande parte deles viverem em comunidades quilombolas, e esboçarem consciência a respeito de assumirem suas identidades.

A identidade que se trata aqui é correspondente ao sentimento de pertencimento aos grupos, neste caso, que se assumem como afro-brasileiros[55] e participam de uma luta política

[55] Afro-brasileiros no sentido que Alba Wanderley (2011) também utiliza: brasileiro que descende de africanos.

por igualdade de direitos (Wanderley, 2009). Na grande maioria dos grupos relacionados com a Festa do Rosário, a relação de pertencimento e essa identidade se dão por meio dos grupos familiares. Os integrantes começam a se interessar e ingressam nos grupos por influência de seus familiares.

O espaço da Festa do Rosário e os grupos relacionados representam a possibilidade que a diáspora, inicialmente, negou através do tráfego negreiro, mas que, por outro lado, possibilitou através da convivência que culminou na formação de manifestações culturais como a Festa do Rosário, e outras expressões relacionadas a ela. Representou e ainda representa espaço de encontros, de sociabilização e criação/ressignificação de identidades, com base da expressão de suas culturas em outro contexto. Espaços como a Festa do Rosário e os quilombos podem ser vistos como representações da conquista dos negros e recriação de suas identidades através da transmissão de suas tradições (Wanderley, 2009).

Com a vivência na festa, por meio do depoimento dos agentes que fazem a Festa do Rosário, e também por meio das leituras dos trabalhos relacionados a esse universo, essa identidade fica bastante evidente. Mas, como essas identidades dialogam com outros presentes nesse contexto, e como a multiplicidade de perspectivas sobre festas como a do Rosário de Pombal são compreendidas dentro do Iphan e trabalhadas no contexto das políticas públicas? Isso é o que também será discutido ao longo deste trabalho.

1.4. Expressões culturais e lugares associados à Festa do Rosário

1.4.1. Expressões Culturais

- A Irmandade do Rosário:

Sobre a Irmandade do Rosário, encontramos informações nas entrevistas realizadas com seus integrantes[56] que, somadas àquelas da bibliografia estudada, apontam para semelhanças entre a organização dos festejos no município e outras manifestações conduzidas pelas Irmandades em outras localidades do Brasil. Nesse sentido, as festas podem ser consideradas uma oportunidade de divertimento e resistência no sentido verificado anteriormente. Também observamos, a partir da leitura de Rafael Barros Gomes (2014), alguns elementos que evidenciam semelhanças entre as Irmandades no Brasil, especialmente

[56]João Raimundo da Silva ou também conhecido por João Coremas (rei da Irmandade); Edmilson Evaristo Neri (suplente do rei da Irmandade); Francisco de Sousa Lopes (irmão de Opa); Rosa de Sousa Batista (ex-rainha da Irmandade); e Maria do Socorro Ferreira Martins (atual rainha da Irmandade).

nas Irmandades do Rosário, como a tradição de se rezar em conjunto, a devoção aos santos, os ritos conduzidos por sacerdotes, e as procissões acompanhadas por danças.

No município de Pombal, não se conhece a data precisa do surgimento da Irmandade do Rosário, mas apenas relatos, tanto de integrantes da Irmandade do Rosário, dos outros "grupos folclóricos" e pesquisadores locais, quanto a sua oficialização, a qual teria sido ocorrida através da persistência de Manoel Antônio de Maria Cachoeira. Também segundo os relatos locais, a Festa do Rosário foi constituída, em Pombal, a partir da Irmandade.

Pode-se notar o forte destaque conferido à trajetória de Manoel Cachoeira pelas homenagens prestadas por meio de nomes de ruas e pela sua menção em todas as indagações sobre o surgimento da Irmandade do Rosário a seus membros, como o senhor **João Raimundo** (rei da Irmandade):

> O povo conta que esse Manoel Cachoeira passou oito dias sumido sem saber onde tava (...) ai a mãe dele, ele acompanhou a mãe dele sem ela ver, naquele tempo não existia esse negócio, ai ela foi buscar uma lavata de fogo dentro da cozinha, ai ela não viu, ai dizem que ela fez uma promessa para Nossa Senhora do Rosário e ele ficou assim ... oito dias sem comer e sem beber (...) acharam ele como morto... ele foi a Olinda três vezes de pés, de pés (...) cumprir essa promessa, não é assim? [57]

O relato acima discorre sobre a promessa que a mãe de Manoel Cachoeira teria feito a Nossa Senhora do Rosário, quando ele, muito jovem, se perdeu e foi encontrado depois de oito dias. A promessa teria motivado suas três viagens a pé até Olinda/PE, quando conseguiu, enfim, autorização para oficializar a Irmandade do Rosário em Pombal.

Em conversa com **Verneck Abrantes** e **Jerdivan Nóbrega**,[58] estes salientaram alguns aspectos a respeito da figura de Manoel Cachoeira. Entre esses aspectos, destacam que sua casa foi doada para a devoção do Rosário; entretanto, a mesma foi vendida pela paróquia de Pombal, que era proprietária do imóvel. Atualmente, a devoção passou a ser realizada em uma casa vizinha, intitulada de Casa do Rosário.

Ainda segundo **Jerdivan Araújo** (2014, p. 22), em sua origem, a Irmandade não resumia sua atuação à organização da festa, mas também estendia sua ajuda aos irmãos com a compra de alforrias e o amparo às famílias desamparadas. Após a abolição da escravatura, em 1888, as atribuições da Irmandade do Rosário se transformam. Não foi possível precisar exatamente quando essa atuação mudou, considerando que após a abolição as relações sociais

[57]Entrevista com senhor João Raimundo dos Santos (João Condado), Rei da Irmandade. Realizada em 03 de outubro de 2014.
[58] Entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2014.

no interior do Brasil se alteraram muito lentamente, mantendo-se a exclusão das comunidades negras.

O *Compromisso da Irmandade*, documento que organiza as funções da Irmandade do Rosário de Pombal, foi transcrito por Wilson Seixas[59] (falecido pesquisador da história de Pombal). O original do manuscrito não foi encontrado; entretanto, este documento, que descreve as funções e objetivos da Irmandade, guia a postura e atuação de seus membros até hoje.

Durante o período que permaneci em Pombal, sobretudo na vivência da Festa do Rosário (outubro de 2014), foi possível acompanhar algumas atividades da Irmandade durante a festa. Na manhã do domingo do Rosário, acompanhamos os Negros dos Pontões no tradicional café da manhã realizado todos os anos, oferecido pelo senhor **João Raimundo**, rei da Irmandade. Neste momento, podemos verificar a confluência existente entre os grupos da Irmandade do Rosário e dos Negros dos Pontões. Juntamente com a Irmandade, o grupo dos Negros dos Pontões é o que mais aparece durante a Festa. Sua atuação se estende desde a abertura até o encerramento.

O quadro da Irmandade é composto por Juiz ou Rei, suplente do Rei, Rainha, Tesoureiro, Zelador e doze irmãos de opa ou de mesa[60], todos escolhidos entre os membros, eleitos mediante julgamento de suas condutas. Em suas apresentações, os irmãos da Irmandade do Rosário se vestem com calças e camisas brancas, colete azul e opa branca (Benjamin, 1977). Diferenciam-se apenas o rei e a rainha. Segundo foi observado *in loco*, o rei se veste com colete azul com bordado dourado, que fica sobre uma camisa e calça social branca e em sua cabeça a coroa; e a rainha traja um vestido branco, com acessórios como colares e também sobre a cabeça uma coroa.

[59]A transcrição datada de 1957 encontra-se, hoje, sob a guarda de Edmilson Evaristo Nery (suplente do rei da Irmandade do Rosário).
[60]Responsáveis pela arrecadação de doações.



Figura 21 - Rainha e Rei atuais da Irmandade do Rosário. Autora: Olga Enrique. Acervo: Iphan/PB, 2014.

Em outubro de 2014, realizamos entrevista com o senhor **João Raimundo dos Santos**, também conhecido por **João Coremas**, com 88 anos completados no ano de 2016, rei da Irmandade do Rosário há mais de trinta anos. A entrevista foi realizada em sua residência, localizada na cidade de Pombal. Hoje, aposentado, apenas exercendo a função de rei da Irmandade, o senhor **João** informou sobre a composição do grupo e descreveu o que sabia sobre sua origem[61]. Fato relevante de seu depoimento foi a narrativa sobre a devoção a Nossa Senhora do Rosário: "Primeiro tem a madrinha de apresentação e de vera[62]. Papai queria e mamãe não queria, aí minha avó chegou e disse e resolveu a questão todinha, é Nossa Senhora (...) foi resolvido (...) a minha madrinha. E antes de morrer ela dizia: meu filho, Nossa Senhora é sua madrinha". Sua narrativa corresponde a sua trajetória de devoção a Nossa Senhora do Rosário, que se iniciou em sua infância, quando seus pais nomearam Nossa Senhora do Rosário como sua madrinha.

[61]A história que envolve o surgimento da Irmandade do Rosário está presente nas narrativas e memória dos entrevistados desta pesquisa e fortemente destacada nas bibliografias consultadas. Todas elas envolvem a descrição da história de Manoel Cachoeira. Entre as bibliografias consultadas, destaco: Jerdivan Araújo (2014), Verneck Abrantes (2008) e Taise Farias (2011).

[62]Termo popular para designar que algo realizado feito de verdade, concretamente.



Figura 22 - Entrevista com senhor João Raimundo. Da esquerda para direita: João Raimundo (rei da Irmandade) e Miguel Ferreira (rei dos Congos).
Foto da autora, 2014.

Segundo o senhor **João Raimundo dos Santos**, o papel do rei na Irmandade representa liderança. Sobre sua eleição, afirmou que a postura do candidato conta bastante: "Vai vendo o comportamento da pessoa". A eleição para rei e rainha é efetivada de dois em dois anos: "De dois em dois anos (...) continua. Ou, se ele tiver errando muito, não volta, se não estiver volta"[63].

Ainda sobre a composição da Irmandade, o senhor **João Raimundo dos Santos** declara que, na época em que ingressou (1991), apenas os negros poderiam participar; posteriormente, alguns homens brancos começaram a ser admitidos. Em relação à rainha, parece ser exigido a ela mais do que ao rei, considerando que o rei pode ser casado e constituir família, enquanto a rainha não. Senhor **João Raimundo** declara: "A rainha é muito importante, mas se não cumprir os devê (...) Toda rainha não pode casar não (...) Não pode beber, nem bebida nenhuma".

Através das entrevistas com as senhoras **Rosa de Sousa Batista** e **Mundinha**,[64] ambas ex-rainhas da Irmandade, e que há trinta anos vivem na Casa do Rosário, pode-se perceber o processo de escolhas das rainhas no passado. No caso específico das rainhas, declararam que

[63]Entrevista com o senhor João Raimundo dos Santos, no dia 03 de outubro de 2014.
[64] Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2015.

a eleição era por aclamação, ou seja, os membros da irmandade se reuniam e votavam. Depois passou a ser por "joia", o que significava que quem contribuísse mais, através da arrecadação de dinheiro para a Igreja, seria eleita rainha. Atualmente a escolha voltou a ser por aclamação, de três em três anos, segundo declarações das rainhas, Rosa e Mundinha. Por quatro anos, **Rosa** foi rainha da Irmandade do Rosário, e **Mundinha**, por mais de 40 anos, sem interrupções. Ambas não se casaram. Mundinha encerrou a entrevista declarando: "Eita, meu Deus! Eu gostava. Vou mentir não".



Figura 23 - Da esquerda para direita: Mundinha e Rosa (ex-rainhas da Irmandade).
Foto da autora, 2015.

Em relação à atual rainha da Irmandade do Rosário, **Maria de Sousa Santos**, mesmo declarando em entrevista a importância de sua função,[65] deixou transparecer, por meio de sua postura (muito recatada, com a fala retraída, com dúvidas sobre sua continuidade na Irmandade do Rosário), a pouca motivação em exercer a função. Declarações de outros membros da própria Irmandade descrevem que a atual rainha ainda não está bem inserida em suas funções. Observei que muito de seu desconforto se deve a sua timidez e a comentários feitos por membros da Irmandade, que destacam o pouco interesse da rainha pelas atividades do grupo.

[65]Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2015.



Figura 24 - Entrevista com a atual rainha da Irmandade, Maria de Sousa Santos. Foto da autora, 2015.

Em outubro de 2014, foi possível realizar, também, uma conversa com o **Edmilson Evaristo**, suplente do rei da Irmandade e segurança de banco. Com idade em torno dos 40 anos, Edmilson relatou sobre sua caminhada no grupo:

> Minha relação com Irmandade do Rosário foi já no ano 2000. Eu queria ter conhecimento sobre sua história né. Então eu queria ter conhecimento como ela tinha sido formada, como tinha sido fundada. Então, eu queria ter o conhecimento do estatuto, aí foi que o atual rei, João Raimundo dos Santos, mais conhecido por João Corema disse: você só tem conhecimento se você se dirigir a uma reunião.
> Então ele marcou a reunião, estava todos os presentes lá na mesa e me apresentaram, eu disse que gostaria de olhar os documentos, xerografar, para eu poder ler e estudar a vida da Irmandade do Rosário. E foi aí que eu me senti preso, por que eles disseram assim: eu gostaria que você levasse pra casa, e você vai trazer tal dia.
> Tal dia era outra reunião, e nessa reunião minha a prisão ficou confirmada, quando eles disseram assim: você é um dos nossos, você não pode dizer não, você tem que ficar entre nós.
> Aí eu tenho dificuldade muitas vezes de dizer não. Aí acabei aceitando. Então desde 2000 eu faço um pouco de tudo na Irmandade do Rosário.

Sobre o seu entendimento acerca da origem da Irmandade e sobre a Festa do Rosário, **Edmilson** também conflui com a maioria das narrativas e bibliografias sobre o assunto, mesmo com algumas ressalvas, acreditando também que Irmandade do Rosário já existia antes de Manoel Cachoeira:

> A nossa festa aqui (...) a nossa festa ela iniciou após Manoel Cachoeira ir buscar em Olinda, após e várias persistências, foi duas ou três vezes, viajando em animal, hora andando a pé, dormindo no relento provavelmente, pois as viagens eram precárias. Ele dirigiu-se a Olinda e lá conseguiu do bispo, o documento canônico né, com o qual autorizará a fundar a Irmandade do Rosário na cidade da Pombal, a ser inserida na Igreja do Bom Sucesso. Igreja do Bom Sucesso essa na qual estamos, que a partir de 1897 com a construção de uma nova igreja essa passou a se chamar igreja do Rosário, quando a igreja (...) a Irmandade do Rosário assumirá. (...) Imaginava eu que seria esse, essa sua data de fundação, quando não é. Porém uma pesquisadora estava trabalhando seu trabalho universitário, Alba Cleide Wanderley. E eu tomei conhecimento através desse seu trabalho, quando ela transferiu pra um escritor pombalence, Jerdivan Nóbrega, que inseriu em livro e me repassou que, o estatuto da Irmandade do Rosário ele foi transformado em lei, aprovado pela Assembleia Provincial da Paraíba, no dia 10 de novembro de 1888, ou seja, isso significa que o despacho que nós recebemos, dia 18 de julho de 1895, foi apenas uma cópia resumida do que era realmente o estatuto, para que a gente pudesse ter nossos trabalhos inseridos na igreja do Bom Sucesso, hoje, igreja do Rosário. A Irmandade do Rosário foi fundada bem antes de 1888, né? (...) Eu fiquei surpreso, né? ... com Manoel Cachoeira sendo o fundador. Aí tem uma dúvida: será que foi realmente Manoel Cachoeira o fundador da Irmandade do Rosário? Se foi, tava com a idade bastante jovem, praticamente um adolescente ou então, um cidadão de vinte a vinte dois anos, provavelmente.

Através da conversa com **Edmilson** foi possível compreender sua preocupação com a documentação relativa à história da Irmandade do Rosário e da Festa do Rosário, através da produção de vídeos e guarda de documentos sobre o assunto. De forma autônoma e independente, produziu e dirigiu documentário sobre a Festa do Rosário, intitulado "A Festa do Rosário e sua bacia folclórica". Sobre os documentos, **Edmilson** é responsável por guardar o "Compromisso da Irmandade do Rosário de Pombal", na verdade, uma cópia datilografada de 1913. O documento original, datado de 1988, não se sabe o paradeiro. Esses são exemplos da preocupação de Edmilson em preservar a memória da Festa do Rosário, sobretudo, da Irmandade do Rosário de Pombal.

- Os Negros dos Pontões:

Os Negros dos Pontões fazem parte do "cortejo real" da Festa do Rosário, representando a guarda real da Irmandade, numa organização que equivaleria a uma monarquia (Araújo, 2014, p. 58). Observei, durante nossa passagem por Pombal, e através da participação na Festa do Rosário, que os Negros dos Pontões são representados por uma ala com homens vestidos com camisas vermelhas e outra ala com homens com camisas azuis. Seu capitão vem trajado com camisa e calça brancos, no peito uma fita transversal representada nas cores azul e vermelha e na cabeça um quepe semelhante aos dos marinheiros. Roberto Benjamin faz uma descrição parecida, destacando o uso de chapéus de palha enfeitados com

fitas coloridas e da calça e camisas azuis ou vermelhas (representando as alas), com exceção do chefe, que se veste com roupa toda branca e um quepe estilo marinheiro. Trazem suas lanças nas mãos,[66] com maracás, enfeitadas com fitas coloridas (1977, p. 97).

Parte de seus integrantes vive na zona rural de Pombal, na comunidade quilombola Rufinos do Sítio São João. São acompanhados por uma banda cabaçal[67], que toca ritmos tradicionais com instrumentos de sopro e percussão, como o pífano e a zabumba, cuja origem remonta à época da colonização portuguesa.

Ainda, como resultado da observação da Festa do Rosário, percebi que os negros dos pontões são responsáveis por acompanhar a Irmandade em alguns momentos dos ritos católicos, como as procissões, e pela devoção ao Rosário. São compostos pelo Capitão (liderança que conduz) e as duas alas, azul e vermelha. Percebemos semelhanças aos problemas enfrentados pela Irmandade do Rosário em relação ao grupo dos Pontões: seu Capitão, o senhor **Clóvis Rufino de Jesus**, tinha 80 anos na época da entrevista, e apresentava problemas de saúde, vindo a falecer em 2015. Ele ainda persistia na continuidade das atividades com os Negros dos Pontões, apesar de suas limitações. Sobre isso afirmou: “Eu sou o mestre (capitão), mas agora é o seguinte: é por que peguei uns problemas, num sabe? (...) Não aguento andar para longe. Aí boto ele (...)”, ao referir-se à utilização de um substituto nas longas caminhadas. Sobre sua permanência, afirmou: “Só deixo quando morrer (...) Trabalhar para Nossa Senhora do Rosário”.

[66] Também chamadas pontões, origem de sua designação.
[67]Banda típica do interior do nordeste do Brasil, composta normalmente por três instrumentos: caixa, pífano e zabumba. Em Pombal, foram incorporados o pandeiro e acordeom.



Figura 25 - Pontões.
Autora: Olga Enrique. Acervo Iphan/PB, 2014.



Figuras 26 e 27 - Pontões e Irmandade em procissões da Festa do Rosário de Pombal, em 2014.
Fotos: a autora.

Em nossa visita à comunidade quilombola dos Rufinos do Sítio São João, no dia 11 de setembro de 2014, **Gilson Ribeiro**, líder da comunidade quilombola Daniel, nos relatou sobre as tradições da comunidade dos Rufinos do Sítio São João, onde muitos homens são integrantes do grupo dos Negros dos Pontões, e onde a atividade tem continuidade através das crianças (Pontões Mirins), incentivadas a manter a "tradição".

Na comunidade Rufinos do Sítio São João os depoimentos de moradores como o senhor **Mazinho** e sua esposa **Doralice** (líderes daquela comunidade), mencionaram os Negros dos Pontões como constituídos a partir daquela comunidade quilombola. Assim, essa visita foi importante para conhecimento do contexto no qual se encontram grupos como os

Negros dos Pontões e avaliar as relações entre as comunidades quilombolas e os integrantes do mesmo grupo, compreendendo que grande parte dos membros dos Negros dos Pontões estão unidos por relações familiares. Ao ser indagada sobre a participação na Festa do Rosário, **Doralice** apenas afirmou que não tinha tanto engajamento com os grupos na festa. O mesmo não ocorre com **Gilson Ribeiro**, que colaborou com a organização dos Pontões Mirins. Entretanto, a inserção da comunidade Rufinos do Sítio São João com a Festa do Rosário se faz não apenas por meio dos grupos, mas também através da produção do artesanato, que vendem na feira, como uma atividade de subsistência.

Durante a segunda viagem realizada ao município de Pombal (outubro de 2014) foi possível conversar com dona **Josefa**, moradora da comunidade quilombola Rufinos do Sítio São João. Em nossa caminhada pela famosa Praça do Centenário, localizada em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, conhecemos dona **Josefa**, e a partir de nossa rápida conversa, tivemos conhecimento de sua relação com o senhor **Mazinho**, seu primo, o qual conhecemos na primeira visita a Pombal. Dona **Josefa** nos relatou um pouco da história de seus ancestrais. Sobre seus familiares, contou que até os dias atuais ainda existe a casa de seus avós.

No dia seguinte, enquanto esperávamos **Miguel Ferreira** para seguir até a casa do senhor **Clóvis Rufino**, encontramos novamente dona **Josefa**, que estava vendendo seus produtos de barro. Fato curioso relatado por ela foi que seu avô participava do grupo dos Negros dos Pontões como chefe; durante a Festa do Rosário, ele e o grupo, composto de homens e mulheres, vinham do sítio à cidade de Pombal a pé para prestigiar a festa: dona **Josefa** declarou que sua mãe lhe contava:

> Saia daqui de pés (...) colocava as bolsinhas debaixo dos braços e acompanhava os Pontões e diz que nem cansava. Pessoal da equipe São João, São João dois, São João um. Diz que a estrada era de pé...que não tinha carro não (...) ia andar de pés (...) ia andar de jumento, de cavalo, é o que mais tinha. Tinha um jipinho, era muito difici.[68]

Dona **Josefa** relatou, ainda, que outro membro de sua família, seu irmão **Francisco de Assis**, participa dos Negros dos Pontões como suplente de seu **Clóvis** (chefe dos Pontões).

Com o fim de nossa conversa com dona **Josefa**, seguimos para a casa de seu **Clóvis Rufino** (chefe dos Negros dos Pontões). Quando da realização desta entrevista, o senhor **Clóvis**, aposentado, residia na área urbana de Pombal, para onde se mudou para trabalhar. Muito brincalhão e alegre, ele nos recebeu com muita festa e atenção, comprou um bolo e

[68]Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2014, na Praça do Centenário de Pombal.

preparou chá para nos receber. Sentamos à mesa para uma conversa informal, sem um questionário preestabelecido. Seu **Clóvis** nos relatou que também pertencia à comunidade quilombola Rufinos do Sítio São João. Conversamos principalmente ao respeito da formação dos Negros dos Pontões, seu papel na festa, os desejos para a continuação do grupo. Sobre a existência dos Negros dos Pontões, seu **Clóvis** apontou: "Os adultos vêm de longa, vem dos meus avós"[69]. Em relação a sua inserção no grupo, e ao título que lhe foi passado por chefe de Biró do Sul (chefe anterior à ele e seu parente):

> Antes de morrer ele disse: olhe! eu deixo pra Clóvis (...) aií recebi dele. Hoje em dia, hoje em dia já está, já tem muita gente por aí atrás de instante fazer eleição. Venha atrás de fazer eleição! A passagem é o seguinte, é que nem essa de Biró. A gente faz uma reunião, aí vê, tá vendo quem é que presta para tumar conta (...) todos aceita.

E, ainda, continua: "É entender das coisas, conhecer, saber passo", disse seu **Clóvis** sobre o perfil que um chefe dos Negros dos Pontões deve ter. Sobre a composição dos Negros dos Pontões, afirmou: "Tem chefe, tem chefe que nem os Congos, que nem o Reisado tem. O chefe coordena do grupo (...) É o capitão [mesmo que chefe](...) os outros todos, espontão". Sobre o trabalho do grupo: "O trabalho da gente ali é trabalhar os três dias, nem precisava chamar". Em relação aos ensaios: "Próximo, próximo à festa. Assim com uns 15 dia, um mês, ai a gente faz ensaio". Seu **Clóvis** encerra declarando: "Eu estimo demais essa brincadeira (...) sou louco, louco, louco, louco (...) se tivesse todo dia eu ia".

Durante nossa visita à Festa do Rosário, em outubro de 2014, foi possível acompanhar (no sábado) o trajeto dos Negros dos Pontões dançando, tocando e esmolando na Feira, que é considerada parte da tradição dos Negros dos Pontões; observamos, também, a movimentação na missa e na procissão.

Através das entrevistas com representantes dos Negros dos Pontões, mas também pela vivência e proximidade com o grupo no período da Festa do Rosário, foi possível constatar que eles estão trabalhando para a continuidade do grupo, através da organização dos Pontões Mirins trabalho efetivado principalmente com crianças pertencentes às comunidades quilombolas,[70] como salientado anteriormente.

Durante as reuniões que realizamos, das quais participou o padre **Ernaldo José de Sousa**, pároco de Pombal, um dos problemas apontados por ele, em relação ao grupo dos Negros dos Pontões, foi a ingestão de bebidas alcoólicas durante a festa. Sobre essa questão, o

[69]Entrevista realizada com Seu Clóvis Rufino, no dia 03 de outubro de 2014, em sua casa.
[70]Comunidade dos Daniel e comunidade dos Rufinos do Sítio São João.

senhor **Clóvis** afirmou: “Quanto mais bebia, mais sabia trabalhar”. Apesar desta afirmação, pude perceber que o senhor **Clóvis** não pensava desta maneira, e através da vivência na Festa do Rosário, percebi que essa prática é realizada por poucos integrantes e constantemente censurada pelos próprios participantes do grupo dos Negros dos Pontões.

- Os Congos:

Em relação ao grupo dos congos, suas origens remetem ao reino do Congo, formado por grupos Bantos[71], abrangendo grande extensão da África Centro-Ocidental. Sobre esse contexto, Marcos Martins aponta:

> As entronizações reais, e o sentimento de pertencimento a um corpo real, já faziam parte do complexo cultural congolês. É fundamental chamar a atenção que esse aspecto da cultura dos habitantes do Congo opera a ligação com as práticas de coroação de Reis Negros que se multiplicaram em Portugal e em toda a América, nos séculos seguintes. Não por ação, o nome recorre dessas entronizações era, e ainda é, *coroações de reis de congo.* (Martins, 2014, p. 67).

Percebe-se a existência de grupos de Congos espalhados pelo Brasil, com variações e semelhanças em suas expressões. Como exemplo de variação, pode ser citado o grupo em Sete Lagoas/MG. Entre os grupos de Congos, percebe-se a existência da Rainha Conga da Guarda de Congo de Santa Rita, elemento inexistente no grupo de Congos de Pombal. Inclusive, em Pombal, ao serem indagados sobre a existência de tal figura, negam a presença de qualquer personagem feminino na manifestação, remetendo à exclusividade masculina presente em grande parte dos grupos relacionados à Festa do Rosário de Pombal. Interessante a comparação também com o grupo dos Congos de Cidade de Goiás/GO. Destaco a dissertação de Eliene Macedo (2015), que discute a performance e relações existentes dentro do grupo. Interessante, nessa comparação, é a relação com a devoção a Nossa Senhora do Rosário, pois o líder dos Congos da Cidade de Goiás ingressou no grupo em sinal de promessa à santa. Alguns dos membros dos Congos, e de outros grupos relacionados à Festa do Rosário, como a Irmandade do Rosário (no caso o senhor João Raimundo), ingressaram nos grupos em sinal de promessa a Nossa Senhora do Rosário. Outras semelhanças que podem ser apontadas são as marchas e embaixadas na dança, bem como a não participação de mulheres como dançantes.

Segundo a fala de um dos integrantes dos Congos de Pombal, **Miguel Ferreira da Silva**[72], rei dos Congos a quase 25 anos, de 46 anos de idade, o grupo absorveu algumas

[71] Macrogrupo cultural de vastas regiões da África Centro-Oriental.

características dos Congos olindenses, em razão das viagens feitas por Manoel Cachoeira, primeiro rei da Irmandade do Rosário, a Olinda, entre os anos 1888 e 1892, fato observado também nas pesquisas de Roberto Benjamin (1977) e **Jerdivan Araújo** (2014, p. 33). Durante a Festa do Rosário, participaram do grupo 11 pessoas, que cantavam e tocavam suas marchas, além de uma ou duas pessoas que tocavam viola. Esses onze integrantes são referenciados nas letras das músicas do grupo, que fazem referência ao rei, ao secretário, e ao embaixador.



Figura 28 - Congos.
Foto: Ana Schuster. Acervo Iphan/PB, 2014.

Segundo o que foi verificado nas visitas de campo, o secretário e o embaixador encabeçam cada qual uma ala, uma azul e outra vermelha, respectivamente. Usam maracas nas mãos, roupas azuis e vermelhas, com um saiote de renda por cima da roupa e chapéus pontudos com espelhos fixados neles, diferenciando-se do rei, que usa terno e coroa na cabeça.

Sua apresentação é dividida em três momentos: a primeira dança, "pulo do boi", em louvação ao Rosário e a Nossa Senhora do Rosário, num diálogo entre o secretário e o rei; a segunda parte, zabelinha; e a terceira e última, a tesoura ou tesourinha (passo mais rápido). Todos esses momentos foram acompanhados em nossas visitas a Pombal.

Sobre a performance do grupo, o depoimento de **João de Sousa Santos**[73] descreve o papel do Secretário dos Congos: "Cantar (...) eu que canto, (...) a parte das coreografias eu que faço

[72]Vive na cidade e não pertence a nenhum quilombo.
[73]Entrevista realizada no dia 19 de agosto de 2015.

também, aprender a fazer, quando vamos nos apresentar (...) Embaixada com rei também, eu chamo o rei né, também pra dançar também com a gente, na parte da zabelinha, é muito bonito". E sobre sua inclusão no grupo dos Congos, relata demonstrando a relação familiar dentro dos grupos: "Meu tio, né. Naquele tempo meu tio já dançava. Aí, eu vendo ele dançar e os demais, meu primo, família, né. Comecei a me envolver, comecei a dançar, a dançar, né, no grupo. Acho que comecei a dançar com idade de oito anos".

A única figura feminina no grupo dos Congos é a zeladora, posto atualmente ocupado por **Maria de Sousa Santos**, que cuida do vestuário dos integrantes do grupo. Ela é irmã do antigo rei e mãe do atual secretário dos Congos. Considero a importância desta entrevista por se tratar da única figura feminina do grupo. **Maria** relatou que ajudava a mãe com a organização das roupas dos Congos e por isso também viajava com eles: "Porque gosto, e sou, sou da igreja do Rosário (...) Minha mãe também viajava com os Congos, até para o Rio de Janeiro, minha tia também (...) Acho muito bom, eles são animados".[74] Sua fala evidencia o quão importante o grupo dos Congos tem sido em sua vida e na vida de sua família, e como lhe agrada fazer parte deste universo.

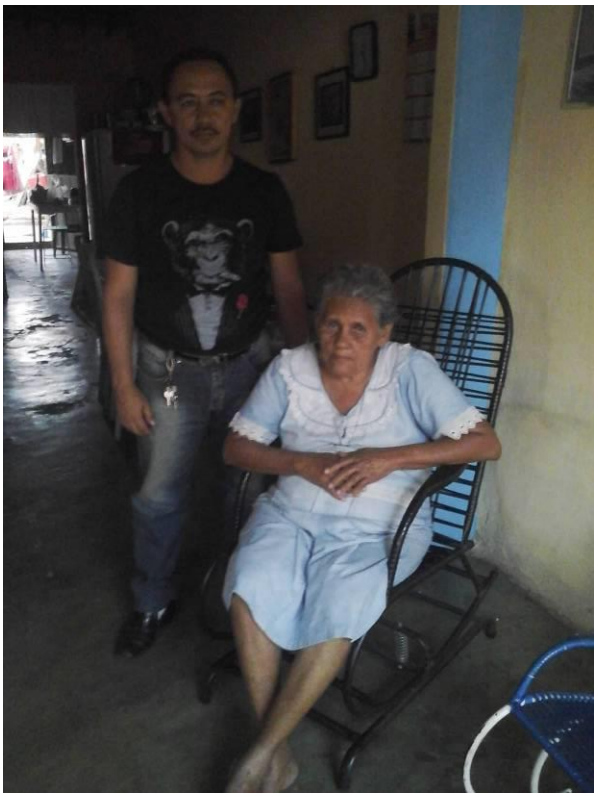


Figura 29 - Miguel Ferreira e Maria de Sousa Santos.
Foto da autora, 2015.

[74] Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2015.

Constatei, durante a pesquisa de campo em 2014, e através dos depoimentos de integrantes dos grupos dos Congos e dos Negros dos Pontões, que a apresentação dos Congos na Festa do Rosário era realizada no último domingo da Festa. Já em 2015, na atual configuração da festa, passaram a se apresentar também na abertura. Assim, podemos inferir que as apresentações vão se moldando de acordo com as configurações sociais, conforme presenciamos nas reuniões entre a paróquia de Pombal e os representantes dos diversos grupos que compõem a Festa do Rosário. As reuniões ocorreram por pressão dos grupos e por influência do Iphan/PB, objetivando dar maior visibilidade aos "grupos folclóricos" e acrescentar outras apresentações no cenário da Festa do Rosário.

Para quem chega a Pombal, os Congos parecem ser o grupo mais bem organizado da Festa. Minha percepção a respeito disso se deu a partir da articulação promovida pelo rei dos Congos, **Miguel Ferreira**, também funcionário da prefeitura de Pombal. **Miguel Ferreira** programa apresentações extras para o grupo, como em escolas ou festivais culturais, as quais têm sido feitas por seus integrantes, segundo ele, com muito interesse pela continuidade das expressões. Sobre isso, **Miguel** declarou em sua entrevista:

> Fui empurrado pelo próprio grupo porque me viu nessa condição. Não, Miguel é um cara que sabe organizar, conseguir as apresentações pra gente, ele corre atrás, ele gosta de organizar, e de ter uma certa liderança, que não é imposta, é nata (...).[75]

Como se observa em sua fala, o mesmo compreende seu papel no grupo como um dom; por isso, sente que não foi empurrado para nada. Na verdade, entende-se feliz por ter sido inserido naquele contexto. Segundo **Miguel**, "os ensaios dos Congos eram muito concorridos para assistir", por não existirem muitos outros atrativos na cidade.

Merece destaque nas falas dos integrantes do grupo dos Congos, sobretudo, na de **Miguel Ferreira**, a ênfase conferida à maior visibilidade dos Congos, ao longo de sua existência. Por exemplo, quando se reforça que o grupo é requisitado em pesquisas e fontes audiovisuais, como os das *Missões de Pesquisa Folclórica* (1938). Portanto, isso possibilitaria uma interpretação de que os Congos se sobressaem a outros grupos. Entretanto, não foi possível perceber outros tipos de contribuições das fontes audiovisuais da *Missão de Pesquisas Folclóricas*, sobre os grupos, tais como percepção deles próprios se enxergando como "folclóricos" ou "culturais". Compreendo que essa percepção tenha surgido não por este trabalho em específico, mas sim pelo conjunto de trabalhos que ao longo dos anos foram realizados a partir das expressões culturais de Pombal.

[75] Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015.

Foi possível perceber que esse tipo de posicionamento, descrito mais acima, também é evidente por parte de outros grupos, como os Negros dos Pontões e o Reisado. Em entrevistas, alguns integrantes destes grupos, entre eles, **Ivônio dos Santos**, deixam transparecer o destaque maior dado aos Congos, principalmente por aqueles que buscam conhecer mais sobre a Festa do Rosário, onde **Miguel Ferreira** sempre é buscado para adquirirem informações sobre o assunto.

- O Reisado:

O Reisado foi introduzido há pouco tempo na Festa, se comparado aos outros grupos. Através dos relatos orais, pude ter uma aproximação de quando foram inseridos nesse contexto: "O reisado só veio fazer parte na década de 80 [1980] (...) com o Padre Solon"[76]. Antes, suas apresentações eram restritas às Festas de Reis, em janeiro, contando histórias de guerras, segundo o senhor Ivônio dos Santos[77], integrante do grupo do Reisado.

Os integrantes do Reisado se vestem de vermelho e azul, e o ritmo de sua apresentação é marcado por pandeiro e violão. Compostos por duas alas, usam espadas em suas mãos, representados pelo rei, secretário, mestre, contramestre, guia e contraguia; em alguns momentos, aparecem com o boi (dança à parte das apresentações do Reisado) e o Mateu (homem mascarado).

Em comparação aos demais grupos, o Reisado aparenta ser o que menos aparece na Festa do Rosário pelo que pude constatar, resultando em uma menor participação nesse contexto. Entretanto, o grupo vem tentando se inserir e destacar-se na Festa. Podemos observar essa inserção através da participação de seus membros em reuniões sobre organização da Festa do Rosário e nas apresentações durante a própria Festa, como na procissão do Rosário e durante a abertura dos festejos.

Em outubro de 2014, realizei a entrevista com o senhor **Ivônio dos Santos**, que relatou sua experiência no Reisado e a inserção do grupo na Festa. Sobre essa questão é interessante trazera perspectiva de **Luizinho Barbosa**[78]: "O Reisado é que não faz parte. O reisado só veio fazer parte na década de 80 (1980) (...) com o Padre Solon". O que nos remete à inserção recente do grupo na Festa do Rosário, segundo consta na fala de **Luizinho Barbosa**, em comparação a grupos como Negros dos Pontões, Congos e Irmandade do Rosário.

[76] Fala de Luizinho Barbosa em reunião do dia 10 de outubro de 2014.
[77]Entrevista realizada no dia 04 de outubros de 2014.
[78]Depoimento feito em reunião do dia 10 de outubro de 2014, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 30 - Reisado.
Autora: Ana Schuster. Acervo Iphan/PB, 2014.

Sobre a participação do grupo do Reisado na Festa do Rosário, **Ivônio dos Santos**, secretário do Reisado, responsável por conduzir a "guerra", apresenta questionamentos que dizem respeito à apresentação de grande parte dos grupos que fazem parte do universo da Festa do Rosário: "Precisa de espaço, porque do jeito que tá lá (...) liberar aqueles bancos (...) Falta de incentivo ao grupo (...) deveríamos ser convidados".[79]

O senhor **Ivônio** nos contou que há alguns anos o Reisado e outros grupos recebiam convites para se apresentarem de casa em casa nas residências dos moradores de Pombal. Também recebiam convites para se apresentarem nas escolas. Pude constatar, através de outros depoimentos, como o do seu **Clóvis Rufino**, que as apresentações diminuíram: "quando tem convite nos encontramos"; e continua: "Quando a gente quer, eu ajeito e tudinho vem. Um convite, chamo, uma apresentação aqui, a gente vem também (...) Até uns anos atrás até chamou muito (...) mas agora tá devagar, tá muito devagar (...) tá devagar demais". O que significa dizer que fazem as apresentações conforme surgem os convites, mesmo fora do período da Festa do Rosário.

Sobre a continuidade das atividades do Reisado na Festa do Rosário, o senhor **Ivônio** informou, ainda no ano de 2014, que havia a intenção de criação do Reisado Mirim. Entretanto, o grupo continua a esperar por mais incentivos de instituições públicas, como a prefeitura municipal, para tal.

[79]Entrevista realizada no dia 04 de outubros de 2014.

1.4.2. Espaços

Os espaços da Festa do Rosário de Pombal são múltiplos e divididos. Eles funcionam principalmente em função da localização da igreja de Nossa Senhora do Rosário, sendo a parte principal da festa realizada nas proximidades da igreja. A festa divide-se entre as celebrações religiosas, realizadas em palco montado ao lado da igreja; entre o parque que se estende pela lateral e por trás da igreja; entre as barraquinhas de comidas espalhadas; a Casa do Rosário; o percurso das procissões. São diferentes espaços, que atraem diferentes pessoas, com objetivos diversos. Cada um com significados diferentes, mas todos vinculados à realização da Festa do Rosário de Pombal.



Figura 31 - Espaço fixo onde ocorre a Festa do Rosário (Igreja de N. S. do Rosário, parques, palco, barriquinhas de comidas)
Imagem: Google Earth. Modificado pela autora. Abril de 2016

- A Igreja de Nossa Senhora do Rosário:



Figura 32 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
Autora: Christiane Finizola. Acervo Iphan/PB, 2009

A igreja de Nossa Senhora do Rosário, também expressão cultural inserida no contexto da Festa do Rosário, está localizada no centro da cidade de Pombal, nas proximidades da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, fica ainda nas adjacências de perímetro urbano que compreende ruas que remetem a fatos memoráveis para a cidade, ligados a sua formação urbana colonial e moderna, como a Praça José Ferreira Queiroga e Praça Monsenhor Valeriano. Alguns bens culturais já são protegidos por pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) e encontram-se próximos à igreja de Nossa Senhora do Rosário. Entre os bens tombados estão: o Cruzeiro, a antiga Cadeia, a igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, o Casarão do Século XIX, a Escola Estadual João da Mata, a Praça Getúlio Vargas, a Praça Dr. José Ferreira de Queiroz.



Figura 33 - Praça Getúlio Vargas – Centro de Pombal. Foto tirada da calçada da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Autora: Olga Enrique. Fonte: acervo Iphan, 2014.



Figura 34 - Igreja de NS do Bom Sucesso. Autora: Olga Enrique. Fonte: Acervo Iphan/PB.



Figura 35 - Praça Dr. José Ferreira de Queiroz.
Autora: Christiane Finizola. Fonte: Acervo Iphan/PB.



Figura 36 - Coluna da Hora - Centro de Pombal. Foto tirada nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
Foto da autora.



Figura 37 - Cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Centro de Pombal. Logo a frente a Praça José Ferreira de Queiroz.
Autora: Olga Enrique. Fonte: acervo Iphan, 2014.



Figura 38 - - Escola Estadual João da Mata.
Foto da autora



Figura 39 - Casa da Cultura – antiga Cadeia.
Foto da autora.

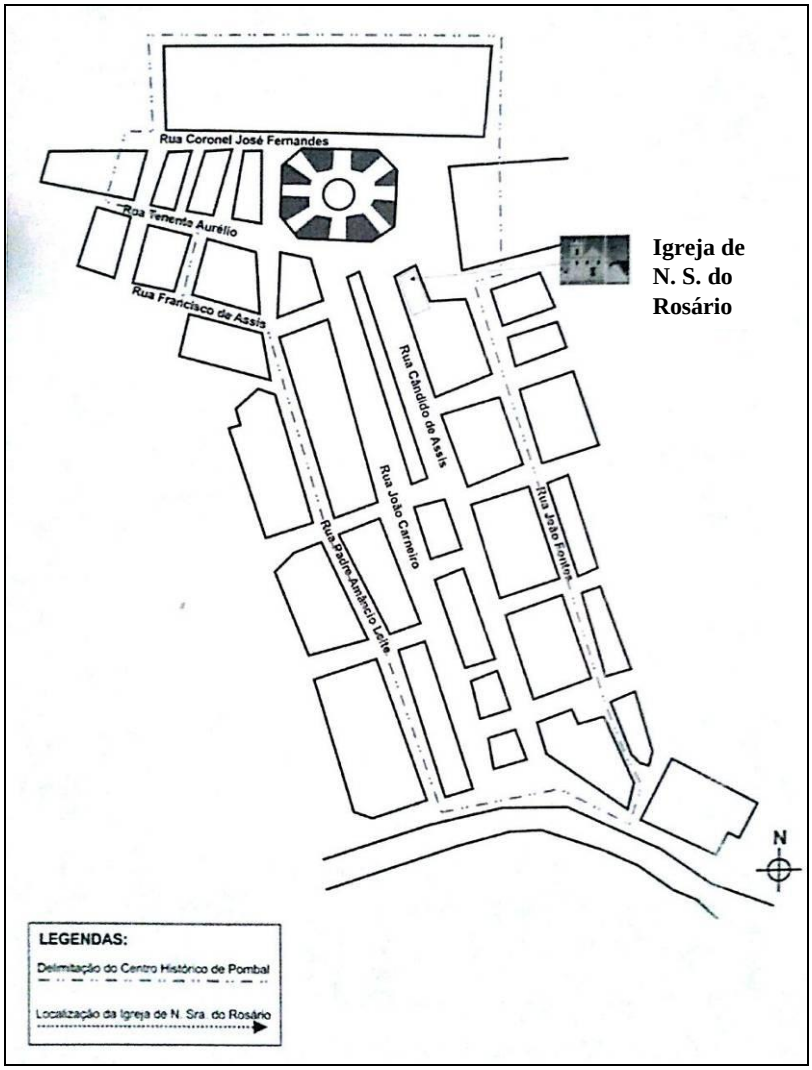


Figura 40 – Delimitação do Centro Histórico de Pombal
Fonte: Decreto n.º 22.913, publicado no DOE, em 04 de abril de 2002.
Adaptações: Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados- INBMI (Iphaep)

Constituída de alvenaria de pedra e tijolos, segundo Farias (2009), a igreja tem sua estrutura articulada em dois blocos: o principal, de forma retangular e de maior dimensão, e o segundo, ligado ao bloco lateral, também em formato retangular. Constituem o corpo da igreja principal a nave e a capela-mor, ligando-se ao batistério e à capela lateral (capela do Santíssimo Sagrado Sacramento). O acesso ao primeiro pavimento é realizado através de uma escada de madeira. No pavimento térreo pode ser constatada uma galeria, com tribunas protegidas por balaústres em madeira. Outra escada em madeira dá acesso ao coro, localizado próximo a porta principal e à torre sineira, onde está localizado o sino.

É considerada pelos pesquisadores locais como raro exemplo do *barroco* no sertão nordestino, "intocável por sua arquitetura original" (Abrantes, 2008, p. 03). O edifício passou por algumas restaurações, e atualmente necessita de reparos, segundo os processos que deram entrada no Iphan/PB[80] e Iphaep[81], sendo previstas uma nova restauração da igreja, a partir de projetos a serem executados com medidas de contenção da degradação proporcionada pelo tempo. Também tomamos como base as discussões[82] que vêm sendo realizadas entre o Iphan/PB, a paróquia de Pombal e os interessados da sociedade de Pombal para se produzir projeto visando o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em conjunto com os procedimentos que têm sido discutidos para a valorização das expressões culturais de Pombal como patrimônio (*tombamento* e *registro*).

[80] BRASIL.Superintendência do Iphan na Paraíba. *Ação emergencial nos bens móveis e integrados*: igreja nossa senhora do Rosário de Pombal (Processo – 01408.000373/2012-11). Paraíba, mar. 2012; e BRASIL. Superintendência do Iphan na Paraíba.*Igreja de Nossa Senhora do Rosário Pombal/PB* (Processo:01450.011130/2012-84). Paraíba, ago. 2012.

[81]PARAÍBA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. *Realização de um trabalho de combate do cupim na madeira da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Cel. João Carneiro, 280 – Centro, Pombal/PB* (Número do Processo: 0252/2007). Ago. 2007. Foi verificado que os trabalhos relacionados a esse processo foram concluídos, entretanto, outras intervenções foram necessárias na igreja, mas nenhum processo especifico foi encontrado. Referências a essas intervenções foram feitas nos depoimentos de Socorro Martins e do padre Ernaldo.

[82]Reuniões realizadas nos dias: 22 de agosto de 2014 (no Iphan/PB); 10 de outubro de 2014 (em Pombal); 10 de junho de 2015 (no Iphan/PB); 13 de agosto de 2015 (tarde e noite, em Pombal). Grande parte destas reuniões foi realizada apenas com a participação de representantes da Igreja Católica de Pombal (Pe. Ernaldo e Socorro Martins) para discutir meios viáveis para financiamento de projeto de restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Apenas nas reuniões dos dias 10/10/14 e 13/08/15 houve a participação de alguns membros dos grupos Congos, Irmandade do Rosário, Negros dos Pontões, Reisado, intencionando discutir possíveis processos de *registro* das expressões culturais de Pombal.

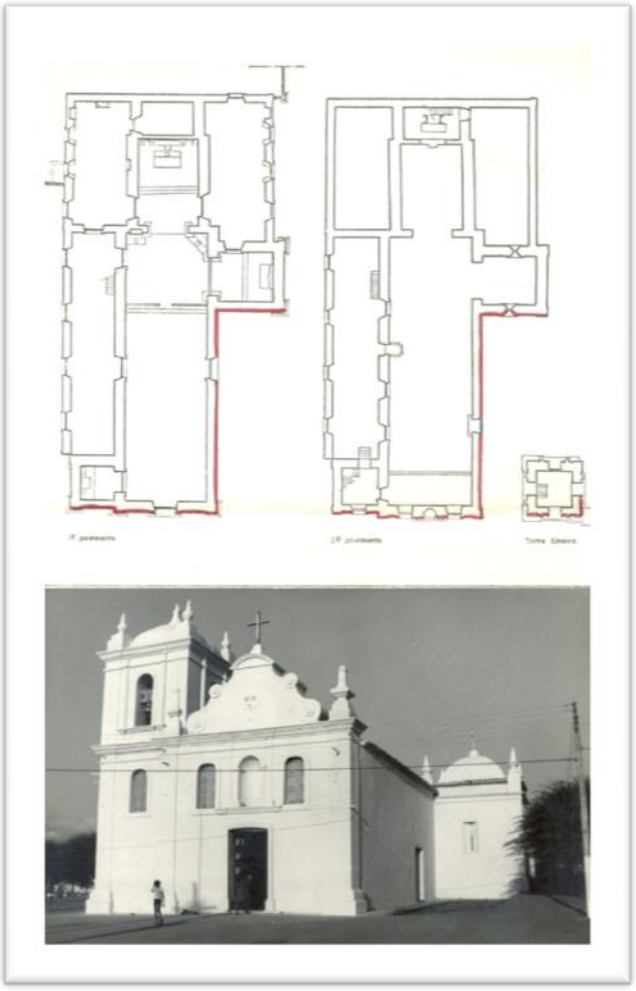


Figura 41 - Planta Baixa da Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Fonte_ Documentação Inventário cx. 294 _
pt. 3_Arquivo Central – Secção Rio de Janeiro – 1978

A igreja de Nossa Senhora do Rosário é um dos elementos relacionados diretamente com a Festa do Rosário, considerando-se também o seu valor imaterial, como um dos principais lugares de celebração da Festa, no caso, dos ritos religiosos. Sempre mencionada e identificada como elemento de referência nas entrevistas e reuniões de que participei em Pombal (como poderá ser observado no terceiro capítulo deste trabalho), a igreja de N. S. do Rosário foi alvo de discussões relacionadas a seu restauro e a disputas pelo espaço de apresentação dos grupos locais. Essas têm ocorrido devido à ocupação, pela população, dos locais que deveriam ser reservados aos grupos. Outro elemento que faz da igreja de N. S. do Rosário uma referência para os moradores da cidade é a sua construção, que marca a ocupação colonial do território do atual município de Pombal.

Nos documentos pesquisados no cartório de Pombal[83], encontramos informações sobre a construção da igreja referências que remontam ao final do século XVIII e apontam à presença da Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso nesse processo de construção. A presença pode ser averiguada nos documentos encontrados no cartório de Pombal e também em estudos de pesquisadores como **Jerdivan Nóbrega de Araújo** (2014).

A presença da Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso é explicada também pelo fato da igreja de N.S. do Rosário ter sido dedicada, inicialmente, a Nossa Senhora do Bom Sucesso (1721), passando a ser consagrada a Nossa Senhora do Rosário somente após a construção da igreja matriz atual (Abrantes, 2008). A partir de então, a igreja de Nossa Senhora do Rosário passou a ser ocupada pela população formada por escravos libertos e pobres excluídos, que desejavam um local para o culto religioso e as celebrações católicas. Sobre esse fato, é importante retomar a perspectiva de Marina de Mello e Souza:

> Mas mesmo em celebrações católicas as comunidades negras produziam elementos que chocavam e incomodavam o grupo senhorial e principalmente alguns observadores estrangeiros, que não estavam acostumados com as mestiçagens que se iniciaram com os primeiros contatos, ainda na África, e se intensificaram na sociedade colonial americana (2002, p. 131).

A combinação de ritos religiosos e danças ditas profanas formou grande parte das festas brasileiras, criadas a partir do modelo de sociabilidade da colonização portuguesa. Os negros que aqui chegaram tiveram que lidar com a variedade de povos, culturas e expressões religiosas que, amalgamadas ao universo de referências do catolicismo, originaram múltiplas combinações, como as festas dos reis negros (Mello e Souza, 2002, p. 132).

Entretanto, durante a Festa do Rosário, a igreja se torna espaço de reflexão e expressividade das relações sociais e também de disputas, como foi explicitado anteriormente. As disputas ficam aparentes quando percebemos a atual igreja de Nossa Senhora do Rosário (inicialmente dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso) como espaço relacionado à trajetória da Irmandade, após a construção de outra igreja matriz. Nesse sentido, a igreja de Nossa Senhora do Rosário pode ser considerada como expressividade da resistência dos ex-escravos e pobres, que buscavam espaço para sua inclusão nas atividades sociais. Quando conseguiram autorização para o funcionamento da Irmandade do Rosário, em 1888, através do *Compromisso Eclesiástico da Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal* e do *Compromisso Civil*, também conseguiram o direito a um lugar e um espaço simbólico naquela

[83] Escritura de obrigação do pedreiro com a Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso; Escritura de obrigação do tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso ao mestre pedreiro. Cartório Cel. João Queiroga – 1º Oficio de Notas e Registro de Imóveis.

sociedade excludente como indica **Jerdivan Araújo** (2014, p. 29). No contexto da festa, a luta continua pela permanência de atividades vinculadas à igreja, como a apresentação dos "grupos folclóricos" no seu largo, o que tem causado conflitos entre estes e a paróquia de Pombal.

Sobre esta questão, Carlos R. Brandão (2010) também discorre sobre a função do conflito nas festas:

> Há nas festas elementos de conflitos e discórdia. Eles são conduzidos da sociedade para a festa ou são criados através da festa, e, assim, antagonismos entre categorias de sujeitos sociais são traduzidos como rito e, entre danças e simulações de lutas, ao mesmo tempo expostos e resolvidos. Esta seria apenas uma das funções da festa. Seus ritos veiculam mensagens que fazem circular da sociedade para ela própria significados e princípios que reforçam as estruturas da própria ordem social (2010, p. 25).

No caso de Pombal, o espaço da Igreja de Nossa Senhora do Rosário não serve apenas para a encenação dos conflitos das danças apresentadas pelos grupos dos Negros dos Pontões, Congos ou Reisado. O largo da igreja, durante a Festa do Rosário vira palco de disputa pelo espaço, entre equipe de celebração dos ritos católicos (para a montagem do palco onde ficará a equipe litúrgica para a celebração das missas), entre os grupos citados, e a própria população que se aglomera para a participação das celebrações religiosas. Pude perceber que a igreja de Nossa Senhora do Rosário é um lugar de grande importância para os fiéis católicos, que se fazem presentes no local para renovar sua devoção. Podemos verificar este fato, principalmente, durante todo período da Festa do Rosário. Ao longo do ano, esta relação não é a mesma. Considerando o espaço reduzido da igreja, as celebrações habituais ficam restritas à matriz e espalhadas em outras capelas da cidade[84].

Nesse sentido, as representações associadas ao espaço da igreja de Nossa Senhora do Rosário, como aparecem aqui, podem ser avaliadas por meio do sentido apresentado por Roger Chartier (1988):

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.
> As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezam a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e

[84]A necessidade de reparos na estrutura da igreja de Nossa Senhora do Rosário também restringe seus usos.

> de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 1988, p. 17).

No período que passei em Pombal, constantemente me deparei com discursos e conflitos relacionados ao uso do espaço do largo da igreja. A disputa para ocupação daquele espaço é proferida em discursos de dominação de cada grupo, forjados a partir em um discurso legitimador e simbólico representado pelo espaço. Assim, resulta na disputa de valores de cada grupo inserido na Festa do Rosário, como foi percebido no tempo vivenciado no município de Pombal. Essas discussões e discursos serão mais bem tratados no terceiro capítulo desta dissertação.

- Caminhos das Procissões:

Durante o período da Festa do Rosário ocorrem cinco procissões principais, alternadas para o acompanhamento do Rosário. A descrição apresentada aqui foi feita com base no relato de **Edmilson Evaristo** (rei suplente da Irmandade do Rosário), e também com base no meu acompanhamento das procissões.

A primeira procissão da Festa do Rosário ocorreu no dia da abertura da Festa, e partiu de uma residência escolhida pelos membros que compõem o grupo de peregrinação do Rosário. O trajeto dessa procissão não é fixo, uma vez que todos os anos uma nova residência é escolhida para a permanência do Rosário. A procissão saiu dessa residência às 18h30, em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde é realizado o hasteamento da bandeira da festa. Acompanhamos essa procissão nos dois anos em que participamos da Festa do Rosário. Em outubro de 2014, nos dirigimos para a casa de onde sairia o Rosário, onde permaneceu entre 2014 e 2015 (até a Festa do Rosário de 2015), para as orações dos devotos. Encontramos ali reunidos os Pontões Mirins, acompanhados de Gilson Ribeiro, da comunidade dos Daniel; a equipe de celebração presidida pelo padre **Ernaldo José de Sousa**, pároco de Pombal; e a Irmandade do Rosário.

Antes da saída do Rosário em procissão, o padre **Ernaldo Sousa** realizou uma oração e fez a apresentação de algumas equipes ali presentes, como a filiada da TV Rede Vida, alguns padres convidados e a nossa equipe também. Depois desse momento, o Rosário foi conduzido pela rainha, **Maria de Sousa Santos**, e pelo suplente do rei da Irmandade, **Edmilson Evaristo Neri**, para seguir em procissão. Para acompanhar o Rosário, estiveram presentes os Negros dos Pontões (adultos), e a partir desse momento seguimos registrando todo o percurso da procissão.

Ao chegar ao local da igreja de Nossa Senhora do Rosário, com o final da procissão, uma missa foi iniciada com a presença da equipe de celebração e a Irmandade do Rosário presentes no palco. Ao final da missa, aconteceram as apresentações dos Pontões mirins e adultos, e pudemos notar a pouca atenção da grande maioria das pessoas ali presentes com relação à apresentação dos grupos.

A procissão seguinte **(segunda procissão)** saiu da Igreja do Rosário no sábado, às 20h00, véspera do domingo do Rosário, e foi para a Casa do Rosário, seguindo o trajeto da rua Cel. José Fernandes para a rua do Rosário, onde está localizada a casa do Rosário. O Rosário permaneceu no local toda a noite, recebendo visitas de fiéis que vinham para adorá-lo, ficando ali até o domingo seguinte.

A Procissão do Rosário **(terceira procissão)**, considerada pela população como uma das mais importantes no contexto da festa, é realizada no domingo do Rosário, aglomerando o maior número de pessoas. Saiu da igreja de Nossa Senhora do Rosário às 6h30, circulou a Praça do Centenário e seguiu pela Rua Cel. José Fernandes até a casa do Rosário. Após concluírem as orações, os devotos saem ao lado esquerdo da estação ferroviária e seguem pelas ruas dos Roques, Cel. Francisco de Assis, Cel. João Queiroga, Cel. José Fernandes, concluindo a procissão na Igreja do Rosário. Os fiéis mantêm, tradicionalmente, o mesmo caminho todos os anos.

Também acompanhamos os grupos da Irmandade e dos Negros dos Pontões nas procissões realizadas antes no início da celebração da missa. No final da missa campal, realizada em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário, acompanhamos a apresentação dos grupos dos Negros dos Pontões e dos Congos. Esta procissão do domingo é tão importante que seu percurso foi proposto em reunião, por **Miguel Ferreira** (em reunião do dia 13 de agosto de 2015 – noite, em Pombal), como uma possibilidade para delimitar o tombamento pelo Iphan, como referência para definir o Centro Histórico de Pombal. Assim, estariam inclusos espaços como a Estação Ferroviária, a Casa do Rosário, e a própria rua Manuel Cachoeira, no tombamento pela instituição.

No domingo do Rosário, à tarde **(quarta procissão),** sai da igreja de Nossa Senhora do Rosário a procissão dos Santos com as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Sebastião e São Francisco. Em 2016, saiu em procissão também, a imagem de São Domingos, seguindo o trajeto da Cel. José Fernandes, Cel. João Queiroga, Francisco de Assis, rua João Pessoa, rua Benjamin Constante, rua Padre Amâncio Leite, concluindo o percurso na Igreja do Rosário. Após a procissão foi celebrada outra missa.

A última procissão **(quinta procissão)** é também a que encerra a Festa do Rosário. Ao

término da celebração religiosa, os grupos dos Negros dos Pontões e da Irmandade do Rosário, juntamente com os fiéis, conduzem o Rosário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário até a casa do escolhido que o guardará durante o ano. Como dito anteriormente, existe um revezamento entre os fiéis que guardam o Rosário, e o caminho da procissão não é fixo.



Figura 42– Mapa das procissões: em vermelho – Procissão do sábado à tarde; em azul -Procissão Domingo do Rosário – manhã.
Imagem: Google Earth. Modificado pela autora. Abril de 2016.

- Casa do Rosário:

A Casa do Rosário, propriedade da Paróquia da Igreja Católica em Pombal, mesmo sob especulações de venda (algo que é questionado e comentado por seus moradores atuais), é o local cedido para a moradia das ex-rainhas do Rosário (**Rosa de Sousa Batista** e **Mundinha**) por não terem constituído família, não terem filhos e por suas idades avançadas. A relação da Festa do Rosário com a Casa do Rosário se estabelece, sobretudo, no último sábado e domingo da festa. O Rosário segue em procissão, da igreja de Nossa Senhora do Rosário até a Casa do Rosário no sábado à noite, e lá permanece sob a guarda de alguns membros da Irmandade do Rosário, recebendo fiéis que vêm realizar orações e pedidos ao Rosário. No domingo pela manhã, o Rosário segue novamente em procissão até a igreja de Nossa Senhora do Rosário, acompanhado

pelos grupos dos Negros dos Pontões, da Irmandade do Rosário, dos Congos e do Reisado, e por um grupo considerável de fiéis. Ao chegarem à igreja de Nossa Senhora do Rosário, tomam todo o seu espaço externo para participarem da celebração da missa campal.



Figura 43 - Casa do Rosário.
Foto da autora, 2014.

Em nossa primeira ida a Pombal, em setembro de 2014, seguimos até a rua do Rosário, onde está localizada a Casa do Rosário. A casa fica nas proximidades da antiga Estação Ferroviária de Pombal, onde foi realizada vistoria pelos técnicos do Iphan/PB nesse dia. Fotografamos a área enquanto **Miguel Ferreira** nos contou que é deste lugar que o Rosário sai em procissão, estendendo-se por um trajeto de 1 km e encerrando a tradicional Festa do Rosário. Próxima a essa rua existe outra nomeada "Manoel Cachoeira", nome do possível primeiro rei da Irmandade do Rosário. Constatei, deste modo, algumas formas de apropriação do município de Pombal em relação à Festa do Rosário.

- Feiras:

Sobre as feiras, cabe aqui referir aquelas que estão relacionadas diretamente à Festa do Rosário, ou seja, as que são elemento característico da festa por acontecerem apenas no período da Festa do Rosário e por ocuparem o espaço de apresentação de alguns grupos, como é o caso dos Negros dos Pontões. Entre elas estão as feiras de artesanato, onde são vendidos produtos como alimentos regionais, produção de materiais decorativos, artigos de barro, roupas, etc. A feira ocorre geralmente nos finais de semana da festa, no período da manhã. São montadas

tendas onde são vendidos os artigos. Grande parte das pessoas que participam da venda na feira são quilombolas, vinculados ao Centro de Educação Integral Margarida Pereira da Silva (CEMAR)[85], que promove cursos, sendo o resultado desses cursos apresentados na feira. Dona **Josefa**, moradora da comunidade quilombola dos Rufinos do Sítio São João, nos contou um pouco sobre o seu trabalho na produção e venda de artesanato de barro, como jarros e panelas (louças diversas) e bonecos (muitos deles representando a cultural local, como os Negros dos Pontões). Os produtos são confeccionados na comunidade quilombola e a venda é realizada durante a feira livre do sábado em Pombal. A venda também se intensifica durante a Festa do Rosário, através dos estantes montados na Praça do Centenário, localizada em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário. Sobre os estandes, são organizados pelo CEMAR, que realiza trabalhos também direcionados às comunidades quilombolas de Pombal. Há também as barracas de vendas de lanches, e é fácil perceber o quanto a festa atrai as pessoas para a venda de alimentos durante esse período. Mesmo com os vários quiosques fixos, os quais vendem alimentos na praça próxima onde é realizada a festa, várias barraquinhas móveis se acumulam ao redor do espaço da festa como meio de se obter uma renda extra neste período por pessoas da própria cidade ou de sítios próximos. Vendem principalmente lanches e bebidas, exceto bebidas alcoólicas, pois são proibidas. Muitos desses comerciantes passam os dias da Festa do Rosário dormindo em suas próprias barracas, trabalham a noite toda e durante a manhã se aglomeram em redes armadas nas praças para descansar e voltar ao trabalho à noite.

Por meio desses dois exemplos, pode-se visualizar a Festa do Rosário também como opção de complementação da renda da população local, em conjunto com a forma de expressão cultural, como salientado anteriormente.

1.5. As festas dentro da Festa do Rosário

Um dos principais eventos realizados dentro da Festa do Rosário é “Festa dos Filhos Ausentes de Pombal”. Todos os anos os “filhos ausentes” se reúnem em Pombal no período da Festa do Rosário e celebram o reencontro e o retorno ao município. Realizada no sábado que antecede o domingo do Rosário, a festa acontece em um clube localizado nas proximidades da igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro da cidade. Todos os anos, durante a festa dos “filhos ausentes”, alguma figura ilustre de Pombal, seja ela do presente ou do passado é homenageada.

[85]Centro que promove ações socioeducativas e formação para crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de risco e vulnerabilidade social.

Os “filhos ausentes” formam uma boa parcela dos frequentadores da Festa do Rosário. Sua presença é tão significativa que levou à incorporação da Festa dos Filhos Ausentes de Pombal como uma comemoração específica, com um dia de duração, durante a Festa do Rosário. Essas pessoas, no período da festa, retornam ao município para reencontrar amigos e parentes e rememorar sua vivência nas festas do tempo de sua infância. Esse termo – “filhos ausentes” – é comumente utilizado em Pombal, inclusive sendo apropriado para reunir essas pessoas na Festa dos Filhos Ausentes, como salientado em outras passagens deste texto. Existem outras festas durante esse período, como a realizada na Associação Atlética Banco do Brasil em Pombal. Aproveita-se da oportunidade da Festa do Rosário para promover shows com bandas com repercussão nacional e que atraem o gosto popular. Por não ter nenhum tipo de relação ou vínculo tradicional com a origem da Festa do Rosário, tem sido alvo de protesto por parte de membros de grupos como a Irmandade do Rosário e mesmo do pároco local, que justificam que a festa promovida pela Associação tiraria o foco religioso da Festa do Rosário e acabaria esvaziando-a.

Ainda, cabe destacar o perfil de outros tipos de participantes da Festa do Rosário de Pombal, moradores de cidades vizinhas, que todos os anos viajam a Pombal para participar da festa. As comunidades rurais são as mais presentes, transportadas principalmente em automóveis popularmente chamados de “rural” (Ford Rural). Infelizmente, não tive a oportunidade de conversar com essas pessoas. O mais próximo deste perfil, que pude constatar, foram pessoas convidadas pela paróquia de Pombal, em sua maioria padres, para a participação nas celebrações.

Também conversei com duas famílias que moram em regiões próximas à cidade e que costumavam frequentar a Festa do Rosário de Pombal. Em relação a uma dessas famílias, tive contato com os seguintes membros: **José Idelfonson de Sousa** (com 80 anos de idade, em 2016 – agricultor aposentado), **Almira de Santos Sousa** (com 78 anos de idade, em 2016 – agricultora aposentada), e **Ednaldo José de Sousa** (com 48 anos de idade, em 2016 – porteiro). O casal José **Idelfonson** e **Almira** vive na cidade vizinha de Lagoa, e frequentava a Festa do Rosário, sobretudo as missas, sem saber precisar o último ano em que participaram. **Ednaldo José**, filho do casal, hoje vive em São Bernardo do Campo/SP, e contou que até o ano de 1987, antes de sair da cidade, ia à festa com frequência. Os membros da segunda família com quem conversei foram **Severina Pereira da Silva** (de 74 anos, agricultora aposentada), **Márcio Leandro Pereira da Silva** (de 66 anos, agricultor aposentado); e **Marcos Roberto Pereira da Silva** (de 41 anos, líder de bairro em João Pessoa/PB). Os dois primeiros são casados, e o último é filho do casal. Todos moravam no sítio Caiçara, zona rural de Pombal. Marcos Roberto relatou que sempre

participaram da Festa do Rosário de Pombal, principalmente no Domingo do Rosário, e usavam como transporte até a cidade de Pombal o caminhão pau-de-arara. O senhor **Márcio** e a senhora **Severina**, hoje, moram na cidade de Pombal e ainda frequentam a Festa do Rosário. **Marcos Roberto** frequentou a festa até os seus 28 anos, antes de mudar-se para a capital João Pessoa.

Durante a festa, percebemos a presença de muitos moradores de Pombal que, todos os dias, se fazem presentes nas celebrações realizadas na pequena igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Além dos fiéis, é relevante a presença de pessoas que participam apenas da "festa profana", dos parques e do consumo nas barraquinhas de comida. Verificamos, principalmente, crianças com seus pais e adolescentes desfrutando dos parques que todos os anos têm presença na festa.

Assim, pode-se observar o olhar multifacetado em torno da Festa do Rosário, a qual reúne diferentes significados e atrai diferentes sujeitos. Ao longo se sua existência, também podem ser notadas variações da Festa, as quais foram documentadas pelo olhar de pesquisadores e admiradores. São esses diferentes olhares e essas mudanças ao longo dos anos que analisarei a seguir.

2. A FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL E AS DIFERENTES PERSPECTIVAS

> (...) qualquer que seja o nível em que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas.
> Clifford Geertz.

Buscando construir a análise proposta nesta pesquisa, foram realizadas visitas de campo que possibilitaram fazer entrevistas, pesquisa documental e, principalmente, a vivência na Festa do Rosário de Pombal. Cabe considerar, aqui, os meios como foram realizados esses procedimentos.

As visitas foram realizadas por meio da organização promovida pelo Iphan/PB, especialmente na figura de Christiane Finizola, chefe da Divisão Técnica, por seu conhecimento prévio sobre o município de Pombal. Essas visitas levantaram uma série de expectativas relacionadas, principalmente com relação à patrimonialização e outros mecanismos de valorização/fomento das expressões culturais locais. Outro ponto a ser considerado é que quase sempre estive acompanhada por uma equipe do Iphan/PB, no carro oficial da instituição, ou mesmo pela presença de representantes de grupos como o Congo, enfatizando essa narrativa da patrimonialização. Meu olhar esteve pautado pela pesquisa, sem que estivesse necessariamente articulada à patrimonialização, buscando compreender a dinâmica da Festa do Rosário de Pombal.

Deste modo, nesse contexto, meu "lugar de fala"[86] foi delimitado como o de uma participante de todo esse processo de negociação e conflitos. Logo, mesmo que não seja a intenção limitar a Festa do Rosário através da ótica de patrimonialização, devo chamar a atenção para o contexto no qual a pesquisa está inserida. Assim, o que se pretende, por meio de uma reflexão crítica sobre a Festa do Rosário e a percepção de diferentes discursos é identificar as narrativas da Festa e diferentes processos de atribuição e reconhecimento de valores sobre ela. Ainda, deve ser considerado que todas as documentações feitas em campo e todas as falas e impressões foram colhidas a partir da perspectiva que meus interlocutores nesse processo de pesquisa tinham sobre mim, ou seja, do meu lugar de fala (o de agente/aluna ligada ao Iphan). Apesar de a pesquisa não ter se descolando da expectativa e de possíveis processos de reconhecimento/patrimonialização de expressões culturais nesse contexto, foi possível avaliar os discursos dos sujeitos envolvidos.

Meu papel nas visitas foi observar a dinâmica da Festa do Rosário e, consequentemente, a rotina do município de Pombal, além de avaliar os discursos e

[86]Uso lugar de fala no sentido concebido por Michel de Certeau (2015), para o qual o discurso dos sujeitos é influenciado pela instituição de onde vem ou a qual ele está representando.

discussões envolvendo esses elementos, além dos discursos proferidos pelos técnicos do Iphan/PB. Neste sentido, o alerta de Paul Thompson, em *A voz do passado*, foi instrumental para a pesquisa:

> A história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança. Para isso, o mito precisa tornar-se dinâmico. Tem que abarcar as complexidades do conflito (...). O que se requer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo. (Thompson, 1992, p. 43).

Sobre a pesquisa de campo e o contato com meus interlocutores, foi instrumental observar a perspectiva de Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, sobre a forma da etnografia de buscar uma compreensão da cultura: "(...) não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (2008, p. 4). Não foi o objetivo deste trabalho realizar uma etnografia propriamente dita; entretanto, a perspectiva etnográfica e as leituras do campo da Antropologia foram importantes. Neste sentido, alguns conceitos e métodos também foram incorporados. Para isso, me prendi ao objeto da descrição e da interpretação da etnografia: "(...) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis" (Geertz, 2008, p. 15). As interpretações sobre as sociedades podem ser múltiplas, entretanto, como salienta Geertz, é preciso descobrir os acessos a elas.

Durante as visitas de campo, em particular as realizadas durante a Festa do Rosário, foi possível ter um contato e perceber vários elementos que designo como expressões culturais. Foi possível pensar a Festa do Rosário de diversas maneiras, que extrapolaram as discussões sobre patrimonialização, pois a festa ainda continuaria a acontecer sem ela, como sempre aconteceu. Assim, foi possível vivenciar a Festa do Rosário através da experiência dos sujeitos que, todos os anos, fazem parte dela. Experiência que pode ser compreendida a partir do seguinte conceito, formulado por Yi-Fu Tuan: "Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização" (Tuan, 1983, p. 9). E o autor ainda continua: "Assim, a experiência implica a capacidade de aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento" (Tuan, 1983, p. 10).

Toda história está ligada ao seu papel social através da compreensão da maneira como o passado se relaciona com o presente, logo a metodologia da história oral permite-nos compreender essa relação que envolve uma dimensão de dinâmica e também de conflito, considerando a inclusão da população na identificação, no reconhecimento e na proteção das manifestações culturais, ou seja, uma pesquisa considerando o olhar dos detentores[87].

O conflito e a contradição averiguados por Thompson (1992) possibilitam lidar com informações que, muitas vezes, não são identificadas nitidamente em fontes bibliográficas ou documentais. Conflitos ocultados, mas intrínsecos em qualquer tipo de relação humana. E foram através das visitas realizadas em Pombal e da fala dos sujeitos que fazem parte da Festa do Rosário, que possibilitou conhecer melhor esse universo. Através desse contexto foi construído esse capítulo, revisitando os discursos e conflitos em torno da vivência na Festa do Rosário de Pombal, conhecendo as perspectivas em torno da festa.

2.1. Festa como categoria do Iphan

Na concepção de Rita de Cássia do Amaral (1998), a festa em grande parte do Brasil está atrelada à religião, mesmo que nem sempre exista participação nos ritos religiosos, considerando a dupla polaridade das festas: cerimônia (o culto), e festividade (demonstração de alegria). Percebem-se ainda os diferentes sentidos das festas: aspectos turísticos, do divertimento, os quais muitas vezes inspiram conflitos com a Igreja católica, através das disputas por controle. Outro ponto importante a se salientar, destacado por Rita do Amaral (1998), e que condiz com a Festa do Rosário de Pombal, também é a função das festas de diminuir as tensões provocadas pela diversidade étnica e distinções sociais desde os tempos do Brasil colônia.

Ao longo dos séculos, no Brasil, os papéis das festas veem sendo reinventados, e tanto no passado como atualmente as festas têm forte papel na construção da sociedade, segundo Amaral: “Nas festas as trocas culturais, sob suas diversas faces, acontecem em diferentes sentidos. Aparecem na arte, na estética, na música, na religião, estendendo as relações facilitadas pelo contato na festa” (...) [Amaral, 1998, p. 88].

Verificada a Festa do Rosário como expressão marcante da identidade negra no município de Pombal, é importante compreender de que forma a categoria “festa” é

[87] Termo analítico utilizado de forma institucional pelo Iphan, para designar os sujeitos inseridos nos grupos que fazem parte das expressões culturais, e aqueles os quais detêm e/ou possuí conhecimento e exerce a prática sobre este universo. Em Pombal os termos nativos para designar estes sujeitos são: membros dos “grupos folclóricos” ou estudiosos dos mesmos.

trabalhada por instituições de preservação, como o Iphan. As festas, em sua diversidade, podem ser reconhecidas por meio de definições institucionalizadas, que girem em torno do seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial. Podem, assim, ser entendidas por meio da definição da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) *na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial e ratificada pelo Brasil* (2003), ao definir patrimônio imaterial:

> (...) usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que são inerentes que as comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2011).

Ainda no contexto da abordagem das festas e consequentemente das celebrações no âmbito da preservação do patrimônio, o Iphan ressalta também "sua importância como elementos simbólicos constituintes dos sentidos que marcam os territórios e os lugares" (IPHAN, 2010).

A associação entre festas/celebrações e patrimônio cultural ressalta sua significação religiosa e profana. Como bem argumentam Paulo Miguez e Maria Laura Cavalvanti, as festas funcionam como estabilização nos processos de mudança das sociedades, considerando que retornam todos os anos e passam a representar pontos de referência (2013, p. 50). Sobre a inserção da celebração[88] das festas no âmbito da cultura, podemos compreender sua vinculação com o tempo e o espaço, segundo Clerdon Martins e Liliana Leite:

> A cultura apresenta dois elementos, aparentemente transparentes, que são fundamentais à sua constituição: o tempo e o espaço. O tempo não se define como algo vazio, a ser preenchido, mas representa uma construção social, permeada por significados que estruturam e organizam a cultura. O calendário, por exemplo, é um instrumento real dessa construção (Martins; e Leite, 2004, p. 110).

E continuam os autores: "A definição de um tempo religioso, institucionalizado, facilita e justifica a legitimação de celebrações religiosas, sendo recurso fundamental para a estruturação e permanência da religião no cotidiano da sociedade" (Martins; e Leite, 2004, p. 111). O que verificamos na celebração das festas, como na Festa do Rosário em Pombal, é um aglomerado de pessoas, vindas de todos os lugares, tanto de centros urbanos quanto dos centros rurais, identificados por motivações semelhantes e também particulares. Interferem na rotina de seus dias de trabalho para vivenciarem a Festa do Rosário, garantida todos os anos no mesmo período do calendário da Igreja católica em Pombal. Para instrumentalizar essa ideia de espaço e tempo dentro da concepção de cultura, como aqui explicitada, remeto

[88] A palavra "celebração", aqui inserida, corresponde ao sentido do verbo celebrar, ou seja, o sentido mais amplo, vinculado à comemoração, neste caso, da Festa do Rosário de Pombal.

novamente a Yi-Fu Tuan (1983), que associa elementos como a música à ideia de anulação de consciência de direção de tempo e espaço, assim como a Festa do Rosário de Pombal por meio da dança e apresentação dos "grupos folclóricos", quebrando rotinas e comportamentos usuais: (...) "Quando as pessoas dançam, movimentam-se com facilidade para frente, para os lados e até para trás. A música e a dança libertam as pessoas das solicitações de uma vida útil dirigida por objetivos, permitindo-lhes viver brevemente" (Tuan, 1983, p. 143).

2.2. Reelaborando a Festa do Rosário

A Festa do Rosário comporta uma alternância entre a devoção ao Rosário (e os cultos em torno dele) e a parte lúdica da festa de forma periódica (todos os anos) e dialógica (diálogo entre os diferentes sujeitos), representando o campo do possível (a celebração da Festa) e do imaginário (os simbolismos encontrados na fé, na devoção e no lúdico), como pode ser apreendido através da percepção dos diferentes participantes.

Essa forte relação entre o sagrado e profano pode ser constatada através da fala de **Miguel Ferreira**:

> A gente não separa (...) Por mais que haja uma separação, uma diferença entre espiritualidade, religioso, com a cultura, que às vezes denominam a cultura profana, como povo diz. Mas, a gente não separa. A gente acha que brincar com nossa senhora, brincar com o rosário, brincar com a festa, é um todo (...) Uma brincadeira de se comemorar algo importante.[89]

Como **Miguel Ferreira** relatou, o que muitos tratam como parte profana da festa, ou seja, a apresentação dos "grupos folclóricos", os próprios grupos, como os Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Congos e Reisados a consideram como parte inseparável da celebração religiosa da Festa do Rosário. Estas relações e percepções serão discutidas a seguir.

2.2.1. Relações, permanências e conflitos na Festa do Rosário

Durante as visitas, foram observados os processos de desenvolvimento da Festa do Rosário por meio da sua rememoração. A partir das falas dos detentores e da experiência vivenciada, podem-se perceber temas recorrentes: origem, organização e formação dos grupos dentro da Festa; relatos que atribuem significados a essa trajetória a partir da noção de "tradição"; perspectivas futuras sobre a continuidade das manifestações culturais; conflitos

[89]Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2014.

nas relações sociais e em torno dos entendimentos sobre a Festa e a atuação dos seus participantes.

As informações extraídas dos levantamentos de fontes documentais foram somadas aos dados das entrevistas com os representantes dos "grupos folclóricos" e pessoas envolvidas com a Festa do Rosário. Por meio de suas memórias, foram destacados aspectos relacionados à antiguidade e à continuidade dessas práticas, reapropriadas ao longo do tempo e atualizadas em função da dinâmica cultural da cidade. Sobre essa dinâmica cultural, a formulação de Eunice Durham é instrumental para o contexto pesquisado:

> A dinâmica da transformação cultural se dá pois, em grande parte, no contexto de "cultura de massa", como um processo constante de reelaboração cultural dos produtos oferecidos ou impostos pela indústria cultural e pelos outros "aparelhos ideológicos" do Estado, especialmente a escola, por parte de categorias sociais diversas que vivem de modo particular sua situação de classe. O acesso desigual às informações, assim como às instituições que asseguram a distribuição de recursos materiais, culturais e políticos, promove uma utilização diferencial do material simbólico no sentido não só de expressar peculiaridades das condições de existência, mas de formular interesses divergentes. (2004, p. 235)

Pensando nessa dinâmica da transformação cultural, as visitas a campo foram extremamente importantes para a observação. Baseadas nas questões da indústria cultural na atualidade e trazendo o exemplo de Pombal para este campo, mesmo que o município possa ser incorporado em um contexto local tão "anti-globalizante", destaco Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) em seus estudos. É interessante entender as possibilidades as quais podem se deparar realidades tais como a Festa do Rosário de Pombal. A indústria cultural tem inserido a todos de uma maneira que já pertencem a ela antes mesmo de serem apresentados a esse universo. Assim: "o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural" (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 59), moldando a cultura a sua dinâmica do capital. Pode-se designar também como: (...) "produção e disseminação de produtos culturais para o consumo em massa, ou seja, o consumo de um grande número de pessoas em diferentes lugares, independentemente das particularidades culturais" (Silva e Silva, 2015, p. 225).

Em Pombal, percebe-se a necessidade dos grupos de realizar apresentações que extrapolam a Festa do Rosário, onde recebem remuneração, ficando à margem as questões simbólicas de suas apresentações na Festa. Constata-se que essas apresentações, no passado, eram realizadas nas casas de pessoas que os chamavam para fazer suas danças, no contexto da Festa do Rosário. Hoje, pensando nas mudanças e reconfigurações pautadas a partir da noção de indústria cultural, podemos acrescentar a questão do consumo: "Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente"

(Adorno e Horkheimer, 1985, p. 60). O capital dá a possibilidade de manutenção dos grupos, mas com o risco de serem engolidos pelos moldes da indústria cultural, de homogeneidade, o que ainda não é o caso dos grupos dos Congos, do Reisado e dos Negros dos Pontões de Pombal, pelo que pôde ser observado. Neste sentido, cabe salientar a preocupação, ainda atual, de Aloísio Magalhães com as cidades que se encaixam no perfil de Pombal, ou seja, ainda não incorporadas por esta "indústria cultural". Aloísio Magalhães cita o caso de Triunfo, no interior do estado de Pernambuco:

> (…) existe Triunfo. E quantos Triunfos existem por aí? E que é que nós estamos fazendo senão justamente o contrário, destruindo, criando situações que nada têm a ver com aquela harmonia? Criando situações de desespero e angústia nos grandes centros urbanos e que vão afetar Triunfo se nós não nos apercebermos de que é preciso proteger, é preciso estimular situações como a de Triunfo? Enfim, nesse sentido eu acho que a realidade brasileira nos oferece muita coisa que não está ainda devidamente equacionada. (Magalhães, 1980, p. 43).

Dentro dessa dinâmica, podem-se constatar as possibilidades da Festa em articular conflitos anteriormente mencionados, e ao mesmo tempo a aproximação entre os agentes que fazem parte dos "grupos folclóricos". Sobre essa perspectiva de conflito, volto a discutir as formas como eles ocorrem entre grupos tão diversos como os da Festa do Rosário de Pombal. Com base na perspectiva de Max Gluckman (1987), que realiza análise da sociedade do Reino de Zulu (antiga monarquia nativa da África do Sul) a partir de um fato (inauguração de uma ponte e o comportamento da população diante do evento), podemos considerar as complexidades das relações e posições que definem esses conflitos:

> Tentei delinear o funcionamento da estrutura social da Zululândia em termos das relações entre grupos, tendo indicado algumas das complexidades que permeiam estas relações, já que uma pessoa pode pertencer a inúmeros grupos que estão às vezes em oposição entre si ou unidos contra outro grupo. Como muitas relações e interesses podem interseccionar-se em uma pessoa, exemplificarei brevemente o que ocorre no comportamento dos indivíduos. (Gluckman, 1987, p. 259).

Gluckman (1987) ressalta as diferentes relações que um mesmo indivíduo pode nutrir no grupo ou pertencendo a diferentes grupos. Assim, as relações de conflitos não são apenas entre os sujeitos, mas também com o próprio indivíduo que pertence a diferentes grupos. Desta forma, também se percebe em Pombal que cada sujeito que pertence a um grupo relacionado com a festa, também pertence a um grupo familiar, aos grupos de seus trabalhos, aos grupos de suas comunidades. E essas diferentes relações influenciam na tomada de decisão e na defesa de interesse de cada grupo em relação à Festa do Rosário.

Além de espaço para os agentes dos grupos culturais, como os Negros dos Pontões, o Reisado, os Congos, a Irmandade do Rosário, a Festa também é momento de articulação social para os devotos, para aqueles que vêm apenas para se divertir nos parques, ou para consumir das barraquinhas distribuídas na Festa, para aquelas pessoas que não residem mais em Pombal, mas retornam durante o período da Festa para revisitar suas lembranças e memórias. Para essas pessoas, a Festa do Rosário é atribuída de diferentes valores: seja pela fé ou mesmo pelo lazer, todos esses sujeitos se encontram durante a Festa do Rosário. Contudo, os seus variados sentidos não foram analisados profundamente, tendo em vista as interferências dos lugares de fala. Sobre esses significados, podemos refletir a partir da colocação de Tuan sobre os significados atribuídos à cidade: "A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo. A cidade tradicional simbolizava, primeiro, a ordem transcendental e feita pelo homem em oposição às forças caóticas de natureza terrena e infernal" (Tuan, 1983, p. 192).

Em relação à articulação dos grupos na Festa do Rosário de Pombal, em particular a Irmandade do Rosário, pude verificar por meio das narrativas de seus membros, que a Irmandade vem perdendo espaço, progressivamente, no contexto da Festa do Rosário. Segundo **Edmilson Neri** (rei suplente da Irmandade do Rosário: "Nosso grupo não é fortalecido, nenhum grupo aqui em Pombal é fortalecido (...) Na Irmandade do Rosário, a mudança que houve, a mudança que houve é aquela falta de vontade de participar". E sobre a forma de retomar o protagonismo, afirma:

> A forma de preservar é a gente, é os, os componentes, serem persistentes, inclusive eu, eu sou um pouco dorminhoco. Cada um de nossos, nossos componentes, ingressar na sociedade e exigir mais, cobrar mais. Pedir a participação. Convidar, convidar e convidar. Quem sabe não tenha meia dúzia que queira entrar?[90]

Em relação aos outros grupos, **Miguel Ferreira** destaca iniciativas para promover a continuidade e uma possível integração entre eles. Nesse sentido, ele propõe algumas atividades com essa intenção, como está descrito em sua fala:

> "Edmilson[91], vamos fazer um pacto... todas as apresentações que os Congos fizerem agora, quero combinar de ir pelo menos três membros da Irmandade (...) Fazer uma companhia. Que a gente seja uma companhia mesmo".

[90]Edmilson Neri em entrevista no dia 04 de outubro de 2014.
[91]Suplente do rei da Irmandade.

Nota-se que em seu desejo pela continuidade e permanência das manifestações, a ideia de unir os grupos nessa empreitada, afirmando a composição de uma companhia formada por todos os "grupos folclóricos".

Novas propostas de reconfiguração, por parte da paróquia de Pombal, representada pelo pe. **Ernaldo** e estimuladas pelo Iphan/PB, têm tentado retomar esse mínimo protagonismo. Cito como exemplo a inserção da Irmandade do Rosário em algumas reuniões para organização da Festa do Rosário. Até onde acompanhei, o Iphan/PB realizava convite para as reuniões com a participação de todos os grupos, incluindo a Irmandade do Rosário. Em relação à organização da Festa do Rosário, a participação da Irmandade se fez através da discussão dos espaços disponíveis para a apresentação dos "grupos folclóricos". Entretanto, no que diz respeito aos projetos de restauro da igreja, até o momento que acompanhei, a Irmandade do Rosário participou como ouvinte, sem nenhum tipo de atividade mais representativa.

Mesmo diante de tantos problemas enfrentados ao longo de sua existência, a permanência da Irmandade ainda é destaque na Festa. Dentre os problemas verificados por mim estão à idade avançada de alguns de seus integrantes, como o rei, e a dificuldade de se encontrar substitutos; e a perda de espaço e autonomia em algumas decisões a respeito da festa para a paróquia de Pombal. Mesmo que a paróquia, na figura do padre **Ernaldo Sousa**, tente retomar esse contato, a relação ainda é muito frágil e conflituosa, devido ao pouco esforço e autonomia da Irmandade do Rosário. Do meu ponto de vista, a inserção nas reuniões ainda não é suficiente para a retomada dessa relação, pois seria necessário transferir maiores responsabilidades à Irmandade do Rosário, por parte da paróquia de Pombal, no desenvolvimento das atividades da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Contudo, mesmo diante das dificuldades apontadas, através da minha vivência na Festa do Rosário, pude perceber que a permanência da Irmandade nas atividades relacionadas à Festa persiste através da arrecadação de dinheiro para os fogos de artifício e sua queima, e da participação nas procissões, celebrações da missa e proteção e guarda do Rosário, como dito anteriormente.

Sobre as mudanças na relação das pessoas com a Festa, destacamos a fala do senhor **João Raimundo da Silva**[92], conhecido também por **João Coremas**, rei da Irmandade do Rosário[93]: '"Festa dos negros'. Mas os negros hoje não querem mais ser negros (...) A festa,

[92] Começou na Irmandade como irmão de devoção (década de 1950). Tornou-se rei quando os outros reis foram morrendo e passando um para o outro até chegar a ele.
[93] Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2014.

os negros fazia". Percebemos, na perspectiva do senhor **João Raimundo**, que até mesmo a afirmação da identidade negra no contexto da Festa pode ser conflituosa em alguns casos. Quando **João** menciona que os "os negros, hoje, não querem mais ser negros", percebemos a relutância de alguns jovens em participarem de grupos como a Irmandade do Rosário. Entretanto, essa manutenção vem sendo reconstruída através da participação dos casais de crianças, representando reis e rainhas da Irmandade, incentivada pela paróquia de Pombal.

Outras modificações podem ser notadas a partir da fala do senhor **João Raimundo**, sobre a composição da Irmandade: "São doze pessoas. Antigamente tinha, hoje é diferente". Essa diferença apontada por **João Raimundo** se dá pela não obrigatoriedade da existência dos doze membros; a Irmandade do Rosário pode existir com menos participantes, sem necessitar da inclusão de outros, possivelmente pela pouca existência de interessados em fazer parte do grupo. Sobre a devoção a Nossa Senhora do Rosário, ele afirma: "Era muita fé (...) não é essa vaidade de hoje". E sobre a duração da festa: "Era trinta dias de festa (...) Quando tinha essa festa, não tinha padre não". Esse último depoimento do senhor **João Raimundo** nos remete a uma questão bastante evidenciada durante a sua entrevista: o forte conflito e divergências existentes entre alguns membros da Irmandade do Rosário e a atual liderança da paróquia de Pombal. Existe um desejo de se retomar essa relação por ambos os lados, entretanto, ficou bastante óbvio que muitas mágoas do passado, como a exclusão da Irmandade do Rosário das decisões mais importantes da igreja de Nossa Senhora do Rosário, ainda estão presentes. Jerdivan Araújo compara as posturas de padres do passado, com a do padre atual, até mesmo sobre questões simbólicas do Rosário: "Aí, o único padre que eu sei, Padre Solon França, ele, eu lembro muito de padre Solon. Ele pegava o cesto com o Rosário, gritava: uma salva ao rosário. Esse padre não: uma salva a nosso Senhora do Rosário, não é o Rosário". Sobre as questões simbólicas e religiosas e a importância dos rituais para a sua manutenção, que percebemos no caso da Festa do Rosário, cabe considerar a afirmação de Geertz:

> A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do "verdadeiramente real" e as atividades simbólicas da religião. Como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, torná-lo inviolável. Pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui. De um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam — de uma autoridade persuasiva. E isso nos faz chegar, finalmente, ao ritual. É no ritual, isto é, no comportamento consagradoque origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial. (Geertz, 2008, p. 82).

Assim, também, configura-se a importância dos rituais dos "grupos folclóricos" na Festa do Rosário de Pombal. Sobre a presença da Irmandade em eventos que não sejam relacionados à Festa do Rosário, o pe. **Ernaldo Sousa** declarou que eles não aparecem. Mesmo sendo vistos como "folclóricos", ou seja, como um elemento alegórico da festa, pelo menos no olhar de parte da população de Pombal, o padre argumenta que os membros da Irmandade deveriam ter um papel mais relevante dentro da Igreja, o papel de "resistência" de outrora:

> E algumas pessoas, talvez, vejam como uma demonstração folclórica, que eu acho que perde um pouquinho né. Eu acho que é preciso que eles sejam vistos como alguém que colaborou para uma sociedade onde as pessoas sejam realmente irmãos e irmãs (...) Do ponto de vista pastoral eu vejo assim, que eles não é para uma apresentação, não é para uma questão apenas de, nem sei nem como te explicar, não é para como compor um ritual (...) é bem mais para dizer: nós temos influência na História, nos mudamos alguma coisa (...)

Podemos perceber alguns dessas divergências, por meio da fala do seu **João Raimundo**[94], sobre as arrecadações feitas pela Irmandade do Rosário para custos da própria Irmandade. Segundo ele, atualmente, as pessoas não contribuem tanto como antes, e seria papel da paróquia contribuir:

> Agora eu achei uma parte, que eu digo que tá errada é assim, por que essa despesa deveria ser da igreja, não eu pedindo nas portas, como quem ser esmolé, eu não sou esmolé. Eu sou devoto de nossa senhora, eu sou escravo de nossa senhora, mas esmolé eu não sou, ai. Agora esse padre (risos). Quanto padre Solon dava pra o senhor? Mandava tirar a despesa, e dava duzentos mil réis, nesse tempo o salário era duzentos. Isso é um gozador. Não deu nenhum. Faz doze anos.

Jerdivan Araújo também retoma a questão anterior:

> Porque a manutenção da igreja, sempre foi a Irmandade. A Irmandade é responsável por tirar as goteiras, a Irmandade é responsável pela pintura da Igreja, a Irmandade é responsável, não a Igreja, a Irmandade é responsável pela construção, hoje, ela fez dentro da igreja, hoje é fora, pelos palanques. Tem reclamação aqui, registro em livro de ata, em que eles reclamam: olhe! este ano não ficamos com dinheiro se quer para pagar os ajudantes.

Nas reuniões que acompanhei, as quais tinham como pauta o restauro e tombamento da igreja de Nossa Senhora do Rosário, os membros da Irmandade do Rosário eram convidados pelo Iphan para participar. Entretanto, essa participação se resumia apenas à presença, sem nenhum tipo de fala dos membros da Irmandade. Também considero sua participação restrita às reuniões realizadas em Pombal. Considero esses convites motivados

[94]Entrevista realizada com o senhor João Raimundo, no dia 03 de outubros de 2014, em sua residência. Sobre as discussões de alguns grupos com o pároco.

pela expectativa de um processo que desse voz a todos; entretanto, percebo que o saber técnico, nessas reuniões, é mais valorizado do que o conhecimento dos integrantes dos grupos como a Irmandade do Rosário. Em relação às transformações que vêm ocorrendo na Festa do Rosário, em destaque as configurações dos "grupos folclóricos", cabe destacar, nas falas dos membros dos grupos em reuniões e entrevistas, as mudanças observadas por eles, como a inexistência de cadeiras para os reis, ou a falta de espaço no largo da igreja do Rosário. Outra mudança notada por eles é a percepção dos mais novos com os grupos: "Os meninos veem como uma brincadeira que envergonha (...) Não tem conhecimento da própria identidade". Com isso, **Miguel Ferreira**[95] percebe a participação do Iphan/PB como a oportunidade de uma ação para os grupos continuarem.

Miguel Ferreira, opina sobre a atual situação do grupo do Reisado, afirmando que esse último precisa de ajuda para se reestruturar. Entretanto, os membros do grupo do Reisado se contrapõem a esse tipo de opinião. Isso mostra a divergência que existe entre os próprios grupos. Os membros do grupo do Reisado demonstram em suas falas, como a do senhor **Ivônio Santos**, em reunião do dia 13 de agosto de 2015, que alguns grupos têm mais tempo para apresentação do que outros, argumentando ser esta a origem da desmotivação do Reisado em se apresentar, tendo em vista o pouco tempo disponível para eles: "(...) sete da noite, oito horas, nove horas, e não chegamos (...) que horas vamos entrar?". Percebe-se certa rivalidade entre os grupos, disputas motivadas pela inserção e destaque na Festa do Rosário. As discussões apresentadas mais acima fazem parte de algumas das múltiplas percepções e relações estabelecidas na Festa do Rosário de Pombal, representando pontos de confluência e conflito entre os grupos que fazem parte da festa, e que ao longo do tempo vão se modificando. Para tratar dessa condição de mudança dos grupos nos apropriamos de Patrícia Silva Osório (2012) quando afirma que: (...) "a mudança é condição essencial para a continuidade da brincadeira" (...). E conclui: "Toda reprodução da cultura é uma alteração, uma vez que, na ação, significados culturais são alterados" (Osório, 2012, p. 254). Importante para relativar a discussão em torno das noções de transformação que ocorre na Festa.

2.2.2. Nomenclaturas e categorias da Festa

Cabe apresentar e discutir os conceitos e elementos recorrentes nas narrativas e discursos elaborados em torno da Festa do Rosário de Pombal. Categorias nativas e elementos notados nas falas dos entrevistados e na grande maioria das fontes consultadas para esta

[95]Entrevista realizada em 14 de agosto de 2015.

pesquisa. Podem-se notar diversas percepções sobre a devoção e narrativas da festa. Os significados das diferentes nomenclaturas podem ser percebidos nos discursos dos indivíduos que fazem parte do universo da festa. As posições marcadas por esta distinção podem ser identificadas, por exemplo, na fala do padre **Ernaldo Sousa** (pároco atual de Pombal). O padre, em reunião conosco, afirmou que antes de sua chegada ao município de Pombal, comumente, a população atribuía o nome de Festa do Rosário; entretanto, ao longo de sua jornada, o padre afirmou que vem enfatizando a importância da devoção a Nossa Senhora do Rosário, associando, assim, a nomenclatura da festa à devoção da santa. Sobre a relação dos grupos com o Rosário, em substituição a Nossa Senhora do Rosário, o padre **Ernaldo** comentou:

> Pra algumas pessoas, elas não entendem realmente a dimensão mais importante da festa, que é o aspecto religioso, o aspecto sacro. Sabe-se que o aspecto religioso ele é, ele fala daquilo que conquistará, a questão da resistência. Sabe se que os negros eles eram muito maltratados, eram escravos, e sabe-se que o sistema, o sistema escravatório também é tirava liberdades, como se sabe né. Aí acho que a partir do momento que eles foram conquistando os espaços, foram também suas festas (...) uma devoção muito forte por nossa senhora, pela mãe de Jesus, então, eles também né, foram legitimando o rosário como uma forma de rezar, eles não tinha leitura né, eles não tinha leitura, e isso de certa forma era a bíblia deles.[96]

Em conversa com integrantes dos grupos culturais, alguns afirmaram, entretanto, que o antigo pároco da cidade, padre Solon Dantas de França, em aclamação, sempre fazia referência ao Rosário. E ainda, a relação que grande parte da população entre a festa e o culto ao Rosário pode ser identificada por dois motivos mais profundos, entre eles: o nome da festa, dedicada ao Rosário e não a Nossa Senhora do Rosário, e a presença marcante do Rosário na celebração. Como **Jerdivan Araújo**[97] anuncia:

> Tecebá é o Rosário deles. O Rosário daqui, pelo que as pessoas contam, como Wilson Seixa, o Benjamin, Roberto Benjamin, que estou muito, o Rosário daqui não tinha crucifixo não, era uma bola no final. Que é o tecebá, é o tecebá. Tanto que o Rosário a gente vê, eu vim uma festa o rosário era dourado, quando vim ano passado era azul (...) Eu acredito que o primeiro rosário, dos negros, era simples, de madeira mesmo, umas contas de madeira. (...) E como eles perderam a identidade cultural deles, colocaram o crucifixo.

Desta maneira, a festa se compõe de distintas formas de percepção para diferentes pessoas, desde a sua nomenclatura até a sua vivência, com diferentes significados e simbologias, aos quais estão associados os espaços da festa, disputados a cada ano.

---

[96]Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2015.
[97]Entrevista realizada em 10 de outubro de 2014.

2.2.3.Significados e simbologia dos espaços

Assim como as expressões culturais podem ser consideradas representativas de um determinado grupo, os espaços em que elas acontecem também são representativos, quando concebidos como "lugares". Sobre definições de espaço e lugar, uso a definição de Yi-Fu Tuan:

> "Espaço" é mais abstrato do que "lugar". O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (p.06, 1983)

Desenvolvendo melhor estes conceitos, o autor associa o lugar à experiência e um processo de atribuição de valor:

> O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar. O espaço, como já mencionamos, é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares. Por isso o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa dos objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e – mais abstratamente – como a área definida por uma rede de lugares. (Tuan, p. 16, 1983)

Instrumentalizando essa perspectiva, podemos dizer que o espaço ocupado pela Festa do Rosário e sua rede de relações podem ser entendidos a partir dessa noção de lugar. Ainda, segundo Martins: "(...) o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita" (Martins, 2004, p. 39). Salientando, ainda, a relação da cultura com o lugar, Martins continua: "Na realidade, o que torna o lugar atraente é a cultura de sua gente, o jeito que esse povo encontrou de estar e ser em sua existência, em seu espaço, vivendo sua realidade" (Martins, 2004, p. 40).

A relação apontada por Martins é importante quando pensamos nos diferentes significados dos espaços, considerando, em diálogo com a perspectiva de Arantes, que são construídas cotidianamente e coletivamente fronteiras simbólicas que: (...) "separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas" (Arantes, p.191, 1994). Assim, entendo que seja possível fazer uso da descrição de Arantes para o caso de Pombal:

> A observação das atividades que ocorrem num espaço delimitado, ao longo do tempo, permite acompanhar como se configuram as relações sociais, os

> conflitos, os jogos de poder e violência. Não em movimento, mas ocupando um lugar fixo, reconhecem-se tramas, a sucessão das tramas até o início do novo enredo (Arantes, p. 196, 1994).

Deste modo, percebemos a celebração da Festa do Rosário, como um espaço onde algumas pessoas se reconhecem e se acolhem, identificando-se com aquelas que cultivam sua devoção ao Rosário, ou mesmo, a Nossa Senhora do Rosário. A igreja de Nossa Senhora do Rosário, seu entorno, as ruas por onde passam as procissões configuram-se como lugares para essa celebração. Pude notar isso, principalmente, através das reuniões entre os "grupos folclóricos" (Congos, Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Reisado), a Paróquia de Pombal e o Iphan/PB, em que foi discutido o uso do espaço do largo da igreja de Nossa Senhora do Rosário para as apresentações dos mesmos "grupos folclóricos". Desta forma, muito das percepções e relações estabelecidas com esse lugar – e conflitos inerentes a essas relações - pode ser entendido através da perspectiva de espaço experiencial, discutida por Tuan:

> É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir objetos e os lugares que definem o espaço. O espaço da criança se amplia e se torna mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Já observamos como o espaço desconhecido se transforma em bairro, e como a tentativa de impor uma ordem espacial utilizando um reticulado com as direções cardeais resulta no estabelecimento de um padrão de lugares significantes, incluindo os pontos cardeais e o centro (Tuan, 1983, p. 151).

A partir dessa perspectiva, percebemos que um dos lugares mais significativos, mencionado nas reivindicações de membros dos "grupos folclóricos" é justamente o lugar de disputa entre os fiéis que participam da celebração religiosa e os grupos que, tradicionalmente, realizam suas apresentações no largo da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Podemos considerar esse espaço como um território de disputa, pois ali tem sido montado o palco pela equipe litúrgica que realiza as celebrações religiosas. Algumas atividades ainda são efetivadas no interior da igreja (celebrações com número menor de fiéis, realizadas durante a semana), entretanto o pequeno edifício não acomoda a população atual que participa da Festa, bem mais numerosa do que na época da construção do templo religioso. Em relação aos grupos, apenas os Negros dos Pontões realizam algumas apresentações dentro da igreja, como o cortejo e exaltação ao altar. A noção de dramatização, explicada por Tuan nos ajuda a compreender a importância desse lugar e a motivação para sua disputa entre os grupos locais:

> (…) Os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito reais através da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos (1983, p. 197).

Além dos diferentes significados religiosos da festa, seja relacionado à devoção a Nossa Senhora do Rosário, reforçados pela Igreja católica, seja ao Rosário, pela devoção popular, os espaços da Festa do Rosário também têm diferentes significados, apreendidos através das várias documentações audiovisuais e bibliográficos realizadas da Festa. O espaço vem sendo ocupado de diferentes formas ao longo de anos, assim como diferentes sentidos têm sido atribuídos à festa e a seu espaço, em diferentes momentos; as simbologias são percebidas de diferentes formas, por diferentes sujeitos. Sobre isso, Tuan aponta:

> (…) Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora - através dos olhos de turista e da leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada (1983, p. 20-21).

A apresentação dos grupos vem sendo realizada, continuamente, no largo da igreja, entre os bancos ali colocados e os fiéis que se espremem para participar das celebrações. O crescimento da população não tem permitido que as celebrações sejam realizadas na pequena igreja de Nossa Senhora do Rosário, motivo pelo qual todos os anos é montado palco na área externa para a realização das missas[98]. Outro tipo de ocupação, que antes era feita no espaço próximo à igreja, eram as barracas de vendas de comida. Padre **Ernaldo**, há 13 anos à frente da paróquia em Pombal, relatou sua própria atuação para reestruturar a festa através da reorganização do espaço, interferindo em atividades como a comercialização na calçada da igreja. Comerciantes que vinham de outros lugares ocupavam esse espaço e o pároco contou com a ação da prefeitura e do Ministério Público para melhorar a infraestrutura da Festa e realocar os brinquedos do parque, que faziam barulho durante a celebração das missas. Outra mudança exigida pela paróquia foi a proibição da venda de bebidas alcoólicas, decisão

[98]O *tombamento* estadual também restringiu os usos do espaço da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fato averiguado através das solicitações de uso do espaço, encontradas em processos do órgão estadual (Iphaep), como é o caso do Processo nº 0193/2009: Realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB, abertura 25/09/2009, interessado – Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pombal/PB. Solicitam análise de projeto para instalação de palco nas proximidades da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

criticada por parte da população. O entendimento do pároco diante dessa questão era de que as pessoas não entendiam a dimensão religiosa da Festa do Rosário. Essa reestruturação vem ocorrendo há pelo menos 10 anos. A cada ano, uma nova mudança é incorporada, segundo padre **Ernaldo**:

> Quando eu cheguei, eu comecei também a ver como é (...) a gente aproveitar mais esse potencial no tocante também a participação, a própria estrutura da festa. Conversando com a prefeitura, nós também pedimos a questão dos espaços, que naquela época era muito confuso. A questão de espaços, muita mistura. Porque as pessoas não respeitavam muito o local de colocar, muita gente vendia em cima da calçada da igreja, era muito conturbado. Só que depois nós fomos então buscando aperfeiçoamento a partir também da própria exigência que o aspecto sagrado pedia. É que muita gente vinha para festa, mas é também tinha o intuito de, de religiosidade popular, mas eu creio que também era uma oportunidade é uma oportunidade também de vender suas coisinhas. Muita gente, muitos comerciantes que vinham de outros lugares, aquelas barraquinhas, aqueles vendedores ambulantes, então, criava realmente uma dificuldade imensa até no exercício também do próprio acontecimento da festa. Por que, porque eles não queriam saber, então, não tinham muito respeito né, pela festa em si. Claro, não era intenção deles, mas na verdade a gente tinha que delimitar os espaços, delimitar também até onde eu deveria vender, né. E assim a gente foi aos poucos se organizando, foi quando a gente contou muito com a Prefeitura, no sentido de que? De organizar a parte da infraestrutura, a questão também de parque, que dava muita dificuldade, na época, a questão do som.

Atualmente esses espaços vêm sendo continuamente alvo de discussões, tentando articular a melhor forma de inserir todos na Festa do Rosário.

Tentando entender a formação das relações sociais e dos usos dos espaços da Festa, citamos uma narrativa que remete, possivelmente, uma das primeiras Festas do Rosário em Pombal. Ela teria ocorrido no primeiro domingo de outubro de 1895, com uma solenidade simples, sem as "festividades profanas", como indica **Verneck Abrantes** (2008, p. 07):

> As manifestações religiosas foram conduzidas pelo ato da missa e depois a procissão fazendo os caminhos das principais ruas da cidade, o Rosário em exposição e a participação dos grupos: Congos e Negros dos Pontões. No ano de 1959 foi incorporado o Reisado (2008, p. 12).

O termo "festividades profanas" é utilizado pelo autor no sentido de que as manifestações religiosas seriam relacionadas apenas às atividades da Igreja católica, como as missas e procissões. Entretanto, esse termo também pode ser entendido como uma forma de excluir e desqualificar qualquer manifestação dos grupos, católicos ou não, cuja expressão e forma não sejam reconhecidas a partir do entendimento de sagrado e religioso da Igreja, remetendo-os a atividades apenas alegóricas. Entretanto, para grupos como os Congos e

Negros dos Pontões, e todos os outros que não estão associados diretamente com a Igreja católica, suas manifestações também são consideradas sagradas.

Além do espaço da igreja de Nossa Senhora do Rosário e seu largo, como citado anteriormente, podem ser citados como espaços de relação com a Festa do Rosário: a Casa do Rosário, os caminhos das procissões e o próprio espaço onde ficam dispostos os brinquedos dos parques durante a Festa, anteriormente descritos. Cada qual representa um espaço de disputa diferente, representativo da Festa do Rosário de Pombal, e que vem se transformando a cada ano. A Casa do Rosário, os caminhos das procissões, e os espaços dos brinquedos e barracas de comidas representam espaços de disputas, considerando a concorrência para permanência dos sujeitos que vivenciam esses espaços a cada ano e assim reconfigurando esses locais ao passar dos tempos.

2.2.4. Relações interculturais[99]

Considerando a citação de **Verneck Abrantes** (2008) sobre o possível acontecimento da primeira Festa do Rosário de Pombal, podemos avaliar que as festividades e outras expressividades religiosas podiam ocorrer muito antes do que é declarado pelo autor. Essa dedução é feita por não existir uma documentação concreta da data, e por conta da prática dos escravos e povos subjugados por outros se manifestarem em segredo, devido à repressão. A sobreposição de seus cultos por meio das celebrações das festas católicas, entendida a partir da noção de sincretismo religioso, esteve relacionada a "fusões religiosas ou movimentos simbólicos tradicionais" (Canclini, 2013, p. 19). Entretanto, os documentos consultados sobre a Festa do Rosário não fazem menção a manifestações anteriores, provavelmente ignoradas ou silenciadas por não serem consideradas relevantes para o contexto em que estavam inseridas, e até mesmo marginalizadas.

Analisando essa situação, remetemos a exemplos apontados pelo historiador Peter Burke, o qual aponta casos de culturas que, mesmo submetidas ao poder das autoridades de Estado e religiosas vinculadas ao catolicismo, encontravam formas de se manifestar:

> Os muçulmanos da Espanha foram convertidos à força depois da tomada de Granada pelos cristãos, em 1492, mas isso não apagou sua cultura particular, que se manteve sólida por todo o século XVI, e mesmo depois. Os mouros praticavam secretamente sua religião, guardando a sexta-feira como dia de descanso, jejuando durante o Ramadã e, depois, correndo pelas ruas e atirando água perfumada e laranjas, como os cristãos, durante o Carnaval (2010, p. 81).

[99]Faz referência a relações ou trocas entre culturas diferentes.

Assim, o sincretismo, ou como formula Canclini (2013, p. 195), o "hibridismo cultural"[100], pode ser considerado como mecanismo para a continuidade das manifestações, dos cultos e das festividades de povos não hegemônicos. A festa é entendida como o momento de confluência das pessoas e das manifestações, o ápice de toda celebração. É para este momento que os "filhos ausentes" voltam para reencontrar os parentes e amigos, no caso da Festa do Rosário de Pombal.

Sobre as múltiplas relações e significados envolvendo diferentes sujeitos da Festa do Rosário, considerando as diversas características de quem vivencia aquele momento e cria (e recria) ali novas formas de expressão e relações de sociabilidade e devoção, busquei um elemento articulador que expusesse o desafio de tratar da relação, por vezes conflituosa, entre diversidade e alteridade no contexto da festa de Pombal, tendo em conta essa noção de hibridismo cultural.

Na viagem realizada em outubro de 2014, onde observamos a festa do princípio ao fim, acompanhamos o ofício religioso, realizado todo dia, de manhã cedo; a feira livre de todos os sábados; a capoeira, com a "roda do Rosário". A capoeira está inserida em Pombal desde 1982, e na Festa do Rosário há pelo menos 10 anos. Este é o único momento de articulação da capoeira com a Festa do Rosário. Por meio de entrevista, **Diogo Silva** (professor de capoeira e sobrinho de **Miguel Ferreira**) afirmou perceber certo estigma de algumas pessoas, moradoras de Pombal, em relação à capoeira, por ser tratar de uma manifestação de matriz africana. Segundo **Diogo**, compreende-se que o principal motivo se daria por conta da capoeira não ter sido inserida no contexto da Festa do Rosário desde os seus primórdios, e por não ser diretamente vinculada ao catolicismo:

> Mas ele só usava o espaço, é por que a gente temo muito cuidado com isso, é por que, como você falou, até aí fugi do assunto. Por que, capoeira não é religião. Ela pode ter um elemento do candomblé, mas ela não tem nada ver com religião nenhuma. (...) Acho que também é pela proporção da cidade, é pequena também. A gente também até já sofreu na pele essa questão do preconceito: ah lá vai o pessoal da macumba (...) falta de informação, a gente tá começando a desmitificar isso.

É evidente a contradição que persiste entre a postura de se estigmatizar a capoeira e se valorizar a identidade negra tão fortemente associada à Festa do Rosário. Entretanto, é

[100]Canclini aponta esse conceito como mais abrangente do que sincretismo. Acredita que este último trata massivamente de fusões religiosas. Enquanto hibridização entende por: (...) "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (Canclini, 2013, p. XIX). O autor ainda enfatiza: "A ênfase na hibridização não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades 'puras' ou 'autênticas'" (2013, p. XXIII).

possível perceber nas falas de entrevistados como as com o seu **João Raimundo**, **Miguel Ferreira, Edmilson Neri**, entre outros, a importância conferida por eles ao fortalecimento dessa identidade em Pombal, associada ao contexto histórico de formação da Festa do Rosário e dos grupos tradicionais (e outras expressões culturais) vinculadas a ela. Quando se considera os "grupos folclóricos", como os Negros dos Pontões, a Irmandade do Rosário ou os Congos, devido ao intercâmbio, no passado, de suas formas de expressão com a religião católica, eles são reconhecidos. Entretanto, na perspectiva de **Diego Silva**, a capoeira é diretamente relacionada à religião de matriz africana[101], e por isso, menos tolerada.

O discurso oficial proferido por alguns aponta que a capoeira é muito recente no contexto de Pombal, e que, portanto, não é qualificada para ser inserida oficialmente na Festa do Rosário. Dessa forma podemos perceber o "uso cultural da cultura" que, segundo Ulpiano Menezes, explica as inclusões e exclusões das práticas culturais a partir de uma forma de representação simbólica que exclui possibilidades de diversidade: "O uso cultural da cultura ao invés de estabelecer uma interação das representações e práticas, privilegia as representações que eliminam as práticas. O simbólico substitui as condições concretas de produção e reprodução da vida" (Menezes, 2009, p. 29).

Mesmo que a estruturação de iniciativas para a continuidade de suas apresentações seja desejo de todos, os conflitos entre os grupos são identificados na fala do padre **Ernaldo** Sousa: "Eles não convergem muito, não são muito unidos, há muitas falácias contra os outros (...) isso é preocupante". Sobre os grupos, o padre acrescenta: "A comunidade negra, que praticamente é um patrimônio, que deve ser a comunidade negra do Rosário". Entretanto, para além dos conflitos e confluências, nem todos os grupos inseridos no contexto da Festa do Rosário, e que almejam espaço e reconhecimento, são tratados da mesma forma. A tradição e a identidade negra dos "grupos folclóricos", quando claramente vinculadas aos ritos católicos, são toleradas e estimuladas. Quando não são, o mesmo não ocorre. Sobre o desafio de se articular diversidade e diferença cultural no contexto das ações de preservação, cabe recuperar a discussão de Ulpiano Bezerra de Menezes, considerando que o reconhecimento da comunidade negra do Rosário contrasta com sua pouca inserção em decisões importantes da festa:

> O campo dos valores não é um mapa em que se tenham fronteiras demarcadas, rotas seguras, pontos de chegada precisos. É, antes, uma arena de conflito, de confronto - de avaliação, valoração. Por isso, o campo da cultura e, em consequência, o do patrimônio cultural, é um campo

[101] Perguntamos a Diego Silva sobre a prática de religiões de matriz africana no munícipio de Pombal, ou mesmo se algum capoeirista participa. Diego Silva afirmou desconhecer tal fato. Afirmação que parece refletir o estigma às religiões de matriz africana.

> eminentemente *político.* Político, não no sentido partidário, mas no de *pólis*, a cidade dos gregos, isto é, aquilo que era gerido compartilhadamente pelos cidadãos; a expressão correspondente entre os romanos, *res publica*, representa a outra face da moeda: a coisa comum, o interesse público. A democracia garante direitos e acessos; a república, finalidade e responsabilidades. A cidadania haveria de ser obrigatoriamente democrática e republicana e instaurar direitos e as correspondentes obrigações.
> (...) Nesse patamar, não basta um tratamento técnico-científico das questões: ele nunca dará conta de toda a problemática presente (Meneses, 2009, p. 38).

Com isso, observamos os verdadeiros jogos políticos existentes dentro da discussão de patrimonialização e que resultam nessas conflituosas disputas. Ao mesmo tempo em que se reconhece a comunidade negra de Pombal, esse reconhecimento se dá por seu vínculo ao catolicismo. Entretanto, representações que não são vinculadas diretamente ao catolicismo, como a capoeira, não são incluídas naquilo que pode ser entendido como "tradicional" da Festa do Rosário de Pombal.

2.2.5. Organização da Festa

Em relação à organização da Festa do Rosário, a celebração religiosa é planejada pelo conselho da Pastoral da Igreja Católica, composto normalmente por 11 membros, que começa a se reunir para tratar da festa dois meses antes de sua realização, segundo relato do padre **Ernaldo Sousa**. Quando perguntado sobre a participação da Irmandade do Rosário na organização da festa, o pároco relata:

> Nós temos uma comissão, geralmente é constituída do conselho da paróquia, conselho que escolhido pela comunidade, por nomes, a gente pede nomes. Atualmente são onze, onze membros. O conselho de pastoral se encarrega da questão da animação (...) aí nos dois meses antes a gente começa a se encontrar. Pra poder a gente fazer, ai ... nessa comissão, a Irmandade faz parte né. A Irmandade faz parte também. A Irmandade ela já tem ritmo próprio também, também de divulgar (...) Contribuição é significativa, porque a festa tem esse acento, a festa é à maneira da Irmandade.

Entretanto, ele não esclarece como se dá esta participação. Através de observação, foi possível constatar que a participação da Irmandade do Rosário se faz por meio principalmente da arrecadação de dinheiro para os fogos de artifícios lançados em determinados momentos da Festa; da condução do Rosário durante as procissões; e da participação nas celebrações religiosas. Em documentos[102] encontrados no Iphaep, constatei as assinaturas do rei e suplente do rei da Irmandade do Rosário em processo solicitando intervenções na igreja de Nossa

[102]Processo nº 0156/2005, de 01/08/2005: *Transferência de local do sino da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.*

Senhora do Rosário. Entretanto, em algum momento essa atuação da Irmandade foi restringida, mas não consegui constatar quando e por quê. Assim, vários tipos de atuação da Irmandade, em relação a deliberações sobre a igreja e decisões importantes sobre a organização da festa, foram se perdendo.

2.2.6. Visibilidade

Importante salientar aqui, a visibilidade da Festa do Rosário, que, segundo relatos, se sobressai à festa dedicada à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Bom Sucesso, de pouca ressonância. Segundo padre **Ernaldo**: "A festa da padroeira não tem visibilidade, não tem sensibilização popular (...) A natureza é outra"[103]. Um fator para isso seria o poder de agregação das camadas populares à Festa do Rosário, desde sua origem, segundo a fala de entrevistados, como o pe. **Ernaldo Sousa** e o sacristão **Paulo Sérgio de Almeida Silva**. Através destes relatos, foi possível inferir que a Festa do Rosário tinha uma visibilidade popular, diferente da Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que desde sua origem teria um caráter segregador.

A festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso é identificada, na fala de alguns entrevistados, como a senhora **Socorro Martins**[104], como uma festa em que participavam as classes mais abastadas da cidade no passado (século XIX) e que atualmente não atrai muitas pessoas:

> Quando padre Ernaldo chegou aqui ele sempre me perguntava: por que a festa do Rosário tomou tanto a festa do Bom Sucesso? Padre Ernaldo, não é de livros, é apenas algumas observações que eu fiz. Eu acho sim, a festa do Bom Sucesso foi desde que ela passou a ser padroeira, foi aquela questão das conquistas, o bom sucesso também né, e os que vinham para a conquista. A Festa do Rosário dos Pretos era uma devoção fervorosa sobre verdade. Eram duas situações bem diferentes.

Com base no depoimento da senhora **Socorro Martins,** podemos observar que essa discrepância entre a Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso e Festa do Rosário vem de muito tempo e ainda hoje é significativa. Enquanto a Festa do Rosário desde sua origem teve

[103]Essa outra "natureza" da Festa, referenciada e interpretada pelo Pe. Ernaldo, pode ser explicada pela forma como se deu a devoção a Nossa Senhora do Bom Sucesso, no contexto da conquista dos indígenas pelos colonizadores portugueses. Nossa Senhora do Bom Sucesso torna-se padroeira pelo êxito da conquista portuguesa na região da atual cidade de Pombal. No caso da festa, grande parte da população era excluída e não podia realizar os cultos ou festejos a Nossa Senhora do Bom Sucesso. Apenas as pessoas de posse tinham esse direito. Diferente deste posicionamento, a Festa do Rosário veio agregar a todos. Deste modo, a natureza da padroeira em Pombal ainda causa um estranhamento à população.
[104]Entrevista realizada em 17 de agosto de 2015.

características de festa popular, agregando a todos e recebendo todos os devotos, por sua vez, a Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso limitava essa participação. Assim, podemos tomar alguns princípios que cheguem a atribuir a Festa do Rosário o título de referência cultural, por articular as expressões culturais (e a identidade negra vinculada a essas expressões), pela trajetória da devoção ao Rosário, que dá forma à própria Festa do Rosário, e consequentemente a forte adesão popular.

2.3. Diferentes fontes audiovisuais da Festa do Rosário e seus significados

Foram realizadas análises dos diferentes tipos de documentação da Festa do Rosário, compreendendo essas fontes documentais como percepções do espaço e das expressões culturais vinculadas à festa. Discussão de diferentes fontes, inclusive as que foram produzidas durante a pesquisa, suas diferentes temporalidades, entendidas, aqui, como formas de representação possíveis sobre esse universo cultural que atendem (ou atenderam) a diferentes expectativas.

Essas documentações, realizadas através de reportagens e documentários e da inserção de pesquisadores no contexto da Festa do Rosário, foram apropriados e alimentaram a perspectiva cultural dos grupos ali presentes, sobretudo de alguns dos membros desses grupos, que citam as pesquisas já realizadas ali como fator de valorização de suas formas de expressão.

O recorte estabelecido para essa análise foram as documentações audiovisuais e bibliográficas de três momentos diferentes: 1977; 1991/1993-95; anos 2014/15, correspondendo aos documentos audiovisuais encontrados no acervo do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Cada registro audiovisual foi produzido a partir de um recorte específico da Festa do Rosário de Pombal, os quais foram analisados conjuntamente com outras fontes importantes, como é o caso da documentação audiovisual da *Missão de Pesquisas Folclóricas* de Mário de Andrade, da década de 1930.

A primeira fonte audiovisual analisada foi o documentário *Festa do Rosário de Pombal,* em preto e branco, com duração 22m56s, sob a direção de Jurandy Moura, e realizado pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários e Coordenação de Extensão da Universidade Federal da Paraíba, em 1977. Esse documentário dá destaque a dois momentos importantes da Festa do Rosário de Pombal, os dias de sábado e domingo, exaltando, assim, a

festa religiosa. Atribui valor positivo aos grupos dos Negros dos Pontões e da Irmandade do Rosário, sempre em destaque no documentário, e salienta questões como o sincretismo religioso (palavras do narrador), formado a partir das festas herdadas dos cultos afrodescendentes e do catolicismo. O documentário enfatiza uma harmonia entre estes elementos, principalmente durante a celebração das missas, os grupos fazem parte da liturgia da missa.

As relações de poder mostradas no vídeo parecem ser mais de equidade. Os Negros dos Pontões, a Irmandade do Rosário, juntamente com a equipe de celebração da missa, são representados no altar da missa, no interior da igreja. Os Negros dos Pontões realizam reverência (com os maracás próximos de suas cabeças) ao pároco, que continua ao seu lado no altar. No palco montado fora da igreja, o rei e a rainha da Irmandade e o rei dos Congos são colocados em cima do palco, apenas no domingo do Rosário, acompanhando a equipe de celebração da missa. O chefe os Negros dos Pontões não é representado, embora o narrador do documentário os nomeie como "o 'grupo folclórico' mais numeroso".

Interessante destacar a relevância dada ao Rosário. Mesmo que Nossa Senhora do Rosário apareça sendo exaltada no filme, percebe-se o destaque dado ao Rosário, até mesmo pelo título do documentário. No altar, o padre passa incenso no Rosário, como uma forma de benção. A imagem de Nossa Senhora do Rosário está presente no estandarte carregado pela Irmandade do Rosário. Enquanto o Rosário é passado para as pessoas o contemplarem, a imagem da santa fica fixa para que os fiéis coloquem suas contribuições, algo que é feito até hoje.

Outros elementos importantes como a performance dos Negros dos Pontões é realizada através da apresentação de suas danças percorrendo a feira do sábado; muitas pessoas se dispõem a contribuir com eles através da doação de dinheiro. Não notei a presença do chefe dos Negros dos Pontões, apenas os membros do grupo e da banda cabaçal os acompanhando; talvez, nessa época, o chefe se vestisse da mesma forma que os outros membros do grupo. A Irmandade do Rosário é mostrada com a guarda e devoção ao Rosário. Os Congos realizam sua apresentação em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário, com o violeiro e o rei sentados; o restante, em pé, realizando a dança. As danças e músicas de hoje são as mesmas mostradas no filme. Os grupos, nos momentos em que não estão sendo realizadas missas, faziam apresentações entre o palco e a frente da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Pudemos notar que as roupas e instrumentos utilizados pelos Negros dos Pontões são os mesmos utilizados atualmente. No caso da Irmandade do Rosário, o rei conduz um cajado

com flores, algo que não é utilizado pelo rei atual. As roupas também são as mesmas. O mesmo ocorre com os Congos, tanto em relação à roupa quanto aos acessórios.

São destacados no documentário os espaços onde ocorrem as atividades, como a feira, onde ocorre a performance dos Negros dos Pontões. Algumas celebrações são realizadas no interior da igreja de Nossa Senhora do Rosário, como a performance da banda marcial (algo que não existe hoje em dia), a apresentação dos Negros dos Pontões e a celebração das missas. Saem da igreja apenas para a procissão pelas ruas da cidade até a Casa do Rosário. Apenas a missa do domingo do Rosário é realizada do lado de fora da Igreja, onde se concentra uma multidão de pessoas, maior até do que as que frequentam a festa atualmente; há pessoas em todos os cantos, até no cruzeiro localizado próximo a igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Outra fonte importante para a pesquisa foi a *Festa de Nossa Senhora do Rosário*, reportagem de José Vieira Neto, em cores, com duração de 33m22s, realizada pela produtora Vida Vídeo Produções. Esta fonte foi encontrada sem identificação do contratante, entretanto, também no acervo do Nudoc/UFPB. Produzida em 1991, a reportagem explora um pouco mais alguns elementos da Festa do Rosário, como a narrativa sobre a formação do município de Pombal; suas imagens exploram para além do cotidiano da festa, com elementos típicos de uma reportagem. Diferente do documentário anterior, a reportagem acompanhou todos os dias da Festa do Rosário. Também este destaca os Negros dos Pontões e a Irmandade do Rosário como elementos centrais da Festa. Percebe-se o destaque dado à celebração religiosa; grande parte da reportagem foca a missa campal e as novenas realizadas. A narrativa concorre para a exaltação a Nossa Senhora do Rosário. Interessante ponderar sobre algo distinto da abordagem anterior: as ofertas dadas aos grupos, como os Negros dos Pontões, eram sempre em dinheiro; nesta reportagem, a oferta era na forma de bebidas alcoólicas. Essa fonte também mostra a Irmandade do Rosário pedindo contribuições juntamente com os Negros dos Pontões, algo destacado apenas nessa reportagem. Outro elemento inovador nesta reportagem é a presença do Reisado em outras procissões da Festa do Rosário, e a ausência, especialmente nesse ano, dos Congos. Destaco também a designação dada pelo documentarista quanto à divisão da festa em dois grandes momentos: auge da festa profana (sábado); e auge da festa religiosa (domingo). E, também, a presença do Rosário de ouro colocado na santa, momento raro, muito mencionado em minhas visitas à Festa do Rosário, mas com o qual nunca tive contato.

O documentário apresenta as performances dos “grupos folclóricos” como a Irmandade do Rosário e dos Negros dos Pontões, em procissão, na parte da noite. E também

mostra a Irmandade do Rosário e os Negros dos Pontões caminhando juntos na feira, pedindo contribuições, algo que não é mais realizado. Outro elemento, notado no documentário e que não foi verificado na pesquisa de campo, foi a performance do grupo do Reisado na noite do sábado com a presença do Boi, seguida da captação de dinheiro. Isso é algo que não tem ocorrido atualmente, assim como as apresentações dos grupos em cima do palco e as apresentações dos Negros dos Pontões nas casas dos devotos de Nossa Senhora do Rosário.

As roupas e acessórios são os mesmos usados até hoje. Uma diferença foi percebida apenas no manto usado pelo rei da Irmandade, hoje substituído por um colete. E também no vestido da rainha da Irmandade do Rosário, mais simples do que o usado atualmente.

Em relação aos espaços ocupados pela Festa do Rosário, a reportagem mostra as procissões pelas ruas de Pombal. Um palco ainda maior do que visto no documentário anterior é montado, tomando toda a parte da frente da igreja de Nossa Senhora do Rosário, não restando espaço entre a igreja e a população que participa da festa. Também pode ser notado o funcionamento do parque no mesmo momento da missa, algo que não ocorre atualmente. Apresentações também são realizadas pelos Negros dos Pontões no interior da igreja e em cima do palco montado em frente da igreja, quando não estava ocorrendo missa, e também no espaço da feira. No domingo do Rosário, podem ser notadas muitas pessoas em cima do palco, incluindo o rei e a rainha da Irmandade do Rosário e o rei do Reisado, mas nenhuma representação dos Negros dos Pontões. Por último, o documentário traz um elemento da festa não verificado atualmente na pesquisa de campo: a colocação de ex-votos no cruzeiro em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Diferentemente do que foi realizado com as outras fontes audiovisuais pesquisadas e analisadas mais a cima, o documentário *Maria do Biurá*[105], de Renato Alves e Águia Mendes, realizado pelo Núcleo de Documentação Cinematográfica - Nudoc/UFPB, em 1995, produziu uma abordagem poética da Festa do Rosário, exaltando a figura de Nossa Senhora do Rosário, como o próprio título refere: “Maria” do Biurá. Além do destaque à figura de Nossa Senhora, diferente dos outros documentos audiovisuais analisados aqui, este documentário insere muitas imagens da festa profana (os parques, barracas de jogos e de comida etc.). Também apresenta imagens de trio elétrico com apresentações na festa, elemento que não existe mais na Festa atual. No final do documentário, destaca a celebração religiosa com a procissão do domingo, que fecha a Festa do Rosário e a recepção dada a grupos como a Irmandade do Rosário, os Negros dos Pontões e os Congos. Observa-se, neste caso, que o palco em frente à

[105]Segundo conta o filme, tendo como fonte o dicionário Aurélio, Biurá remete ao termo de origem Tupi para designar o Rosário.

igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construído em menor tamanho que os outros e não mais obstruída a entrada da igreja.

Alguns elementos são destacados neste documentário, como a performance da Irmandade do Rosário, também pedindo contribuições na feira juntamente com os Negros dos Pontões. O depoimento de um entrevistado no documentário destaca a Festa do Rosário como a festa dos negros, a cada ano sofrendo mudanças. O entrevistado menciona que a chegada dos parques atraiu mais pessoas, ficando a Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso com menor ressonância se comparada à Festa do Rosário.

Comparadas as fontes audiovisuais da *Missão de Pesquisas Folclóricas* (1938), estas documentações mais recentes apresentam diferenças importantes. Primeiro, deve-se considerar que, diferente das outras fontes analisadas aqui, as documentações da *Missão* não foram realizadas durante a Festa do Rosário, pois a sua passagem por Pombal ocorreu no dia 11 de abril de 1938. Isso explica, possivelmente, o contato da equipe de Mário de Andrade com manifestações como o Coco de Embolada, além dos Congos, e o rei e a rainha da Irmandade do Rosário. Sobre os grupos relacionados à Festa do Rosário, suas performances e adereços são bem próximos aos que foram verificados atualmente. Importante destacar a passagem em que Luís Saia (engenheiro e arquiteto que chefiava a *Missão*) descreve Joaquina Maria da Conceição como rainha dos Congos; entretanto, nos documentos pesquisados em Pombal (livros e narrativas dos integrantes do grupo), nunca existiu uma rainha dos Congos. Teria sido Joaquina Maria da Conceição a primeira e única rainha dos Congos? Existiu até 1948 uma rainha da Irmandade do Rosário chamada de Maria Joaquina da Vassoura. Seria a mesma pessoa ou apenas uma coincidência? Não foi possível verificar, mas é interessante destacar essa rara presença feminina no grupo dos Congos.



Figuras 44 e 45 – Apresentação dos Congos para Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938.
Fonte: DVD "*Missão de pesquisas folclóricas: cadernetas de campo*" – *Associação Amigos do Centro Cultural São Paulo.*

Também foram realizadas documentações de áudio pela *Missão*: *Toado do Boi – Cantigo dos Reis do Congo* (um dos objetivos primordiais da *Missão* era gravar em discos cantos populares do país); um filme com a apresentação dos Congos, em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário; e fotografia da apresentação caracterizada anteriormente. Uma vez que a documentação audiovisual não foi realizada durante a Festa do Rosário, podemos inferir que a apresentação foi produzida apenas para a documentação da equipe de Mário de Andrade; outros grupos, como os Negros dos Pontões ou mesmo a Irmandade do Rosário, não aparecem nesse momento.

Podem-se observar variações entre cada um dos registros documentais, com intervalos de tempo maiores (1938 – 1977 – 1991) e menores (1991 – 1993); algumas abordagens são diferenciadas, e podemos observar mudanças na Festa do Rosário, com o passar do tempo. Além das abordagens descritas anteriormente, podem-se notar alguns detalhes interessantes, como no documentário de 1977, que traz imagens do rei da Irmandade do Rosário com uma faixa em seu peito que o caracteriza como Juiz do Rosário e não como rei. Nas fontes documentais de 1991, nota-se o grande destaque dado aos grupos, através das apresentações realizadas, muitas delas nas casas dos moradores de Pombal. Também, nessa fonte, pode ser observado o maior número de participantes da festa, e muitas barracas espalhadas pelas ruas. Em 1995, a grande inserção percebida na festa é o trio elétrico, que poderia ser de tempos anteriores, mas que apenas é destacado nesse audiovisual. Interessante, ainda, perceber a realização de apresentações de outras manifestações da cultura popular, como o teatro de

bonecos. Nesse caso específico do teatro de bonecos, pode ser percebida através do vídeo, a sua realização no espaço da Festa do Rosário, em cima de um trio elétrico. Apenas um homem realizando apresentação do boneco, com o auxílio de música, realiza apresentação de dança. Por meio do vídeo não foi possível perceber qualquer tipo de relação dessa apresentação com os "grupos folclóricos" locais, sendo assim, possivelmente nunca tenha existido qualquer relação entre eles, e possivelmente o teatro de bonecos tenha sido apenas um convidado externo.

Os "grupos folclóricos" utilizam as fontes audiovisuais para justificar a sua importância no cenário nacional, considerando a figura internacionalmente conhecida de Mário de Andrade. Se Mário de Andrade e seus colaboradores reconheceram o valor deles, quem poderia não reconhecer sua importância? As fontes audiovisuais, e principalmente as da *Missão de Pesquisas Folclóricas,* reverberam no empoderamento dos Congos, que se impõem cada vez mais e almejam uma centralidade na Festa do Rosário.

O que deve ser destacado, aqui, não são apenas as variações e mudanças ocorridos ao longo do tempo em relação a Festa do Rosário. Esse é um processo que ocorre com diferentes expressões culturais, como foi observado através das documentações realizadas por mim nos anos de 2014 e 2015, com a vivência da Festa. O foco foi a realização de um registro audiovisual que pudesse captar o universo da Festa do Rosário e ajudar a documentar o maior número de elementos existentes, possibilitando uma análise sem nenhum tipo de predileção. Entretanto, os "grupos folclóricos" foram os mais abordados durante esse processo, permitindo, também, conhecer a percepção deles em relação àquele universo. Interessante reforçar que as fontes audiovisuais, trabalhos acadêmicos e bibliografias sobre a Festa do Rosário de Pombal têm interesses diversos e abordagens diferenciadas, apesar da proximidade do tema.

Pude observar as variações de percepção e de significados atribuídos à festa. Seja em torno da religiosidade, ou da influência da identidade negra, seja em torno das brincadeiras nos parques, a Festa do Rosário vem sendo abordada de maneiras distintas no imaginário do paraibano. Ao longo dos anos, a festa tem diminuído (comparando com anos anteriores, mas nada que ameace a sua existência), em relação ao número de participantes, mas ainda continua a ser significativa para aqueles que até hoje fazem parte deste universo, e isso influenciou, em alguns casos, as distintas fontes audiovisuais e produções textuais sobre o assunto, como os realizados pelos pesquisadores locais, que desejam preservar a memória da Festa do Rosário e que também pode colaborar com o processo de patrimonialização, considerando a necessidade de fortalecimento da festa, no qual a patrimonialização viria a

contribuir. Ilustrando a importância de documentários para os sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário de Pombal, cito a fala de **Miguel Ferreira** na reunião do dia 13 de agosto de 2015 (noite):

> Eu percebi, vendo vídeo da Festa do Rosário da década de 1970, no altar, a gente também sempre chamava, tinha entendimento e chamava também de palanque, que tinha o costume e acabava repetindo a mesma coisa, mas que antes eu percebi esse detalhe, vamos dizer assim, as divindades, rei dos Congos, Irmandade do Rosário, Pontões e Reisado, tinha um local no altar. Eu lembro muito bem, sentava do lado do Rei, do Juiz da Irmandade, os reis tinham tudo uma cadeirinha lá em cima.

Assim, podemos avaliar que a utilização de material audiovisual, tais como os apontados aqui, na própria ação de agentes participantes de "grupos folclóricos" relacionados à Festa do Rosário, são instrumentais em processos de patrimonialização como está sendo discutido em Pombal. Por meio deles, é possível perceber as relações e funcionalidades de outrora e a partir delas pensarmos rumos que podemos tomar, seja sobre possíveis melhorias, no sentido de valorizar e contribuir com as condições de manutenção e transmissão dessas práticas e bens culturais, seja no sentido de conhecer melhor os significados atribuídos a elas no passado. É uma forma de se enxergar e instigar a sua valorização e preservação, pensando a patrimonialização como instrumento para isso.

As fontes audiovisuais aqui trabalhadas podem ser entendidas como fontes primárias, as quais foram construídas em determinado contexto, com uma função determinada. Portanto, devem ser analisados juntamente com as condições em que foram produzidos, como qualquer tipo de fonte documental. Assim, podem ser evitados, segundo Marcos Napolitano (2008), erros que distorcem a análise do documento audiovisual: fonte como contraponto/complemento do documento escrito; fonte como registro do real; fonte como "resgate" do passado. As fontes audiovisuais devem ser analisadas segundo o olhar crítico e sistemático, considerando sua datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica do testemunho (Napolitano, 2008, p. 266). A partir da compreensão e análise da natureza técnico-estética e representacional do audiovisual, tais como as documentações descritas aqui, podemos conceber esses documentos como instrumento para a ressignificação da memória de Pombal e da Festa do Rosário, a qual vai se modificando, se adaptando, se reinventando a cada ano na percepção de seus participantes. Desta forma, percebe-se a iniciativa e vontade daqueles que fazem a Festa em preservá-la, atentando-se para os valores atribuídos e reivindicados.

3. O OLHAR DA PATRIMONIALIZAÇÃO EM POMBAL

> (...) considerar todos os cidadãos como homens de cultura, assim como propunha Gramsci, em condições de exercer os direitos culturais, e atuar no sentido de converter esse princípio - que no caso do Brasil é ainda um ideal - em realidade.
> Maria Cecília Londres Fonseca

Ao iniciar essa pesquisa, me assustava pensar nas inúmeras expressões de Pombal, considerando o complexo universo de relações que representam. Como sistematizar esse universo? Como estabelecer escolhas para analisar e estudar? Só consegui perceber que o recorte estabelecido poderia ser muito maior ao chegar ao município: a Festa do Rosário, aos meus olhos, e na perspectiva de tantos outros pesquisadores, incorpora as múltiplas relações estabelecidas entre as expressões culturais pombalenses.

Além da minha perspectiva, estavam e estão em jogo as expectativas daqueles cujas trajetórias estão associadas às expressões culturais do município. Expectativa que pude verificar existente desde muito tempo, pois foi o que consegui alcançar quando busquei a documentação da *Missão de Pesquisas Folclóricas*, e seu registro audiovisual de Pombal e suas expressões culturais de 1938. Integrantes dos "grupos folclóricos" dos Congos se disponibilizaram a realizar apresentação fora do período da Festa do Rosário, para um grupo de pesquisadores, de certa forma desconhecida, considerando que os fluxos de informação da época não correspondem nem de perto com o fluxo atual, mostrando um pouco do desejo daqueles sujeitos em serem reconhecidos e valorizados.

Este pequeno relato das documentações audiovisuais pesquisados, apontando para os grupos que há muito tempo buscavam não exatamente o que hoje chamamos de "patrimonialização", mas sim algum tipo de valorização e reconhecimento para a continuidade de suas manifestações, mesmo que do ponto de vista memorialista. Em 1938, a *Missão* tinha por objetivo investigar aspectos considerados formadores da identidade nacional, por medo de que a modernidade fizesse tudo aquilo desaparecer. A *Missão* realizou não apenas a documentação das músicas, danças e costumes, mas também do contexto socioeconômico cultural das regiões por onde passou. Os documentos coletados e preservados tiveram sua importância reconhecida por trabalhos acadêmicos produzidos a partir deles, mas também através do *tombamento* do Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, no Centro Cultural São Paulo/ SP, onde permanece a coleção da *Missão de Pesquisas Folclóricas.* O trabalho da equipe da *Missão* possibilitou conhecer um universo até então desconhecido dos estudiosos e agentes da preservação, e, hoje, ele ainda repercute

positivamente por resguardar uma memória de muitas manifestações que foram perdidas, permitindo-nos ainda conhecê-las. Com base nesse material, é possível perceber que, apesar das dificuldades que vêm desde sempre, as expressões que formam a Festa do Rosário resistiram e permanecem vivas. Neste capítulo serão apresentadas as discussões que surgiram em torno da valorização e patrimonialização das expressões culturais e lugares de Pombal. Essas discussões são narradas, sobretudo, por meio das reuniões realizadas entre os anos de 2014 e 2016, com os vários sujeitos e instituições envolvidas nesse processo aqui discutido, sobretudo, com a Superintendência do Iphan na Paraíba. Assim, a análise deste processo será mediada por meio dos discursos proferidos nessas discussões durante as reuniões. A análise foi dividida em temas recorrentes, os quais serviram como pauta destas mesmas reuniões. Foram eles: o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário; o *registro* e o *tombamento* das expressões culturais de Pombal; a valorização e "desvalorização" das expressões culturais e lugares; os discursos e ideais de patrimonialização do Iphan/PB; os conflitos no processo de patrimonialização; as ações de educação patrimonial; e o processo democrático de patrimonialização.

3.1. Restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário

As discussões em torno do restauro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário foram a principal pauta das reuniões realizadas, mesmo antes da minha entrada no mestrado. As reuniões que não acompanhei foram relatas a mim por meio de falas de técnicos, como a chefe da divisão técnica do Iphan/PB, e também foram constadas por meio de ofícios enviados ao Iphan/PB e Iphaep, relatando a necessidade de restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Com base nestes pedidos, surgiu o interesse do Iphan/PB de desenvolver em Pombal um trabalho "amplo" visando contemplar todas as áreas do patrimônio, que pudesse ser inovador e feito junto com a comunidade.

Através dessa perspectiva, destaco aqui as exposições das falas estabelecidas na reunião do dia **10 de junho de 2015**, realizada na sede do Iphan/PB, com a participação de: **Alvino Galdino** (arquiteto atuante em Pomal); pe. **Ernaldo**; **Socorro Martins**. Representando o Iphan/PB: Claudio Nogueira (Superintendente), Christiane Finizola (Chefe de Divisão Técnica); Ana Luiza Schuster (Arquiteta – Divisão Técnica); e Emanuel Braga (técnico em Ciências Sociais). Desta reunião fiz apenas anotações dos principais temas discutidos.

O objetivo foi discutir meios de se captar recursos para o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário. O superintendente, Claudio Nogueira, indicou a possibilidade de se elaborar um projeto para a captação de recursos através das Leis de Incentivo Fiscal, Lei Rouanet, por exemplo, buscando apoio da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF).

Sobre a elaboração desses projetos, padre **Ernaldo Sousa**, **Socorro Martins** (representantes da paróquia de Pombal) e **Alvino Galdino** (arquiteto em Pombal, responsável por projetos relacionados à Igreja de Pombal) se responsabilizaram em levar essa discussão ao município de Pombal e montar uma equipe para a elaboração de projeto, sendo cada um responsável por uma determinada parte do trabalho, e posteriormente partiriam para a busca de parceiros que pudessem financiar o projeto.

Também foi apontado na reunião, pelo senhor **Alvino Galdino**, o problema do não reconhecimento dos resultados de restaurações antigas da igreja de Nossa Senhora do Rosário pela população local. Nos relatos do senhor **Alvino Galdino**, a população não conseguia perceber as alterações feitas pelo restauro, ou seja, não conseguiam identificar como era antes e como ficou depois, como resultado do restauro. Na concepção da população, o restauro, do mesmo modo que as reformas em prédios não *tombados,* devem prever alterações perceptíveis ao olhar de qualquer um. Este relato faz crer que a população não era inserida e não participava dos processos de restauro anteriores, e assim não se familiarizava com as decisões adotadas com base nas teorias de restauro.

Claudio Nogueira chamou a atenção para a divisão de responsabilidades entre instituições, dando abertura para o chamamento de instituições como o caso do Iphaep e a Prefeitura de Pombal, para a discussão destes projetos. Sobre isso, cabe considerar a observação de Lia Motta: "Entende-se, no entanto, que a cooperação entre instituições não deve suprimir ou substituir competências, mas sim, promover o fortalecimento de uma rede/sistema de preservação" (2011, p. 197).

No âmbito do Iphan/PB, foram discutidos outros projetos, como o aprovado dentro do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC) Augusto dos Anjos, financiado pelo Governo do Estado da Paraíba. Pombal conseguiu a aprovação de projeto para a recuperação da Antiga Cadeia[106], *tombada* em nível estadual. Existe um projeto para a montagem de uma exposição, retratando

[106]Projeto: Qualificação da Casa de Cultura de Pombal: Implantação de Novo Projeto Expográfico (processo nº 204/2015), selecionado na categoria Arquivo, museu, memória e patrimônio do Edital nº 001/2014 – Fundo de incentivo à cultura/Augusto do Anjos – seleção de projetos artístico-culturais. A aprovação do projeto pode ser verificada através do site: <http://www.consultacultural.pb.gov.br/fic/pdfs/ArquivoMuseuMemoriaePatrimonio.pdf>

alguns aspectos da cultura local no edifício. Assim, o Iphan/PB participou do processo com o intuito de colaborar com as propostas de valorização das expressões culturais locais. Outro objetivo desta reunião foi discutir projetos futuros com a museóloga **Maria Botelho**, responsável pelo projeto do FIC, visando uma exposição voltada para antiga estação ferroviária de Pombal, que seria financiada com recursos captados pelo Iphan/PB. Este local seria destinado a uma exposição sobre elementos referentes aos "grupos folclóricos" de Pombal, com salas temáticas, onde cada uma dela seria dedicada a um personagem importante da história de Pombal. Paralela a isso, seriam realizadas oficinas de educação patrimonial, trabalhando com a população e com agentes culturais, objetivando a identificação e apontamento de estratégias para as expressões culturais locais. Sobre o desenvolvimento de ambos os projetos, até o fechamento desta dissertação, não consegui informações sobre seus avanços . Entretanto, o que deixou bem claro nesta reunião foi que todo esse processo de valorização e capitação de recursos, a princípio, girava em torno do restauro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Seguindo as discussões em torno do restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, no dia **13 de agosto de 2015 (manhã)** foi realizada nova reunião, com representantes da Paróquia de Pombal, dos Congos, da Irmandade do Rosário, dos Negros dos Pontões e outros indivíduos interessados em colaborar com o projeto para restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esta reunião, gravada e transcrita, foi realizada durante uma de nossas visitas ao município de Pombal, na própria igreja de Nossa Senhora do Rosário. A ideia da reunião partiu da Chefe da Divisão Técnica do Iphan/PB, Christiane Finizola, mas o chamamento foi realizado por **Socorro Martins** e **Miguel Ferreira**, considerando a proximidade deles com o restante dos sujeitos envolvidos.

Uma das pautas da reunião foi novamente o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário e dos seus bens móveis integrados. Padre **Ernaldo Sousa** deu o tom da conversa: "Pedir socorro ao Iphan", pois o Iphaep ainda não possibilitaria esse tipo de ajuda. Especificamente foi discutida a captação de recursos e a elaboração de projetos de restauro. Ficou estabelecido que **Miguel Ferreira**, ficaria responsável pela articulação com os outros grupos, buscando a sua participação e integração ao processo. Porém, até o presente momento não foi verificado nenhum tipo de colaboração dos grupos no que diz respeito ao restauro da igreja. Os problemas encontrados na edificação, que necessitam da realização de restauro, podem ser identificados por meio de: pequenas fissuras nas paredes, nas vergas e peitoris; manchas de umidade causadas por infiltração; corrosão; rachaduras e buracos na madeira

ocasionados por cupins, brocas e fungos; peças quebradas etc., segundo diagnósticos como o realizado por Taise Farias (2009)[107].

A Chefe da Divisão Técnica salientou nessa reunião, entretanto, o papel do Iphan nesse processo, ofertando a possibilidade: "Daria as orientações". Orientações para que o projeto fosse produzido da melhor forma possível, antes de ser colocado para captação de um agente financiador. Porém, não foi possível verificar até o momento em que medida essa articulação foi efetivada. Conferimos o interesse da participação social nesse tipo de projeto em Pombal, estabelecendo-se uma comissão para acompanhar a elaboração de proposta de restauro, formada por membros da paróquia de Pombal, dos Congos e por um profissional da área da arquitetura (**Alvino Galdino**). Considerando o grande esforço investido para a realização dessas reuniões, muitas delas mencionadas aqui, cujo foco foi, quase sempre, o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, é importante considerar a reflexão de Emanuel Braga:

> (…) artificialismo da continuidade da prática justificada em si mesma, do preservar porque é considerado "cultural", tutelado pelo Estado e por críticos, porque é importante, mas não se sabe exatamente por que é importante e por que deve ser preservado.
> É preciso ir além de uma legislação específica, das verbas e das ações originadas de órgãos públicos da cultura. São necessários processos de reflexão, essenciais na formação de uma consciência patrimonial que permita valorizar/ preservar o patrimônio cultural e natural da sociedade brasileira. (Braga, 2011, p. 20)

Por isso, cabe ressaltar a necessidade de maior inclusão da população neste processo de restauro; mesmo que não tenham o saber técnico, seu conhecimento pode extrapolar, em alguns pontos, as possibilidades de avaliação dos agentes da preservação, por serem detentores da memória, da vivência, e das necessidades reais daquele local.

Na mesma linha das reuniões anteriormente relatadas, foi realizada uma reunião em **18 de setembro de 2015,** na sede do Iphan/PB, com os técnicos responsáveis por tratar dos projetos relacionados a Pombal: Ana Luiza Schuster, Christiane Finizola, Emanuel Braga e Olga Enrique. Nesta reunião, algumas decisões foram tomadas, dentre elas a retomada da discussão sobre o trabalho com os *inventários participativos*[108] como atividade de educação

[107]Desde o trabalho de Taise Farias nenhuma grande ação de restauro foi realizada na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Apenas pequenas ações emergenciais.

[108]Os "inventários participativos" foram criados inicialmente em parceria do MEC com o IPHAN para serem trabalhados no *Programa Mais Educação*, nas oficinas de educação patrimonial. Sua metodologia é inspirada no Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, sendo simplificado para a utilização em sala de aula. Em 2016, o IPHAN lançou publicação com uma nova adaptação das fichas de inventário para serem utilizados em processo participativo de reconhecimento de bens culturais. Por suas fichas serem mais acessíveis ao uso, o

patrimonial. Também foi definida a intenção de se articular ações relativas ao projeto de incentivo fiscal (para a restauração da igreja de Nossa Senhora do Rosário) e ao projeto expográfico para a estação ferroviária e às iniciativas de educação patrimonial. Entretanto, sempre tendo como foco e prioridade o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

A última reunião presenciada por mim, e que tratou do assunto, foi realizada no dia **13 de fevereiro de 2016**, na sede do Iphan/PB. Estiveram presentes na reunião, representando a sociedade de Pombal, o padre **Ernaldo Sousa** e **Socorro Martins**. Representando o Iphan, fizeram parte da reunião Ana Luiza Schuster, Átila Tolentino e Olga Enrique. E ainda, representado o Iphaep, **Piedade Farias**. A reunião, gravada e transcrita por mim, teve como objetivo avançar nas discussões novamente de projetos para o restauro do edifício e a valorização das manifestações culturais de Pombal. Foi dada ênfase na reunião para a discussão sobre como articular formas de ir adiante com a construção de um projeto que se encaixasse no formato do Pronac. A intencionalidade da construção de projetos participativos tem por objetivo garantir direitos culturais. Entretanto, a situação verificada nesta reunião leva a considerar a reflexão apontada por Fonseca:

> A expressão *direitos culturais* foi incluída na Constituição brasileira de 1988 (art. 215), mas, até hoje, a não ser em casos excepcionais, essa temática não foi incorporada às políticas públicas na forma de propostas de trabalho. Nesse sentido, os direitos culturais no Brasil não passam de *direitos fracos*, meras declarações de boas intenções. (Fonseca, 2009, p. 74).

Sobre a garantia dos direitos culturais, destaco um momento importante na reunião, bastante ressaltado pelo pe. **Ernaldo** em várias oportunidades, justificando o não comparecimento ou mesmo colaboração da Prefeitura de Pombal, em reuniões para discutir meios e recursos para o restauro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário:

> Com relação a prefeitura, já tínhamos conversado anteriormente, inclusive até Olga estava. A gente assim, como já faz um tempão, praticamente 10 anos que a gente vem pedindo o apoio da prefeitura e outras forças ligadas a política, como Luiz Couto, que se propos. Mas, é o seguinte, a gente viu que não tinha muito interesse. Então, o que foi que aconteceu, tivemos aquela experiência com Piedade e o Iphaep, então a prefeitura entrou com pouca coisa, entrou com o transporte, entrou com madeira. Então, seria bom ver em que momento eles poderiam entrar (...) A gente viu assim, quando a gente viu que a Prefeitura: olha padre a gente não tem, não tem dotação pra Igreja, por que não, o que a gente poderia fazer era se fosse tombado pelo Iphan, que o padre Luiz Couto colocou poderia ver a questão do Ministério da

---

Iphan/PB pensou em sua utilização para trabalhar inicialmente a identificação de referências culturais no município de Pombal, que podem ou não serem consideradas para o *registro* ou *tombamento*.

> Cultura. Mas, no momento a gente não tem como assim ter uma dotação pra esse, pra Igreja. Então, ficou sempre nessa justificativa.

A fala do padre **Ernaldo** deixa explícito o quanto o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário esteve em destaque em todo o processo de busca pela valorização das expressões culturais de Pombal. A intenção de restauro é bastante válida, entretanto, pode-se perceber que o intuito de patrimonialização surge a partir da captação de recursos e restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, processo também bastante válido. Vale ressaltar ainda a indicação de órgãos como o Iphaep para a construção de um processo de patrimonialização através do Iphan/PB, baseada na perspectiva de que, por se tratar de uma autarquia federal, os recursos serão mais facilmente captados.

Pode-se avaliar a importância da igreja de Nossa Senhora do Rosário nas iniciativas e discussões em torno da valorização das expressões culturais de Pombal. Desde o início, a igreja de Nossa Senhora do Rosário foi o ponto central dos debates. Assim, mesmo com o seu *tombamento* em nível estadual, continua sendo foco das instituições, que a reconhecem, muitas vezes, como grande exemplar e lugar de referência das expressões culturais de Pombal.

3.2. Tombamento e *Registro*

A primeira reunião sobre o tema de proteção da Festa do Rosário e dos "grupos folclóricos" de Pombal, que presenciei, ocorreu nos dias **11 e 12 de setembro de 2014,** em Pombal, com a participação de representantes dos Congos e do Reisado, e de **Socorro Martins**, representando a paróquia. Representando o Iphan, estavam Christiane Finizola e Olga Enrique. As reuniões foram ponderadas pela necessidade de aproximação com possíveis entrevistados e colaboradores desta pesquisa, e para nortear os caminhos possíveis a serem trilhados numa segunda visita de campo ao município, no mês de outubro de 2014, durante a Festa do Rosário. O planejamento dessas visitas foi direcionado durante as reuniões das práticas supervisionadas do mestrado, intencionando lidar com os processos de patrimonialização que os técnicos, os quais acompanhei, iriam avaliar. Isso me permitiu observar a Festa do Rosário que viria a se tornar o objeto de meu estudo, mas que até aquele momento não estava totalmente definido.

Assim, acompanhar a atuação dos técnicos no contato com seus interlocutores, conhecer o contexto dessa atuação em Pombal e as expectativas em torno da valorização e proteção dos seus bens e expressões culturais deveriam possibilitar um diagnóstico sobre os

impactos das políticas de patrimônio na dinâmica dessas expressões, permitindo propor ações de curto, médio e longo prazo para seu fortalecimento e continuidade, pesando seus possíveis desdobramentos, seguindo as orientações de Sant'Anna (2013, p. 24). Considerando que a perspectiva dessa política de patrimônio atual estaria baseada num conceito antropológico de cultura, a partir da qual são avaliados os sentidos e valores atribuídos às expressões culturais por seus detentores, alguns cuidados devem ser tomados quando nos deparamos com a hierarquização das perspectivas que caracterizam as ações nesse campo, segundo Canclini:

> Mesmo nos países em que o discurso oficial adota a noção antropológica de cultura, aquela que confere legitimidade a todas as formas de organizar e simbolizar a vida social, existe uma hierarquia dos capitais culturais: a arte vale mais que o artesanato, a medicina cientifica mais que a popular, a cultura escrita mais que a transmitida oralmente (Canclini, 2013, p. 194).

Considerando o contexto de Pombal e da Festa do Rosário, há uma série de interesses em jogo, relativos a diferentes sujeitos que se posicionam tendo em vista os benefícios relacionados a eles, mas que convergem para o mesmo ponto quando relacionado à proteção da festa e dos elementos que a formam. A discussão deve ser embasada nas formas de tratamento dessas dissonâncias e na consolidação de trabalhos que possam prevê-las e conviver com elas, pois essas dissonâncias configuram o contexto multifacetado da festa, o qual ao mesmo tempo as movimenta. Pensando nos múltiplos sentidos resultantes do posicionamento dos sujeitos nesse contexto, cabe retomar a perspectiva de José Reginaldo Gonçalves: "Os patrimônios podem assim exercer uma mediação entre os aspectos da cultura classificados como 'herdados' por uma determinada coletividade humana e aqueles considerados como 'adquiridos' ou 'reconstruídos', resultantes do permanente esforço no sentido do autoaperfeiçoamento individual e coletivo" (Gonçalves, 2005, p. 28).

Por meio dessa perspectiva, a partir das discussões sobre o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário e, como consequência, do seu *tombamento*, e, posteriormente, das discussões sobre o *registro* do patrimônio imaterial de Pombal, que analisamos as expectativas em torno das políticas de preservação e da atuação do Iphan em Pombal. Com base nessa perspectiva, a segunda visita ao município de Pombal (**02 a 10 de outubro de 2014**) foi articulada com o objetivo de acompanhar a Festa do Rosário. Para a visita, foi pensado um roteiro de entrevistas semiestruturado para as conversas com meus interlocutores: representantes dos "grupos folclóricos", das comunidades quilombolas de Pombal, da paróquia de Pombal, pesquisadores interessados em temáticas relacionadas a Festa do Rosário.

Entre as entrevistas realizadas em outubro de 2014, destaco a participação do Sr. **Aristides** (rei do Reisado), hoje falecido, além de **Junior Telmo** (funcionário da prefeitura de Pombal e fotógrafo), **Diogo Pereira** (professor de capoeira), **Verneck Abrantes** e **Jerdivan Araújo** (pesquisadores locais). Para além das entrevistas e dos relatos fornecidos por essas pessoas, os quais transcorreram em torno da Festa do Rosário e de suas experiências com ela, foi possível vivenciar de perto as cerimônias e atividades realizadas durante a festa, possibilitando a compreensão da forte movimentação na cidade, seja no comércio, na igreja, nos parques.

No dia 10 de outubro de 2014, nos reunimos com representantes de grupos como os Negros dos Pontões, Congos e Irmandade do Rosário, para discutir propostas de *tombamento* da igreja do Rosário e de *registro* da Festa do Rosário como patrimônio cultural imaterial. A reunião foi considerada, pelo Iphan/PB, como um anúncio dos trabalhos a serem realizados no local pela instituição, ou seja, seria um dos primeiros contatos com os "grupos folclóricos" para discutir possíveis trabalhos a serem futuramente realizados no município. Poucos integrantes e representantes dos "grupos folclóricos" participaram desta reunião. Pude perceber que a grande maioria não sabia ao certo o que estava fazendo naquele local e do que tratava a reunião. A única certeza que tinham era que todos estavam ali buscando algo para incentivar positivamente os grupos. Esse foi um dos primeiros momentos onde juntamos representantes de todos os grupos para discutir estes processos.

Durante grande parte da reunião, as falas foram detidas pelos "intelectuais da cidade"[109]: **Luizinho Barbosa**, professor de artes, e **Jerdivan Araújo**, pesquisador da cultura local. Membros dos "grupos folclóricos", como o Sr. **Expedito**, da Irmandade do Rosário, relataram brevemente um pouco das dificuldades dos grupos, as quais transcorrem de questões cotidianas da Festa do Rosário, como incentivo a continuidade e mesmo a organização diante da festa. Entretanto, questões como o *registro* e *tombamento* foram pouco explorados.

Observei a intenção do Iphan/PB em tornar estas reuniões parte de um processo democrático e dialógico, convidando grande parte dos envolvidos para discutir os processos de reconhecimento e preservação das expressões culturais de Pombal pela instituição. Sobre a adoção de processos democráticos e dialógicos nas iniciativas voltadas à implementação da política de patrimônio, podemos identificar esse posicionamento como referente às novas demandas do Estado, apontadas por Cecília Londres da Fonseca: "Numa perspectiva liberal,

[109]Pesquisadores da história e cultura de Pombal

cabe à sociedade produzir cultura. Ao Estado, cabe apenas garantir as condições para que esse direito possa ser exercido por todos os cidadãos" (Fonseca, 2009 p. 47). Desde a Constituição de 1988, essa perspectiva tem sido cada vez mais enfatizada pelas discussões acadêmicas, que preveem esse tipo de processo, discutidos diretamente com as comunidades, mas que são ainda norteados e coordenados de forma bastante vertical, por ser um processo ainda em curso. Fonseca também colabora para o entendimento do contexto no qual foi forjada essa perspectiva, e a expectativa em torno dela, explicitada acima:

> (...) nos anos 80, em plena vigência do regime civil-militar: Naquele momento, além da fragilidade dos mecanismos institucionais de representação política, que só então começavam a ser reorganizados, e das formas de participação social, especificamente na área da cultura (a não ser entre alguns produtores culturais, como os cineastas), inexistiam mecanismos de mediação entre Estado e sociedade, e era praticamente impossível identificar atores sociais constituídos em torno de causas culturais. Ficava no ar a pergunta (e, para alguns, a suspeita) sobre o sentido dessa proposta: idealismo de alguns agentes institucionais, instrumentalização da cultura por um governo em crise de legitimidade ou estratégia política de resistência, possível num setor à margem dos grandes interesses do capital?
>
> (…) ficou evidente que essa proposta veio atender a uma demanda social de valores democráticos, na medida em que seu discurso foi incorporado pelas mais diversas instâncias, e foi absorvido pela Constituição de 1988 (Fonseca, 2009, p. 48).

Observa-se que essa conjuntura democrática foi forjada na década de 1980, e tem sido desenvolvida ao passar dos anos, refletindo na atuação de instituições tais como o Iphan. Sobre isso, Ulpiano Meneses descreve a mudança na matriz de valoração de deveria nortear, a partir da Constituição de 1988, as práticas do poder público, sobretudo, quando se fala de Patrimônio Cultural:

> É claro que o estado e o governo podem participar da criação desses valores, privilegiando ou marginalizando uns e outros, mas sempre no jogo das práticas sociais. Estas é que são o ventre gerador. O poder público, agora, tem um papel declaratório e lhe compete, sobretudo, proteção, em colaboração com o produtor de valor, a comunidade (para usar um termo problemático pela sua ambiguidade e utilizado pelo constituinte). Entretanto, mesmo sem qualquer intervenção do poder público, existe o "patrimônio cultural nacional" (2009, p. 34).

No decorrer das conversas que tivemos no dia 10 de outubro de 2014, em reunião realizada na igreja de Nossa Senhora do Rosário, com representantes dos grupos culturais, da paróquia de Pombal e do Iphan/PB, foi possível perceber que o *tombamento* foi mais bem aceito por parte dos que ali estavam presentes, uma vez que a igreja de Nossa Senhora do

Rosário já havia passado por um processo semelhante com *tombamento* pelo órgão estadual (Iphaep).

Sobre este *tombamento,* é importante apontar que alguns bens como a igreja de Nossa Senhora do Rosário já são *tombados*, como dito anteriormente, e, também compreender como se deu esse processo no âmbito estadual. O *tombamento* da igreja em nível estadual foi realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – Iphaep, o qual se consolidaria com o Decreto Estadual de 03 de abril de 2002.

O processo de *tombamento* envolveu não apenas a igreja de N. S. do Rosário, mas também uma delimitação do espaço urbano denominado de Centro Histórico de Pombal (como identificados nos capítulos anteriores). Iniciou-se em 2001, através da solicitação da então presidente da Fundação Casa da Cultura Senador Ruy Carneiro, Vera Lúcia de Assis Arruda, e de Antônio Carneiro Arnaud, ex-deputado federal e ex-prefeito de João Pessoa. A partir desta solicitação, uma equipe do Iphaep foi encaminhada a Pombal para elaborar um parecer sobre o *tombamento*. Foram realizadas pesquisas por pesquisadores locais, visando subsidiar o processo de *tombamento*.

O processo concluiu-se pela necessidade de medidas urgentes para a preservação do patrimônio cultural local (nas palavras dos técnicos do Iphaep), depois de observado o nível de degradação dos edifícios, segundo Itapuan Bôtto Targino[110] (2003, p. 42). Ainda em 2001, a proposta passou pelo crivo do Conselho do Iphaep, que na ocasião contava com a participação de técnico do Iphan/PB (na época chefe da divisão técnica do Iphan/PB, Umbelino Peregrino), o qual elaborou parecer positivo sobre o tombamento (Targino, 2003, p. 47). Sobre a patrimonialização da igreja de Nossa Senhora do Rosário, Umbelino Peregrino lembra que Celso Furtado, nascido em Pombal, quando Ministro da Cultura fez uma solicitação pública de proteção das expressões culturais de Pombal:

> Quando Celso Furtado foi secretário de cultura do, secretário do Ministério, de Cultura, não era ministro não, era Secretaria de Cultura da Presidência da República (...) Que por ser de Pombal tinha assim uma, uma devoção muito grande, raízes, e um dado momento pediu ao Iphan para olhar a Igrejinha, pra ver a Igrejinha. Infelizmente não deu para tombar em federal por causa de o corpo técnico era muito reduzido aqui[111].

No acervo documental do Iphan/PB, identificamos solicitações de *tombamento* federal da igreja de Nossa Senhora do Rosário, encaminhadas por alguns membros da sociedade de

[110]Ex-diretor do Iphaep. Estava na gestão do órgão durante o processo de *tombamento* da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB.
[111]Entrevista realizada com Umbelino Peregrino, no dia 08 de abril de 2016.

Pombal, em 2006[112], e pela prefeitura municipal, em 2009[113]. Constatamos na solicitação de *tombamento* feita pela prefeitura, também, o pedido de reconhecimento das manifestações culturais relacionadas à Festa do Rosário através do seu *registro* como patrimônio imaterial, conforme citado anteriormente. Em paralelo a isso, em 2007, o Iphan/PB acompanhava os trabalhos realizados na igreja de N. S. do Rosário, como as restaurações feitas por funcionários do Iphaep, considerando já a solicitação de *tombamento* federal, datada de 2006.

As solicitações[114] de patrimonialização destacaram a igreja de Nossa Senhora do Rosário e os "grupos folclóricos" como referências da cidade. Os pedidos não descriminaram a Festa do Rosário em si. Mas, partindo da perspectiva de que a Festa do Rosário abarca todos esses elementos, penso que não deve ser recortada, mas pensada enquanto elemento articulador desse grande universo.

Em relação ao *registo*, mesmo com a fala do técnico do Iphan/PB em Ciências Sociais, Emanuel Braga, introduzindo na conversa alguns pontos sobre o r*egistro*, percebi que a grande maioria dos participantes estava tendo contato com essa nomenclatura pela primeira vez e não sabia de fato que benefícios traria. Essa situação foi verificada na grande maioria dos casos, devido ao instrumento do *tombamento* ser mais antigo e de mais fácil compreensão. Porém, pareceu que acreditavam que algum tipo de valorização e fortalecimento seria proporcionado por essa ação, baseando-se na perspectiva de **Luizinho Barbosa**[115], de se reconhecer o valor da cultura local: "Seria interessante que as autoridades, que o poder público em termos gerais, de todas as esferas, pudesse visualizar Pombal como centro histórico de valor, reconhecendo assim seu valor".

Após a vivência na Festa do Rosário, em **outubro de 2014,** participei de uma reunião na superintendência do Iphan/PB, com os técnicos das áreas de Ciências Sociais, Arquitetura, Educação Patrimonial, incluindo o superintendente, Claudio Nogueira, e a chefe da Divisão Técnica, Christiane Finizola, para discutir o que foi observado na festa, notadamente a percepção da igreja como lugar de referência para as manifestações culturais relacionadas à festa. Cabe destacar a discussão sobre Pombal ser considerada como marco da ocupação do

[112]SOUSA, Verneck Abrantes. [*Correspondência*] 07 set. 2006, Campina Grande/PB [para] Superintendência do Iphan na Paraíba, João Pessoa/PB. 1f. Tombamento (protocolo nº 324/06 – Acervo Iphan/PB).
[113]FEITOSA, Yasnaia Pollyana Werton (Prefeita de Pombal/PB). [*Ofício nº 565/GABPREF*]. 16 nov. 2009. Pombal/PB [para] Superintendência do Iphan na Paraíba. João Pessoa/PB. 1f. Processo de tombamento da Igreja do Rosário de Pombal e outras solicitações (Acervo Iphan/PB).
[114]O termo utilizado no ofício, de 2006, foi *tombamento* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No ofício de 2009, foram utilizados termos como: *tombamento* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; e "avaliação em todo Centro Histórico e nos "grupos folclóricos" de Pombal, para se for o caso integrá-los ao *tombamento* e *registro* do Iphan".
[115]Professor de artes, engajado na causa de valorização da cultura do município de Pombal.

sertão do estado da Paraíba, ponto de referência para a ocupação de outros territórios do sertão; entretanto, esse assunto não reverberou em nenhuma outra reunião a qual presenciei.

Nessa reunião foi possível observar a intencionalidade da Superintendência em contribuir com a discussão, mais uma vez, de medidas de acautelamento para a igreja de Nossa Senhora do Rosário e possíveis expressões culturais que poderiam ser reconhecidas por meio do *registro* como patrimônio cultural imaterial. Dentre elas, estaria a "Companhia do Rosário"[116], forma encontrada pelas arquitetas Ana Luiza Schuster e Christiane Finizola para definir a forte relação estabelecida com o Rosário no contexto da Festa, ou seja, a possibilidade de um *registro* pautado na identificação dos devotos e participantes da festa com o objeto Rosário. Entretanto, outra vertente e concepção sob a Festa do Rosário surgiu. Contrapondo-se ao título "Companhia do Rosário", os técnicos em Ciências Sociais, Emanuel Braga, de Educação Patrimonial, Olga Enrique, e eu mesma defendemos que "Festa do Rosário" corresponderia a um título mais adequado para o *registro*, englobando melhor aquele universo. O termo "Companhia do Rosário" também remeteria a problemática de se realizar o *registro* do objeto Rosário, desvinculado da Festa ou até mesmo de Nossa Senhora do Rosário, desatrelando todo o universo de relações que o forma. Outras problemáticas encontradas nesta expressividade "Companhia do Rosário" diz respeito a não ser comumente utilizado em Pombal, ou seja, não é uma expressão nativa que contemple a Festa do Rosário.

O argumento foi formulado no sentido de reforçar que o termo "Festa do Rosário" é uma categoria nativa, agregando as perspectivas dos moradores e devotos acerca das manifestações que o Iphan/PB tem interesse em proteger e reconhecer. Isso possibilitou que, em outras reuniões, o termo fosse mais bem aceito e interpretado pelos técnicos que defendiam o título "Companhia do Rosário".

Para continuar a discussão dos temas *registro* e *tombamento,* foi realizada a reunião do **dia 13 de agosto de 2015,** em um espaço de responsabilidade da Paróquia de Pombal, para tratar da possibilidade do *registro* da Festa do Rosário como patrimônio cultural imaterial. Contou com a participação de representantes da paróquia de Pombal, membros dos grupos dos Negros dos Pontões, Irmandade do Rosário, Congos e Reisado. E, ainda, com técnicos do Iphan/PB e com sujeitos interessados no tema da Festa do Rosário.

[116]Termo sugerido pela técnica em arquitetura, Ana Luiza Schuster e a chefe da Divisão Técnica do Iphan/PB, Christiane Finizola, "Companhia do Rosário" poderia ser um termo utilizado para o título do *registro* como patrimônio imaterial nacional dos grupos dos Pontões, Congos, Irmandade do Rosário e Reisado, relacionados à Festa do Rosário. Esse mesmo termo era usado pelo senhor Clóvis Rufino (antigo chefe dos Negros do Pontões) para designar os "grupos folclóricos" relacionados à Festa do Rosário. Possível perceber ele utilizando esse termo em antigos vídeos feitos da festa, nos momentos de exaltação realizado pelo grupo dos Negros dos Pontões.

Na reunião do dia **18 de setembro de 2015,** na sede do Iphan/PB, realizada com os técnicos responsáveis por tratar dos projetos relacionados a Pombal - Ana Luiza, Christiane Finizola, Emanuel Braga e Olga Enrique - alguns questionamentos foram levantados a respeito de uma ação de *tombamento* em Pombal: se o processo seria estruturado a partir de bens individuais ou em conjunto. Também ocorreram questionamentos a partir do encaminhamento de uma proposta de *registro:* se seria adotada uma política multifacetada para essa ação, em que o *registro* da Festa do Rosário pudesse valorizar lugares específicos, sendo o Rosário o artefato referencial dentro do contexto da festa.

As decisões relacionadas a esses projetos, visando o fomento das manifestações culturais de Pombal (o público a ser atingido, inicialmente; reuniões para discussão; possibilidades de ações), foram articuladas pela chefia da divisão técnica, pensando em um trabalho de preservação democrático. Ou seja, esperando o protagonismo dos sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário, com a participação do Iphan, mas com o mínimo possível de interferências externas incluindo o Iphan/PB. Pude perceber, a partir das falas da chefe da divisão técnica do Iphan/PB, entretanto, que as primeiras decisões de construção dos projetos são tomadas dentro do próprio Iphan/PB, tais como: as pessoas a serem envolvidas no processo, tipos possíveis de projetos a serem elaborados. Isso, considerando o início de um processo futuro.

Noutra reunião, realizada no dia **13 de fevereiro de 2016,** foi interessante perceber os interesses para o *tombamento* da igreja de Nossa Senhora do Rosário por meio da narrativa do Padre Ernaldo Sousa. O *tombamento* nacional foi apontado como forma de para arrecadação de financiamentos para a possível restauração da igreja de Nossa Senhora do Rosário, utilizada como justificativa também pela prefeitura. Outro momento importante da reunião e que destaco aqui na fala de Ana Luiza Schuster (nesse momento, como chefe substituta da divisão técnica) o posicionamento do Iphan/PB em relação ao processo que está ocorrendo em Pombal:

> A gente tá procurando trabalhar de uma forma que o patrimônio cultural seja visto (...) em conjunto. Não só a Igreja como matéria seja tratada, mas a Festa do Rosário e tudo aquilo que envolve a Festa do Rosário. A Igreja, a Irmandade, os Pontões, o Congo, o Reisado, o espaço de Pombal, a cidade, a praça (...). Ai a gente têm construindo essa prática que não é comum. Dentro do Iphan ela é separada, ela vinha sendo trabalhada separada. Em alguns casos, como foi o de Iguapé? né? E tem um outro caso, acho, que trabalhou nessa linha. São ações mais novas, e estamos trabalhando dessa forma mais ampla (...) E a gente vem sempre trabalhando em nosso planejamento, Pombal.

A citação anterior indica a necessidade do Iphan/PB, em se adequar aos novos procedimentos de patrimonialização que estão sendo construídos pelo Iphan e discutidos academicamente, destacando Pombal como possibilidade para experiência desse tipo de processo.

Aloísio Magalhães (1985) descreveu brevemente a política do Iphan em tempos passados, anterior a década de 1980, afirmando que a política era efetivada diante de um processo executado de forma vertical, com base em uma concepção elitista e monumental. Cecília Londres Fonseca segue essa perspectiva, apontando para uma mudança de postura que passou a buscar um diálogo entre preservação e desenvolvimento:

> (...) Essa era considerada uma postura elitista, para benefício apenas das camadas cultas. Nos anos 70, a tarefa de preservação passou a assumir novas funções para além da esfera estritamente cultural. Como já vimos, procurava-se revelar nos bens culturais sua dimensão de produtores de valor econômico, seja diretamente, como matéria-prima para a atividade turística, seja indiretamente, como referência para a busca de soluções adequadas ao processo de desenvolvimento brasileiro. (Fonseca, 2009, p. 156)

Ao passar das décadas, a prática foi ganhando novas formas, com base nas coisas vivas (bens imateriais), nas palavras de Aloísio Magalhães: (...) "patrimônio se constitui do conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público" (...) [1985, p, 218]. Cecília Londres Fonseca também colabora com essa discussão, apontando que a abertura para novos bens culturais pretendeu caminhar junto de políticas participativas para o campo da preservação:

> A partir dos anos 80, a preservação das manifestações culturais dos diferentes contextos culturais brasileiros assumiu uma nítida conotação política, na medida em que, à ideia de diversidade, se sobrepunha a de desigualdade. Ao propor a introdução de bens do "patrimônio cultural não-consagrado" no patrimônio histórico e artístico nacional (basicamente, bens das etnias afro-brasileiras e vinculados à cultura popular), e a participação da sociedade na construção e gestão desse patrimônio, a política da FNpM[117] visava a se inserir na luta mais ampla que mobilizava então a sociedade brasileira pela reconquista da cidadania. Na gestão de Aloísio Magalhães no Iphan, uma primeira expressão dessa participação foi a introdução da prática de consultar as populações dos centros históricos, o que ocorreu nos seminários de Ouro Preto, Diamantina, Cachoeira, São Luiz etc.
>
> Para aqueles novos agentes institucionais, no final dos anos 70 e início dos 80, as ações da política cultural do governo federal deviam se voltar prioritariamente não só para o atendimento das necessidades culturais, como também levar em consideração as necessidades econômicas e políticas dos grupos sociais até então excluídos - simbólica e materialmente - dos benefícios dessa política. Mais que isso: era preciso que essas comunidades passassem a participar do processo de construção e de gerenciamento da

[117]Fundação Nacional Pró-Memória: órgão público criado em 1979 e extinto em 1990. Funcionou conjuntamente com a antiga Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje IPHAN.

> produção cultural brasileira, inclusive do patrimônio cultural. É pela via da participação social - e não mais pela da seleção rigorosa de bens de valor excepcional - que se vai buscar legitimar a política de preservação dos anos 80. (Fonseca, 2009, p. 157-158).

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural, reconhecendo a existência de expressões culturais de natureza material e imaterial. No ano 2000, o Iphan institui a política do patrimônio imaterial através do Decreto 3.551, com o Registro dos Bens Imateriais Entretanto, apesar da existência de diferentes instrumentos para preservação do patrimônio cultural e da discussão no campo patrimonial reconhecer formas de expressão, saberes, celebrações e lugares a partir da noção de Referência Cultural, ou seja, de que todo patrimônio é dotado de sentidos materiais e imateriais, ainda persiste na instituição a divisão entre departamentos e entre os campos de atuação, por meio dos instrumentos do *tombamento* e do *registro*.

Deve-se levar em conta aqui a discussão, ainda atual, de Aloísio Magalhães sobre os processos democráticos de reconhecimento e preservação do patrimônio:

> E que é o processo democrático senão um permanente questionamento, um permanente aferimento, um permanente mudar, renovar, reativar, realimentar e refrescar? Evidentemente que é neste jogo do sim e do não, do mudar e do permanecer, do risco e do acerto, que reside talvez a grande força do processo democrático (Magalhães, 1985, p. 107).

Em Pombal, para enfrentar essa problemática, foram propostas ações para informar e tirar dúvidas da população sobre os processos de *registro* e *tombamento*; buscar meios para alcançar uma maior motivação dos grupos envolvidos; propor uma gestão democrática através dos representantes de vários segmentos, em particular, dos "grupos folclóricos" que se apresentam na Festa do Rosário. Esses procedimentos são importantes considerando, como aponta Lia Motta (2011), o risco de subordinar os processos de seleção unicamente às escolhas dos dirigentes das instituições, ou mesmo, a interesses políticos, sem o devido respeito àqueles que são diretamente afetados pela preservação do patrimônio cultural (p. 196). Assim, devem ser considerados todos os envolvidos com as expressões culturais trabalhadas, formando uma rede de cooperação para fortalecer o trabalho de preservação:

> (...) as referências culturais, conforme visto, são construídas em diálogo com os grupos sociais – suas *memórias coletivas*, modos de atribuir sentidos as coisas e de se reconhecer nelas. No entanto, isto não diminui o trabalho técnico, pois não é possível simplificar as práticas de preservação do patrimônio (...). Não se pode ignorar os interesses em jogo, tanto os econômicos e financeiros, quanto os de representação e legitimidade de identidade (Motta, 2011, p. 197).

Pensando nessa proposição é que foram formuladas as questões envolvendo o trabalho com os sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário de Pombal, a partir de problemáticas vivenciadas pelos técnicos do Iphan/PB, no município de Pombal. Até aquele momento, as ações não estariam sendo bem articuladas, pois ainda estavam no início, e não existia um contato fortalecido com todos os grupos sociais envolvidos.

Além de discutirem alguns temas, muitas indagações foram colocadas nas reuniões: qual a relação estabelecida entre "grupos folclóricos"; porque a igreja de Nossa Senhora do Rosário até hoje está preservada; quais medidas de acautelamento podem ser previstas para a igreja de Nossa Senhora do Rosário; quais tipos de trabalhos de valorização podem ser propostos para o município de Pombal? Essas questões foram motivadas pela visita a Pombal durante a Festa do Rosário de 2014.

E partir desses questionamentos, algumas intencionalidades foram colocadas, pensando na Festa do Rosário de 2015: ações que concorressem para o desenvolvimento dos processos de *registro* e *tombamento*; ações de salvaguarda; e ações de educação patrimonial. As atividades de educação patrimonial são as mais adiantadas, considerando as diversas idas ao município para conversas com representantes da prefeitura e com os sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário para planejamento das atividades.

Em um processo de patrimonialização é de suma importância que os sujeitos participem e conheçam esses processos, buscando envolvê-los na gestão do patrimônio, neste caso a Festa do Rosário. Mas é importante, também, que se considerem os seus dissensos (no caso da Festa do Rosário, as opiniões contrastantes sobre a organização da festa e apresentações realizadas na mesma, proferidas por representantes da paróquia, por membros dos "grupos folclóricos" e outros envolvidos) e tudo que está inserido neles. Neste caso pretende-se alcançar o envolvimento de uma série de agentes participando do processo de patrimonialização, considerando, entretanto, a percepção desses dissensos, pois a Festa do Rosário é um universo do qual fazem parte diferentes sujeitos com diferentes expectativas e necessidades.

Até o momento que acompanhei o processo na Superintendência, foi possível verificar que existia sim a intencionalidade de realizar um processo de patrimonialização participativo e democrático. Entretanto, essa participação se restringiu a alguns convites a participarem de reuniões e conversas individuais com membros dos grupos envolvidos. Nas reuniões relacionadas a temas como o restauro dos bens culturais, quase não existe participação dos grupos. Por mais que exista o chamamento para algumas das reuniões, existe certa desconfiança em relação à participação de membros dos "grupos folclóricos" por parte de

representantes da paróquia de Pombal e mesmo de arquitetos de Pombal, convidados para participar das reuniões sobre o tema. Neste sentido, cabe recuperar a reflexão de Mary Douglas, em *Pureza e Perigo* (1966), sobre a crença dos povos primitivos em seus ritos: "A nossa cultura apoia-se sempre na ideia preconcebida, e cómoda, de que os estrangeiros desconhecem a verdadeira religião espiritual" (p.47). Aqui, fazendo uma correspondência entre a percepção da "religião espiritual" e o conhecimento técnico na área de restauro, podemos inferir que a ideia de que os grupos locais não detêm conhecimento necessário para participarem do processo de restauro dos bens culturais remete a um afastamento semelhante.

Entretanto, há outras formas de conhecimento importantes a se considerar em casos como esse, e para que o processo se torne concretamente um processo de patrimonialização democrático, isto exigirá um protagonismo desses sujeitos. Até o momento não foi verificado, possivelmente pela falta de articulação entre os envolvidos com o processo (como os representantes da paróquia de Pombal e de instituições como Iphan, Iphaep e Prefeitura). Também pode ser apontado como falta de protagonismo, a pouca familiaridade dos grupos envolvidos com as possibilidades do processo de patrimonialização. O que não resulta, necessariamente, na pouca valorização das expressões culturais locais. Pelo contrário, pela vivência na Festa do Rosário, pude reconhecer o envolvimento e a determinação dos sujeitos comprometidos com a preservação da Festa do Rosário de Pombal e tudo que a forma. Sobre a perspectiva democrática adotada em processos tais como o de Pombal cabe ressaltar que, em meu tempo de vivência no Iphan/PB, visualizei o forte envolvimento da chefia da divisão técnica, principalmente no chamamento de seus próprios técnicos para a participação no processo de patrimonialização em Pombal. O município de Pombal parece ser o símbolo transdisciplinar e democrático dos trabalhos a serem realizados no Iphan/PB, como ação ícone da política de gestão atual, apagando qualquer ação que tenha sido realizada diferentemente seja no passado ou mesmo no presente. Para refletir sobre a questão da representatividade nesse processo, e seus desafios, trago a discussão de Luis Felipe Miguel (2014):

> Nossas democracias são, portanto, *representativas,* e constatar a impossibilidade da democracia direta nas sociedades contemporâneas é algo banal. Nossos Estados são muito extensos para que todos se reúnam, muito populosos para se imaginar um diálogo que incorpore cada um de seus cidadãos. As questões políticas são complexas demais para que dispensemos a especialização dos governantes e os afazeres privados, por sua vez, absorvem demais cada um de nós, reduzindo ao mínimo o tempo para a participação política (Miguel**,** 2014, p. 12-13).

A discussão de Luis Felipe Miguel remete a um cenário maior do que o estudado aqui, um cenário de política nacional; entretanto, podemos perceber que até mesmo em contextos como o de Pombal, essa questão da representatividade democrática é importante.

São diferentes grupos e sujeitos envolvidos nas discussões relacionadas com a Festa do Rosário. Ora, a paróquia de Pombal está articulando conversas sobre o restauro da igreja; ora, Miguel Ferreira, fica à frente de articular os grupos; ora, o Iphan é responsável pela articulação dos dois grupos anteriores.

Assim, neste processo, cabe também considerar a produção de conhecimento a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, por ser detentora de conhecimentos específicos sobre a expressão cultural, além de ser responsável por sua continuidade. É evidente a intenção de realização de processo democrático por parte das instituições como o Iphan ao incluir o máximo de envolvidos possível. Entretanto, ainda não existe um protagonismo de seus detentores; eles não conseguiram ainda tomar as rédeas deste processo. O que não os impede de buscar outras formas, fora a patrimonialização, para valorizar e preservar suas expressões culturais reconhecidas como verdadeiras referências de sua cultura e identidade.

3.3. Valorização das expressões culturais de Pombal e participação de seus representantes

O tema valorização, especificamentedas expressões culturais Pombal, foi assunto recorrente nas reuniões e conversas que tivemos, seja em Pombal, ou mesmo na Superintendência do Iphan/PB. Exemplo disso foi a primeira visita realizada em Pombal **(setembro de 2014)**, quando seguimos ao encontro de **Socorro Martins**, na casa paroquial da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso. No local, **Socorro Martins** tinha agendado uma reunião com alguns membros dos "grupos folclóricos", como os grupos dos Congos e Boi da Caçada de Pombal. O restante dos grupos não pôde comparecer, porque a reunião foi marcada em um dia de semana, e grande parte dos integrantes dos grupos estava trabalhando. Essa foi a primeira reunião da qual participei em Pombal e a primeira junto a membros de alguns "grupos folclóricos" a partir do interesse do Iphan/PB em trabalhar junto a eles.

O objetivo da conversa realizada em **setembro de 2014** foi de dialogar com alguns dos representantes dos grupos locais, no sentido de conhecer suas necessidades e desejos dentro do universo da Festa do Rosário. **Miguel Ferreira** desde o início de nossos contatos pareceu ser uma pessoa bem articulada e transpareceu sentir naquela conversa uma possibilidade para seus planos de fortalecimento dos "grupos folclóricos" de Pombal. Percebi que a boa

articulação de **Miguel** possivelmente tenha origem em sua experiência anterior como vereador da cidade. A chefia do Iphan/PB vê em **Miguel** essa centralidade como uma facilidade para os trabalhos a serem realizados em Pombal, considerando sua boa articulação como uma forma de liderança para "puxar" os membros de todos os "grupos folclóricos". **Miguel Ferreira**, relatou seu desejo de criar uma central ou associação que reunisse todas as expressões culturais do município, servindo de apoio a elas. Para isso foi pensado o espaço da antiga estação ferroviária da cidade como sede dessa "associação". Nesta reunião, o foco não foram questões relativas à patrimonialização, mas sim, formas de conhecer e fomentar os "grupos folclóricos", como os Congos, Negros dos Pontões, Reisado e Irmandade do Rosário. Já os outros presentes, como o senhor **Salomão** (artesão e integrante de uma segmentação do Reisado – o Boi da Caçada) definiu um pouco de seu trabalho e da participação do Reisado na festa, e da articulação dos integrantes para se fortalecerem.

Neste momento, esta conversa foi importante como um primeiro contato com o universo da Festa do Rosário para o estabelecimento de um diálogo com os representantes de alguns grupos envolvidos com a Festa e continuidade desta relação para a pesquisa, de modo a projetar novas visitas a Pombal. Pensando na perspectiva do Iphan/PB foi importante para os técnicos começarem a pensar em trabalhos de proteção e reconhecimentos das expressões culturais.

Considerando o planejamento estratégico, realizado pelo Iphan/PB, pensando na sua atuação em Pombal, participei de outra reunião em **23 de outubro de 2014**, que teve por objetivo estabelecer estratégias para a implantação de ações de preservação sustentável[118] das expressões culturais de Pombal, ações de preservação que fossem mantidas pelos próprios sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário, e que fossem adequadas às necessidades atuais e futuras das expressões culturais. Esse objetivo foi construído através das discussões entre os técnicos das áreas de Arquitetura, Ciências Sociais, Educação Patrimonial e a Chefia da Divisão Técnica do Iphan/PB. Foram identificadas como problemas, no contexto de Pombal, a desmotivação dos participantes da Festa do Rosário; a distribuição das atividades da Festa; a falta de conhecimento do potencial da Festa do Rosário e dos "grupos folclóricos" como expressões culturais passíveis de patrimonialização e ações de preservação.

Sobre a participação dos grupos em decisões sobre a festa, no que diz respeito a sua organização, ou mesmo em relação às reuniões descritas anteriormente, é recorrente, no

[118] Reforçando o conceito de sustentável, utilizo através da perspectiva de Emanuel Braga (2011):"Sustentável porque permanece, porque preserva, porque educa e porque pode gerar riquezas propondo, por exemplo, a interface com o Turismo Cultural e com a Educação Ambiental" (p. 21).

discurso dos integrantes dos grupos entrevistados, a afirmação da “tradicionalidade” das expressões culturais de Pombal. Isso exemplifica uma ambiguidade, pois esta tradição se perdeu, considerando que os grupos não participam mais das decisões da festa como em outrora. Sobre esse aspecto, percebemos a constante mutação das manifestações e da organização da Festa do Rosário, sua adaptação à realidade em meio a múltiplas influências, visando a sua permanência, visibilidade e aceitação diante daqueles que usufruem da festa.

Observamos dentro deste processo de mudanças, a influência maior de alguns “grupos folclóricos”, como a Irmandade do Rosário, por exemplo, que buscou fazer com que a missa de encerramento fosse realizada no lado externo da igreja de Nossa Senhora do Rosário, a partir do ano de 1962 (Araújo, 2014, p. 65). Araújo afirma, ainda, que apesar da grande significância da Irmandade no passado, através da sua influência para realizar modificações e atividades dentro da Igreja, atualmente o que se percebe é a sua pouca influência no âmbito da festa.

Ao longo dos anos, a Irmandade tem sido excluída da organização da Festa do Rosário, passando a ter um papel secundário, ou mesmo alegórico, de acordo com Araújo (2014, p. 110). Entretanto, percebemos que algumas mudanças têm ocorrido com a inclusão da Irmandade e dos outros “grupos folclóricos”. Pelo menos, esse tem sido o discurso de representantes da paróquia de Pombal. A princípio, mesmo com a inclusão dos grupos, as mudanças vêm ocorrendo lentamente com pequenas ações, como o aumento do espaço de apresentação dos grupos no largo da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esta transformação tem se dado principalmente por iniciativa dos grupos, que perceberam na mediação do Iphan/PB um elemento importante para esse diálogo. Ou seja, conquistas que não eram facilmente concretizadas por meio da atuação do Iphan, poderiam ser solucionadas, como é o caso do espaço para a apresentação dos grupos ou a colocação de membros dos “grupos folclóricos” no palco onde são realizadas as missas durante a Festa do Rosário. Neste sentido, a reflexão de Bourdieu sobre o papel do Estado pode instrumentalizar a análise da apropriação dos grupos folclóricos sem relação ao papel do Iphan no contexto da festa:

> Dado que concentra um conjunto de recursos materiais e simbólicos, o Estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos, seja por meio de intervenções financeiras (como, no campo econômico, os auxílios públicos a investimentos ou, no campo cultural, os apoios a tal ou qual forma de ensino), seja através de intervenções jurídicas (como as diversas regulamentações do funcionamento de organizações ou do comportamento dos agentes individuais) [Bourdieu, 1996, p. 51].

Retomando as discussões da reunião da noite do dia **13 de agosto de 2015**, considerando as propostas para a valorização das expressões culturais, o Iphan/PB, na fala de Christiane Finizola, que deu o tom da conversa e comentou que a intenção era a de entender o que poderia ser feito pelos grupos para a valorização de suas expressões culturais, com o sentido de dar um impulso ao que vinha sendo feito até então:

> O que é que a gente pode fazer para conseguir uma valorização para essa alma, digamos assim, né?! Que caminho, que rumo a gente pode tomar pra chegar nessa valorização. (...) elaborar projetos pra Pombal. Então, dentro desses projetos o que que a gente poderia juntar que entrasse pra os grupos, ne?!. Pra valorização do patrimônio de Pombal. (...) O que feito hoje aqui em Pombal? O que já existe? O que é que já tem de ação? (...) a gente poderia ampliar, dar um impulso maior.

E continua:

> Essa estruturação está dentro do projeto do Pronac (...) e dentro dessa estruturação, como tem a questão do *tombamento* e do *registro*, incluir também os estudos para o *registro* e para *tombamento* dentro projeto. Acho que seria um bom momento para juntar tudo isso dentro do projeto.



Figura 46 - Reunião do dia 13 de agosto de 2015 (noite).
Foto da autora.

Em contraste, o discurso do Iphan/PB se pode notar um processo de desvalorização dos "grupos folclóricos" na Festa do Rosário. Destaco, mais adiante, outras falas que também são importantes para compreender a situação atual dos "grupos folclóricos" de Pombal e a configuração da Festa do Rosário, discutidos na mesma reunião mencionada anteriormente.

Miguel Ferreira relatou algumas dificuldades pelas quais os grupos têm passado tanto em relação ao espaço para as apresentações, como a desmotivação e falta de interesse dos jovens pela prática. Os representantes do Reisado, **Ivônio dos Santos** e **Cassiano Sant'anna**, reclamaram do pouco tempo para as apresentações e indagaram sobre a disponibilidade de mais tempo de apresentação para alguns grupos, como os Congos, e menos para outros, como é o caso do próprio Reisado (gerando certo confronto entre os membros dos dois grupos), além de outros problemas: "Sabe por que está nessa situação? Por que o membro que foi um dos fundadores, não quer mais dançar". E **Edmilson**, integrante da Irmandade do Rosário, indagou sobre a "falta de cuidado com a cultura". Com base nesses depoimentos, os representantes da paróquia de Pombal se comprometeram em discutir os horários e dias para apresentação dos grupos.

Esta situação é compreendida, pelos integrantes dos "grupos folclóricos", como um processo de "desvalorização". Neste sentido, a ressignificação da sua identidade cultural e de sua memória, por meio da atribuição dos valores e significados evocados para seus contemporâneos e descendentes, é um recurso importante para reverter esse processo. A preservação dessas expressões culturais como patrimônio pode ser considerada um recurso, em sentido análogo ao que foi verificado por Lia Motta em outros contextos:

> (...) há maior interesse na preservação do patrimônio cultural, tanto para a afirmação de identidades quanto em função de interesses econômicos, espacialmente para o turismo, o conflito entre valor coletivo do patrimônio cultural e o financeiro especulativo da propriedade privada pouco se modificou (2011, p. 197).

A abordagem de Elsa Peralta (2007) - da memória como sistema cultural - é importante quando analisamos o processo de construção da memória social sobre a Festa do Rosário. Entendemos que a Festa é construída, também, através dos múltiplos conflitos e dos discursos variados que percebemos por meio das formas de expressão em as memórias dessa população são evocadas, principalmente, dos participantes dos "grupos folclóricos".

Peralta afirma que a memória é construída nas práticas sociais cotidianas, organizando-se nas ações individuais. A partir dessa perspectiva, podemos refletir sobre a realização da Festa do Rosário de Pombal e seus significados no cotidiano dos sujeitos locais, de modo que os significados individuais influenciam nas formas como a população guarda e compreende as "tradições" de seus ancestrais, e a partir de seus discursos entender a sua relevância para a coletividade e como foi constituída a integração dos diversos passados comuns. Nestes jogos de múltiplos entendimentos e olhares formados por diferentes grupos e sujeitos sobre a festa, resultam na maior ou na menor valorização das relações estabelecidas

na própria Festa do Rosário. Entretanto, nestas diferentes relações e percepções nutridas reconhecem a festa como uma referência local.

3.4. Discurso e ação do Iphan/PB

Sobre as ações do Iphan/PB, observa-se que os interesses pela preservação das expressões culturais já vêm de longo prazo, gestões anteriores, mas que tinham olhares diferenciados sobre o lugar. Ações que vêm sendo desenvolvidas há muito tempo, como verificamos em entrevista com **Umbelino Peregrino**, arquiteto, ex-chefe da divisão técnica do Iphan/PB e ex-superintendente substituto do Iphan/PB. **Umbelino** relatou a preocupação do Iphan/PB com a preservação das expressões culturais de Pombal, e solicitação de *tombamento:*

> Naquela época que foi solicitada, acho que foi pelo Verneck, né? Na época eu encaminhei, eu discuti isso em Brasília, pra ver se incluía no nosso plano de ação um recurso pra, não, pra restaurar a igreja, mas, um recurso, por que ela não tinha um tombamento. Tinha um tombamento estadual. Tinha cada coisa, besteira, que Iphan, não fazia, não destinava recurso pra isso não. Aí foi quando eu pedi um recurso, solicitei acho que por dois anos, e sempre reeditava, e eles cortava, Recife cortava, que era um recurso pra gente fazer a instrução de tombamento, como fez a de Areia. A gente fez de Areia sem recurso, sem nada. Mas, Areia a gente contou com ajuda da AMAR[119] (...) A gente não tinha como fazer sem um aporte financeiro para contratar técnicos.

O arquiteto relatou ainda que, antes mesmo de existir a unidade da Superintendência do Iphan na Paraíba, quando era ainda uma sub-regional ligada a Pernambuco, alguns servidores que passaram por ali, como José Saia, filho de Luiz Saia (chefe da *Missão de Pesquisas Folclóricas*), fez algumas solicitações de proteção para expressões culturais de Pombal:

> José Saia Neto foi, dirigiu a representação do Iphan aqui na Paraíba aí nos anos 80, 1980, e ele tinha um olhar muito carinhoso, um olhar eu até achava um tanto romântico pra o Pombal. Depois eu vim, depois de várias conversas que eu tive com ele, eu vir descobrir, foi quando eu me situei que Pombal foi um marco na presença da Missão. (...). Eu me recordo, em conversas com José Saia, ele se referia a capelinha, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que é de uma singularidade fantástica, é o marco de um barroco muito utópico, muito caracterizado e caucado no no no, vamos dizer, nas linhas criolas, um barroco criolo, barroco sertão, barroco sertanejo.

E por fim, na gestão de Eliane de Castro como superintendente do Iphan na Paraíba, **Umbelino** relata que os técnicos iniciaram um diálogo com a Prefeitura de Pombal e com os

[119]Associação dos Amigos de Arei. Associação de moradores da cidade de Areia/PB, responsável pela solicitação de *tombamento* do centro histórico da cidade.

"grupos folclóricos", para iniciar ações de reconhecimento e proteção de expressões culturais do município:

> Percebendo isso, Eliane muito astuta (...) Eliane muito sensível a esses apelos sociais, populares, principalmente do do, tinha um carinho muito grande pelo sertão. Ela em uma dessas viagens que fizemos de reconhecimento, nós tínhamos sempre um um, um trecho a percorrer que eram através dos imóveis que eram tombados pelo Iphan, mas sempre com aquela visão de expandir, tudo isso. Foi quando nessa época estava iniciando todo um processo de reconhecimento do imaterial, tentando fazer, em 2000, eu acho que foi (...) E ela sacou que a gente poderia, mesmo fugindo da nossa rota dos monumentos tombados, né?! E buscar, formatar uma ação revitalizadora que fosse através da pedra e cal ou através de uma manifestação imaterial, entende? Um lugar. E nisso ai a gente começo a tentar organizar assim, chamava até, chamamos de algumas rotas, de caminhos. Vamos pensar por exemplo, a gente pensou aqui no litoral os caminhos dos engenhos. Nós levamos isso a para Brasília, e acharam muito muito em uma dessas reuniões, acharam muito legal, entende?! Era os caminhos dos engenhos aqui e depois fazia dentro de uma de um recorte nosso, né. Depois fazia os caminhos que se cruzam. Os caminhos dos engenhos aqui tinham interligação com Pernambuco, entende?! Com Rio Grande do Norte e começava a formar uma rede. Essa era uma visão que se tinha de estruturar. Coisa estruturada de como a gente fazer (...) Quando a gente começou a pleitear esses, fazer esses caminhos, entende?! Começou a entender a estrutura de uma, de grupos de bandas de pífano. Como é que está no sertão, e de repente vai aparecer lá em Monteiro, vai, entende?! Como é isso, essa linguagem? É uma coisa que geralmente o pífano é um instrumento artesanal, que era feita por eles mesmos, por determinado tipo de madeira, por determinada, determinada é... técnica de fazer, é a sonoridade geralmente a mesma, a ritualística de de apresentar mesma, tinha uma coisa como herança dos negros também, uma coisa assim, belíssima. A gente começou a visitar algumas bandas, que levavam nomes alguns diferentes, bandas de pífano, bandas cabaçais (...) Que surgiu de Pombal. Pombal tinha um pessoal. Que a história dos Pontões, como eles foram para Pombal. Aquela comunidade foi para lá, aquela comunidade veio do alto sertão, veio não sei o que, migrou famílias. Tem uma história muito interessante, muito bonita, sobre a origem dos Pontões. Uma coisa um tanto quanto nômade que ficou sedentário, é uma coisa interessante. Eliane e Kleber tinha assim uma visão de continuidade, como perpetuar uma coisa, mas teria que ter uma engrenagem, teria que ter que não ficasse ... e quando terminar aqui, não, tem que ter um cruzamento, tem coisa que tem que se cruzar, entende?!

Deve-se avaliar, entretanto, que esses processos não são arbitrários, e sim envoltos por interesses de todos os envolvidos. A escolha pela patrimonialização de expressões culturais também implica a exclusão de outras, considerando que toda memória está atrelada ao esquecimento. Não existe neutralidade nestas escolhas. Sobre os critérios, expectativas e significados atribuídos à memória que se quer preservar, cabe recuperar a colocação de Moraes:

> (…) Temos receio de que nossas memórias e as lembranças de nossos antepassados se percam no vazio, no esquecimento.

> O valor e a importância estão nos *sujeitos*, que os atribuem conforme sua história de vida, sua fé e o significado atribuído à imagem, por evocar memórias de fatos marcantes. (Moraes, 2013, p. 87)

Portanto, o que deve ser feito é a interpretação desses ensejos e escolhas, por parte das instituições e dos grupos envolvidos, no sentido de entender em que medida eles podem dialogar com o processo de patrimonialização, considerando no caso da Festa do Rosário, que a festa acontece independente de sua patrimonialização existirá, tendo em vista a sua existência secular, apenas com o apoio dos grupos participantes e, em momentos pontuais, de algumas instituições públicas. Neste caso a patrimonialização se faz importante considerando o reconhecimento externo que daria neste caso as expressões culturais de Pombal e a sua consequente valorização.

Tendo em vista a condução dos processos de preservação e valorização das expressões culturais de Pombal de forma democrática e participativa, considerando os dilemas e conflitos existentes nesses processos, devo apontar algumas questões que me parecem importantes.

É interessante pensar no local da Festa como um espaço de sociabilidade de devotos e não devotos, que em muitos momentos transcende a religiosidade, transformando-se num espaço de confraternização dos mais variados grupos sociais e religiosos. A Festa deve ser entendida como espaço polissêmico, um campo de conflitos e de embates permanentes entre as diferentes tradições, entre experiências múltiplas tecidas em seu contexto, segundo a própria perspectiva adotada pela instituição de preservação (IPHAN, 2006). Assim, a Festa do Rosário pode ser entendida como um lugar de confluência dessas múltiplas relações, seja daqueles que participam dos ritos religiosos, seja daqueles que frequentam os parques, e dos próprios brincantes dos "grupos folclóricos" – a festa é um momento de reunião. Esse espaço de conflitos ainda é entendido, entretanto, pelo Iphan/PB como algo a ser resolvido através da negação ou mesmo da resolução sem a sua compreensão. Porém, acredito que conflitos nunca deixarão de existir; cabe seguir aprendendo com eles para se chegar a melhores resoluções. Interessante, novamente, trazer para essa discussão o diálogo com Max Gluckman. Ao analisar as relações entre africanos e brancos do norte da Zululândia, o autor aponta:

> Para resumir a situação na ponte, pode-se dizer que o comportamento dos grupos e indivíduos presentes expressava o fato da ponte, que era o centro de seus interesses, tê-los unido numa cerimônia comum. Como resultado de seu interesse comum, agiram segundo os costumes de cooperação e comunicação, apesar dos dois grupos raciais estarem divididos de acordo com o padrão da estrutura social. Igualmente, a celebração uniu os participantes dentre cada grupo racial, apesar deles terem se separado de acordo com as relações sociais existentes no interior do grupo. Nessa situação de cooperação, o poder do governo e a base cultural dos seus

> representantes organizam as ações dos grupos e indivíduos dentro de um padrão que exclui o conflito (Gluckman, 1987, p. 260).

Fazendo uso desses apontamentos, sobre os sujeitos que estão inseridos em distintos grupos sociais da Festa do Rosário, com interesses conflituosos, pude avaliar que os acontecimentos da festa quase sempre excluem ou interrompem estes conflitos. Entretanto, não é sempre que isso funciona. Também pude perceber que mesmo que se tente "aparar as arestas" entre os participantes, ocorrem situações onde existem conflitos de interesses no próprio evento: na última festa que presenciei (em 2015), a ordem das apresentações do grupo do Congo foi trocada, pois eles precisavam se apresentar em outro lugar. Por isso, pediram para inverter o horário das apresentações. Integrantes de outros "grupos folclóricos", como os Negros dos Pontões, não aprovaram essa troca. Nessa conjuntura membros da paróquia de Pombal se responsabilizaram por mediar alguns destes desentendimentos.

O trabalho com as expressões culturais de Pombal, em especial, a Festa do Rosário e as manifestações constituídas dentro desta celebração, provoca uma série de discussões conceituais e teóricas. Através do contato com os grupos, conseguimos elementos que podem colaborar para uma interpretação de valores acionados nos processos de patrimonialização em curso.

Podemos dizer que as festas possibilitam a compreensão do ambiente no qual está inserida. Segundo Léa Perez, as festas nos permitem compreender a estruturação de uma sociabilidade em que as relações de poder estão presentes e evidenciadas:

> As festas foram fundamentais na estruturação de nosso tecido societário, de nossas pautas de relacionamento, de nosso estilo de vida, de nossa sensibilização étnico-estética. Elas garantiam o sucesso mesmo da colonização, estruturando e solidificando regras de orientação e de organização da vida coletiva, ocupando, assim, um lugar privilegiado na edificação mesmo das estruturas de poder e de mando (Perez, 2014, p. 177).

Através da Festa do Rosário, é possível perceber uma multiplicidade de relações e percepções que se destacam tanto em dissonâncias, quanto em ressonâncias. Exemplificando essa multiplicidade de relações na percepção do sagrado e profano, aspecto fundamental das festas de matriz católica, como a Festa do Rosário, Mircea Eliade salienta que a festa possibilita o reencontro com a dimensão sagrada da vida, com a lembrança da criação divina da humanidade (Eliade, 2010, p. 80). Do mesmo modo, verificamos na Festa do Rosário a forte relação dos participantes com a devoção e culto ao Rosário através das procissões, vigílias e louvações.

No processo de patrimonialização descrito até aqui, iniciado por meio das reuniões e conversas preliminares, foram pensadas e discutidas formas de aproximação junto aos detentores das expressões culturais pesquisadas em Pombal, buscando construir uma forma para se compreender as necessidades locais e traçar propostas para sua valorização. Meu papel foi o de acompanhar os técnicos nesse processo e analisá-lo.

Esta atividade foi viabilizada pelo Iphan/PB com o objetivo de atender a futuros projetos, e também de responder a demandas de *tombamento* e *registro*. Nas reuniões de que participei, foi discutida a aproximação com os agentes das expressões culturais através das articulações estabelecidas pelos próprios detentores. Esse processo foi facilitado porque a chefe da divisão técnica do Iphan/PB já estabelecera contato com alguns integrantes dos "grupos folclóricos", após ter realizado trabalhos no município, incluindo uma pesquisa acadêmica sobre Pombal[120]. Uma aproximação inicial, portanto, já havia sido estabelecida por ela e por outros sujeitos que passaram pelo Iphan/PB, como Taise Farias, que foi estagiária do Iphan/PB na área de Arquitetura, e produziu seus trabalhos finais da graduação[121] e mestrado[122] com temas relacionados a Pombal; e **Umbelino Peregrino**, relatou alguns trabalhos desenvolvidos em sua gestão e outras anteriores, relacionados a Pombal: "Foi dentro desse clima, dessa essência, dessa vocação, dessa espontaneidade que tinha a cidade de Pombal, que nos fez na época, Eliane, Kleber,[123] em voltar os olhos para o sertão".[124]

Destacamos a importância da interpretação dos discursos como perspectiva a ser adotada no trabalho a partir do que Michel de Certeau aponta sobre o "lugar de fala":

> De toda maneira, a pesquisa está circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível e do impossível. Encarando-a apenas como um "dizer", acabar-se-ia por reintroduzir na história a *lenda*, quer dizer, a substituição de um não-lugar ou de um lugar imaginário pela articulação do discurso com um lugar social (Certeau, 2015, p. 63).

Deve-se atentar para a possibilidade dos lugares de fala de cada sujeito envolvido na pesquisa. Pois, a "imparcialidade", muitas vezes desejada, fica apenas na teoria. Somos carregados das subjetividades dos lugares dos quais falamos. Antes da análise de discursos,

---

[120]SARMENTO, Christiane Finizola. *Povoações, freguesias e vilas na Paraíba Colonial:* Pombal e Sousa, 1697 – 1800. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. – Natal, 2007.

[121] FARIAS, Taise Costa de. *Instrução de tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB.* Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB. – João Pessoa, 2009.

[122]FARIAS, Taise Costa de. *Patrimônio cultural:* a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial na cidade de Pombal/PB. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB. – João Pessoa, 2011.

[123]Eliane de Castro, hoje falecida, foi Superintendente do Iphan/PB até o ano de 2011; e Kleber Moreira, que atuou no Iphan na chefia da divisão técnica e por fim, como Superintendente do Iphan/PB até 2013, hoje está aposentado.

[124]Entrevista realizada com Umbelino Peregrino, no dia 08 de abril de 2016.

devem ser considerados os lugares de onde viemos e onde estamos, ou seja, o perfil dos envolvidos, pois não somos isentos:

> Levar a sério o seu lugar não é ainda explicar a história. Mas, é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou "edificante"), nem atópica (sem pertinência). Sendo a denegação da particularidade do lugar o próprio princípio do discurso ideológico, ela exclui toda teoria (Certeau, 2015, p. 64).

Essa perspectiva se faz importante para compreensão dos eventos externos que influenciam na construção da percepção em torno da Festa do Rosário e dos elementos que a formam. Há que se levar em consideração, entretanto, o que coloca Henri-Pierre Jeudy (2005) acerca da interferência da patrimonialização na relação entre detentores e suas expressões culturais, em diálogo, aqui, com a perspectiva dos "lugares de fala" de Certeau:

> De tanto viver no ritmo da patrimonialização, os habitantes dos campos se habituaram a viver sob esse "olhar etnográfico". Não apenas se tornaram os objetos patrimoniais da modernidade, como, ainda mais, sentiram-se compelidos a se comportar aos olhos dos outros como o espelho das riquezas simbólicas da região rural, da qual são os representantes ativos (p. 37).

A partir desse diálogo, busca-se, aqui, a compreensão das dinâmicas e narrativas que envolvem as expressões culturais e as expectativas em torno de sua patrimonialização, dos diversos lugares de falas dos sujeitos caracterizados nesta pesquisa. Os quais falam de instituições, como o Iphan, a Paróquia de Pombal, a Prefeitura (e mesmo dentro desses lugares existem hegemonias, diversidade e marginalidade); mas também das comunidades quilombolas, dos "grupos folclóricos". Alguns de seus representantes estão inseridos em mais de um lugar de fala.

Deste modo, retorno às reuniões realizadas entre os "grupos folclóricos", a paróquia de Pombal, o Iphan/PB e mais interessados na preservação das expressões culturais de Pombal[125], as quais permitiram entender, em certa medida, quais perspectivas, intencionalidades, justificativas e narrativas estão sendo construídas para efetivar ações de preservação de expressões culturais como as que encontramos em Pombal.

As narrativas que pudemos apreender das reuniões, desde a primeira realizada com o Iphan/PB, em **agosto de 2014**, foram influenciadas pelo discurso institucional que ressaltava a sugestão de pesquisa para instruir possíveis processos de *tombamento* e *registro* dos bens e expressões culturais de Pombal, justificados pelos pedidos feitos anos atrás, pensando

[125]Entre estes estão arquitetos e restauradores, interessados principalmente na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que cultivam relação afetiva com Pombal.

também em um trabalho que abraçasse esses dois instrumentos dentro das potenciais expressões culturais a serem patrimonializadas.

3.5. Dissonância e ressonância - conflitos no processo de patrimonialização

Muitas são as discussões em torno das políticas no campo do patrimônio; ao longo dos anos, muito se avançou, mas algumas problemáticas continuam. As políticas públicas lidam muitas vezes, de forma homogênea com a diversidade do patrimônio, mas devemos pensar individualmente em cada caso, em seus conflitos, impasses, diferenças. Assim, podemos refletir sobre a diversidade e a maneira como a política de patrimônio pode encará-la a partir da problematização de Néstor Canclini:

> (...) política democratizadora é não apenas a que socializa os bens 'legítimos', mas a que problematiza o que deve entender-se por cultura e quais são os direitos do heterogêneo. Por isso, a primeira coisa que deve ser questionada é o valor daquilo que a cultura hegemônica exclui ou subestimou para constituir-se (2013, p. 156-157).

Instrumentalizando essa perspectiva, em **setembro de 2014** identifiquei um conflito no que diz respeito à incorporação dos grupos na Festa do Rosário de Pombal. Por meio da fala do senhor **Salomão** foi possível perceber que o Boi da Caçada, manifestação na qual está inserido e que geralmente está associada ao Reisado, não está articulada naquele contexto, no sentido de inserção na festa. Segundo os representantes dos grupos associados à Festa do Rosário, há muito tempo o Boi está afastado das apresentações em conjunto com o Reisado, ou mesmo tem permanecido em apresentações isoladas. Mesmo assim, o senhor **Salomão** também pareceu demonstrar interesse em reintegrar o Boi da Caçada ao papel de destaque de outrora dentro da Festa do Rosário. Além de seu envolvimento com o Boi da Caçada, o senhor **Salomão** também trabalha com a produção de artesanato (não vendido nas feiras expostas durante o período da Festa do Rosário), mais especificamente com esculturas de cerâmica, nas quais reproduz alguns dos grupos envolvidos com a Festa do Rosário.

Depois de quase um ano sem visitar Pombal, em **agosto de 2015**, uma nova ida ao município foi articulada pela chefia da divisão técnica, pensando no desenvolvimento dos trabalhos do Iphan/PB no município e em cumprir o que chamam de processo democrático de reconhecimento e proteção das expressões culturais de Pombal. Por meio do diálogo com os detentores, e norteado e articulado pelo Iphan/PB, percebemos uma situação próxima àquela descrita por Cecília Londres Fonseca:

> No conjunto das políticas implementadas pelo Estado, as políticas culturais se distinguem pelo tema. Mas, assim como as demandas nessa área são bem mais difusas e costumam se concentrar em grupos restritos, também os objetivos dessas políticas nunca são claramente apresentados, tanto nos discursos oficiais quanto em definições formuladas em outras instâncias. Nesse sentido, é mais proveitoso verificar como diferentes linhas de pensamento político elaboram uma prática política nesse campo. (Fonseca, 2009, p. 46-47).

Interessante ressaltar, considerando a prática política nesse campo, que existe uma multiplicidade de expressões culturais[126] e demandas na Paraíba que não recebem a mesma "atenção democrática" recebida pelas referências de Pombal. Por quê? Mesmo que se justifique através das demandas de *tombamento* e *registro,* no Estado da Paraíba existem outros tipos de solicitações semelhantes, e mesmo assim, não existe a mesma dedicação, com visitas e reuniões dedicadas a outros objetos. Pode-se considerar essa atenção toda às expressões culturais de Pombal como oportunidade nítida de inserção institucional do Iphan/PB, para colocar a superintendência em destaque, por uma ação diferenciada e conjunta, relacionada ao patrimônio material e imaterial.

Em **agosto de 2015,** aproveitei a oportunidade para retornar a Pombal, com o intuito de retomar os trabalhos, restabelecer os contatos com os "grupos folclóricos" e dar continuidade à coleta de informações junto aos grupos participantes da festa. Esse momento também foi bastante importante para compreender os dissensos presentes entre os grupos sociais da Festa do Rosário. Nesse sentido, cabe retomar as colocações de Luis Felipe Miguel sobre as possibilidades e desafios de trabalhos que partem de preceitos democráticos, tanto no sentido de conciliar as diferenças de organização, de representação, de forma de percepção e capacidade de articulação dos envolvidos nos processos em curso:

> (...) De maneira um pouco mais sistemática, é possível observar que a construção de qualquer ordem democrática, qualquer que seja ela, coloca uma série de desafios - e que a exigência da representação implica a incorporação de vários desafios adicionais.
> O primeiro desafio próprio a qualquer organização democrática, mesmo no caso de uma democracia direta imaginária, é a relação entre os interesses de indivíduos e grupos em uma sociedade e uma hipotética "vontade coletiva", isto é, como permitir a livre expressão dos interesses em conflito e ainda assim manter uma unidade mínima, sem a qual nenhuma sociedade pode existir.

[126]Exemplo disso é a diversidade cultural da Comunidade do Porto do Capim, reconhecida por laudo antropológico do Ministério Público Federal e por pesquisas da Universidade Federal da Paraíba, mas até o momento não reconhecida por parte da Superintendência do Iphan na Paraíba. Também pode ser citado o caso das ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo, na Baía da Traição, em análise de *tombamento*, mas sem receber a mesma atenção que Pombal. Muitas vezes, o que ocorre também, são processos (*tombamento, registro* e/ou restauro) pensados apenas por técnicos (os contratados e arquitetos do Iphan), sem a participação efetiva da comunidade, detentora e guardiã daquele bem.

> O segundo desafio é o fato de que qualquer democracia, mesmo direta, deve lidar com a capacidade diferenciada dos indivíduos de determinar suas próprias preferências e interesses de acordo tanto com os recursos cognitivos de que dispõe, quanto com a posição em que se encontram na sociedade. Ou seja, a igualdade formal de acesso às decisões não resolve os problemas colocados pelas desigualdades reais atuantes no muno social.
> Mas é preciso entender que existem diferentes potenciais de apropriação dos espaços de participação política, regulados pelas assimetrias sociais. E que essas assimetrias impactam já a produção das preferências - que as análises vinculadas ao *mainstream* da ciência política preferem ver como "dados" prévios, não problemáticos - e a própria disposição para a ação política.
> Em terceiro lugar - e encerrando essa listagem sintética - há o desafio gerado pela possibilidade de manipulação da determinação da "vontade coletiva", através do uso estratégico das normas de agregação de preferências. (Miguel, 2014, p. 13-14).

Poucos envolvidos com a Festa do Rosário, sejam os membros dos grupos sociais e "grupos folclóricos", sejam os representantes das instituições envolvidas, estão atentos às implicações dessa proposta. A grande maioria ainda não conhece o significado desse modelo, e se insere na proposta por acreditar na valorização de seus grupos no contexto da festa, seja qual for a forma trabalhada.

Um momento específico da pesquisa de campo foi importante para avançar nessa discussão – a viagem para Pombal, realizada em agosto de 2015[127]. Foi possível efetuar entrevistas, onde os entrevistados durante esta visita foram selecionados por mim e por **Miguel Ferreira**. Como não haveria tempo hábil para entrevistar todos os participantes dos "grupos folclóricos" e sujeitos relacionados à Festa do Rosário, procurei entrevistar as pessoas mais velhas e que tivessem papéis de destaque nos grupos mencionados. As entrevistas anteriormente realizadas também tiveram a participação de **Miguel Ferreira**, com a orientação da chefia da divisão técnica de se buscar pessoas que pudessem colaborar com a pesquisa. Entretanto, a mudança entre a primeira fase de entrevistas, nas primeiras visitas, para a segunda foi de que a chefe da divisão técnica, Christiane Finizola, tinha contatos de visitas anteriores e, assim, indicou pessoas para as primeiras entrevistas.

[127] A viagem durou o período entre os dias 13 e 19 de agosto, com o objetivo de realizar entrevistas com os integrantes dos "grupos folclóricos" e outros indivíduos envolvidos com a Festa do Rosário. Passei grande parte desses dias sozinha, realizando observação de campo e complementando a pesquisa. A intensão era que as entrevistas também pudessem servir às demandas do Iphan/PB; assim, eu estava trabalhando em minhas atividades supervisionadas e atendendo ao objetivo de subsidiar o trabalho desenvolvido no município, visando à instrução de processos de *tombamento*. Entretanto, busquei separar as expectativas em relação ao trabalho para a superintendência, e para a pesquisa aqui realizada. As entrevistas foram realizadas com base em perguntas direcionadas para o meu objeto de pesquisa, ou seja, a análise do contexto da Festa do Rosário, e caso fosse possível, subsidiaria também a pesquisa para o processo de patrimonialização em Pombal.

Miguel Ferreira que conhecia todos e me apresentou aquelas pessoas selecionadas. Desta forma, os entrevistados, em agosto de 2015, foram **Miguel Ferreira**; **Socorro Martins**; o padre **Ernaldo José de Sousa**; **Rosa de Sousa Batista** e **Mundinha** (irmãs e ex-rainhas da Irmandade); **Maria de Sousa Santos** (atual rainha da Irmandade e filha de membro da Irmandade do Rosário); **Francisco Sousa Lopes** (Irmandade do Rosário); e **João de Sousa Santos** (Congos). Foi realizada também uma roda de conversa com integrantes dos Negros dos Pontões e da Banda Cabaçal. A roda de conversa foi pensada como forma metodológica para estabelecer um diálogo através da interação dos vários membros dos Negros dos Pontões e da Banda Cabaçal, permitindo que os expressassem simultaneamente suas impressões e concepções sobre o tema proposto, buscando a complementação de ideias e viabilidade de horário. Tendo em vista que muitos não moram na zona urbana de Pombal, mas em regiões um pouco distantes, aproveitei o dia da feira do sábado, quando todos costumam visitar a cidade, para realizar entrevista conjunta.

Todas as entrevistas tiveram como foco a participação de cada um na dinâmica da Festa do Rosário e a inserção deles nos seus grupos correspondentes, como foi o caso de **Maria de Sousa Santos**[128]: "Porque ela disse que não podia ser (**Rosa**, antiga rainha da Irmandade), aí ela (...) pai sempre queria que eu fosse. Aí ele disse, aí ele pegou e colocou meu nome lá, né?!. Aí ele disse: é mulher porque (...) não posso ser mais. Aí tá certo, aceitei".

A observação nesse período foi totalmente distinta da que foi realizada anteriormente, durante os períodos da festa; a análise, aqui, foi realizada a partir da observação do cotidiano das pessoas entrevistadas na normalidade do seu dia-a-dia, possibilitando visualizar os membros dos grupos sociais em suas tarefas comuns e perceber que mesmo distante do início da Festa do Rosário, o tema já estava inserido em seus cotidianos, como a discussão do tema e organização da festa, a preparação das roupas, a organização dos "grupos folclóricos". Talvez isso tenha se evidenciado durante a minha presença no local; assim, estimulados por minha participação naquele contexto, quiseram evidenciar a importância da festa durante todo o ano. Apesar disto, algumas questões não deixaram de ser evidenciadas, como as questões relacionadas ao destaque conferidos a alguns dos grupos na Festa do Rosário, a disputa pelo local de apresentação, ou seja, conflitos em torno da apresentação dos grupos na Festa do Rosário de Pombal. O que podemos perceber ainda dessa relação conflituosa é que ela sempre existiu e sempre vai existir, e assim a Festa do Rosário permanece durante várias gerações, de modo semelhante ao panorama explorado por Max Gluckman:

[128]Entrevista realizada em 18 de agosto de 2015, em sua residência.

> Os indivíduos podem, assim, assumir vidas coerentes através da seleção situacional de uma miscelânea de valores contraditórios, crenças desencontradas, interesses e técnicas variadas.
> As contradições transformaram-se em conflitos na medida em que a frequência e importância relativas das diferentes situações aumentam no funcionamento das organizações (Gluckman, 1987, p. 261).

Dentro das reuniões realizadas, mais uma vez destaco a reunião de **13 de agosto de 2015 (noite)**, por considerar a mais intensa e que possibilitou reunir o maior número de pessoas dos diferentes grupos envolvidos. Nesta reunião foi possível compreender os lados dos conflitos. Apesar da intenção inicial de se apresentar os procedimentos de instrução do processo de *registro* e *tombamento,* a discussão ficou centrada na organização da festa. Foi possível perceber um conflito de interesses entre os grupos e a paróquia na figura de seu representante, o pe. **Ernaldo Sousa**. Este último, sempre tentando justificar e apaziguar a situação. Também foi possível constatar certa rivalidade entre alguns grupos, como ficou evidente na fala do representante do Reisado, **Cassiano Sant'anna**: "Há uns anos anteriores, até 98, quando um grupo ia para João Pessoa, ia todos os três juntos (...) hoje os outros grupos xau". A expectativa dos representantes dos "grupos folclóricos" foi de obter maior visibilidade e espaço na Festa do Rosário; o padre **Ernaldo**, como representante da paróquia de Pombal, tinha como intenção a valorização da Festa do Rosário, sendo assim, justificava suas ações diante das condições de espaço para os grupos culturais:

> **Luizinho**[129]: depois da novena, depois da missa do padre, então, que aconteça as apresentações, no seu espaço, onde sempre aconteceu. Agora o que acontece, perdem o espaço, porque colocam banco em cima do altar, ou seja, não tem espaço. (...) eu acho que esse assunto deveria ser levado para outro momento, e exigir sim, espaço, que eles sempre tiveram no passado.
>
> Emanuel[130]: na memória recente de vocês, que vocês falaram dos momentos mais ruins, mais focando nas apresentações em tempo menor. Que momento na memória de vocês foi o momento melhor, onde vocês se apresentaram e... qual momento melhor? Sempre foi na igreja?
>
> **Edmilson**[131]: Sempre foi na frente. Só que pedia ao povo pra ceder espaço.
>
> **Clovis**[132]: Na frente da igreja? Era muito longe. No tempo de Biró do Sul, que era chefe... antigamente. Se apresentar em frente a igreja não tinha banco. Hoje em dia os grupos vai se apresentar é cheio de banco, não pode...
>
> Pe. **Ernaldo**[133]: Não sei se vocês lembram? Nosso palco era na frente, o palco era na frente. Eu fui muito questionado e pediu-se (...) e tinha umas

[129] Luizinho Barbosa – professor de artes e pesquisador da cultura de Pombal.
[130]Emanuel Braga – técnico em Ciências Sociais do Iphan/PB.
[131]Edmilson Neri – rei suplente da Irmandade do Rosário.
[132]Clóvis Rufino – na época Chefe dos Negros dos Pontões.
[133]Padre Ernado Sousa – pároco de Pombal.

> coisas bem grandes, mas não via a igreja, tirava a visibilidade da igreja. Então se colocou, foi uma dificuldade grande colocar o palco na lateral. Então, houve até assim manifestação do pessoal: "ah mudaram... isso é tradição". Isso não é tradição, isso é é é.. digamos assim, detalhes.



Figura 47 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário (2015): largo ocupado por palco e bancos. Foto da autora.

Como afirmam Miguez e Cavalcanti, as expressões culturais têm diferentes regimes de "autenticidade", não existindo, assim, uma forma única de ser autêntico. E acrescentam: "as festas conversam entre si, as pessoas se observam, se comparam, se deslocam, se modificam, mudam de lugar. Há uma grande troca de conhecimentos festivos entre seus participantes (...)" (2013, p.44).

Adotando essa perspectiva, podemos dizer que, em Pombal, há uma nova configuração das apresentações dos "grupos folclóricos" na Festa do Rosário. Grupos que se apresentavam apenas uma vez durante a festa, atualmente realizam outras apresentações buscando maior destaque e reconhecimento dentro da dinâmica da festa, como é o caso do Reisado que retoma outros lugares na Festa do Rosário.

Pode-se identificar a busca pela permanência como um dos elementos responsáveis pela expectativa gerada em torno da proteção das expressões culturais de Pombal. Entretanto, sobre a relação entre essa permanência e a noção de "autenticidade", cabe ressaltar que o risco iminente do desaparecimento não justifica a preservação em si, sem que seja considerada a dinâmica de transformações das práticas, conforme alerta García Canclini:

> (...) a política cultural e de pesquisa relacionada ao patrimônio não tem por que reduzir sua tarefa ao resgate dos objetos 'autênticos' de uma sociedade. Parece que devem importar-nos mais os processos que os objetos, e não sua capacidade de permanecer 'puros', iguais a si mesmos, mas por sua representatividade sociocultural (García Canclini, 2013, p. 202).

Na Festa do Rosário de Pombal percebemos criações e recriações a cada ano, num espaço de participação e de dinâmica daquela sociedade, de reconhecimento, de memória e de encontro identitário, apesar dos dissensos presentes em seus discursos. Na disputa por lugar, por maior destaque para as apresentações, por recursos e reconhecimento, encontramos múltiplos discursos que se adaptam de acordo com as necessidades, o que remete à identificação e não a uma identidade única. Devemos tomar cuidado com as interpretações e considerar sempre os discursos e falas percebidas nesse processo, longe de considerá-los como meramente consensuais e concisos. Assim, devemos lidar com suas dissonâncias e os diferentes interesses, lembrando o alerta de Candau "um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado" (Candau, 2014).

Acompanhamos o início da Festa do Rosário, **em setembro de 2015**, tendo observado a procissão e o deslocamento do Rosário da casa de dona Tereza até a igreja de Nossa Senhora do Rosário, com a presença dos fiéis, da paróquia, dos grupos dos Negros dos Pontões, da Irmandade, e, nesse ano, do Reisado. Percebemos que pouca coisa mudou, apesar das mudanças discutidas nas reuniões anteriores em torno da apresentação dos grupos durante a festa e da disponibilização de espaço no largo da igreja. Na reunião de 13 de agosto de 2015, algumas falas haviam sido marcantes:

> **Luizinho**: Perdem o espaço, porque colocam bancos até em cima do altar (...) E exigir sim espaço que eles sempre tiverem.
>
> **Socorro**[134]: O que a gente passa muito são os desafios da questão dos bancos. Se pede que não tire os bancos de dentro da igreja pra coloque na calçada (...) O palco de celebração já foi mudado a estrutura, Edmilson sabe disso. Já foi mudado toda a estrutura porque tomava toda a frente da igreja (...) Mas, pode ser feito, a partir desse ano, esse espaço reservado para os grupos, e os bancos ficarem em determinado espaço para trás.[135]

Pudemos notar que os bancos do largo da igreja foram afastados para as apresentações dos grupos, mas o espaço ainda não foi suficiente até aquele momento. Nem todos os grupos conseguiram como havia sido combinado, se apresentar antes da celebração da missa. Apenas

[134]Socorro Martins - Professora de História aposentada e colaboradora na Paróquia de Pombal.
[135]Reunião realizada no dia 13 de agosto de 2015.

os Congos o fizeram, o restante esperou até o fim para uma curta apresentação. Em razão disso foi possível perceber nas reuniões realizadas com os grupos ou mesmo nas entrevistas individuais, um desentendimento entre os grupos. Eles não conseguiam entrar em acordo sobre a ordem de apresentação e sobre a disponibilidade de tempo para a festa. Sobre o uso interno da igreja de Nossa Senhora do Rosário, durante a Festa do Rosário, pude notar dois momentos distintos: a realização de ritos religiosos de menor porte, promovidos pela paróquia de Pombal (como a realização de missas durante a semana e os ofícios); e o uso pelos "grupos folclóricos". No caso da Irmandade do Rosário, sua participação ainda é inserida nos ritos religiosos da paróquia de Pombal, de forma mais discreta. Porém, a participação dos Negros dos Pontões no interior da igreja é considerada como um elemento "alegórico". Ao entrarem na igreja e realizarem suas contemplações, seja ao Rosário, ou a Nossa Senhora do Rosário, os Negros dos Pontões não são percebidos como elementos dos ritos religiosos, mas como uma forma de entretenimento da festa, o que pareceu pelo pouco interesse de algumas pessoas ali presentes.

Sobre o uso interno da igreja durante a Festa do Rosário, pude perceber que fica restrito a celebrações religiosas do catolicismo em dias onde há um menor número de pessoas presentes, geralmente nas missas realizadas no período da noite, durante a semana que antecede o domingo do Rosário, e mesmo assim a igreja fica lotada, e durante os ofícios pela manhã. As missas à noite geralmente contam com a presença de grupos como a Irmandade do Rosário e os Negros dos Pontões. A Irmandade, como dito mais a cima, tem uma participação nos ritos religiosos, com a presença no altar. Já os Negros dos Pontões ficam mais restritos à saudação do Rosário e Nossa Senhora do Rosário, no final dos ritos católicos. Não consegui precisar desde quando os grupos realizam essas apresentações no interior da igreja, mas como dito no capítulo anterior, documentários da década de 1970 já mostravam essa presença.

Alguns pontos haviam sido fortemente reiterados, pelos representantes dos "grupos folclóricos", principalmente pelos Congos, na reunião de **13 de agosto de 2015 (noite)**, tais como a tradição da antiga disposição dos grupos, que remetia ao lugar de destaque no palanque da Festa e a insistência em terem mais espaço para as apresentações. Volto a trazer uma das falas de **Miguel Ferreira**, que enfatiza a questão da disputa por espaço na Festa do Rosário:

> **Miguel**: Só pra não esquecer, viu seu Clovis? Não sei se seu Clovis vai concordar comigo, o padre, Luizinho, o pessoal estuda mais, talvez se lembre. (...) Eu lembro muito bem, sentava do lado do Rei, do Juiz da Irmandade, os reis tinham tudo uma cadeirinha lá em cima. Pegava como se fosse uma divindade mesmo (...) Se antes a gente valorizava tanto as

> autoridades, os deputados, e esquecemos, e percebi que nós perdemos esse espaço no altar.
>
> **Pe. Ernaldo**: Não com o altar muita gente, pois ele descaracteriza. Por que o altar ele tem uma finalidade, ele é Cristo com centro. Por que se colocarmos, como diríamos, muitas representações (...) Nesse caso não teria problema, colocaria mais três cadeiras.

Sobre essas questões, retomo a fala do padre **Ernaldo Sousa** em que chamou a atenção para alguns problemas com relação aos grupos, em especial sobre os Negros dos Pontões, como a questão do consumo exagerado de álcool:

> Vocês sabem, desculpe-me, sabem que alguns ficam embriagados, e isso cria um problema sério, e depois uma pessoa vai por um um.., como se chama? E vai na casa da pessoa pedir e chega como? Embriagado (...) Então a gente cria também um problema de moral e espiritualidade, por que eles estão do lado da Irmandade.

Contrapondo-se a isso, os representantes do grupo dos Negros dos Pontões se justificaram. Mesmo assim, o padre ressaltou a importância de dialogar com os grupos para a organização da Festa. O posicionamento do pároco foi interessante nesse momento, considerando que nas primeiras reuniões ele enfatizava seu interesse pela restauração da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após o andamento das conversas com o Iphan/PB, Pe. **Ernaldo Sousa** passou a observar a importância de incluir os "grupos folclóricos" nesse processo. Possivelmente por compreender o interesse do Iphan/PB em incluir os "grupos folclóricos" no processo de patrimonialização, o pároco passou a dar uma importância maior a eles.

Outra reunião ocorreu em Pombal, entre os dias **22 e 24 de março de 2016,** da qual não participei. Algumas informações sobre essa reunião me foram transmitidas pela técnica em educação patrimonial do Iphan/PB, Olga Enrique, que participou da reunião. O encontro contou com a participação dos representantes da paróquia de Pombal (**Socorro Martins)**, do pesquisador **Verneck Abrantes**, e de alguns representantes da prefeitura. Segundo destacou Olga Enrique, a prefeitura salientou que gostaria de ter sido convidada para as outras reuniões, considerando suas possíveis contribuições às discussões do projeto para o Pronac, foco da reunião. A justificativa para a não participação da prefeitura anteriormente se fez por se tratar de um processo muito no início, o que não descartaria sua participação posterior, como de fato foi feito.

Conferimos a possibilidade de discutir conflitos pouco evidenciados nesse contexto, e que podem ser positivados, considerando a pressão estabelecida sobre prefeituras, intelectuais e órgãos públicos para responder a questões que dependem de sua atual conjuntura.

O Iphan, por exemplo, detém a força e o peso institucional em função de ser o órgão federal de proteção do patrimônio. O pe**. Ernaldo**, por sua vez, representa a força institucional da Paróquia de Pombal, e ao longo dos anos, interfere na dinâmica ritualística da Festa, privilegiando os aspectos da celebração do catolicismo. E mesmo entre os "grupos folclóricos", há certa hierarquia de poder, que define, por exemplo, quem se apresenta primeiro, quem se apresenta no momento mais importante da festa e quem se apresenta por mais tempo.

Para compreensão desse contexto, é interessante observar a abordagem de Lia Motta (2011) a partir do conceito de *quadros sociais da memória* (de Maurice Halbwachs): "as ações de valorização dos bens culturais como patrimônio feitas pelo poder público constituem *quadros sociais de memória*, definindo o que deve ser lembrado ou pode ser esquecido" (p. 186, 2011).

Assim, a autora explica que o Iphan, por exemplo, durante seus 30 primeiros anos de atuação, criou um *quadro social da memória* em que o valor do patrimônio era compreendido através da estética da arte colonial. Podemos pensar no *quadro social da memória* que o Iphan busca criar, atualmente, como baseado em ações configuradas de forma democrática, a partir de ações inclusivas da sociedade, mas que ainda precisam ser mais bem desenvolvidas, com base em políticas públicas mais efetivas: "Democráticas e éticas não apenas pela inclusão social, mas por se tratar de ações que têm suas decisões fundamentadas, por respeitarem as instâncias decisórias e compartilharem escolhas, dando ao cidadão o direito de questioná-las diante da explicitação de suas motivações" (Motta, p. 184, 2011). Entretanto, podemos notar que atualmente existe um quadro social no Iphan formado em um contexto aparentemente democrático, mas ainda composto por intelectuais, que supervalorizam a arte colonial, entrando de modo complementar e muitas vezes alegórico, elementos de folclores locais. Sobre isso, ou seja, a política institucional do Iphan até pouco tempo baseada no Decreto-Lei n.º 25 de 1937, Braga (2016) afirma:

> Essas obras de arte, esses bens materiais históricos, traziam e trazem em suas narrativas de reconhecimento a "brasilidade", que se traduz, na verdade, simplesmente em "temperar" o périplo colonial lusitano com curiosidades etnográficas (na verdade, folclóricas) do elemento consagrado como *indígena* e do elemento consagrado como *africano* ou *negro*. O fato desses elementos serem apenas o tempero e não a alimentação propriamente dita não é o único fator que atesta a união hierárquica dos povos nas narrativas dos tombamentos do Iphan. O tempero folclórico, a curiosidade risonha desses complementos inferiorizados, é disciplinada pela dicotomia *trabalho manual x trabalho intelectual*, conforme reflexão feita por Antonio A. Arantes (1981) sobre a estrutura do pensamento elitista que agrega o "popular" à cultura quando essa cultura é produzida e reproduzida por

> populações pobres. Os índios e os negros, vistos como "populares por natureza", são esquadrinhados como parte complementar (e fundamental) das obras de arte e bens materiais históricos tombados como patrimônio nacional: a parte do serviço braçal. Supõe-se, então, que eles ajudaram construir, sob orientação intelectual luso-brasileira, as igrejas, o casario, os altares, passíveis de patrimonialização. Foram as mãos, os suores, os corpos, em oposição à mente e à criatividade civilizatória. Não se concebe, na alegoria do "patrimônio de pedra e cal", que índios e negros possam ter arquitetado ou idealizado artisticamente nossos monumentos edificados (Braga, 2016, p. 04).

Deve-se considerar que as políticas do campo do patrimônio cultural são bastante específicas; deste modo, o processo informativo é essencial através da divulgação das políticas à população. Nesse contexto, cabe recuperar o alerta de Nascimento e Scifoni, sobre a "necessidade de políticas de patrimônio mais democráticas, abertas à participação social, como condição essencial não para seu sucesso, mas fundamentalmente para garantir o direito dos sujeitos do patrimônio de não serem apartados de sua memória coletiva" (Nascimento e Scifoni, p. 36, 2015). Os conflitos, como no caso de Pombal, devem ser avaliados como oportunidades para conhecimento, e não como algo que deve ser ajustado.

3.6. Educação Patrimonial como instrumento de participação social

Considerando todas as reuniões e articulações entre o Iphan/PB e os detentores das expressões culturais de Pombal, percebe-se o empenho na patrimonialização e proteção do universo cultural relacionado à Festa do Rosário. O discurso do Iphan/PB se pauta no argumento de que o processo de patrimonialização deve ocorrer através de ação diferenciada e participativa, articulando bens materiais e imateriais e, ainda, iniciativas de educação patrimonial, como forma de dar voz aos participantes desse universo cultural no processo. Nesta prática, desenvolvida por meio da articulação de atividades de educação patrimonial, observa-se a intenção de valorizar bens e expressões culturais de Pombal como parte da ação institucional do Iphan/PB, inicialmente justificada pelas solicitações de *tombamento* da igreja de Nossa Senhora do Rosário e pelo *registro* de expressões como os "grupos folclóricos".

Grande parte das reuniões oficiais e das conversas extraoficiais foi marcada pela discussão de estratégias para uma gestão das expressões culturais de Pombal. Para isso, foi ponderada a construção de um plano de trabalho com ênfase, principalmente, na área de educação patrimonial, buscando propor ações voltadas para o reconhecimento e valorização dos grupos, em princípio, articuladas pelo Iphan/PB, e, posteriormente, assumidas pelos

"grupos folclóricos". Neste contexto, a perspectiva de Átila Tolentino pode ser esclarecedora, no sentido de entendermos a expectativa em torno dessa prática:

> E quando tratamos da preservação e valorização do patrimônio cultural, necessariamente temos que entrar na seara da educação, pois a preservação dos nossos bens culturais se trata de uma prática social, uma vez que as comunidades devem ser as grandes protagonistas na seleção do que representa as suas identidades e na preservação de seus valores culturais. (Tolentino, 2012, p. 49).

Na reunião de **13 de agosto de 2015 (noite)**, já referida aqui, além de discutira possibilidade do *registro* da Festa do Rosário como patrimônio cultural imaterial, a questão da educação patrimonial também foi discutida. Pensando na articulação de ações educativas com a valorização, sobretudo, do patrimônio cultural de natureza intangível (tendo como instrumento o *registro*), cabe retomar as considerações de Ulpiano B. de Menezes:

> A Constituição Federal de 1988, ao introduzir uma listagem de categorias de patrimônio cultural, incluiu o patrimônio intangível, caracterizado mais por processos do que por produtos, como formas de expressão, modos de criar, fazer viver, os quais, porém, se examinarmos mais de perto, pressupõem múltiplos suportes sensoriais, incluindo o corpo. Os constituintes talvez nem tivessem consciência de que, desse modo, estavam incluindo o corpo como partícipe do patrimônio cultural! O "saber fazer", por exemplo, não é um conhecimento abstrato, conceitual, imaterial, filosófico ou científico, mas um conhecimento corporificado. Os especialistas falam de uma memória-hábito ou memória corporificada (*embodied memory).* É a memória que nos permite guiar um veículo ou andar de bicicleta como se fossem ações geneticamente previstas em nosso programa biológico. É a memória do músico, da cozinheira, do artesão. Seja como for, embora não convenha alterar a nomenclatura internacionalmente corrente, seria desejável que, ao utilizarmos a expressão "patrimônio imaterial" a despíssemos de qualquer polaridade com um patrimônio material (Menezes, 2009, p. 31).

A ideia de trazer essa memória como elemento fundamental para o processo de valorização das expressões culturais de Pombal como patrimônio se traduziu na aplicação da metodologia dos *inventários participativos,* sobretudo trabalhando com as escolas públicas de Pombal. Christiane Finizola explicou a adoção dessa ideia:

> Uma questão aqui, isto que tínhamos para colocar, enquanto uma proposta para ser colocada para vocês. Tem a questão do *registro,* do *tombamento*, né?! Pra *registro* enquanto patrimônio cultural pra Pombal, então, (...) chega um técnico do Iphan em Pombal e começa a apontar: isso aqui é patrimônio, isso é patrimônio, isso é patrimônio. E depois vai embora. (...) Então, por que não fazer essa construção a partir do que a população de Pombal acredita que é o seu patrimônio. A própria população identificar isso, e essa identificação pode começar pelas escolas. Ai que tem as propostas, que é o Inventário Participativo. As escolas podem participar, os adultos podem participar, e as comunidades podem participar. Isso fica como proposta.

Isso foi posto pela chefe de divisão técnica do Iphan/PB no início da reunião, para introduzir as propostas de trabalho que o Iphan/PB estava disposto a iniciar em Pombal. Mesmo indicando que se tratava de uma proposta de trabalho à qual os presentes ali poderiam ou não aderir, os *inventários participativos* já vinham sendo discutidos há algum tempo como proposta de trabalho de educação patrimonial para o município de Pombal.

Entre as iniciativas adotadas, estão as oficinas de educação patrimonial com professores e gestores de escolas, promovidas pela Casa do Patrimônio da Paraíba no âmbito do Iphan/PB, visaram estimular o trabalho com a educação de forma transdisciplinar; além de ações educativas com pessoas envolvidas com a paróquia de Pombal, com os "grupos folclóricos" e outros que se interessassem pela proteção e patrimonialização das expressões culturais de Pombal. O desenvolvimento dos "inventários participativos", pensados para serem trabalhados inicialmente nas escolas, também se estende à colaboração dos familiares dos educandos. Em fevereiro de 2017, a Casa do Patrimônio da Paraíba (Iphan/PB), em parceria com a prefeitura municipal de Pombal, promoveu oficina para capacitação em *inventários participativos*. Foram dois dias de oficinas oferecidas para professores da rede de ensino municipal do quarto ao nono ano, objetivando que os educadores repliquem os inventários em sala de aula.

O papel das entidades governamentais na proposição de políticas públicas, como são as ações de valorização das expressões culturais, é o de buscar um diálogo de equidade entre as instituições e as comunidades detentoras de saber. As práticas do Iphan na Paraíba correspondem a esse desejo de processo participativo, articulados com as ações de educação patrimonial. O que deve ser observado é que muitas das ações que acompanhei foram divididas em reuniões para tratar do restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário e sobre as problemáticas relacionadas às expressões culturais de natureza imaterial. Neste caso, o restauro da igreja, por exemplo, era muitas vezes considerado um assunto técnico e, por isso, pouca participação dos "grupos folclóricos".

Considero que existe um forte interesse pela patrimonialização das expressões culturais de Pombal, por parte do Iphan na Paraíba, com a tentativa de articulara importância da informação à população e as ações de educação patrimonial. Entretanto, entendo que esse processo deve incluir sempre a comunidade e que ela seja a protagonista e esteja inserida em todos os momentos e procedimentos.

Minha última visita de campo a Pombal ocorreu entre os dias **23 e 24 de setembro de 2015,** com a intenção de acompanhar, novamente, o início da Festa do Rosário. Nessa ocasião, foi possível ter uma conversa com a secretária de Educação de Pombal, **Vanusa**

Bandeira, com objetivo de articular com o município as ações de educação patrimonial, as quais foram a princípio bem aceitas pela secretária.

Até o encerramento de minhas atividades no Iphan/PB, pude verificar que outras visitas foram realizadas ao município, buscando o diálogo com os vários grupos sociais envolvidos com as expressões culturais de Pombal, para conhecimento da história e necessidades de cada um, pensando na proteção e fomento destas mesmas expressões. As ações de educação patrimonial, neste sentido, poderiam incluir a comunidade como agente do processo. E, posteriormente, serem pensadas as formas mais adequadas de pesquisa para a identificação e proteção legal dessas expressões. Assim, esses agentes locais contribuiriam com a definição do processo de patrimonialização, reunindo histórias, memórias e lugares de acontecimentos significativos para os moradores da cidade. Pensando nesse processo de escuta, conforme aponta Tolentino, essa inclusão e participação poderiam ser a base de decisão para os processos de patrimonialização:

> A Educação Patrimonial, assim, deve levar em consideração que os processos educativos devem ser de base democrática, primando pela construção coletiva do conhecimento e pela participação efetiva dos diferentes atores sociais detentores e produtores das referências culturais. (Tolentino, 2012, p. 51).

Interessante que o processo de escuta deva partir desde o princípio das atividades, mesmo nas suas configurações. A partir de um diálogo horizontal com a comunidade, é possível configurar os processos de capacitação e mesmo as atividades fins que serão executadas.

3.7. Aprofundando a questão do processo democrático de patrimonialização

Interessante retomar a discussão sobre o processo democrático de patrimonialização, pretendido pelo Iphan/PB em Pombal, com a ideia discutida por Cecília Londres da Fonseca:

> (…) A ideia de democratização do patrimônio implica, qualquer que seja a perspectiva, o fato de que o Estado não deve ser o único ator social a se envolver na preservação do patrimônio cultural de uma sociedade. Do mesmo modo, a ideologia do nacionalismo que, durante dois séculos, sustentou as políticas estatais de patrimônio, vem sendo substituída pela noção de direitos culturais como nova forma de legitimar essas políticas. (Fonseca, 2009, p. 71)

Cecília Londres Fonseca assinala as transformações ocorridas no campo da política do patrimônio, destacando a passagem de uma perspectiva de valorização nacionalista para uma perspectiva de legitimação dos direitos culturais voltados para os sujeitos envolvidos. Com

base nessa mudança de perspectiva, percebe-se que, desde 2014, o Iphan/PB vem acompanhando de forma intensiva as expressões culturais de Pombal através de visitas ao município e conversas com representantes dos grupos envolvidos.

A partir deste contato, alguns sujeitos vinculados aos "grupos folclóricos" de Pombal também passaram a se apropriar da possibilidade de um reconhecimento nacional como patrimônio cultural, vislumbrando a permanência e continuidade das manifestações.

Técnicos do Iphan/PB, entre eles os envolvidos com o trabalho em Pombal, chegaram a acreditar que o nó central da rede de interações das expressões culturais de Pombal é o Rosário em si. Ou seja, o que sustenta as relações entre as expressões culturais de Pombal é a devoção ao Rosário, que faz parte do cotidiano das pessoas ao longo do ano todo e não apenas durante a Festa do Rosário. Segundo relatos de **Tereza Maurício**, integrante de Apostolado da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, **em 24 de setembro de 2015**, algumas atividades litúrgicas são realizadas nas casas de membros de pastorais da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, mas são atividades pontuais. Os "grupos folclóricos" realizam apresentações em escolas e outros municípios que não envolvem diretamente a celebração do Rosário. Para verificara relevância do Rosário, indo além do contexto da Festa do Rosário, seria necessário haver uma participação mais efetiva e cotidiana dos técnicos do Iphan/PB no contexto de Pombal.

Considero importante, neste ponto da discussão, retomar a reunião do dia **13 de fevereiro de 2016**, planejada pela Chefe da Divisão Técnica do Iphan/PB. O chamamento dos participantes foi realizado por **Socorro Martins**, e a intenção inicial era de que os grupos como os Negros dos Pontões, o Reisado, a Irmandade do Rosário e os Congos participassem da reunião, o que não ocorreu. A ausência foi justificada da seguinte forma:

> **Socorro Martins: Padre Ernaldo** disse, nesse caso acho que a gente tem que achar um momento especifico para as representações, Congos, Pontões, em igualdade, que como vocês viram um pouco de disputa entre eles.
>
> **Padre Ernaldo**: Um pouco de disputa entre eles, um pouco de dificuldade, ciúmes. Você que os Pontões com os Congos eles estão um pouco arranhados. Aquela questão: ai me convoca, não convoca fulano.

Além do que foi apontado por **Socorro Martins** e padre **Ernaldo**, entendo que essa ausência de representantes dos grupos se deu pela pouca valorização do conhecimento deles em relação à possibilidade de restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Considerados nos momentos de se tratar de possibilidades para o *registro* ou políticas de valorização dos grupos, seus representantes não têm conhecimento técnico, entretanto, para tratar de questões como o restauro de bens móveis e imóveis, na perspectiva de arquitetos como **Alvino**

Galdino, por exemplo. Ao tratar do convite e da inclusão dos "grupos folclóricos" nas reuniões que tratassem do projeto de captação de recursos para o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, o arquiteto apontou que seria melhor chamá-los quando se tratasse da valorização dos próprios "grupos folclóricos", em perceber os projetos relativos a Pombal como um processo do qual todos, sem exceção, devessem participar, independente do que se estivesse tratando. Considerando que os "grupos folclóricos" são os que mais atuam junto à igreja de Nossa Senhora do Rosário, por diversas gerações, portanto, são os maiores conhecedores do lugar e de suas necessidades, além de serem, também, seus guardiões.

Deve-se pensar que, em um ambiente de trabalho democrático, uma instituição como o Iphan deve estar inserida como um agente social. Conferindo à instituição o papel de ser propulsor da participação efetiva dos demais agentes sociais, caberia ao Iphan contribuir para criar espaços para essa participação, dependendo da intencionalidade dos dirigentes em seu comando, visando ao protagonismo dos detentores das expressões culturais. Neste sentido, conforme salienta Lia Motta: "Estas instituições não se limitam, portanto, a serem instâncias burocráticas, mas são lugares onde se internalizam reflexões sobre suas práticas" (2011, p. 189). Com isso, cabe ao Iphan buscar um ponto de equilíbrio, em que seja possível: (...) "fortalecer o saber técnico diante da complexidade resultante das tradições, amplitude dos conceitos, disputas, tensões e negociações envolvidas na valorização dos bens culturais como patrimônio" (Motta, 2011, p. 198).

Sobre a interação entre os grupos locais e o Iphan/PB nos processos de patrimonialização, destaco a seguinte fala de **Miguel Ferreira**: "Acredito que o Iphan dando esse reconhecimento, utilizando o material de Mário de Andrade, fará com que a própria sociedade também reconheça os grupos como de fato importantes". Sobre o reconhecimento da sociedade local, a partir da valorização advinda com o processo de patrimoniazação, a chefe da Divisão Técnica do Iphan/PB, Christiane Finizola, responde: "Trabalhar no sentido do interesse dos grupos. Em primeiro lugar os grupos que têm que querer". Entretanto, o restauro da igreja de Nossa Senhora do Rosário não coube nesse processo, pois pareceu ser uma questão que estar além da opinião dos "grupos folclóricos", considerando que houve discussões sem tanta participação deles.

Vale destacara apropriação do patrimônio como recurso, neste caso a Festa do Rosário como instrumento de valorização para o município e para os grupos relacionadas a ela, a partir da demanda social: os grupos lançam mão, neste caso, das categorias do Estado como forma de garantir acesso às políticas públicas e direitos culturais. Entretanto, nota-se em Pombal que esse olhar sobre o patrimônio, como recurso, transparece em poucas situações e a

partir de sujeitos bem específicos, tais como **Miguel Ferreira**. **Miguel Ferreira** apontou, em várias situações em que convivi com ele em Pombal, para a necessidade de instituições, como a Prefeitura, incentivarem os "grupos folclóricos" e suas apresentações como forma de captação de recursos financeiros. Esta é apenas uma das vertentes apresentadas nas discussões em torno da patrimonialização e da valorização da Festa do Rosário. Além dele, o senhor **Clóvis Rufino**, chefe dos Negros dos Pontões, e **Edmilson Neri**, suplente do rei da Irmandade do Rosário, mencionaram, em vários momentos, a necessidade de incentivos de instituições públicas para os "grupos folclóricos".

Devem existir conversas/diálogos promovidos sobre temas relacionados à preservação; oficinas de formação; trabalho com roteiros sensoriais voltados à população local, visando fortalecer os vínculos criados com o município. Com essas ações, a gestão do patrimônio cultural pode se refletir num esforço de trabalhar em parceria, em criar redes de relações entre os diversos campos formadores do patrimônio cultural. Neste sentido, Romeu Duarte Junior (2012) observa que o patrimônio precisa assumir um papel de equidade com as demais funções urbanas, sendo colocado como uma forma de promover a cidade, visando seu desenvolvimento sustentável e democrático.

Dominique Poulot (2009), neste contexto de expectativa de participação democrática, aponta o papel de protagonista dos cidadãos em sua relação com o patrimônio: "Para além da retomada de uma retórica que, dessa vez, parece reatar com 1789, evoca-se precisamente a utopia de uma comunhão e, sobretudo, a esperança, para não dizer um "culto" democrático, pelo menos uma atividade patrimonial acessível a todos" (p. 228-229).

Muito há que se avançar para conseguirmos uma forma de gestão participativa e inclusiva, adequada ao patrimônio. Não existem fórmulas a serem aplicadas no universo do patrimônio cultural; cada realidade é singular e deve ser articulada juntamente com seus detentores. Muitas das experiências acabam ignorando a complexidade do patrimônio cultural, traçando somente diretrizes ineficazes diante de um território tão vasto. Assim, acredita-se que é preciso pensar formas de gestão que busquem a participação da comunidade em todas as fases – da patrimonialização à gestão - e englobem o patrimônio cultural como um todo. Democrática no sentido onde todos têm espaço e voz para opinar, de forma igualitária, e levada a sério. Assim, busquei compreender a ressonância na Festa do Rosário, conforme a noção discutida por José Reginaldo Santos Gonçalves (2005):

> (...) um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar 'ressonância' junto a seu público (p. 19).

Henri-Pierre Jeudy (2005), tratando dos espaços urbanos, salienta os cuidados que se deve ter com as transformações realizadas pelo poder público em cidades, neste caso, a partir dos processos de patrimonialização: “A representação política da soberania obtém uma demonstração sempre visível de sua legitimidade através das metamorfoses da cidade” (p. 83).

A complexidade desse processo está na articulação entre a valorização do patrimônio e a concepção de direitos culturais, considerando o empenho que deve ser mantido para o reconhecimento e alcance desses direitos, que ultrapassam o reconhecimento jurídico, sobretudo na conjuntura atual (2016), na qual estamos perdendo direitos anteriormente garantidos. Para concluir, neste sentido, é relevante retomarmos a discussão apontada por Cecília Londres da Fonseca:

> (…) No caso dos direitos econômicos, sociais e culturais, esse aspecto é mais complexo, pois não basta seu reconhecimento jurídico nem o estabelecimento de um regime democrático, que respeite as liberdades individuais: é preciso que a estrutura da sociedade possibilite a todos os cidadãos o acesso a esses direitos. Portanto, a real conquista desses direitos depende de um empenho do Estado e de uma mobilização da opinião pública - o que, na maior parte dos países, sobretudo os menos desenvolvidos, está longe de ser alcançado. (Fonseca, 2009, p. 72)

Até o momento, o Iphan/PB vem articulando com a prefeitura de Pombal para a realização de planejamento estratégico voltado para ações de educação patrimonial que tratam da valorização do patrimônio com base na sua relação com os direitos culturais dos grupos envolvidos. Isso foi feito durante todo o ano de 2016, visando a aplicação das atividades para o ano de 2017, e a expectativa é que esse trabalho gere frutos no sentido de uma participação mais efetiva dos grupos sociais cujas expressões culturais estão diretamente relacionadas com o universo da Festa do Rosário, objeto deste estudo.

CONCLUSÃO

O debate proposto por este texto intencionou dar contribuições no sentido de apreensão do universo da Festa do Rosário de Pombal e sua dinâmica ao longo do tempo. Dinâmica que extrapola as discussões sobre sua patrimonialização e a patrimonialização das expressões culturais vinculadas a ela encontradas no município de Pombal, e que vêm sendo trabalhadas pelo Iphan na Paraíba, buscando valorizar o protagonismo dos grupos sociais de Pombal. O estudo teve como objetivo abordar os múltiplos significados e a perspectiva de como aquele universo é interpretado por seus detentores, a partir da expectativa da patrimonialização, considerando que a minha presença junto aos sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário esteve sempre pautada por esse parâmetro e por esse contexto específico.

Procurei identificar, por meio desse processo de reconhecimento e valoração dentro do campo do patrimônio cultural, o sentido de "referência cultural" quando associado à Festa do Rosário de Pombal, ou mesmo a existência de outros sentidos associados pelos sujeitos envolvidos com a Festa, considerando as interações entre as expressões culturais, os quilombolas das comunidades Rufinos do Sítio São João e Daniel e a população da cidade que participa da festa.

Busquei compreender se a Festa do Rosário de Pombal pode ser considerada (ou entendida) como uma "referência cultural" dos grupos sociais pesquisados em Pombal, através dos múltiplos olhares sobre ela. Considerando tudo que foi analisado e por base na fundamentação deste trabalho, entende-se que os grupos sociais refletidos na pesquisa e que interagem no universo da Festa do Rosário de Pombal, por meio de seus diversos olhares e perspectivas, que ao longo dos anos se modificaram com base nas suas disputas, conflitos e negociações, observam sim a Festa como sua "referência cultural". Referência tanto por aqueles que fazem parte daquele universo, mas também como referência de identidade e memória do município de Pombal por sujeitos de outras cidades do estado paraibano.

Deste modo, a Festa do Rosário de Pombal representa um universo que só faz sentido com todos os elementos que a formam e que foram discriminados ao longo do texto. Mesmo através das modificações que ocorrem ao longo de sua existência, dos dissensos e consensos, a festa se transforma em um marco do ano, uma referência para os que a vivem e os que a conhecem, a cada nova geração. Assim, os diversos sentidos atribuídos pelos diferentes grupos/sujeitos (representantes dos "grupos folclóricos", da paróquia de Pombal, das comunidades quilombolas, os frequentadores da festa, comerciantes, os "filhos ausentes") integram a percepção que se constitui, ao longo dos anos, acerca da identidade da região. Esta

identidade remete à paisagem (os diferentes espaços significativos da festa – o perímetro da festa, o espaço das comunidades quilombolas), às edificações (a igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Casa do Rosário), os fazeres e saberes (dos "grupos folclóricos"), e as crenças (a fé ligada ao Rosário/Nossa Senhora do Rosário).

Buscamos não naturalizar a designação de "referência cultural" atribuída à festa, e para isso foi necessário destrinchar esta rede de relações existentes, incluindo as representações simbólicas. Entre todas as relações analisadas, coube priorizar, aqui, os bastidores de seleção e definição do processo de patrimonialização das expressões culturais de Pombal, como parte da rede de relações estabelecidas neste universo. Este último nos possibilita compreender uma série de interesses correspondentes às formas de se pensar a Festa do Rosário de Pombal.

Buscando pensar nas formas de proteção para a Festa do Rosário e para as expressões culturais envolvidas com ela, através dos conceitos, ações e discursos que são acionados no campo da preservação do patrimônio, propus a discussão em torno do nó central das relações estabelecidas a partir da festa, para a qual converge grande parte dos elementos estudados, sejam eles atrelados à religiosidade católica ou não. Também com base nas discussões propostas no decorrer do trabalho, busquei entender a festa como o nó central das relações estabelecidas no local, considerando que, ao longo do tempo, ela tem sido objeto de atenção de pesquisadores e agentes públicos, chegando a motivar uma política patrimonialista (ainda em definição), e permanecendo, assim, sob os holofotes não apenas dos agentes da política de patrimônio, mas também de curiosos que desejam conhecê-la melhor.

Sobre o processo de identificação, valorização e proteção/salvaguarda dos bens e expressões culturais de Pombal, baseado na participação dos sujeitos envolvidos com a Festa do Rosário, a situação está longe de ser um processo fácil. As celebrações e, em particular, as festas, como indica Márcia Sant'Anna, colocam dificuldades conceituais e metodológicas ao processo de salvaguarda. As dificuldades aparecem a partir do momento em que são atribuídas às manifestações funções de manutenção da tradição, ou mesmo quando as celebrações ou festas ganham tratamento turístico e comercial. Para isso, se faz importante, ainda segundo Sant'Anna, o conhecimento aprofundado sobre o desenvolvimento da festa e sua configuração atual, com a identificação dos sujeitos envolvidos e os sentidos por eles atribuídos (2013, p. 25), da mesma forma que foi proposto aqui com a Festa do Rosário de Pombal.

Para que haja ações de salvaguarda mais eficientes, além de identificar os principais elementos da Festa do Rosário, faz-se necessário identificar quais desses elementos são

entendidos como referenciais simbólicos por seus participantes. E, mais importante, entender a festa como uma construção social que se transforma ao longo do tempo, como espaço sujeito a disputas, conflitos e negociações. É recorrente nos processos de patrimonialização e valorização de expressões culturais, como é o caso das festas, o apelo ao turismo, percebido como atividade econômica para manutenção desses espaços. No entanto, também é evidente a forma como esse caminho tem ignorado o sentido simbólico da festa e valorizado o lado econômico, prioritariamente. A patrimonialização deve visar certo nível de equilíbrio entre os vários interesses em jogo no contexto da festa - identitário, político, comercial e cultural – conforme alerta, ainda, Sant'Anna (2013, p. 29). Com base no que foi observado em Pombal, é fácil notar que a busca de um senso entre esses elementos é um enorme desafio, que deve ser alcançado com base no diálogo entre as instâncias ali presentes, visando à valorização e preservação da Festa do Rosário de Pombal.

Outro elemento comum neste tipo de processo é a transformação de expressões culturais em espetacularização. Este é um fator recorrente nos processos de valorização por meio das políticas públicas, e também pode ser percebido nas falas de alguns entrevistados sobre o contexto da Festa do Rosário, mas que objetivam a ampliação da festa para atração de outros públicos. Neste processo é importante realizar as seguintes perguntas: preservar para quê? Para quem? E como?

Faz-se necessário ampliar a ação das políticas públicas no campo do patrimônio para que possam ser associadas aos valores simbólicos das manifestações culturais, criando-se instrumentos que possam se adequar a esses valores, através dos sentidos de encontro, celebração e tradição. Essa expectativa é baseada no entendimento de patrimônio por seus detentores e titulares.

Neste sentido, é importante identificar em que categorias as expressões culturais são compreendidas por seus detentores, bem como por toda a comunidade que está interligada por essas expressões. Neste caso, a Festa do Rosário pode ser compreendida pelos sujeitos que a vivenciam, ao mesmo tempo, como espaço para devoção (fiéis), de reencontro ("filhos ausentes"), de identificação e valorização ("grupos folclóricos"), de comércio (comerciantes), de entretenimento (não devotos em busca dos parques e festas paralelas). Para os sujeitos inseridos em diferentes grupos sociais, a Festa do Rosário se encaixa em categorias diferentes. Cada um vivencia e observa a festa de formas diferentes, fortalecendo, assim, seus diversos significados simbólicos.

Pode-se observar a festa como um elemento que atrai diversos olhares. Não apenas de devotos, ou mesmo turistas, que buscam a festa como uma atração a mais para a quebra da

rotina cotidiana. Ela chamou e ainda chama a atenção de diversos pesquisadores e instituições, atraídos pelos diversos elementos formadores da festa, que podem ser observados por meio das múltiplas e variadas pesquisas feitas sobre o campo, de diferentes áreas de interesse. Em relação às instituições, percebemos o interesse em lidar com a festa como uma referência da cultura local, como é o caso do Iphan.

A pesquisa buscou compreender porque a festa se tornou objeto de diferentes pesquisadores e motivadora de uma política de patrimônio. Ao longo dos anos, a Festa do Rosário de Pombal vem se reinventando para sua continuidade. Entretanto, as múltiplas relações definidas a partir de seu espaço (em torno da identidade afrodescendente, das relações interculturais, da preeminência dos "grupos folclóricos"), e que ainda estão presentes em alguns lugares do país, aos poucos estão se perdendo. São estes elementos que ainda atraem o interesse de pesquisadores, em torno da multiplicidade deste universo. O interesse da instituição responsável pela política de patrimônio advém, possivelmente, pela "facilidade" em se perceber a junção de elementos materiais e imateriais em um só universo. E, portanto, da possibilidade de executar um trabalho diferencial, diante das pressões por uma política democrática, além de expandir as ações da Superintendência do Iphan para o interior do estado da Paraíba.

Para compreender as motivações dessa política de patrimonialização democrática, cabe lembrar que a Constituição de 1988, em seus art. 215 e 2016, determina a inclusão da comunidade como detentora e mantedora do patrimônio cultural brasileiro.

Com base na análise crítica dos bastidores de seleção e definição democrática de patrimônios culturais em Pombal, foi possível observar a existência por parte do Iphan um esforço diferente do que é realizado comumente. Entretanto, através dos múltiplos olhares sobre a festa ao longo de toda a sua existência, foi fácil perceber a importância para os que fazem parte dela, independentemente da ação de instituições sobre o universo. Assim, evidenciar essas relações todas possibilitou que o trabalho não se limitasse recortar a Festa do Rosário de Pombal a partir do seu processo de patrimonialização. A festa sempre existiu, se reinventou, mesmo com todas as dificuldades, e continua a sua permanência, independentemente da sua patrimonialização, apontando para a sua significância para aqueles que fazem parte de seu contexto. Neste caso, a patrimonialização seria uma forma de reafirmar o seu valor cultural e torná-la visível para o restante do estado da Paraíba, fortalecendo a sua existência.

Portanto, podemos considerar que referências culturais são identificadas em meio a processos de reconhecimento e valoração no campo do patrimônio (a categoria/noção é

instrumental nesses processos). Desta forma, a Festa do Rosário de Pombal, identificada como referência cultural, é como um nó que articula lugar, grupos e expressões culturais, símbolos da identidade e memória do município de Pombal.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

ABRANTES, Verneck. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. In. *Coleção Nossa História, Nossa Gente nº 04.* Campina Grande: Gráfica Martins, 2008.

AMARAL. Rita de cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira:* significados do festejar, no país que "não é sério". Tese de Doutorado – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. – São Paulo, 1998.

ARANTES, Antonio. Guerra dos lugares. In. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Cidade,* Rio de Janeiro, n. 23, p. 190 – 203, 1994.

ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. *A Irmandade dos Negros do Rosário em Pombal.* – João Pessoa: Editora Imprell, 2014.

ARRUTI, José Maurício. *Mocambo:* antropologia e história do processo de formação quilombola. – Bauru, SP: Edusc, 2006.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Festa do Rosário de Pombal.* – João Pessoa: Editora Universitária, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, Emanuel Oliveira. Memória, Patrimônio e Cidadania. In. *Educação Patrimonial:* orientação ao professor. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011. (Caderno temático; 1).

_____. Entre o templo e a ruína: identidades, conflitos e políticas no pós-tombamento da igreja de São Miguel Arcanjo na Terra Indígena Potiguara, Paraíba. In: *Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.* João Pessoa: ABA, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia, festa e romaria.* – Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

BRAYNER, Natália Guerra. *Patrimônio cultural imaterial*: para saber mais. - Brasília, DF: IPHAN, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____.*Cultura popular na Idade Moderna:* Europa 1500-1800. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade.* 1. ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

CERQUEIRA, Vera Lúcia Cardim de (Org.). *Missão de pesquisas folclóricas:* cadernetas de campo. – 1 ed. – São Paulo: Associação Amigos do Centro Cultural Sãp Paulo, 2010.

CERTEAU, Michael de. *A Escrita da História.* **– 3 ed. -** Rio de Janeiro: Forense2015b.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In. *Anais da I Oficina de Pesquisa:* a pesquisa histórica no IPHAN / Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. – Rio de Janeiro; IPHAN, Copedoc, 2008. P. 27-43.

_____. História e Patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. In. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 34/2011.* Edição sobre História e Patrimônio, organização Márcia Chuva. P. 11-24.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo:* Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sónia Pereira da Silva, Purity and Danger [1966]).

DAHER, Andrea. Objeto cultural e bem patrimonial: representações e práticas. In. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 34/2011.* Edição sobre História e Patrimônio, organização Márcia Chuva. P. 113-129.

DUARTE JUNIOR, Romeu. *Sítios históricos brasileiros:* monumento, documento, empreendimento e instrumento – O caso de Sobral/CE. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. - São Paulo/SP, 2012.

DURHAN. Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura:* ensaios de Antropologia. – COSACNAIF, 2004.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FARIAS, Taise Costa de. *Instrução de tombamento da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Pombal/PB.* Trabalho Final de Graduação, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB. – João Pessoa, 2009.

_____. *Patrimônio cultural:* a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial na cidade de Pombal/PB. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB. – João Pessoa, 2011.

FONSECA, Maria Cecília Londres. "Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio". In. IPHAN. *O registro do patrimônio imaterial:* dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura, 2006. P. 83-95.

_____. *O patrimônio em processo:* trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GEERTZ, Clifford. *As interpretações das culturas*. 1 ed. 13 reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In. FELDMAN-BIANCO, Bela (organização e introdução). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. - São Paulo: Global, 1987.

GOMES, Rafael Barros. Das terras de lá às terras de cá: reis são reis. In. PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; e GOMES, Rafael Barros (orgs.). *Variações sobre o reinado:* um rosário de experiências em louvor a Maria. – Porto Alegre: Medianiz, 2014. P. 59-82.

GONÇALVES, Renata de Sá. Os Quilombos do Iguape – para pensar os limites étnico e territorial. In. CHUVA, Márcia Regina Romeiro (Org.). *Rotas da alforria:* trajetórias das populações afrodescendentes na região de Cachoeira/BA. – Rio de Janeiro: IPHAN / Copedoc, 2008. P. 89-103.

GRAMSCI, Antonio. Observações sobre o folclore. In: GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 183-190.

HORKHEIMER, Max; e, ADORNO, Theodor. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In. *Dialética do esclarecimento / fragmentos filosóficos.* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

IPHAN. *Círio de Nazaré.* – Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. (Dossiê IPHAN: I).

IPHAN. *O registro do patrimônio imaterial:* dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades.* – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
LIMA, Alessandra Rodrigues. *Patrimônio cultural afro-brasileiro:* as narrativas produzidas pelo Iphan a partir da ação patrimonial. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

KLUG, Melânia B. *Língua portuguesa:* minidicionário escolar. – Blumenau: Vale das Letras, 2010.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. *Entre cantos e açoites:* memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade de Barbalha-CE. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? :* a questão dos bens culturais no Brasil. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [Brasília]: Fundação Pró-Memória, 1985.

MARTINS, Clerton. Patrimônio Cultural e Identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio cultural:* da memória ao sentido de lugar. Ed. Roca, 2004. P. 39-50.

MARTINS, Clerton; e LEITE, Liliana. Cultura, Religiosidade popular e Romarias: expressão do patrimônio imaterial. In: MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio cultural:* da memória ao sentido de lugar. Ed. Roca, 2004. P. 105-119.

MARTINS, Marcos da Costa. O cortejo da virgem. In. PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; e GOMES, Rafael Barros (orgs.). *Variações sobre o reinado:* um rosário de experiências em louvor a Maria. – Porto Alegre: Medianiz, 2014. P. 37-58.

MELLO e SOUZA, Marina de. *Catolicismo negro no Brasil:* Santos e Minkisi – uma reflexão sobre miscigenação cultural. Revista Afro-Ásia, n.º 28, 2002.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Vol. 1. 2009.

MIGUEL, Luis Felipe. *Democracia e representação:* territórios em disputa. - 1 ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MIGUEZ, Paulo; e CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de. *Festas populares brasileiras: entrevista/ conversa com Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti*. In. Revista Observatório Itaú Cultural: OIC – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013. P. 39-50.

MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. Imagens: fios da memória. In. TOLENTINO, Átila Bezerra (Org). *Educação Patrimonial:* educação, memórias e identidades. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba. (Caderno; 3).

MOTTA, Lia. Valor de patrimônio e saber técnico institucional. In. CUREAU, Sandra et. al. (coord.). *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade do produto do patrimônio cultural.* Belo Horizonte: Editora Fórum, 2011.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFONI, Simone. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de patrimônio nacional. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, Campinas, v. 6, n. 1, p. 26-38, jan./mar.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Historicas.* 2ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

NUNES, Eliene Macedo. *A dança dos congos da cidade de Goiás:* performances de um grupo afro-brasileiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. – Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, Elza Regis de. *A Paraíba na crise do século XVIII:* subordinação e autonomia (1755-1799). – João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Véras de. *Sindicalismo e democracia no Brasil:* do novo sindicalismo ao sindicato cidadão. – São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

OSÓRIO, Patrícia Silva. *Os festivais de Cururu e Siriri:* mudanças de cenários e contextos na cultura popular. Anuário Antropológico/2011-I, 2012. P. 237-260.

PIRES, Flávia Ferreira. *Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho: etnografia da Festa da Catingueira/PB.* Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2003.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da Memória Social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória.* Antropologia, Escala e Memória, Lisboa, nº 2 (Nova Série), p. 4-23, 2007. Disponível em: *http*://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta%5B1%5D.pdf. Acesso em: 10 set. 2015.

PEREZ, Léa Freitas. Alguma [mínima] teoria e um pouco de hi[e]stória. PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; e GOMES, Rafael Barros (orgs.). *Variações sobre o reinado:* um rosário de experiências em louvor a Maria. – Porto Alegre: Medianiz, 2014.

POULAT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI:* do monumento aos valores. – São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAHLINS, Marshall David. *Ilhas de História.* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANDRONI, Carlos. Mário, Oneyda, Dina e Claude. In. BATISTA, Marta Rossetti (Org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:* Mário de Andrade – n.º 30. – Rio de Janeiro, 2002. P. 233-245.

SANT'ANNA, Márcia. *A festa como patrimônio cultural:* problemas e dilemas da salvaguarda. In. Revista Observatório Itaú Cultural: OIC – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013. P. 21-30.

SARMENTO, Christiane Finizola. *Povoações, freguesias e vilas na Paraíba Colonial:* Pombal e Sousa, 1697-1800. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; e, SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de conceitos históricos.*3ª ed.– São Paulo: Contexto, 2015.

TAMASO, Izabela. *A expansão do patrimônio:* novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios... In. Série Antropologia – 390. – Brasília, 2006.
TARGINO, Itapuan Bôtto. *Patrimônio histórico da Paraíba – 2000-2002.* – João Pessoa: Idéia, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado:* a história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Analucia. Projeto Memória Oral da Preservação do Patrimônio Cultural. In. THOMPSON, Analucia [org.]. *Memórias do Patrimônio:* entrevista com Augusto da Silva Telles. – Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2010.

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que é Patrimônio Cultural para você? In. TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) *Educação Patrimonial:* reflexões e práticas. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. (Caderno; 2).

TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. In. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional nº 30/ 2002.* Edição sobre Mário de Andrade, organização Marta Rossetti Batista.
TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar:* a perspectiva da experiência. – São Paulo: DIFEL, 1983.

UNESCO, *Textos fundamentales de la Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial.* Paris: Sector de Cultura/Unesco, 2011.

VAZ, Beatriz Accioly. *Quilombos e patrimônio cultural:* reflexões sobre direitos e práticas no campo do patrimônio. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. *A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das irmandades do Rosário do sertão paraibano.* Tese de doutorado em Educação – Universidade Federal da Paraíba. – João Pessoa, 2009.
ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus:* um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

Audiovisual:

Festa de Nossa Senhora do Rosário. Produção e Edição de Roberta Cylene Vieira. Pombal: Vida Vídeo Produções, 1991. DVD – Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Festa do Rosário de Pombal. Direção de Jurandy Moura. João Pessoa: Pró Reitoria para Assuntos Comunitários e Coordenação de Extensão da Universidade Federal da Paraíba/ Museu da Imagem e do Som, 1977. DVD - Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Maria de Biurá. Direção de Renato Alves e Águia Mendes. Produção de João de Lima Gomes. Pombal: Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba, 1995. DVD - Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Entrevistas / Reuniões:

Clóvis Rufino de Jesus, em 03 de outubro de 2014.

Diogo Pereira, em 09 de outubro de 2014.

Edmilson Neri, em 04 de outubro de 2014.

João Raimundo da Silva, em 03 de outubro de 2014.

João de Sousa Santos, em 19 de agosto de 2015.

Ivônio dos Santos em, 04 de outubro de 2014.

Verneck Abrantes e Jerdivan Nóbrega, em 10 de outubro de 2014.

Miguel Ferreira da Silva, em 14 de agosto de 2015.

Reunião de 10 de outubro de 2014.

Reunião de 13 de agosto de 2015.

Reunião de 18 de fevereiro de 2016.

Rosa de Sousa Batista e Raimunda, em 17 de agosto de 2015.

Pe. Ernaldo José de Sousa, em 17 de agosto de 2015.

Maria de Sousa Santos, em 18 de agosto de 2015.

Roda de conversa – Rufinos do Sítio São João, em 11 de setembro de 2014.

Socorro Martins, em 17 de agosto de 2015.

Umbelino Peregrino, em 08 de abril de 2016.

Documentos:

ARRUDA, Vera Lúcia de Assis (Presidente da Fundação Casa da Cultura "Ruy Carneiro"). [*Ofício nº 006/2001*]. 16 fev. 2001. Pombal/PB [para] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, João Pessoa/PB. 1f. Solicitação de tombamento (Acervo Iphaep).

BRASIL. Superintendência do IPHAN na Paraíba. Tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB e área de entorno (1408.002036/2010-98). 2010.

BRASIL.Superintendência do Iphan na Paraíba. *Ação emergencial nos bens móveis e integrados*: igreja nossa senhora do Rosário de Pombal (Processo – 01408.000373/2012-11). Paraíba, mar. 2012.

BRASIL. Superintendência do Iphan na Paraíba. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário Pombal/PB* (Processo: 01450.011130/2012-84). Paraíba, ago. 2012.

FEITOSA, Yasnaia Pollyana Werton (Prefeita de Pombal/PB). [*Ofício nº 565/GABPREF*]. 16 nov. 2009. Pombal/PB [para] Superintendência do Iphan na Paraíba. João Pessoa/PB. 1f. Processo de tombamento da Igreja do Rosário de Pombal e outras solicitações (Acervo Iphan/PB).

PARAÍBA (Estado). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. *Tombamento da Antiga Cadeia Pública e Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pombal* (Número do Processo: 0030/2001). 2001.

PARAÍBA. (Estado). Decreto n.º 22.913, de 04 de abril de 2002. *Diário Oficial do Estado da Paraíba,* Poder Executivo, João Pessoa, PB.

PARAÍBA (Estado)Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. *Realização de um trabalho de combate do cupim na madeira da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Cel. João Carneiro, 280 – Centro, Pombal/PB* (Número do Processo: 0252/2007). Ago. 2007.

SOUSA, Verneck Abrantes. [*Correspondência*] 07 set. 2006, Campina Grande/PB [para] Superintendência do Iphan na Paraíba, João Pessoa/PB. 1f. Tombamento.

Sites:

<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=pb> Acesso em: 30 nov 2015.

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=251210> Acesso em: 01 dez 2015.

<http://www.cultura.gov.br/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac-> Acesso em: 07 fev 2016.

<http://www.consultacultural.pb.gov.br/fic/pdfs/ArquivoMuseuMemoriaePatrimonio.pdf> Acesso em: 10 fev 2016.

<http://www.unesco.org/culture/ich/es/convenci%C3%B3n> Acesso em: 27 set 2016.

<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf> Acesso em 27 set 2016.

http://www.aesa.pb.gov.br/geoprocessamento/geoportal/mapas.html Acesso em 18 out 2016.

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/53/fundacao-nacional-pro-memoria-1979-1990> Acesso em 16 nov 2016.

http://oglobo.globo.com/cultura/livros/missao-mario-de-andrade-uma-viagem-pela-cultura-popular-inspirada-nas-pesquisas-do-escritor-16495442 Acesso em 07 dez 2016.

http://www.centrocultural.sp.gov.br/Colecoes_Missao_de_Pesquisa_Folclorica.html# Acesso em 07 dez 2016.

APÊNDICES

Ficha técnica (1)

Título: Festa do Rosário de Pombal

Direção: Jurandy Moura

Fotografia: João José e Aluisio Ferreira

Narrador: Gilsom Souto

Montagem: Machado Bitencourt

Patrocínio: Fundação Nacional de Arte; Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro.

Colaboração: da TV-U Pernambuco

Documentário, preto e branco, sonoro, 22’56”, Brasil, Paraíba, Pombal, 1977.

Disponível: DVD – Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Realização: Universidade Federal da Paraíba – Pró Reitoria para Assuntos Comunitários e Coordenação de Extensão; Museu da Imagem e do Som

Procedimento iconográfico

(Minutagem aproximada de Festa do Rosário de Pombal)

00:00 – 00:00:38: Abertura com os elementos pré-fílmicos (ficha técnica). Trilha sonora: Cântico dos Congos.

00:00:39 – 00:01:50: Imagens da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e dos grupos dos Negros dos Pontões adultos e mirins dançando nas ruas de Pombal. Narrativa sobre o mês de outubro como o mês do Rosário, em Pombal no primeiro domingo do mês.

00:01:52: 00:02:24: Imagens da feira. Narrativa sobre o acontecimento da festa e a apresentação do grupo dos Negros dos Pontões.

00:02:25 – 00:03:50: Imagens da apresentação de banda no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o grupo dos Negros dos Pontões. Narrativa sobre o sincretismo religioso afro-brasileiro.

00:03:51 – 00:05:44: Imagens da Irmandade do Rosário e celebração da missa do sábado no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

00:05:45 - 00:07:33: Imagens da saída dos grupos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Narrativa sobre a Irmandade do Rosário conduzindo o Rosário em procissão pelas ruas de Pombal até a Casa do Rosário.

00:07:34 – 00:08:58: Imagens da condução do Rosário. Narrativa sobre o depósito do Rosário na Casa do Rosário e a vigília.

00:08:59 – 00:11:44: Imagens da população se reunindo para a procissão do domingo do Rosário. Presença de grupos como os Congos, Irmandade do Rosário e Negros dos Pontões. Procissão conduzindo o Rosário até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Irmandade do Rosário no palanque juntamente com a equipe litúrgica.

00:11:45 – 00:15:07: Imagens da missa campal realizada em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Imagens da população louvando o Rosário e colocando contribuições nos pés da imagem da santa.

00:15:08 – 00:22:56: Imagens da apresentação dos grupos dos Negros dos Pontões e dos Congos após a celebração da missa. Narrativa com a caracterização dos grupos.

Ficha técnica (2)

Título: Festa de Nossa Senhora do Rosário

Reportagem, colorida, sonoro, 33’02”, Brasil, Paraíba, Pombal, 1991.

Reportagem: José Vieira Neto

Produção e Edição: Roberta Cylene Vieira

Imagens: Adriano César

Disponível: DVD – do Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Realização: Vida Vídeo Produções

Procedimento iconográfico

(Minutagem aproximada de Festa de Nossa Senhora do Rosário)

00:00 – 00:01:26: Abertura com os elementos pré-fílmicos (Título, local e data). Trilha sonora: instrumental – violão

00:01:27 - 00:02:36: Imagens do nascer do sol no sertão paraibano; imagens do interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, detalhes do altar; imagens da Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso por fora; imagens da Igreja de Nossa Senhora do Rosário por fora – detalhes do cruzeiro e de sua fachada com ano de sua construção (1721).

00:02:38 – 00:03:09: Imagens da cidade. Narrativa sobre a formação do munícipio de Pombal.

00:03:10 – 00:03:26: Imagens das ruas de Pombal. Narrativa com a contextualização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, ocorre no mês de setembro, colocando-a como padroeira dos negros.

00:03:27 – 00:03:50: Imagem noturnas de procissão acompanhada pela Irmandade do Rosário e Negros dos Pontões. Ao fundo som da Banda Cabaçal.

00:03:51 – 00:04:03: Imagens noturnas da procissão com a população, com os grupos da Irmandade do Rosário e Negros dos Pontões, imagem da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Narrativa sobre a procissão da quinta-feira a noite, a qual daria início a Festa do Rosário.

00:04:04 – 00:004:53: Mesmas imagens do take anterior. Narrativa sobre os Negros dos Pontões, os colocando como grupo central da Festa do Rosário, acompanhando a Irmandade do Rosário.

00:04:54 – 00:04:29: Imagens da procissão chegando a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, palco montado na frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Narrativa sobre a missa campal realizada após a procissão e hasteamento da bandeira.

00:04:30 – 00:04:34: Imagens do hasteamento da bandeira. Ao fundo, música religiosa.
00:04:35 – 00:09:31: Imagens da celebração da missa, multidão de gente se mistura aos grupos da Irmandade do Rosário e Negros dos Pontões. Narrativa sobre a celebração religiosa presidida pelo Padre Solon Dantas de França.
00:09:32 – 00:12:24: Imagens do interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Narrativa sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e suas características arquitetônicas.
00:12:25 – 00:13:24: Imagens das novenas realizadas no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e durante toda a festa. Presença do grupo dos Negros dos Pontões, juntamente as celebrações religiosas. Narrativa correspondente as imagens, o locutor exalta que os grupos prestam homenagens à Nossa Senhora do Rosário.
00:13:25 – 00:13:39: Imagens da Irmandade do Rosário. Narrativa sobre a devoção dos negros à Nossa Senhora do Rosário e afirmativa do comando pelos negros da festa.
00:13:41 – 00:15:08: Imagens de repórter em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário com os Negros dos Pontões dançando. Narrativa sobre a louvação.
00:15:09 – 00:16:00: Imagens dos Negros dos Pontões nas ruas de Pombal. Narrativa sobre o mesmo conteúdo das imagens, sobre a dança dos Negros dos Pontões e sobre a oferta de bebidas ao grupo pela população.
00:16:01 – 00:16:47: Imagens da Irmandade do Rosário nas ruas de Pombal. Narrativa sobre a Irmandade do Rosário pedindo contribuições nas ruas para a Festa do Rosário.
00:16:48 – 00:17:44: Imagens da missa campal do sábado e dos parques ao fundo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Narrativa mostra a presença dos grupos da Irmandade do Rosário e dos Negros dos Pontões na festa, e destaque a primeira aparição do Reisado e do Boi que se juntam aos outros grupos.
00:17:45 – 00:18:59: Imagens mostrando o início da procissão onde se conduz o Rosário à Casa do Rosário.
00:19:00 – 00: 21:50: Imagens da apresentação dos grupos dos Negros dos Pontões e Reisado em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em cima do palco. Narrativa caracterizando os grupos. Destaque para a ausência dos Congos.
00:22:00 – 00:23:00: Imagens mostrando a presença da população nos parques da festa e barracas de jogos, comidas e bebidas.
00:23:01 – 00:27:34: Imagens da população se concentrando para a procissão do Rosário, da própria procissão, chega à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e missa campal. Narrativa sobre o domingo do Rosário como o ponto alto da religiosidade.

00:27:35 – 00:27:48: Imagens das apresentações dos Negros dos Pontões nas casas dos moradores de Pombal, após a missa do domingo do Rosário.
00:27:49 – 00:32:34: Imagens da procissão do domingo à tarde e missa de encerramento. Destaque para o Rosário de oura pendurado na imagem da santa.
00:32:33 – 00:33:02: Créditos finais

Ficha técnica (3)

Título: Maria do Biurá

Direção: Renato Alves e Águia Mendes

Câmera / Roteiro: Renato Alves e Águia Mendes

Edição: Águia Mendes

Poema e Voz: Águia Mendes

Luz: Sales de Biró

Músicas: Pontões de Pombal; Quinteto de Sopros (UFPB)

Produção Executiva: João de Lima Gomes

Documentário, colorido, sonoro, 14'50", Brasil, Paraíba, Pombal, 1993 (gravado), 1995 (produzido).

Disponível: DVD – Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba.

Realização: Universidade Federal da Paraíba – Núcleo de Documentação Cinematográfica

Procedimento iconográfico

(Minutagem aproximada de Maria do Biurá)

00:00 – 00:00:38: Abertura com imagem de homem dançando com uma boneca em cima de trio elétrico. Imagens da Festa do Rosário com as barracas de jogos.

00:00:39 – 00:02:05: Imagens da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cotidiano da cidade, e de professor Arlindo narrando a origem da Festa do Rosário.

00:02:06 – 00:02:39: Imagens do grupo dos Negros dos Pontões caminhando pelo município de Pombal.

00:02:40 – 00:03:16: Imagens do horizonte – paisagem do sertão paraibano. Apresentação da ficha técnica do documentário.

00:03:17 - 00:06:39: Imagens da população tocando na imagem de Nossa Senhora do Rosário durante a Festa do Rosário, beijando o Rosário e fazendo contribuições. Narrativa sobre a devoção à Nossa Senhora em forma de poema.

00:06:40 – 00:08:08: Imagem de Biró (vice-prefeito de Pombal – 1982-86) falando sobre a tradição da Festa do Rosário, segundo o que seus avós lhe contavam, que seria a esta dos negros. Conta que padre do passado desejava acabar com a Festa do Rosário para permanecer

apenas a Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso, mas no período do Rosário a rua se encheu de gente e fizeram a festa.

00:08:09 – 00:09:26: Imagens dos Negros dos Pontões e da Irmandade do Rosário em Procissão e pedindo contribuições.

00:09:27 – 00:10:37: Imagens da população se reunindo para a procissão, dos parques. Narrativa de locutor de rádio falando sobre a significância da Festa do Rosário.

00:10:38 – 00:12:25: Imagens da Irmandade do Rosário, dos Congos e fiéis chegando na Igreja de Nossa Senhora do Rosário trazendo o Rosário em procissão.

00:12:26 – 00:14:30: Imagens do domingo do Rosário. Voz recepcionado os que chegavam da procissão para participação na missa campal. Créditos finais.

00:14:31 – 00:14:50: Nenhuma imagem, apenas a continuação da voz recepcionado os grupos para a participação na missa campal.

Relação de Expressões Culturais– relacionadas a Festa do Rosário:

- Banda Cabaçal;
- Boi da Caçada;
- Casa do Rosário;
- Comunidade Quilombolas (Rufinos do Sítio São João e Daniel)
- Congos;
- Espaço da Festa;
- Feiras;
- Festa dos Filhos Ausentes;
- Irmandade do Rosário;
- Negros dos Pontões adultos;
- Nossa Senhora do Bom Sucesso (Igreja / Santa);
- Nossa Senhora do Rosário (Igreja / Santa);
- Parques;
- Pontões Mirins;
- Procissões da Festa;
- Reisado;
- Roda do Rosário (Capoeira);
- Rosário (culto e objeto)

Tabela 1 - Pombal - Tabela de agentes atuantes em Pombal e suas relações com as expressões culturais:

Nome	Idade	Onde mora/ morava	Grupo o qual está/ esteve inserido	Cor	Relações de parentesco	Reuniões (Participações)
Almira Maria dos Santos Sousa	79	Pombal – Lagoa	Agricultora – aposentada	Parda	Esposa de José Idelfonson de Sousa e mãe de Ednaldo José de Sousa	
Antonio Luiz		Pombal	Banda Cabaçal/ Negro dos Pontões	Negro		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Aristides (falecido)		Pombal	Reisado (Rei)	Branco	-	10/10/2014
Clovis Rufino de Jesus (falecido)	80	Pombal	Negros Pontões - Capitão	Negro autodeclarado – Quilombola Rufinos - Sítio São João	-	10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Damião da Silva Santos		Quilombo – Rufinos do Sítio São João (rural)	Negro dos Pontões/ Agricultor / Construção Civil	Negro – Quilombola Rufinos Sítio São João		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Diogo da Silva Pereira		Pombal	Capoeira / Professor	Pardo	Sobrinho de Miguel (Rei dos Congos)	
Edmilson Evaristo Neri		Pombal	Irmandade do Rosário (suplente do rei da Irmandade do Rosário) / Segurança	Negro autodeclarado		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Ednaldo José de Sousa	49	Pombal – São Bernard	Porteiro	Pardo	Filho de José Idelfonson de Sousa e	

		o do Campo/ SP			Almira Maria dos Santos Sousa	
Elias Queiroga		Pombal	Cartório	Branco		
Francisco de Assis		Quilombo Rufino - Sítio São João (rural)	Negros dos Pontões (Suplente do Capitão)	Negro – Quilombola Rufinos – Sítio São João	Irmão de Josefa	11/09/2014
Francisco de Sousa Lopes		Pombal	Irmandade / Maçonaria / Comerciante / Ornamentação da Igreja	Negro		10/10/2014
Francisco de Sousa Pereira		Pombal	Artesão	Branco		
Gilson Ribeiro		Quilombo Danieis (urbano)	Pontões Mirins (Organização) / Representante da comunidade quilombola	Negro autodeclarado – Quilombola Danieis		11/09/2014; 10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Gilvan Soares do Nascimento		Pombal	Congo	Branco		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Ivônio dos Santos		Pombal	Reisado	Pardo		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Jerdivan Araújo		Visitante – João Pessoa	Pesquisador / Advogado	Branco	Primo de Verneck	10/10/2014
João de Sousa Santos		Pombal	Congo (Secretario) / Segurança	Pardo	Filho de Maria de Sousa Santos	
João Raimundo da Silva / João Condado		Pombal	Irmandade do Rosário (Rei)	Negro autodeclarado		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
José Idelfonson	81	Pombal - Lagoa	Agricultor Aposentado	Pardo	Esposo de Almira Maria	

de Sousa					dos Santos Sousa e pai de Ednaldo José de Sousa	
José Romero Araújo Cardoso – Professor;		Visitante – Rio Grande do Norte	Professor universitário	Negro		
Josefa		Quilombo Rufinos do Sítio São João (rural)	Artesã (Louceira)	Negra – Quilombola Rufinos do Sítio São João	Irmã de Francisco de Assis (Negro dos Pontões) e primo de Maninho (quilombola)	
Junior Telmo		Cidade	Funcionário Público (Prefeitura)	Branco		
Luizinho Barbosa		Pombal	Professor de Artes da Educação Básica – pesquisador e incentivador da cultura local	Pardo		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Maninho		Quilombo Rufinos do Sítio São João (rural)	Agricultor	Negro – Quilombola Rufinos do Sítio São João	Primo de Josefa	11/09/2014
Manuel Luiz Neto		Pombal	Banda Cabaçal/ Negro dos Pontões	Negro		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Marcelino		Pombal	Artesão (maracas para o grupo dos Congos)	Pardo		
Márcio Leandro Pereira da Silva	67	Pombal	Agricultor aposentado		Esposo de Severina Pereira da Silva e pai de Marcos Roberto	

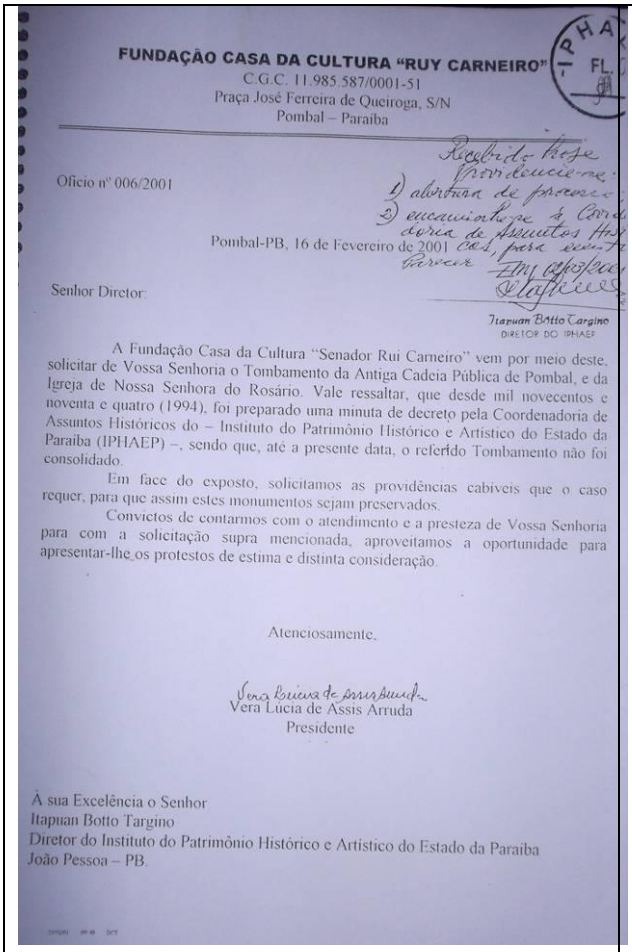
					Pereira da Silva	
Marcos Roberto Pereira da Silva	42	Pombal	Líder comunitário	Pardo	Filho de Márcio Roberto Pereira da Silva e Severina Pereira da Silva	
Maria de Sousa Santos		Pombal	Congo (camareira)/ Lavadeira	Parda	Mãe de João de Sousa Santos João de Sousa Santos	
Maria do Socorro Ferreira Martins		Pombal	Igreja (Assessora o Padre Ernaldo / organização de pastorais) / Professora de História aposentada	Branca		22/08/2014; 12/09/2014; 10/10/2014; 10/06/2015; 13/08/2015 (tarde e noite) e 18/02/2016
Maria do Socorro Martins		Pombal	Irmandade do Rosário (Rainha)	Parda	Filha e irmã de membros da Irmandade do Rosário.	
Miguel Ferreira da Silva	48	Pombal	Congos (Rei) / Funcionário Público (Prefeitura)/ Ex-vereador / Presidente de Associação de Futebol	Pardo	Tio de Diogo (Capoeirista)	12/09/2014; 10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Padre Ernaldo José de Sousa		Pombal	Igreja (Padre)	Branco		22/08/2014; 10/10/2014; 10/06/2015; 13/08/2015 (tarde e noite) e 18/02/2016
Padre Solon (falecido)			Igreja (Padre)			
Paulo Sergio de Almeida Silva		Pombal	Igreja (sacristão/ ornamentaçã o da Igreja) / Funcionário Público	Branco		12/09/2014

			(prefeitura)			
Raimunda / Mundinha		Pombal	Irmandade do Rosário (Ex-rainha da Irmandade)	Negra	Irmã de Rosa de Sousa Batista (Ex-rainha da Irmandade do Rosário)	
Rosa de Sousa Batista		Pombal	Irmandade do Rosário (Ex-rainha da Irmandade) / Professora	Negra	Irmã de Raimunda (Ex-rainha da Irmandade)	
Salomão		Pombal	Boi da Caçada / Reisado / Artesão	Pardo		12/09/2014 e 10/10/2014.
Severina Pereira da Silva	76	Pombal	Agricultora aposentada		Esposa de Márcio Leandro Pereira da Silva e mãe de Marcos Roberto Pereira da Silva	
Silvino		Pombal	Banda Cabaçal / Negro dos Pontões	Negro		10/10/2014 e 13/08/2015 (tarde e noite)
Tereza de Sousa Maurício		Pombal	Igreja (Pastoral) / guarda do Rosário 2014-2015	Parda		
Vanusa Bandeira		Pombal	Prefeitura (secretaria de educação)	Branca		23/09/2015
Verneck Abrantes		Visitante – Campina Grande	Pesquisador / Agrônomo / Professor Universitário	Branco	Primo de Jerdivan Araújo	10/10/2014
Wilson Seixas (falecido)		Visitante- João Pessoa	Pesquisador			
Yamaia P. Feitosa		Pombal	Prefeitura (Ex-Prefeita)	Branca		

Tabela 2 – Iphan/PB (técnicos citados na pesquisa)

Nome	Cargo no Iphan	Formação	Reuniões
Átila Bezerra Tolentino	Especialista em política pública e gestão governamental / Atua em Educação Patrimonial - coordena a Casa do Patrimônio da Paraíba/Iphan/PB	Letras / Mestrado em Sociologia	18/02/2016
Ana Luiza Schuster da Costa	Chefe Substituta da Divisão Técnica do Iphan/PB	Arquitetura e Urbanismo/ Mestrado em Engenharia Urbana	10/10/2014; 20/10/2014; 08/06/2015; 10/06/2015; 01/07/2015; 18/09/2015; 13/08/2015 (tarde e noite); 20/11/2015; 18/02/2016.
Christiane Finizola	Chefe da Divisão Técnica do Iphan/PB	Arquitetura e Urbanismo/Mestrado em Arquitetura e Urbanismo	22/08/2014; 11/09/2014; 12/09/2014; 10/10/2014; 20/10/2014; 08/06/2015; 10/06/2015; 01/07/2015; 18/09/2015; 13/08/2015 (tarde e noite) e 20/11/2015
Claudio Nogueira	Superintendente do Iphan/PB (atualmente Superintendente interino do Iphan/PB)	Arquitetura e Urbanismo	22/08/2014; 20/10/2014 e 10/06/2015
Emanuel Oliveira Braga	Técnico em Ciência Sociais do Iphan/PB	Ciência Sociais com habilitação em Antropologia/ Doutorando em Antropologia	10/10/2014; 20/10/2014; 10/06/2015; 13/08/2015 (tarde e noite) e 18/09/2015
Olga Henrique	Técnica em Educação Patrimonial	Psicologia/ Especialista em Recursos Humanos	11/09/2014; 12/09/2014; 10/10/2014; 20/10/2014; 08/06/2015; 01/07/2015; 18/09/2015; 23/09/2015; 13/08/2015 (tarde e noite) e 20/11/2015.

ANEXOS



FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA "RUY CARNEIRO"
C.G.C. 11.985.587/0001-51
Praça José Ferreira de Queiroga, S/N
Pombal – Paraíba

Oficio nº 006/2001

Pombal-PB, 16 de Fevereiro de 2001

Senhor Diretor:

Itapuan Botto Targino
DIRETOR DO IPHAEP

A Fundação Casa da Cultura "Senador Rui Carneiro" vem por meio deste, solicitar de Vossa Senhoria o Tombamento da Antiga Cadeia Pública de Pombal, e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Vale ressaltar, que desde mil novecentos e noventa e quatro (1994), foi preparado uma minuta de decreto pela Coordenadoria de Assuntos Históricos do – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) –, sendo que, até a presente data, o referido Tombamento não foi consolidado.

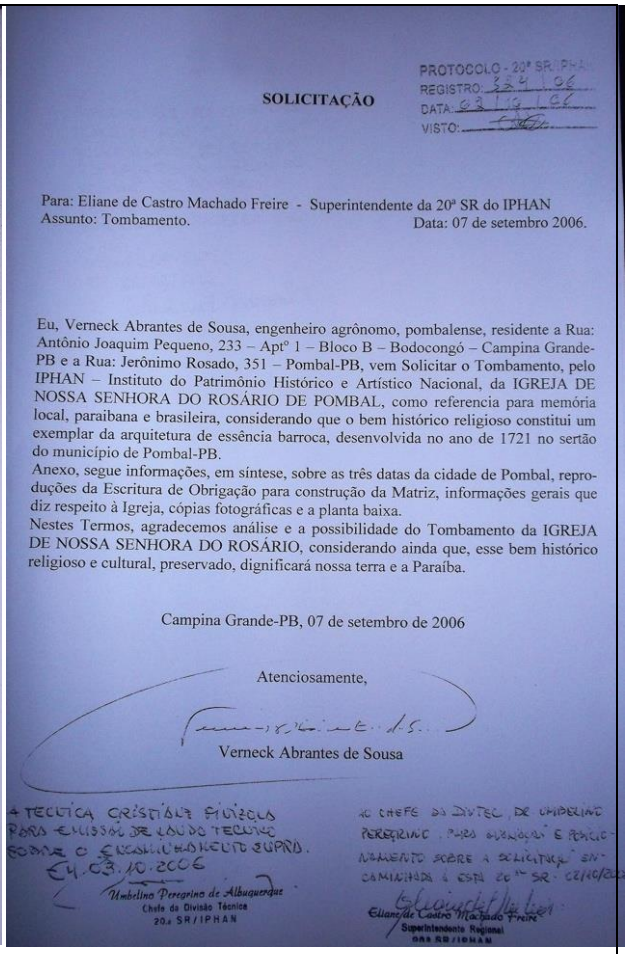
Em face do exposto, solicitamos as providências cabíveis que o caso requer, para que assim estes monumentos sejam preservados.

Convictos de contarmos com o atendimento e a presteza de Vossa Senhoria para com a solicitação supra mencionada, aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhe os protestos de estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Vera Lúcia de Assis Arruda
Presidente

À sua Excelência o Senhor
Itapuan Botto Targino
Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
João Pessoa – PB.



SOLICITAÇÃO

PROTOCOLO - 20ª SR/IPHAN
REGISTRO: 324/06
DATA: 03/10/06
VISTO:

Para: Eliane de Castro Machado Freire - Superintendente da 20ª SR do IPHAN
Assunto: Tombamento. Data: 07 de setembro 2006.

Eu, Verneck Abrantes de Sousa, engenheiro agrônomo, pombalense, residente a Rua: Antônio Joaquim Pequeno, 233 – Aptº 1 – Bloco B – Bodocongó – Campina Grande-PB e a Rua: Jerônimo Rosado, 351 – Pombal-PB, vem Solicitar o Tombamento, pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, da IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMBAL, como referencia para memória local, paraibana e brasileira, considerando que o bem histórico religioso constitui um exemplar da arquitetura de essência barroca, desenvolvida no ano de 1721 no sertão do município de Pombal-PB.

Anexo, segue informações, em síntese, sobre as três datas da cidade de Pombal, reproduções da Escritura de Obrigação para construção da Matriz, informações gerais que diz respeito à Igreja, cópias fotográficas e a planta baixa.

Nestes Termos, agradecemos análise e a possibilidade do Tombamento da IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, considerando ainda que, esse bem histórico religioso e cultural, preservado, dignificará nossa terra e a Paraíba.

Campina Grande-PB, 07 de setembro de 2006

Atenciosamente,

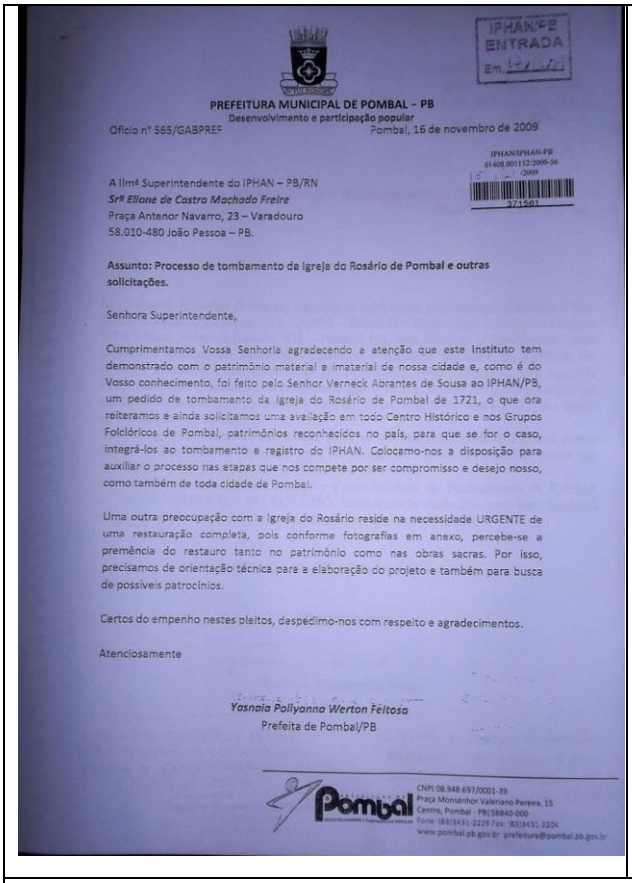
Verneck Abrantes de Sousa

A TECNICA CRISTIANE FINIZOLA PARA EMISSÃO DE LAUDO TECNICO SOBRE O ENCAMINHAMENTO SUPRA.
Em 03.10.2006
Umbelino Peregrino de Albuquerque
Chefe da Divisão Técnica
20.ª SR/IPHAN

AO CHEFE DA DIVTEC, DR UMBELINO PEREGRINO, PARA AVALIAÇÃO E POSICIONAMENTO SOBRE A SOLICITAÇÃO ENCAMINHADA À ESTA 20ª SR. 02/10/2006
Eliane de Castro Machado Freire
Superintendente Regional
20ª SR/IPHAN

Figura 48 - Ofício constando a solicitação de tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário ao Iphaep – 2001.
Fonte: Acervo Iphan/PB.

Figura 49 - Oficio do Senhor Verneck Abrantes solicitando tombamento da Igreja pelo Iphan – 2006.
Fonte: Acervo Iphan/PB.



IPHAN/PB
ENTRADA
Em.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POMBAL - PB
Desenvolvimento e participação popular

Ofício nº 565/GABPREF Pombal, 16 de novembro de 2009

IPHAN/IPHAN-PB
01408.001152/2009-56
/2009
371561

A Ilmª Superintendente do IPHAN – PB/RN
Srª Eliane de Castro Machado Freire
Praça Antenor Navarro, 23 – Varadouro
58.010-480 João Pessoa – PB.

Assunto: Processo de tombamento da Igreja do Rosário de Pombal e outras solicitações.

Senhora Superintendente,

Cumprimentamos Vossa Senhoria agradecendo a atenção que este Instituto tem demonstrado com o patrimônio material e imaterial de nossa cidade e, como é do Vosso conhecimento, foi feito pelo Senhor Verneck Abrantes de Sousa ao IPHAN/PB, um pedido de tombamento da Igreja do Rosário de Pombal de 1721, o que ora reiteramos e ainda solicitamos uma avaliação em todo Centro Histórico e nos Grupos Folclóricos de Pombal, patrimônios reconhecidos no país, para que se for o caso, integrá-los ao tombamento e registro do IPHAN. Colocamo-nos a disposição para auxiliar o processo nas etapas que nos compete por ser compromisso e desejo nosso, como também de toda cidade de Pombal.

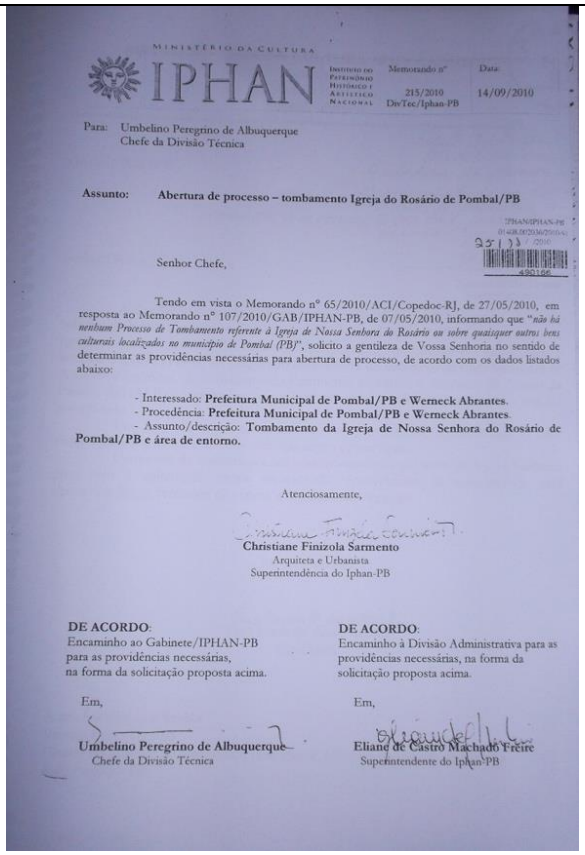
Uma outra preocupação com a Igreja do Rosário reside na necessidade URGENTE de uma restauração completa, pois conforme fotografias em anexo, percebe-se a premência do restauro tanto no patrimônio como nas obras sacras. Por isso, precisamos de orientação técnica para a elaboração do projeto e também para busca de possíveis patrocínios.

Certos do empenho nestes pleitos, despedimo-nos com respeito e agradecimentos.

Atenciosamente

Yasnaia Pollyanna Werton Feitosa
Prefeita de Pombal/PB

Pombal
CNPJ 08.948.697/0001-39
Praça Monsenhor Valeriano Pereira, 15
Centro, Pombal - PB|58840-000
Fone: (83)3431-2229 Fax: (83)3431-2204
www.pombal.pb.gov.br prefeitura@pombal.pb.gov.br



MINISTÉRIO DA CULTURA
IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Memorando nº	Data
215/2010 DivTec/Iphan-PB	14/09/2010

Para: Umbelino Peregrino de Albuquerque
Chefe da Divisão Técnica

Assunto: Abertura de processo – tombamento Igreja do Rosário de Pombal/PB

IPHAN/IPHAN-PB
01408.002036/2010-61
25/11/2010
490166

Senhor Chefe,

Tendo em vista o Memorando nº 65/2010/ACI/Copedoc-RJ, de 27/05/2010, em resposta ao Memorando nº 107/2010/GAB/IPHAN-PB, de 07/05/2010, informando que "*não há nenhum Processo de Tombamento referente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário ou sobre quaisquer outros bens culturais localizados no município de Pombal (PB)*", solicito a gentileza de Vossa Senhoria no sentido de determinar as providências necessárias para abertura de processo, de acordo com os dados listados abaixo:

- Interessado: **Prefeitura Municipal de Pombal/PB e Werneck Abrantes.**
- Procedência: **Prefeitura Municipal de Pombal/PB e Werneck Abrantes.**
- Assunto/descrição: **Tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal/PB e área de entorno.**

Atenciosamente,

Christiane Finizola Sarmento
Arquiteta e Urbanista
Superintendência do Iphan-PB

DE ACORDO:
Encaminho ao Gabinete/IPHAN-PB para as providências necessárias, na forma da solicitação proposta acima.

Em,

Umbelino Peregrino de Albuquerque
Chefe da Divisão Técnica

DE ACORDO:
Encaminho à Divisão Administrativa para as providências necessárias, na forma da solicitação proposta acima.

Em,

Eliane de Castro Machado Freire
Superintendente do Iphan-PB

Figura 50 - Imagem a cima: Oficio da Prefeitura de Pombal solicitando tombamento da Igreja e *registro* pelo Iphan- 2009.
Fonte: Acervo Iphan/PB

Figura 51 - Imagem a cima: Abertura do processo de tombamento pelo Iphan da Igreja do Rosário – 2010.
Fonte: Acervo Iphan/PB.